



Conab Companhia Nacional de Abastecimento



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 4 - SAFRA 2016/17- N. 1 - Primeiro levantamento | **OUTUBRO 2016**



Monitoramento agrícola – Safra 2016/17

Presidente da República

Michel Temer

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Blairo Maggi

Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Francisco Marcelo Rodrigues Bezerra

Diretoria de Operações e Abastecimento (Dirab)

Igo dos Santos Nascimento

Diretoria de Gestão de Pessoas (Digep)

Marcus Luis Hartmann

Diretoria Administrativa, Financeira e Fiscalização (Diafi)

Danilo Borges dos Santos

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Cleide Edvirges Santos Laia

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Aroldo Antônio de Oliveira Neto

Patrícia Maurício Campos

Candice Mello Romero dos Santos

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Danielle Cristina da Costa Torres (estagiária)

Eledon Pereira de Oliveira

Elza Mary de Oliveira

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote

Aquila Felipe Medeiros (menor aprendiz)

Clovis Campos de Oliveira

Divino Cristino de Figueiredo

Fernando Arthur Santos Lima

Jade Oliveira Ramos (estagiária)

Kelvin Andres Reis (estagiário)

Guilherme Ailton de Sousa Nogueira (estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Nayara Sousa Marinho (estagiária)

Lucas Barbosa Fernandes

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.

OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 4 - SAFRA 2016/17 - N. 1 - Primeiro levantamento | **OUTUBRO 2016**

Monitoramento agrícola – Safra 2016/17

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v. 4 Safra 2016/17 - Primeiro levantamento, Brasília, p. 1-164 outubro 2016.

Copyright © 2016 – Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852
Tiragem: 50
Impresso no Brasil

Colaboradores

Alessandro Lúcio Marques (Geint)	João Marcelo Brito Alves (Geint)	Priscila de Oliveira Rodrigues (Geint)
Rogério Dias Coimbra (Geint)	Fernando Gomes da Motta (Gefip - algodão)	João Figueiredo Ruas (Gerab - feijão)
Leonardo Amazonas (Geole -soja)	Paulo Magno Rabelo (Gerab - trigo)	Sérgio Roberto G. dos S. Junior (Gerab - arroz)
Danielle Barros Ferreira (Inmet)	Thomé Luiz Freire Guth (Geole - milho)	Miriam R. da Silva (Latis - Conab/Inmet)
Mozar de Araújo Salvador (Inmet)	Sued Wilma Caldas Melo (Geint)	Adriene Alves de melo (Gecup)
Asdrubal Jacobina (Gecup)		

Colaboradores das Superintendências

André Araújo e Thiago Cunha (AC); Aline Santos, Antônio de Araújo Lima Filho, Cesar Lima, Lourival de Magalhães (AL); Glenda Queiroz, José Humberto Campo de Oliveira, Pedro Jorge Barros (AM); Ednabel Lima, Gerson Santos, Israel Santos, Jair Lucas Oliveira Júnior, Joctá do Couto, Marcelo Ribeiro (BA); Cristina Diniz, Danylo Tajra, Eduardo de Oliveira, Fábio Ferraz, José Iranildo Araújo, Lincoln Lima, Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros (DF); Kerley Souza (ES); Adayr Souza, Espedito Ferreira, Gerson Magalhães, Lucas Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Lima, Roberto Andrade, Rogério Barbosa (GO); Dônavan Nolêto, Humberto Souza Filho, José de Ribamar Fahd, José Francisco Neves, Olavo Oliveira Silva, Valentino Campos (MA); Eugênio Carvalho, Hélio de Rezende, José Henrique de Oliveira, Márcio Carlos Magno, Patrícia Sales, Pedro Soares, Telma Silva, Túlio de Vasconcellos (MG); Alfredo Rios, Edson Yui, Fernando Silva, Márcio Arraes, Maurício Lopes (MS); Allan Salgado, Gabriel Heise, José Júlio Pereira, Helena Mara Souza, Pedro Ramon Manhone, Raul Pio de Azevedo, Sizenando Santos, Jacir Silva (MT); Nicolau da Silva Beltrão Júnior, Eraldo da Silva Sousa, Gilberto de Sousa e Silva (PA); Carlos Meira, Juarez Nóbrega (PB); Clóvis Ferreira Filho, Daniele Santos, Bruno Valetim Gomes, Francisco Dantas de Almeida Filho (PE); Itamar Pires de Lima Junior, José Bosqui, Rafael Fogaça, Rodrigo Leite (PR); André Nascimento, Francisco Souza, Hélcio Freitas, José Pereira do N. Júnior, Oscar Araújo, Thiago Miranda (PI); Cláudio Figueiredo, Jorge de Carvalho, Matheus Ribeiro, Olavo Godoy Neto, Wilson de Albuquerque (RJ); Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira (RN); João Kasper, Erik de Oliveira, Matheus Twardowski, Nécio Ribeiro (RO); Alcideman Pereira, Karina de Melo, Luciana Dall'Agnese (RR); Carlos Farias, Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Iracema Oliveira (RS); Cézar Rubin, Dionizio Bach, Ricardo Oliveira, Vilmar Dutra, Luana Schneider (SC); José Bomfim de Oliveira Santos Junior, José de Almeida Lima Neto (SE); Antônio Farias, Cláudio Ávila, Elias Oliveira, Marisete Belloli (SP); Alzeneide Batista, Francisco Pinheiro, Eduardo Rocha, Luiz Miguel Ricordi Barbosa, Rafael Alves da Silva, Samuel Valente Ferreira (TO).

Editoração

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)
Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Martha Helena Gama de Macêdo, Guilherme Rodrigues

Fotos

Cleverton de Santana e Martha Helena Gama de Macêdo

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843, Narda Paula Mendes – CRB-1/562

Impressão

Superintendência de Administração (Supad) / Gerência de Protocolo, Arquivo e Telecomunicações (Gepat)

Catalogação na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n.3 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-

v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-).

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

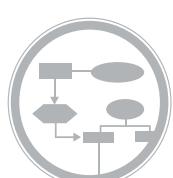
SUMÁRIO



1. Resumo executivo----- 08



2. Introdução----- 10



3. Metodologia ----- 12



4. Estimativa de área plantada ----- 15



5. Estimativa de produtividade ----- 31



6. Estimativa de produção ----- 19



7. Crédito rural ----- 42



8. Mercado de insumos e custo de produção ----- 57



9. Vazio sanitário	61
---------------------------	-----------



10. Monitoramento agrícola	65
-----------------------------------	-----------



11. Análise das culturas	82
---------------------------------	-----------

11.1. Culturas de verão	82
-------------------------	----

11.1.1. Algodão	82
-----------------	----

11.1.2. Amendoim	88
------------------	----

11.1.3. Arroz	92
---------------	----

11.1.4. Feijão	91
----------------	----

11.1.5. Girassol	113
------------------	-----

11.1.6. Mamona	114
----------------	-----

11.1.7. Milho	116
---------------	-----

11.1.8. Soja	126
--------------	-----

11.1.9. Sorgo	133
---------------	-----

11.2. Culturas de inverno	134
---------------------------	-----

11.2.1. Aveia	134
---------------	-----

11.2.2. Canola	135
----------------	-----

11.2.3. Centeio	136
-----------------	-----

11.2.4. Cevada	137
----------------	-----

11.2.5. Trigo	139
---------------	-----

11.2.6. Triticale	142
-------------------	-----



12. Balanço de oferta e demanda	144
--	------------



13. Anexos - Calendários de plantio e colheita	140
---	------------





1. RESUMO EXECUTIVO SAFRAS 2016/17

A estimativa da produção de grãos para a safra 2016/17 poderá ficar entre 210,5 e 214,8 milhões de toneladas. O crescimento poderá ser de até 13% em relação à safra anterior.

A área plantada está prevista se situar entre 58,5 e 59,7 milhões de hectares. O crescimento previsto poderá ser de até 2,3% se comparada com a safra 2015/16.

Algodão: a produção deverá ser superior, apesar da redução de área.

Amendoim: a estimativa é de safra entre 408,8 e 421 mil toneladas, incrementada pelo ganho de área e produtividade.

Arroz: a retomada nas áreas não cultivadas, na safra anterior, deve resultar numa produção entre 11,6 e 12 milhões de toneladas.

Feijão primeira safra: o forte incremento de área poderá refletir numa produção de 11,9 a 18,7% superior à safra passada.

Milho primeira safra: após três anos consecutivos de queda, a safra deverá ser superior à anterior.

Soja: projeção de crescimento de até 6,7 a 9% na produção, podendo atingir de 101,8 a 104 milhões de toneladas.

Safra inverno 2016

Aveia: significativo aumento de área e produtividade.

Canola: leve redução de área, mas a produção será superior a 39,7% em relação à safra anterior devido à recuperação da produtividade.

Centeio: significativo aumento de área e produtividade.

Cevada: apesar da redução de área, o aumento de produtividade resulta numa produção 26,1% maior que à da safra passada.

Trigo: a produção será maior que a safra 2015, mas haverá redução de área. Produção de 6,3 milhões de toneladas (14,5% superior à safra passada).





2. INTRODUÇÃO

Dentre os primordiais objetivos da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), empresa pública vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), há de se citar o acompanhamento da safra brasileira de grãos, que visa fornecer informações e os conhecimentos relevantes aos agentes envolvidos nos desafios da agricultura, segurança alimentar, nutricional e do abastecimento do país.

No citado processo de acompanhamento da safra brasileira de grãos se gera um relatório construído de maneira a registrar e indicar variáveis que auxiliem na compreensão dos resultados da safra, inserindo-se como parte da estratégia de qualificação das estatísticas agropecuárias, do processo de transparência e da redução da assimetria da informação. O objetivo deste trabalho é subsidiar o referido Ministério, em tempo hábil, no monitoramento e na formulação das políticas públicas, agrícola e de abastecimento, além do atendimento aos demais agentes do agronegócio brasileiro, especialmente no auxílio relacionado à tomada de decisão por parte dos produtores rurais.

Assim, a Companhia, para a consecução desses serviços, utiliza métodos que envolvem modelos estatísticos, pacotes tecnológicos modais das principais culturas em diversos locais de produção, acompanhamentos agrometeorológicos e espectrais, pesquisa subjetiva de campo, como outras informações que complementam os métodos citados.

Nesse foco, além das diversas variáveis levantadas,

abordam-se neste boletim do primeiro levantamento da safra brasileira de grãos, o resultado das pesquisas da safra de verão para as culturas de algodão, amendoim primeira safra, arroz, feijão primeira safra, mamona, milho primeira safra e soja. São informações de área plantada e/ou a ser plantada, produtividade, produção, câmbio, exportações, monitoramento agrícola, quadro de oferta e demanda e preços dos principais produtos avaliados, além da safra da Região Nordeste (feijão e milho). Consta, também, o acompanhamento da safra de inverno 2016 (aveia, canola, centeio, cevada, trigo e triticale), com dados de evolução do desenvolvimento das culturas, evolução da colheita e influência climática.

Aos resultados das pesquisas empreendidas pela Companhia, em todo território nacional, agregam-se outros instrumentos como: indicadores econômicos nas áreas de crédito rural, mercado de insumos, custos de produção, como também, informes da situação climática, acompanhamento agrometeorológico e espectral e a análise de mercado das culturas pesquisadas.

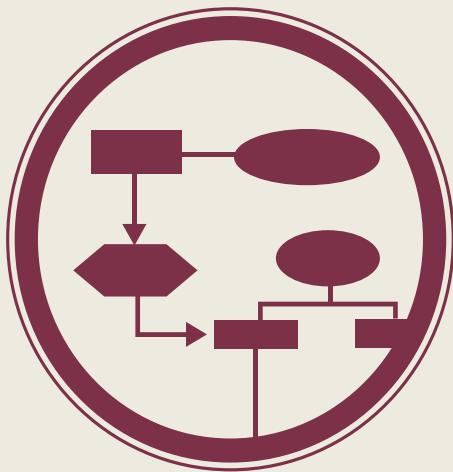
Além dos aspectos metodológicos que mencionamos, cumpre-nos esclarecer que as informações levantadas na oportunidade indicam a intenção de plantio dos produtores rurais e foram coletadas durante o início das operações de preparo do solo e plantio. Neste

levantamento, a informação de área a ser plantada é divulgada com intervalos (limite inferior e superior), visto que as informações ainda são incipientes e retratam a primeira estimativa da safra. Além disso, visto que o plantio ainda avançou em todas as regiões produtoras, a Conab se utiliza de análise estatística para estimar as produtividades das culturas na safra 2016/17. Portanto, as informações de custo de produção, produzidas pela Conab, geram informações modais de produtividade que auxiliam nas análises da produtividade a ser alcançada.

É importante realçar que a Companhia detém a característica de suprir suas atividades de levantamento de safra de grãos por meio do envolvimento direto com diversas instituições e informantes cadastrados por todo o país.

Assim, os resultados, quando divulgados, devem registrar a colaboração e os esforços dos profissionais autônomos, dos técnicos de escritórios de planejamento, de cooperativas, das secretarias de agricultura, dos órgãos de assistência técnica e extensão rural (oficiais e privados), além dos agentes financeiros, dos revendedores de insumos, de produtores rurais e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A todos, o especial agradecimento da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), pelo empenho e dedicação profissional, quando instados a colaborarem.





3. METODOLOGIA

Os métodos utilizados pela Conab no processo de levantamento da safra de grãos envolvem a pesquisa e o contato direto com diversos informantes cadastrados por todo o país, a utilização de acompanhamento agrometeorológico e espectral (mapas e condição de vegetação), o conhecimento das informações de pacotes tecnológicos adotados pelos produtores, o acompanhamento sistemático da meteorologia e o uso de métodos estatísticos para consolidação das informações disponibilizadas ao público-alvo.

A metodologia aplicada pode ser assim resumida:

2.1.1. ESTIMATIVA DE PRODUTIVIDADE

A linguagem utilizada para os cálculos estatísticos é o “R”, que é um software livre que permite adaptações ou modificações de forma espontânea, disponibilizando ampla variedade de técnicas estatísticas e gráficas, incluindo modelagem linear e não linear, testes estatísticos clássicos, análise de séries temporais (*time-series analysis*) e amostragem. Para ajustar os modelos e realizar as previsões deste estudo foram utilizados os pacotes “Forecast” e “Astsa”.

Os dados utilizados são da Conab e estão disponíveis no site da Companhia (<http://www.conab.gov.br/>). Os dados de produtividade são anuais, separados por cultura e por Unidade da Federação. No geral, a base de

dados utilizada contempla 20 anos, já que a partir de 1994 houve uma estabilização econômica, reduzindo a incerteza nas variáveis analisadas.

As séries temporais são estudadas no sentido de compreender o seu mecanismo gerador e predizer o seu comportamento futuro, o que possibilita tomar decisões apropriadas. O método utilizado tem 90% de confiança para os intervalos encontrados.

Devido à quantidade de culturas e estados, optou-se por um modelo mais simples, mas que cumpre com eficiência a finalidade do estudo. Foi encontrado um modelo para cada cultura e estado.

Após a escolha do melhor modelo para cada cultura e

Unidade da Federação foi feita a análise dos resíduos para cada situação. Esta é uma maneira de verificar se o modelo ajustado é adequado. O resíduo é a diferença entre o valor ajustado do modelo e o valor “real”. Para verificação do modelo são gerados gráficos de resíduos padronizados, autocorrelação (ACF) dos resíduos, normal Q-Q Plot dos resíduos padronizados e P-valores da estatística de Ljung Box.

Alguns modelos utilizados podem apresentar alguns gráficos de resíduos fora do padrão. Nesses foram feitos testes de ajustes com outros possíveis modelos e escolhido o que melhor se ajustou. Isso se deve à natureza da série em questão, principalmente em estados do Norte e Nordeste e em culturas com pouca representatividade.

2.1.2. PACOTES TECNOLÓGICOS

A Companhia elabora custos de produção de diversas culturas nos principais locais de produção, tornando por base metodologia própria. Por serem modais, os resultados apurados devem ser observados como parte importante do espelho dos sistemas de cultivo e da utilização de pacotes tecnológicos na agricultura nacional.

A principal variável analisada no processo de avaliação da safra nacional é a produtividade. Inicialmente, tomando por base a área de abrangência dos custos,

faz-se a sua relação com os roteiros preestabelecidos pela Companhia para visita em campo.

O passo seguinte é a sobreposição e a análise dessas variáveis com as culturas e os rendimentos apurados nas pesquisas de campo e as produtividades resultantes dos estudos estatísticos e dos pacotes tecnológicos apurados pelo custo de produção. O resultado desses estudos é parte do processo de redução de riscos e de aumento do grau de confiança das informações.

2.1.3. MODELO AGROMETEOROLÓGICO E ESPECTRAL

A Conab tem buscado medidas eficazes para incrementar a potencialidade do sistema de levantamento e acompanhamento de safras agrícolas e, para isso, tem se empenhado na apropriação de ferramental diversificado.

Para tanto, tem sido utilizado recursos tecnológicos de eficiência comprovada, tais como: modelos estatísticos, sensoriamento remoto, posicionamento por satélite (GPS), sistemas de informações geográficas e modelos agrometeorológicos/espectrais, para estimar as áreas de cultivo e prever impactos à produtividade das lavouras.

A Companhia tem os mapeamentos das principais

culturas de verão, de segunda safra e de inverno, destacando o arroz, café, cana-de-açúcar, milho, soja e trigo, que oferecem meios para o monitoramento agrícola, através do acompanhamento das condições agrometeorológicas e espectrais (índices de vegetação calculados a partir de imagens de satélite, que refletem a condição da vegetação e fornecem indicativos de produtividade) das lavouras.

As informações obtidas podem indicar os impactos, principalmente das precipitações e temperatura (climatologia e anomalias) no processo produtivo e seus resultados auxiliam na definição das áreas de plantio e de índices vegetativos que são utilizados para o acompanhamento da produtividade.



2.1.4. MONITORAMENTO DA SITUAÇÃO CLIMÁTICA

A variável climática é o maior risco na agricultura. Para o acompanhamento diário da situação climática se observa diversas informações geradas pelas principais instituições nacionais. No âmbito dos estados, as Superintendências Regionais da Conab também fazem o monitoramento local.

2.1.5. METODOLOGIA SUBJETIVA

A metodologia subjetiva é realizada através de questionários junto às entidades e aos órgãos diretamente ligados aos agricultores que, de uma forma geral, já procedem a primeira consolidação dos dados.

A metodologia adotada é a pesquisa amostral estratificada por roteiro em cada estado após a divisão do estado por grandes regiões, com coleta de informações por meio da aplicação direta de questionários aos detentores das informações dos órgãos pesquisados.

Para compensar as probabilidades desiguais de captação, são atribuídas ponderações diferenciadas a cada produto distinto da safra de grãos, chamados de fatores naturais de expansão. A calibração dos fatores naturais de expansão consiste em estimar novos pesos para cada grupo de elementos da amostra, por meio de ajustes dos pesos naturais do desenho segundo in-

As principais informações pesquisadas dizem respeito às precipitações, temperaturas e suas anomalias, bem como outras tais como umidade do solo, geadas e de modelos climáticos de prognósticos temporais. Tais informações são utilizadas para acompanhamento das condições das culturas ao longo de todo o seu ciclo de desenvolvimento

formações de variáveis auxiliares da amostra.

As unidades de investigação são as áreas de jurisdição do município ou de um conjunto de municípios produtores, incluídos no roteiro de cada estado e as visitas são realizadas pela equipe técnica da Companhia.

Os informantes da pesquisa são os produtores e técnicos de cooperativas, empresas de assistência técnica e extensão rural (públicas e privadas), secretarias municipais de agricultura, revendas de insumos, agentes financeiros e outros órgãos que possam contribuir com informações relevantes na unidade amostral, sobre as diversas culturas pesquisadas.

As variáveis investigadas podem ser resumidas em área, produtividade, estádio da cultura, condição da lavoura, qualidade do produto e outros dados da cultura como as pragas e doenças.

2.1.6. OUTRAS INFORMAÇÕES

O método utilizado para o acompanhamento e a avaliação da safra de grãos se complementa com informações que contribuem para aumentar o grau de confiabilidade dos resultados, tais como: o crédito ru-

ral, o mercado de insumos, os preços recebidos pelo produtor, os dados da balança comercial, o câmbio e as análises das perspectivas econômicas.





4. ESTIMATIVA DE ÁREA PLANTADA

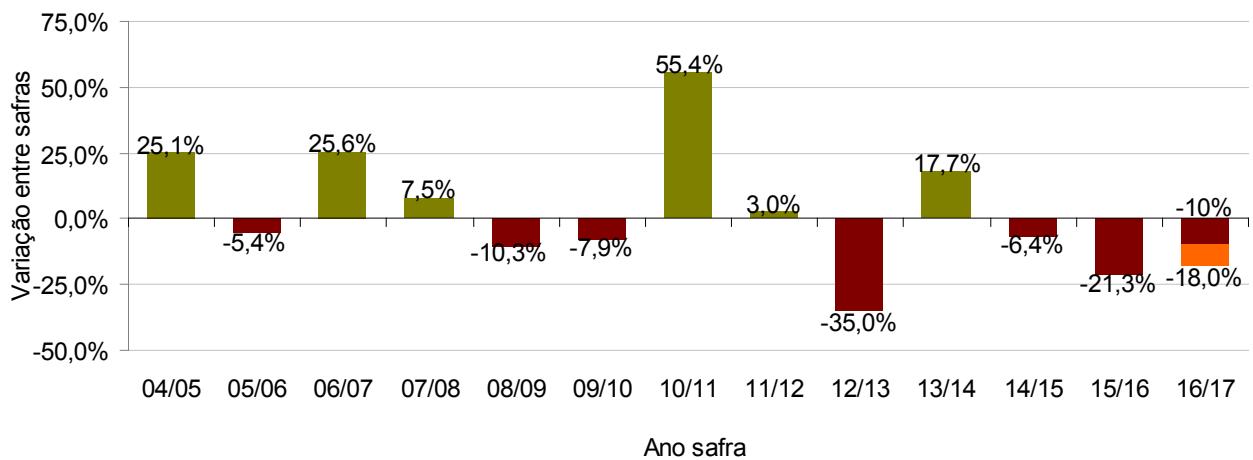
As estimativas dos limites superiores e inferiores de área plantada foram baseadas na análise do comportamento das séries históricas de cada cultura, além das informações coletadas na pesquisa de campo. De forma geral, há a expectativa de incremento de área para o cultivo da soja nas principais regiões produtoras em razão da maior liquidez, rentabilidade e menor custo. Espera-se também que a área para a próxima safra seja maior para as culturas do arroz e do feijão.

3.1. ALGODÃO

A série histórica apresenta um comportamento de estabilidade da área plantada, influenciada pela demanda do mercado.

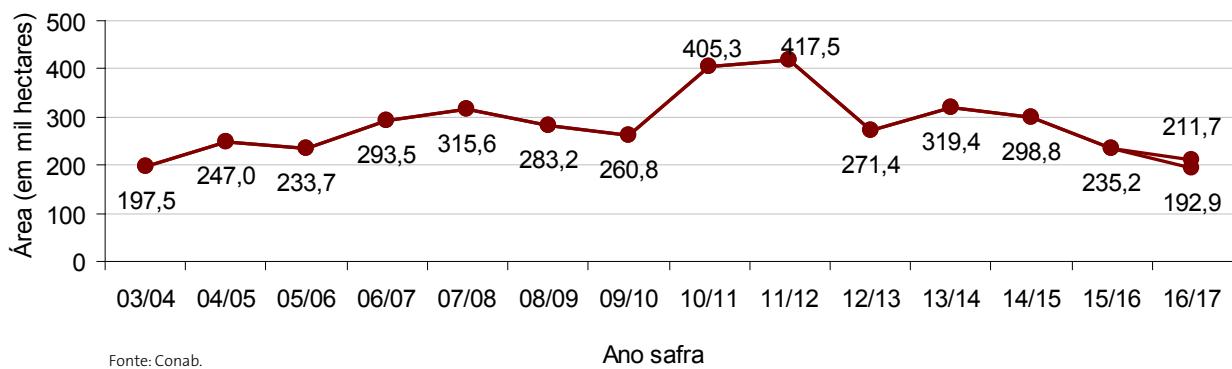
A área plantada se concentra em Mato Grosso e na Bahia, por apresentarem condições edafoclimáticas favoráveis à tecnificação. No entanto, para a safra 2016/17 se estima a redução da área plantada na Bahia, principalmente pelos problemas climáticos nas últimas safras, ocasionando a retração da área nacional.

Gráfico 1 – Variação percentual de área plantada - Algodão/BA



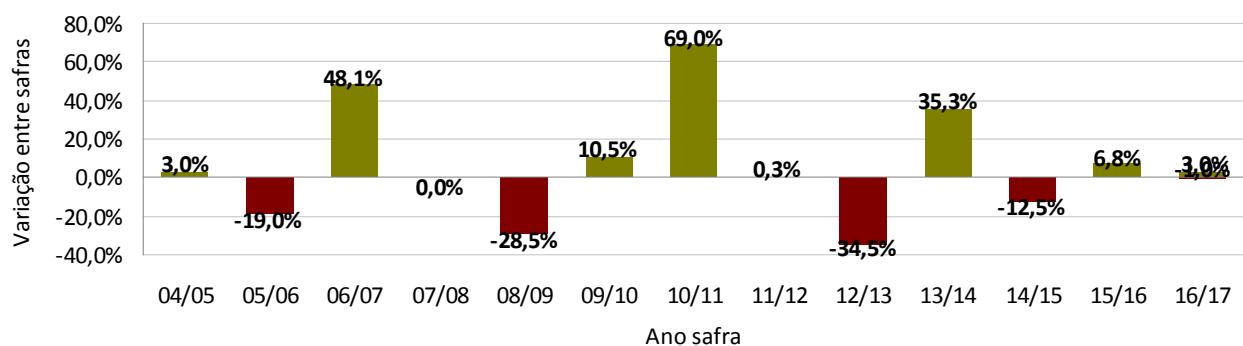
Fonte: Conab.

Gráfico 2 – Evolução da área plantada - Algodão/BA



Fonte: Conab.

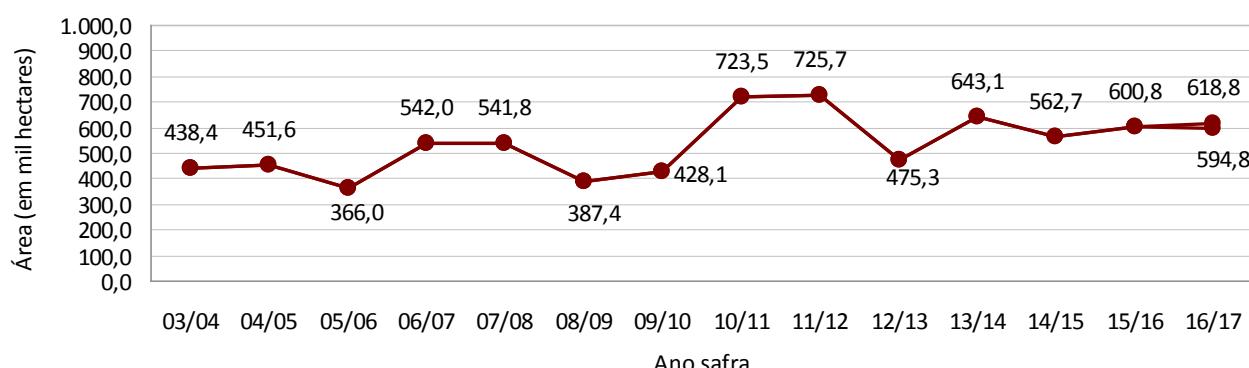
Gráfico 3 – Variação percentual de área plantada - Algodão/MT



Fonte: Conab.

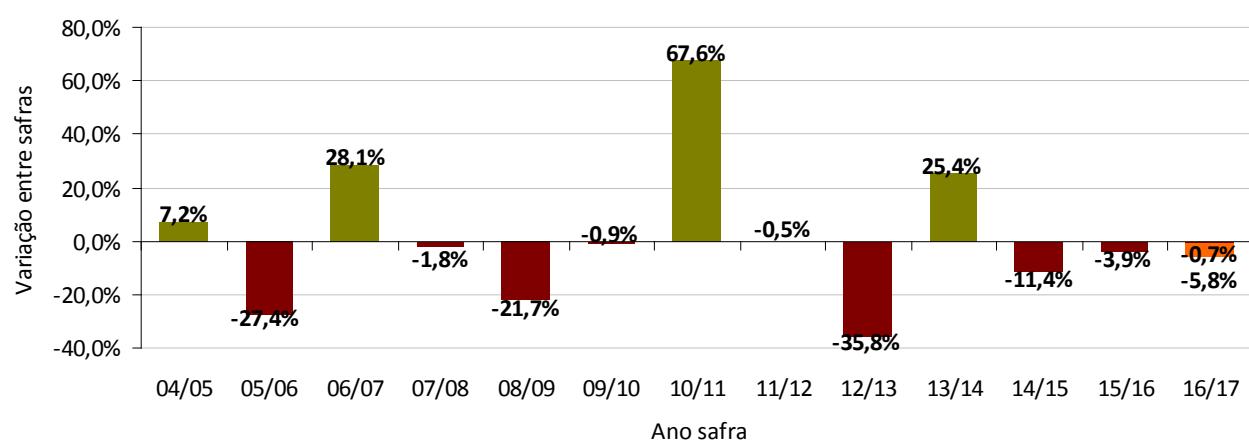


Gráfico 4 – Evolução da área plantada - Algodão/MT



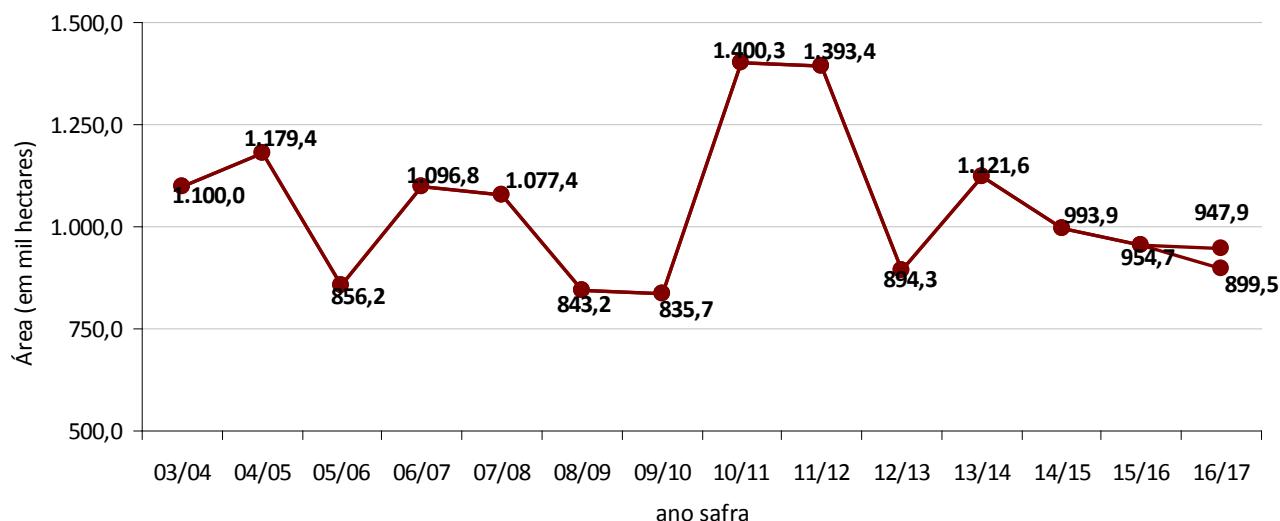
Fonte: Conab.

Gráfico 5 – Variação percentual de área plantada - Algodão/Brasil



Fonte: Conab.

Gráfico 6 – Evolução da área plantada - Algodão/Brasil



Fonte: Conab.



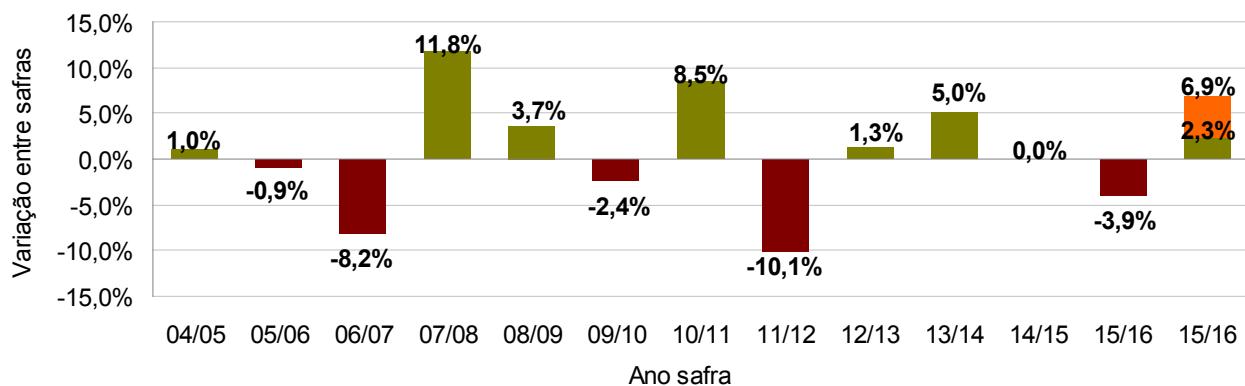
3.2. ARROZ

Conforme já apresentado nas publicações da Conab (Conab, 2015 e Conab, 2016), há uma tendência de retração da área plantada do arroz de sequeiro e manutenção e/ou incremento do seu cultivo em áreas proveniente do ecossistema várzeas. No Mato Grosso, estado com a maior área plantada de sequeiro, é um

exemplo dessa retração, principalmente pela competitividade com a soja no estado

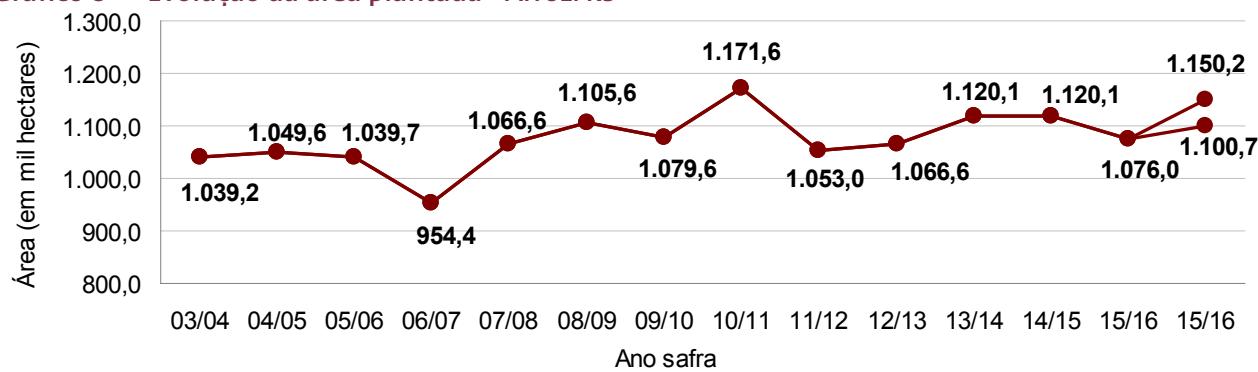
A oricultura irrigada é considerada um estabilizador da safra nacional, uma vez que não é tão dependente das condições climáticas como no cultivo de sequeiro. Assim, o cultivo irrigado é o principal motivo para a possibilidade de aumento da área nos estados produtores (RS, SC e TO) e a manutenção nos demais estados.

Gráfico 7 – Variação percentual de área plantada - Arroz/RS



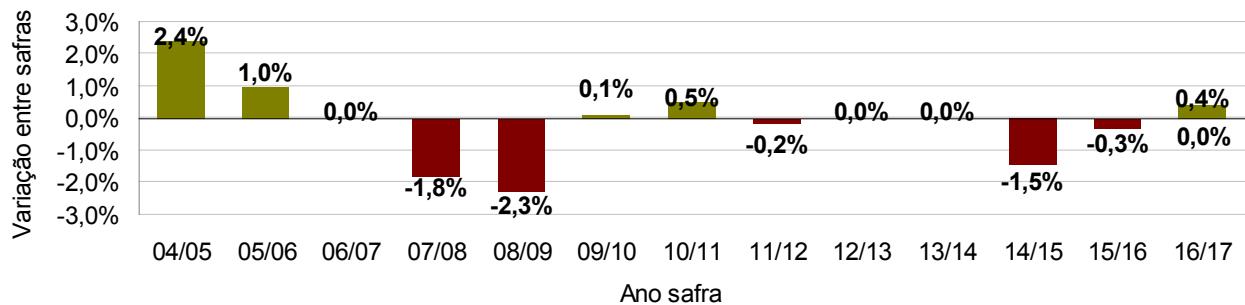
Fonte: Conab.

Gráfico 8 – Evolução da área plantada - Arroz/RS



Fonte: Conab.

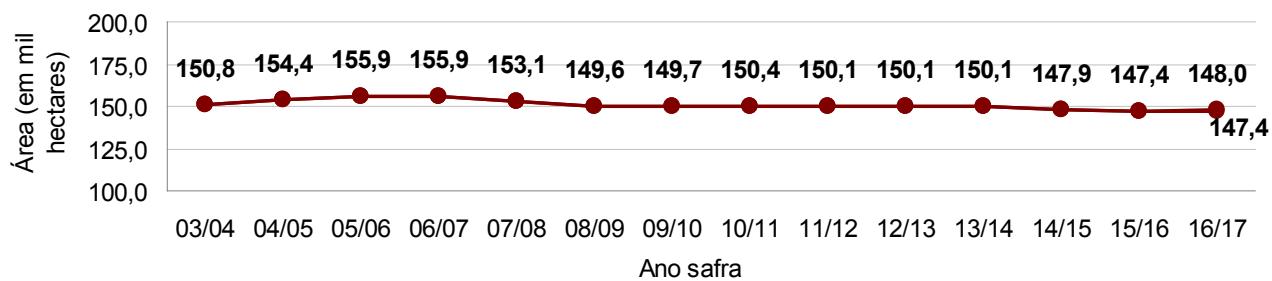
Gráfico 9 – Variação percentual de área plantada - Arroz/SC



Fonte: Conab.

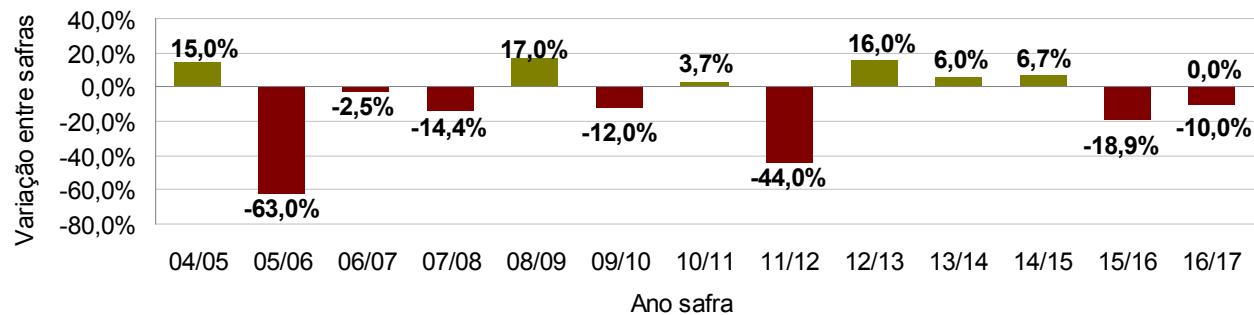


Gráfico 10 – Evolução da área plantada - Arroz/SC



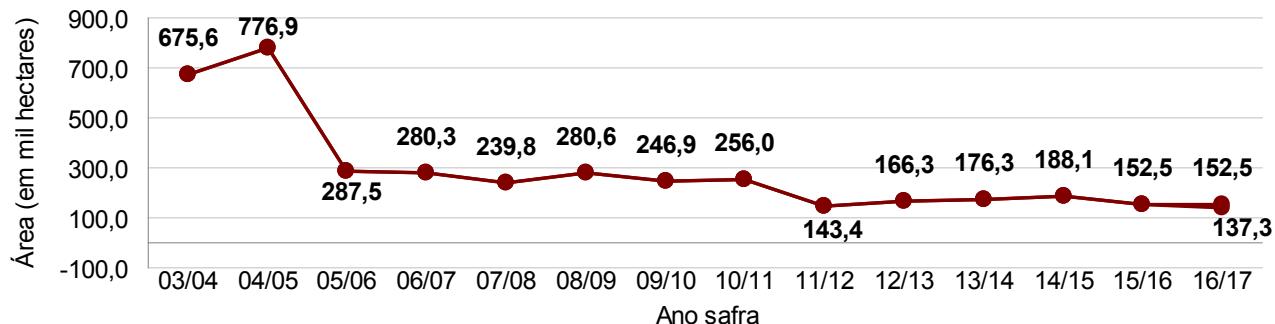
Fonte: Conab.

Gráfico 11 – Variação percentual de área plantada - Arroz/MT



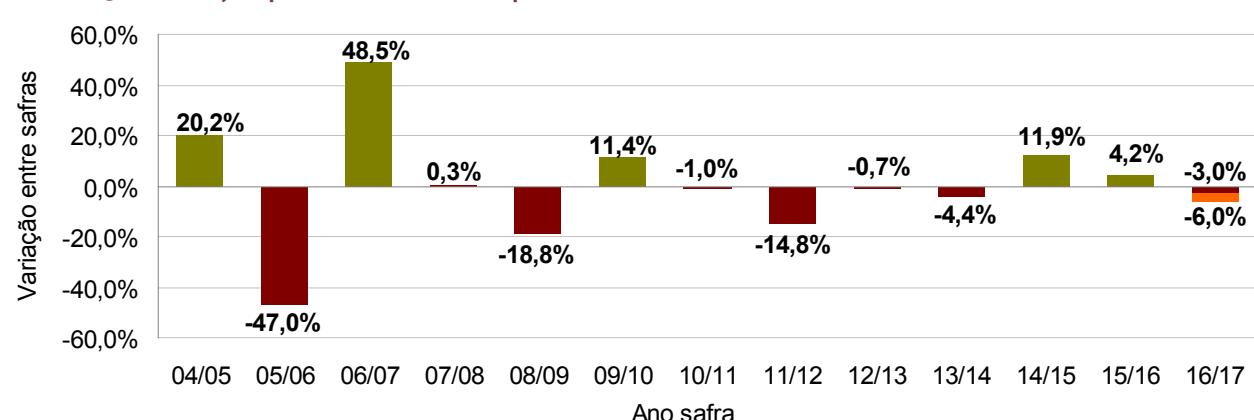
Fonte: Conab.

Gráfico 12 – Evolução da área plantada - Arroz/MT



Fonte: Conab.

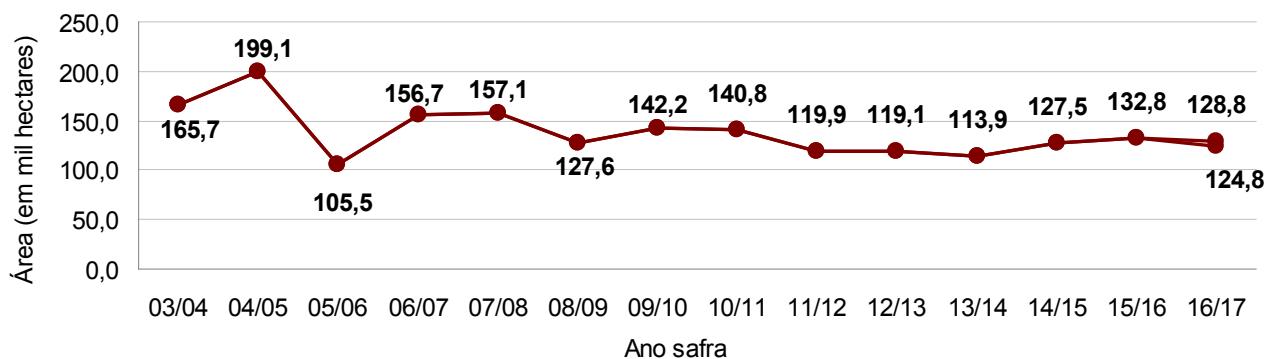
Gráfico 13 – Variação percentual de área plantada - Arroz/TO



Fonte: Conab.

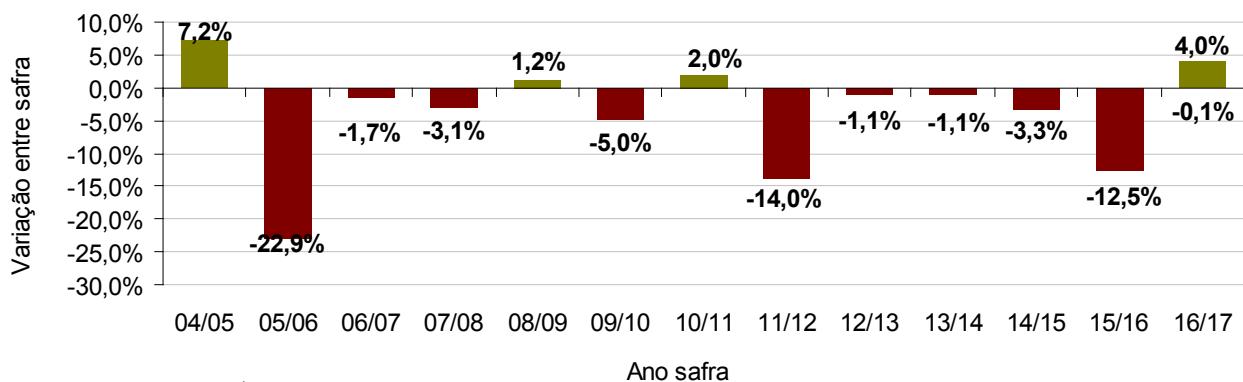


Gráfico 14 – Evolução da área plantada - Arroz/TO



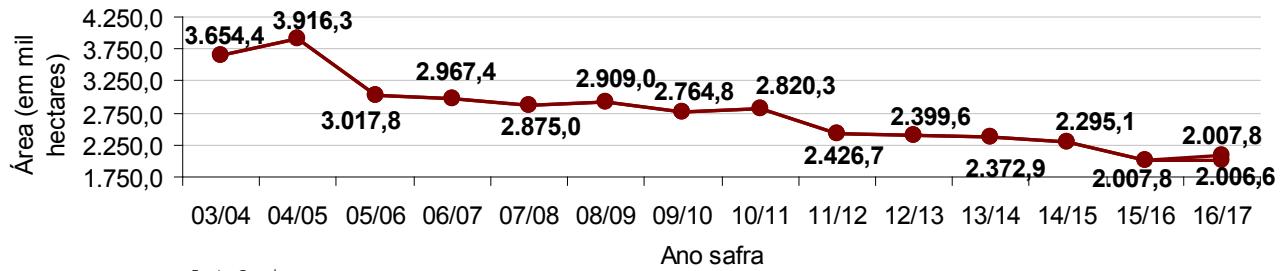
Fonte: Conab.

Gráfico 15 – Variação percentual de área plantada - Arroz/Brasil



Fonte: Conab.

Gráfico 16 – Evolução da área plantada - Arroz/Brasil



Fonte: Conab.

3.3. MILHO 1^a SAFRA

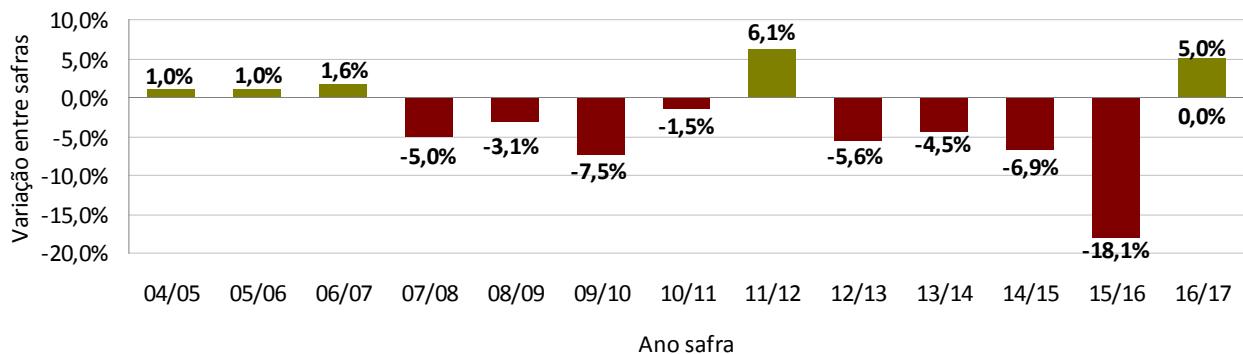
Na primeira safra, a destinação de área para o cultivo do milho tem apresentado forte concorrência com o cultivo da soja, resultando em quedas recorrentes. No entanto, nos estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, observa-se a expansão das áreas para garantir o abastecimento estadual das cadeias produtivas que possuem o milho como matéria prima e atender a renegociação das dívidas da

última safra.

Há também uma expectativa de aumento da área plantada na região do MATOPIBA que pode se justificar por apresentar um perfil edafoclimático favorável e consequente viabilidade do manejo tecnificado, visando o abastecimento da região Nordeste.

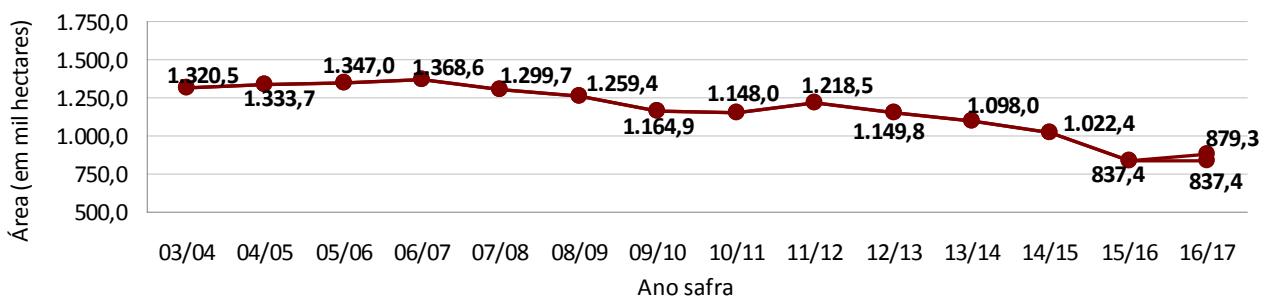


Gráfico 17 – Variação percentual de área plantada - Milho/MG



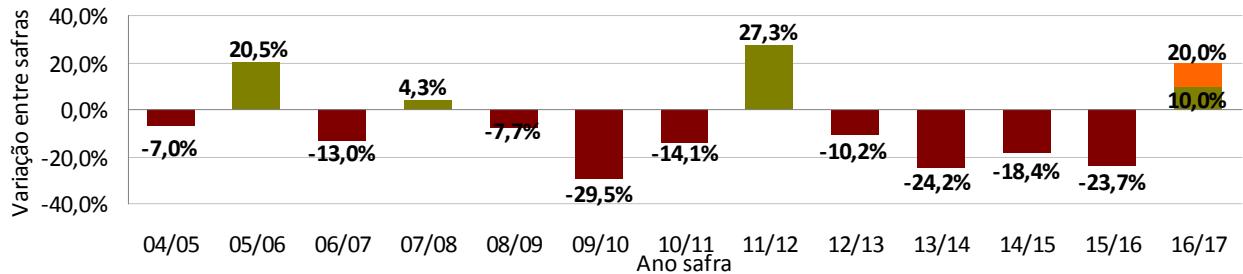
Fonte: Conab.

Gráfico 18 – Evolução da área plantada - Milho/MG



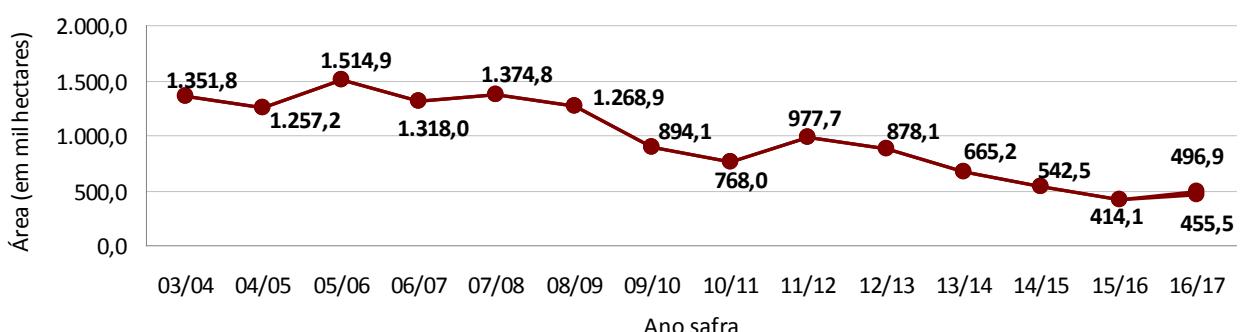
Fonte: Conab.

Gráfico 19 – Variação percentual de área plantada - Milho/PR



Fonte: Conab.

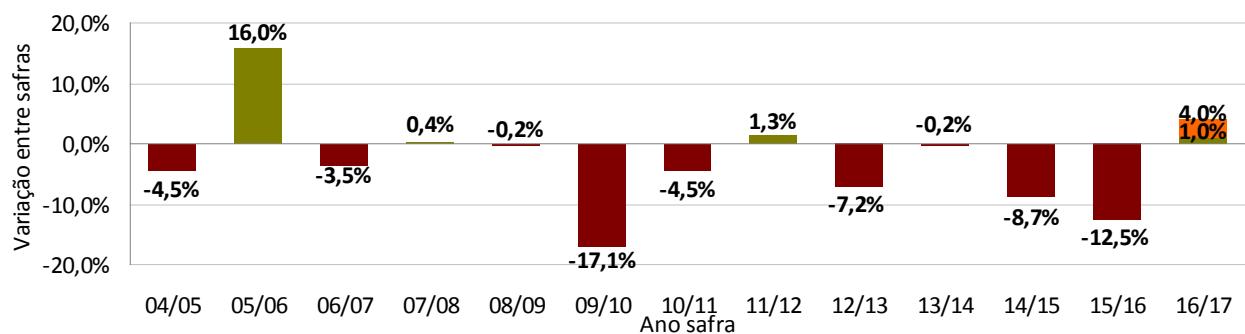
Gráfico 20 – Evolução da área plantada - Milho/PR



Fonte: Conab.

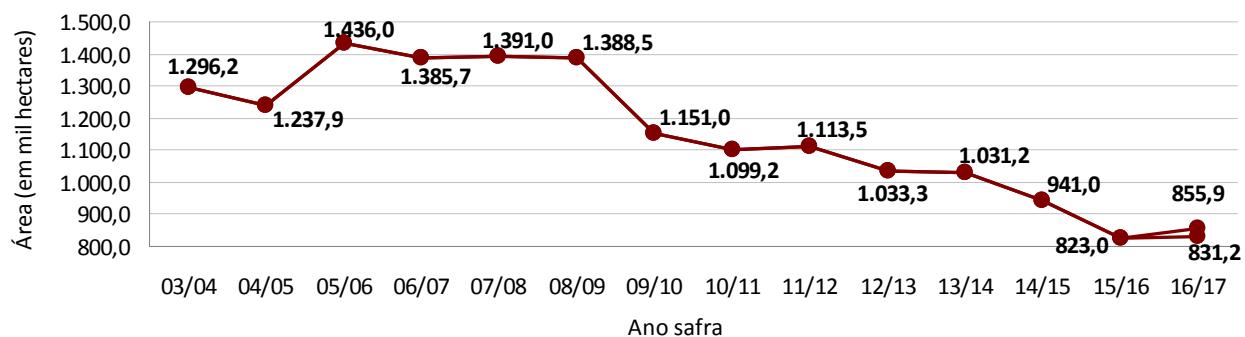


Gráfico 21 – Variação percentual de área plantada - Milho/RS



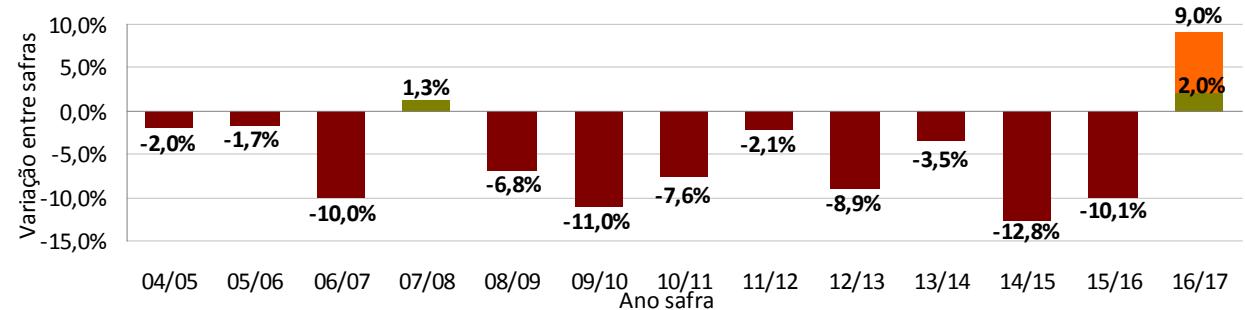
Fonte: Conab.

Gráfico 22 – Evolução da área plantada - Milho/RS



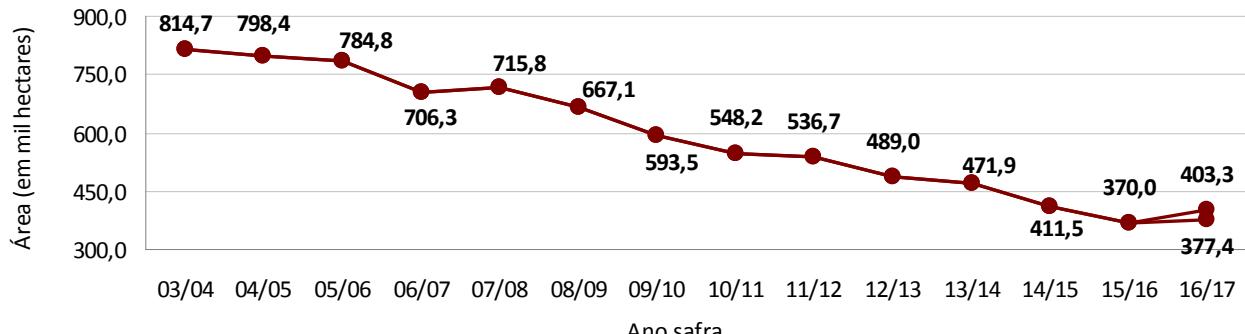
Fonte: Conab.

Gráfico 23 – Variação percentual de área plantada - Milho/SC



Fonte: Conab.

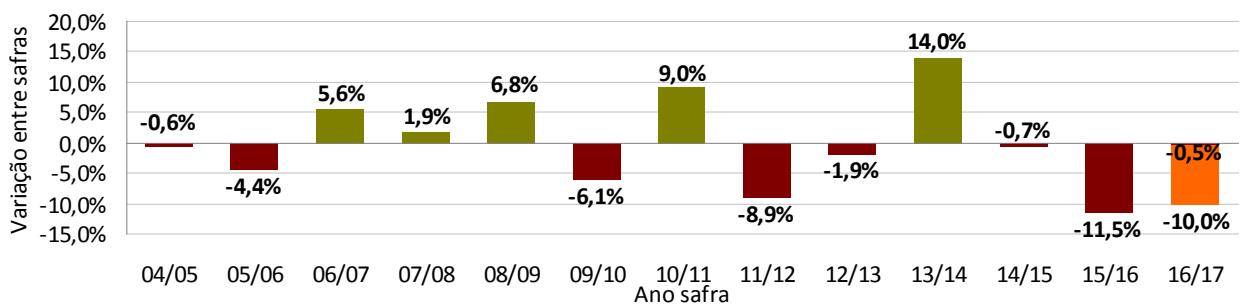
Gráfico 24 – Evolução da área plantada - Milho/SC



Fonte: Conab.

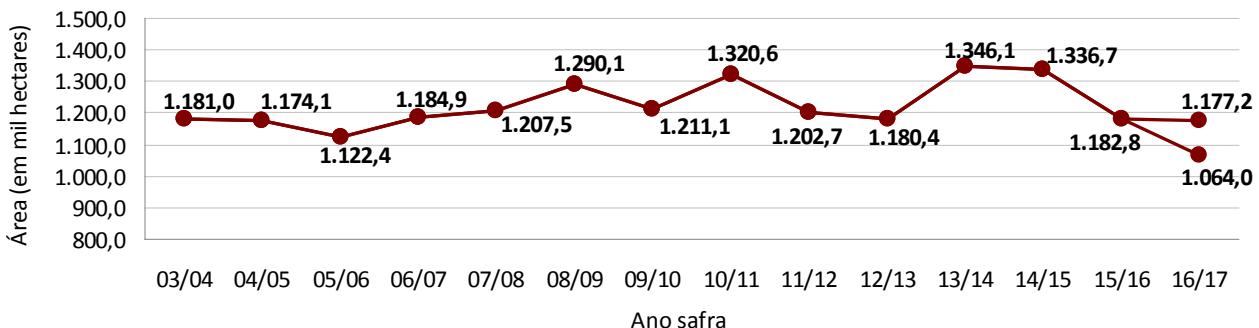


Gráfico 25 – Variação percentual de área plantada - Milho/MATOPIBA



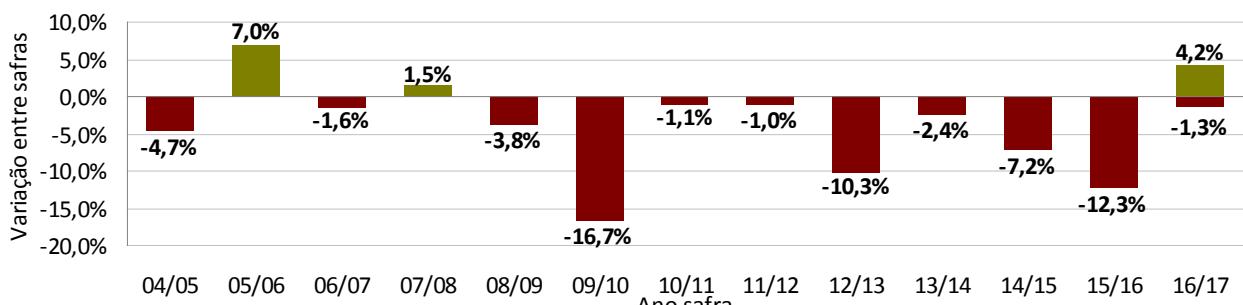
Fonte: Conab.

Gráfico 26 – Evolução da área plantada - Milho/MATOPIBA



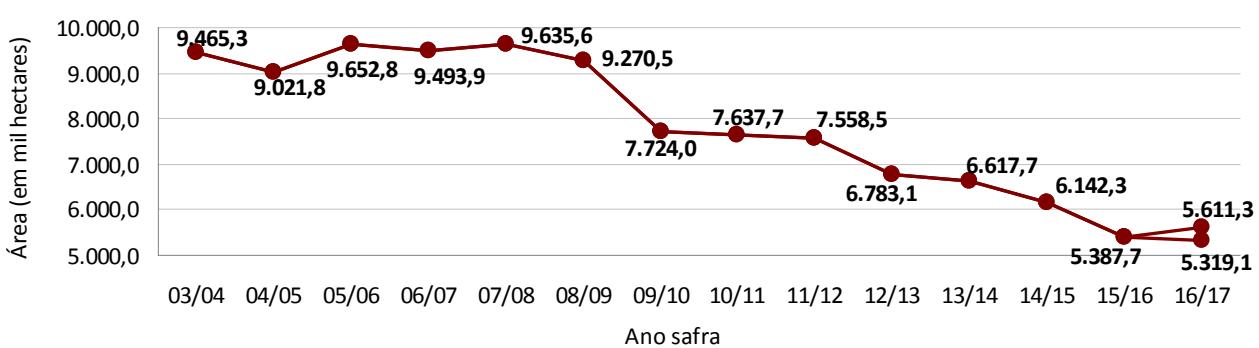
Fonte: Conab.

Gráfico 27 – Variação percentual de área plantada - Milho/Brasil



Fonte: Conab.

Gráfico 28 – Evolução da área plantada - Milho/Brasil



Fonte: Conab.

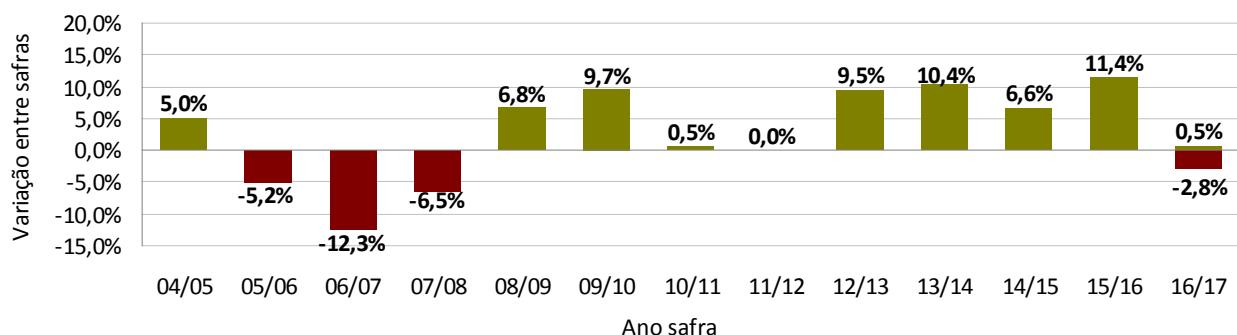


3.4. Soja

A destinação de áreas para cultivo da soja apresenta avanço em áreas em rotação cultivadas com algodão 1º safra, milho 1º safra, feijão 1º safra e arroz de sequeiro. O calendário de semeadura similar, a disponibilidade de sementes com alto desempenho agronômico e de pacotes tecnológicos acessíveis são alguns dos fatores técnicos que corroboram para a expansão da área plantada. Portanto, a estimativa de área plantada de soja é crescente nos principais estados produtores, exceto no Paraná, Santa Catarina e Minas Gerais em função do incentivo estadual para o cultivo do milho.

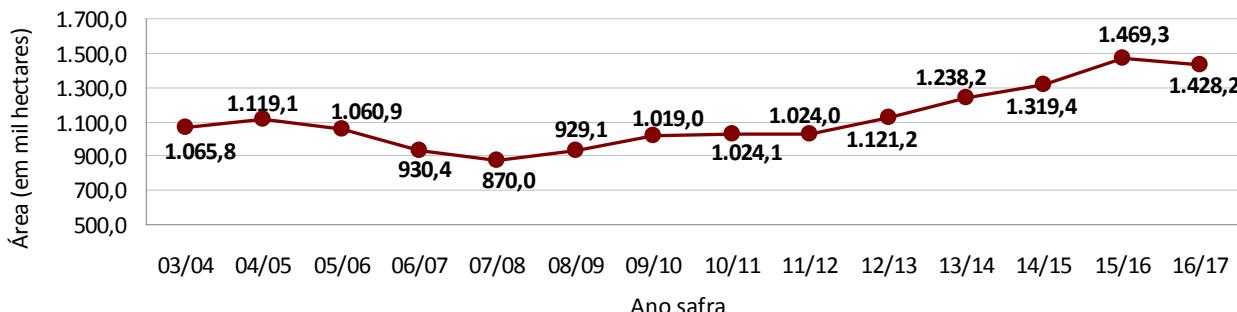
O estado do Mato Grosso se destaca com a maior área plantada e apresenta crescimento acentuado influenciado pela abertura de novas áreas, além de ser uma boa alternativa para a rotação com outras culturas. A região do MATOPIBA também tem demonstrado potencial para o cultivo da soja principalmente por sua geografia estratégica e condições edafoclimática favoráveis, resultando em estimativas crescentes de área plantada.

Gráfico 29 – Variação percentual de área plantada - Soja/MG



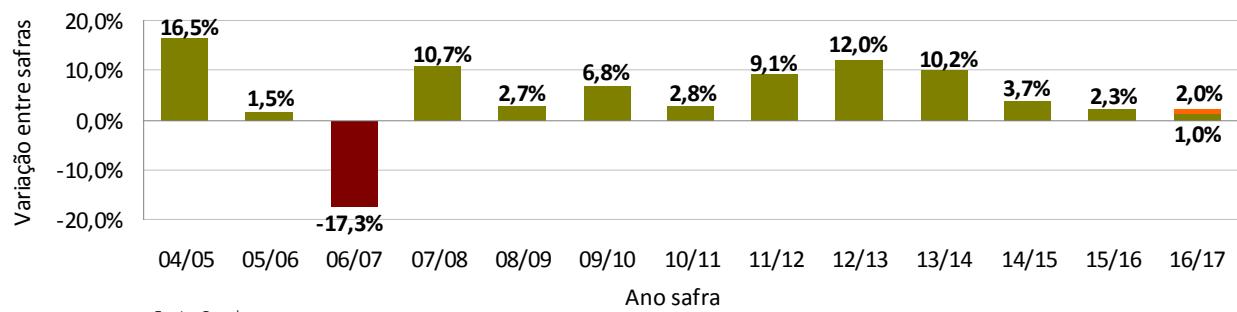
Fonte: Conab.

Gráfico 30 – Evolução da área plantada - Soja/MG



Fonte: Conab.

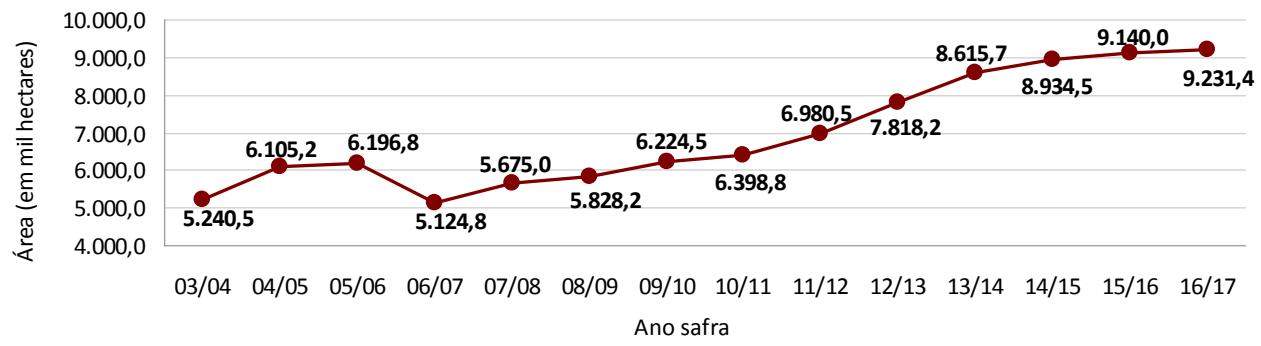
Gráfico 31 – Variação percentual de área plantada - Soja/MT



Fonte: Conab.

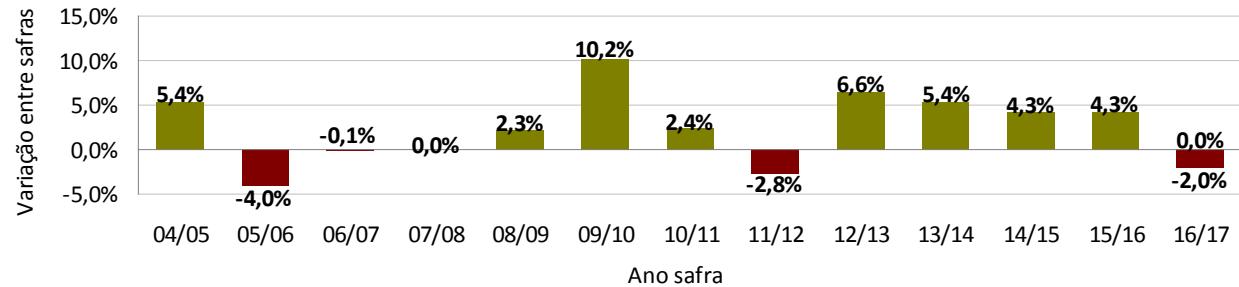


Gráfico 32 – Evolução da área plantada - Soja/MT



Fonte: Conab.

Gráfico 33 – Variação percentual de área plantada - Soja/PR



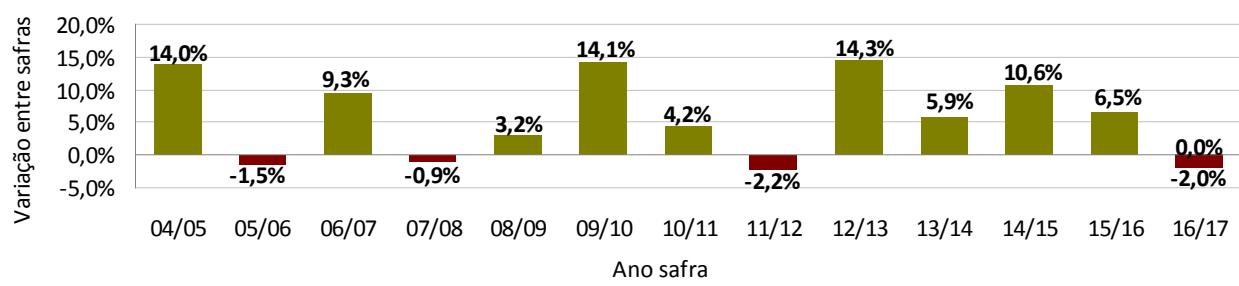
Fonte: Conab.

Gráfico 34 – Evolução da área plantada - Soja/PR



Fonte: Conab.

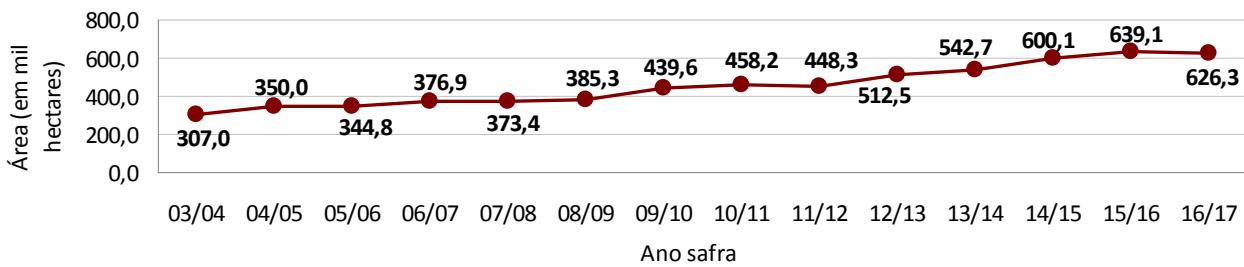
Gráfico 35 – Variação percentual de área plantada - Soja/SC



Fonte: Conab.

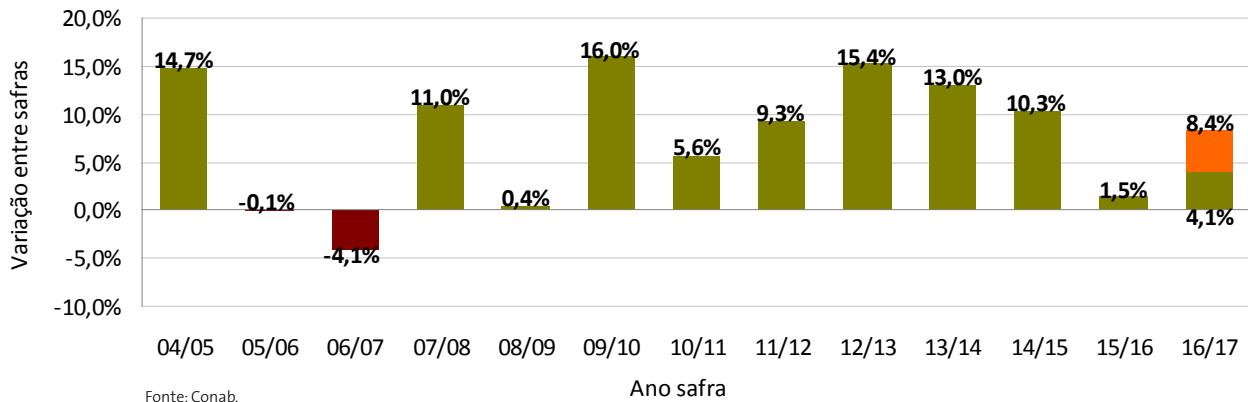


Gráfico 36 – Evolução da área plantada - Soja/SC



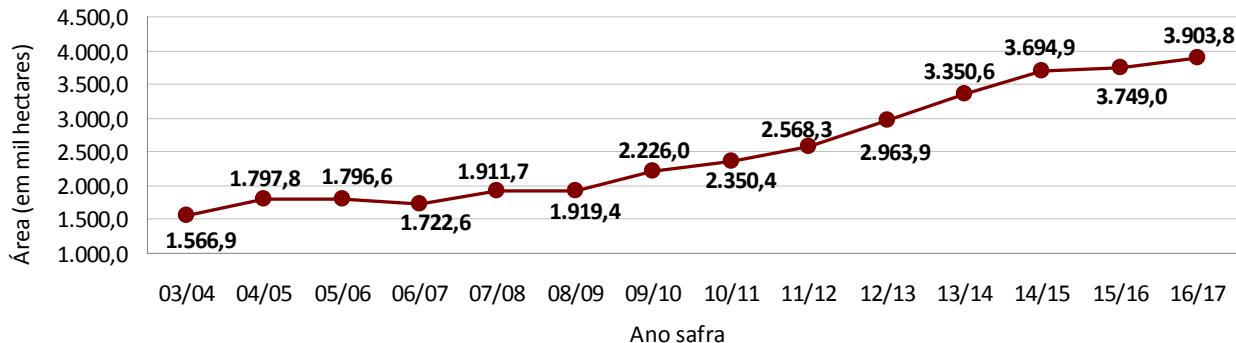
Fonte: Conab.

Gráfico 37 – Variação percentual de área plantada - Soja/MATOPIBA



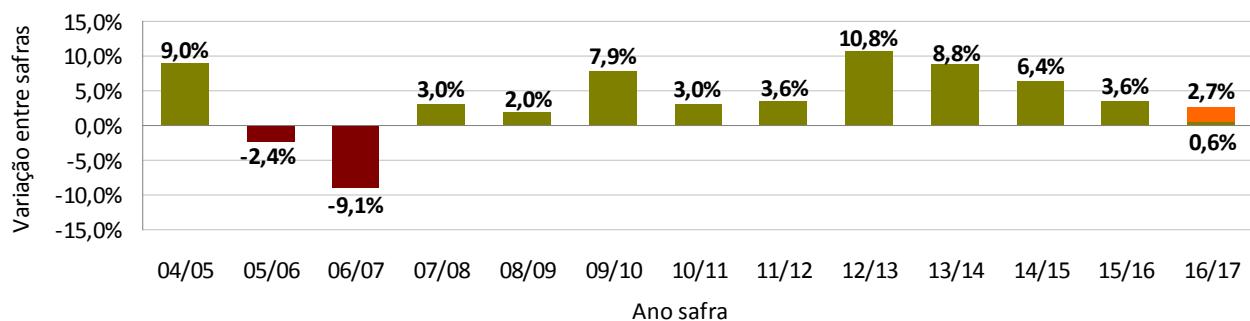
Fonte: Conab.

Gráfico 38 – Evolução da área plantada - Soja/MATOPIBA



Fonte: Conab.

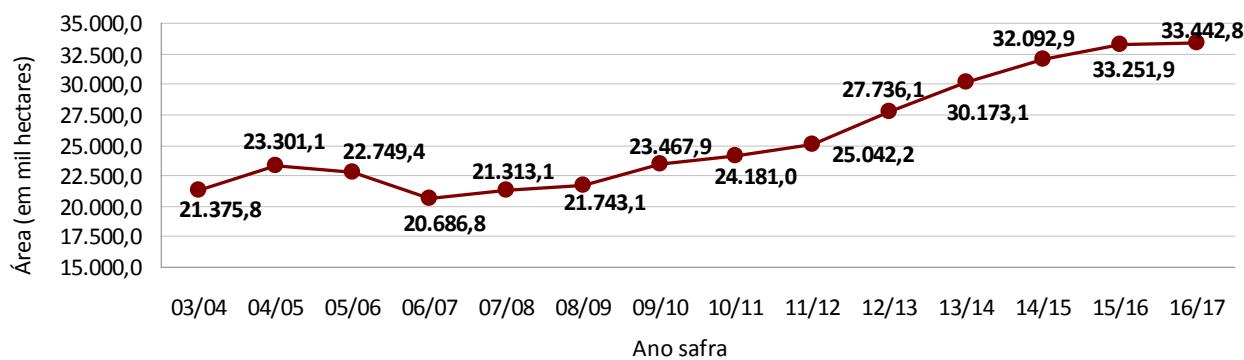
Gráfico 39 – Variação percentual de área plantada - Soja/Brasil



Fonte: Conab.



Gráfico 40 – Evolução da área plantada - Soja/Brasil



Fonte: Conab.

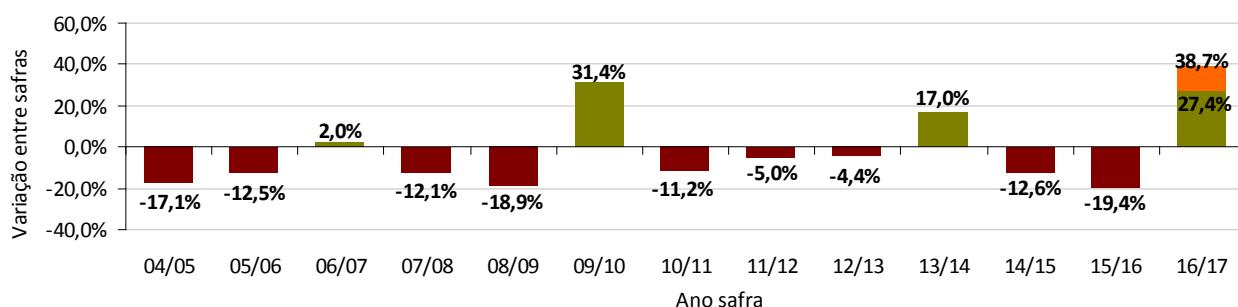
3.5.FEIJÃO 1ª SAFRA

O feijão possui tradicional importância na alimentação da população brasileira (Conab, 2016), no entanto o seu cultivo é considerado de risco pela baixa tecnificação, o uso de sementes de baixa qualidade física e fisiológica, os períodos críticos de plantio e de colheita e a suscetibilidade a pragas e doenças.

Cultivado amplamente no território brasileiro, o feijão

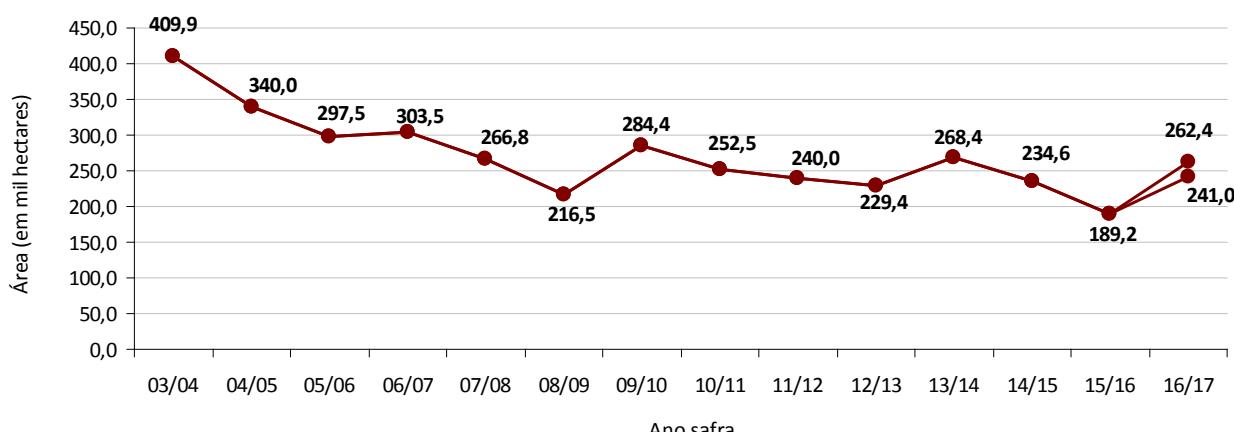
1ª safra apresenta concentração da área plantada nos estados da Bahia, do Paraná e de Minas Gerais. Estima-se que a área a ser destinada para a cultura do feijoeiro aumente na região centro-sul e tenha recuperação na região nordeste. Entre os motivos está a decisão do produtor que pode ser influenciado pelos preços de mercado e a possibilidade de clima favorável.

Gráfico 41 – Variação percentual de área plantada -Feijão/BA



Fonte: Conab.

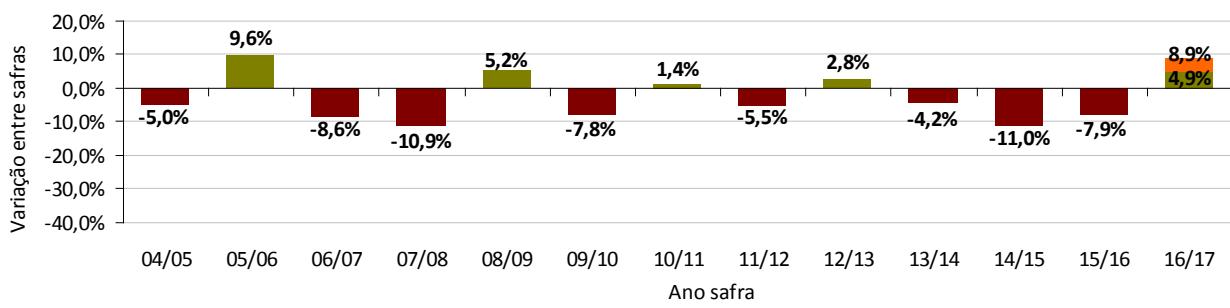
Gráfico 42 – Evolução da área plantada - Feijão/BA



Fonte: Conab.

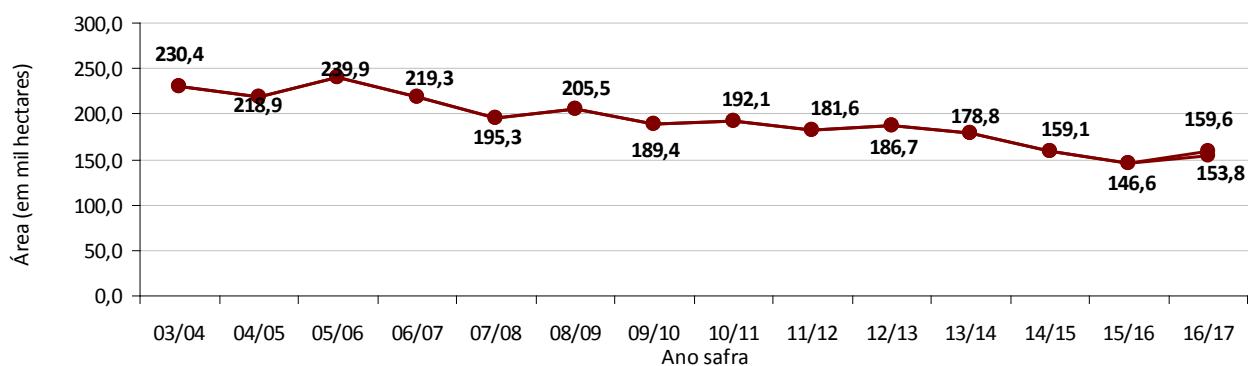


Gráfico 43 – Variação percentual de área plantada -Feijão/MG



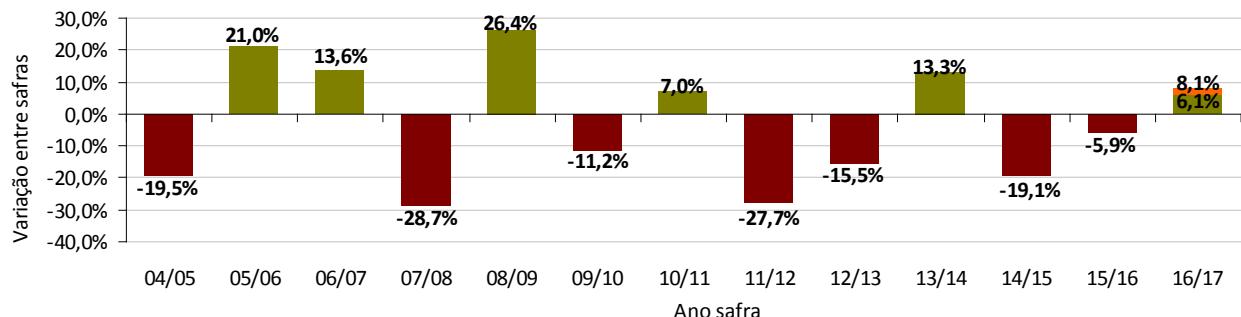
Fonte: Conab.

Gráfico 44 – Evolução da área plantada - Feijão/MG



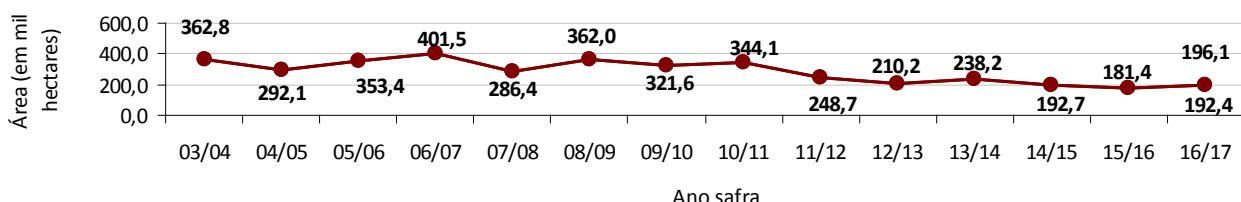
Fonte: Conab.

Gráfico 45 – Variação percentual de área plantada -Feijão/PR



Fonte: Conab.

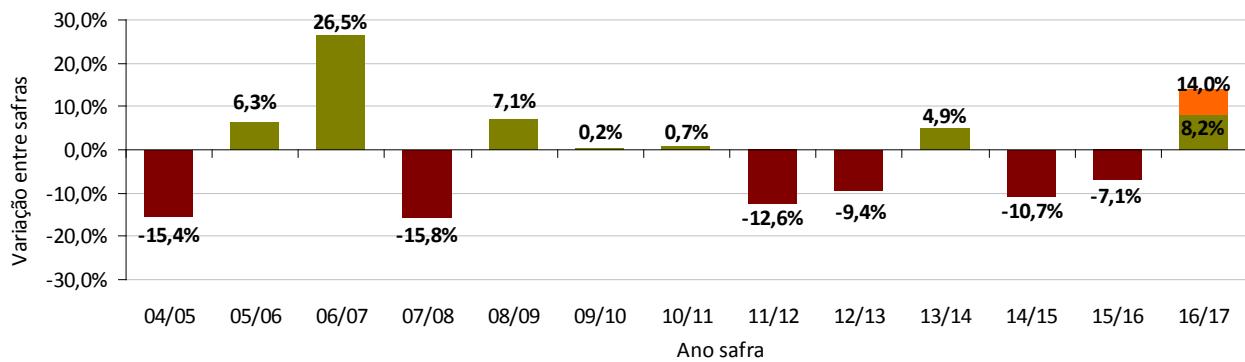
Gráfico 46 – Evolução da área plantada - Feijão/PR



Fonte: Conab.

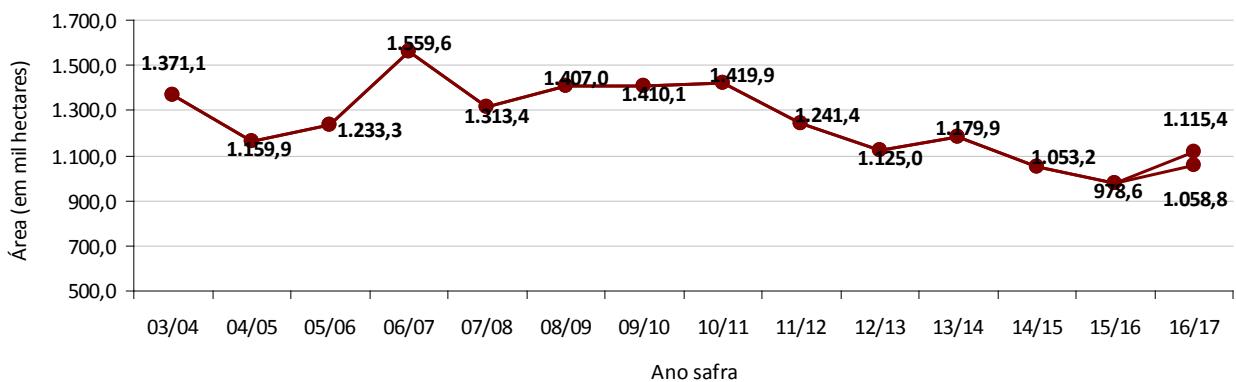


Gráfico 47 – Variação percentual de área plantada -Feijão/Brasil



Fonte: Conab.

Gráfico 48 – Evolução da área plantada - Feijão/Brasil



Fonte: Conab.



Tabela 1 – Estimativa de área – Grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO			
	15/16 (a)	16/17		Percentual		Absoluta	
		Lim Inferior (b)	Lim Superior (c)	(b/a)	(c/a)	(b-a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO	954,7	899,5	947,9	(5,8)	(0,7)	(55,2)	(6,8)
AMENDOIM TOTAL	119,6	121,6	124,9	1,7	4,4	2,0	5,3
AMENDOIM 1ª SAFRA	110,3	112,3	115,6	1,8	4,8	2,0	5,3
AMENDOIM 2ª SAFRA	9,3	9,3	9,3	-	-	-	-
ARROZ	2.007,8	2.006,6	2.089,0	(0,1)	4,0	(1,2)	81,2
FEIJÃO TOTAL	2.837,5	2.918,2	2.975,0	2,8	4,8	80,7	137,5
FEIJÃO 1ª SAFRA	978,6	1.058,8	1.115,4	8,2	14,0	80,2	136,8
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.313,9	1.314,4	1.314,6	-	0,1	0,5	0,7
FEIJÃO 3ª SAFRA	545,0	545,0	545,0	-	-	-	-
GIRASSOL	51,2	51,2	51,2	-	-	-	-
MAMONA	30,2	29,1	31,3	(3,6)	3,6	(1,1)	1,1
MILHO TOTAL	15.922,5	15.853,9	16.146,1	(0,4)	1,4	(68,6)	223,6
MILHO 1ª SAFRA	5.387,7	5.319,1	5.611,3	(1,3)	4,2	(68,6)	223,6
MILHO 2ª SAFRA	10.534,8	10.534,8	10.534,8	-	-	-	-
SOJA	33.251,9	33.442,8	34.153,3	0,6	2,7	190,9	901,4
SORGO	579,0	579,0	579,0	-	-	-	-
SUBTOTAL	55.754,4	55.901,9	57.097,7	0,3	2,4	147,5	1.343,3
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO			
	2016 (a)	2017		Percentual		Absoluta	
		Lim Inferior (b)	Lim Superior (c)	(b/a)	(c/a)	(b-a)	(c-a)
AVEIA	291,3	291,3	291,3	-	-	-	-
CANOLA	47,5	47,5	47,5	-	-	-	-
CENTEIO	2,5	2,5	2,5	-	-	-	-
CEVADA	95,7	95,7	95,7	-	-	-	-
TRIGO	2.107,9	2.107,9	2.107,9	-	-	-	-
TRITICALE	23,3	23,3	23,3	-	-	-	-
SUBTOTAL	2.568,2	2.568,2	2.568,2	-	-	-	-
BRASIL	58.322,6	58.470,1	59.665,9	0,3	2,3	147,5	1.343,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro 2016.

3.6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONAB. *A cultura do arroz*. Brasília: Conab, 2015. 180 p.

CONAB. *Compêndio de Estudos Conab - Perspectivas de diversificação e de investimentos na produção de arroz - trigo - feijão*. v. 1. Brasília: Conab, 2016.





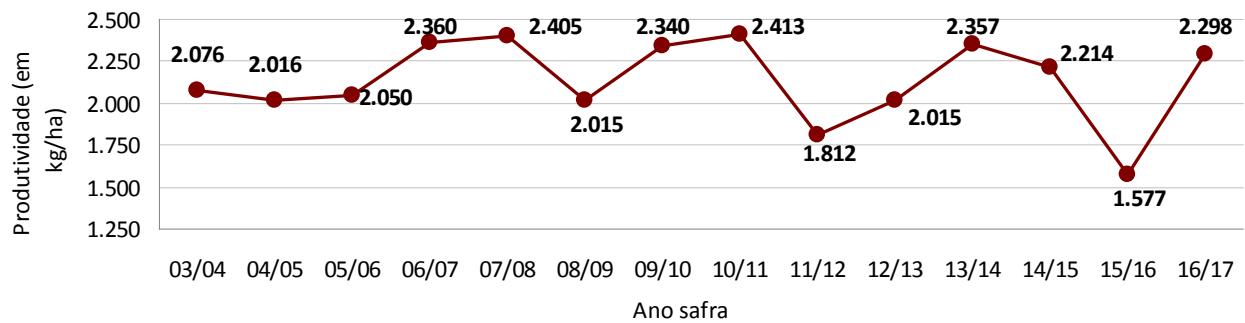
5. ESTIMATIVA DE PRODUTIVIDADE

Uma das principais variáveis analisada no processo de avaliação da safra nacional é a produtividade. Para esse primeiro levantamento de intenção de plantio, a Companhia se baseia nas análises estatísticas das séries históricas de produtividade e dos pacotes tecnológicos para se chegar à produtividade estimada, uma vez que, no atual momento, está se iniciando o plantio da próxima safra 2016/17.

Como a análise estatística leva em consideração todas as variáveis das últimas safras (safra recorde, quebra de safra), as análises dos pacotes tecnológicos levantados pela Conab são parâmetros fundamentais nessa avaliação. O milho segunda safra, por exemplo, teve forte redução da produtividade em virtude da grave estiagem que ocorreu nos principais estados produtores, o que faria com que a produtividade a ser alcançada na safra 2016/17 fosse subestimada. Analisando o pacote tecnológico desses estados nos permite ter uma diretriz da produtividade normal.

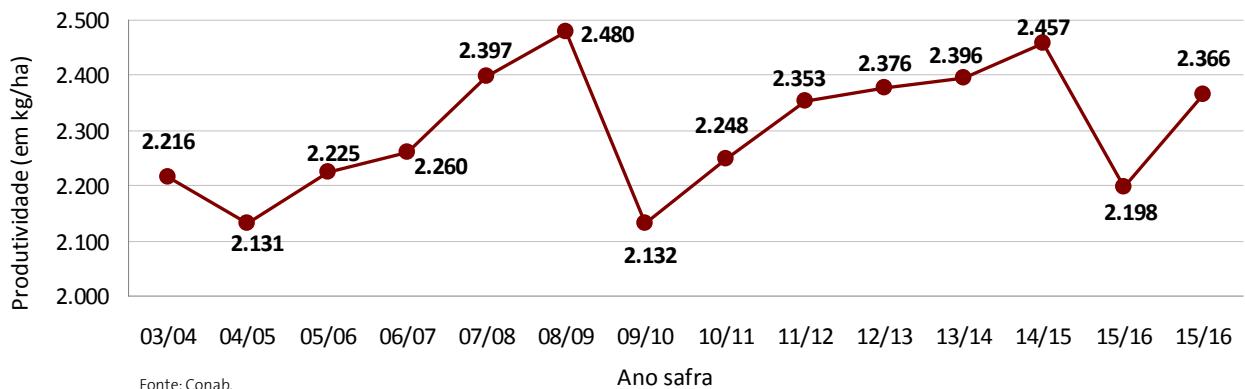
Após tais estudos ocorre a fase da sobreposição e da análise dessas variáveis, com os rendimentos apurados nas pesquisas de campo. Nesta ocasião o plantio já deve estar finalizado ou próximo do término, o que dá mais consistência às informações coletadas junto aos informantes. Neste foco há de se esclarecer que, por meio do resultado desses estudos, é que se chega à estimativa de produtividade..

Gráfico 49 – Evolução da produtividade - Algodão/BA



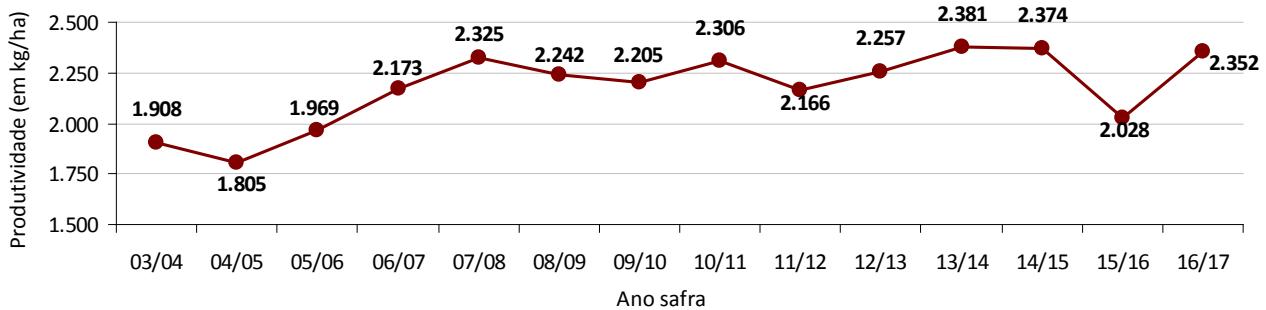
Fonte: Conab.

Gráfico 50 – Evolução da produtividade - Algodão/MT



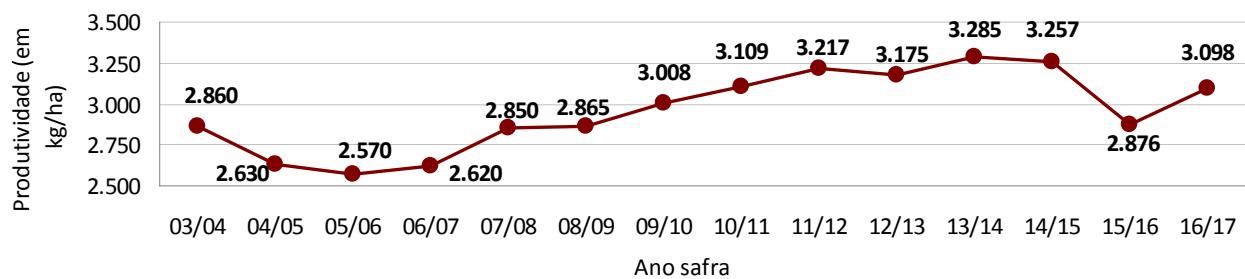
Fonte: Conab.

Gráfico 51 – Evolução da produtividade - Algodão/Brasil



Fonte: Conab.

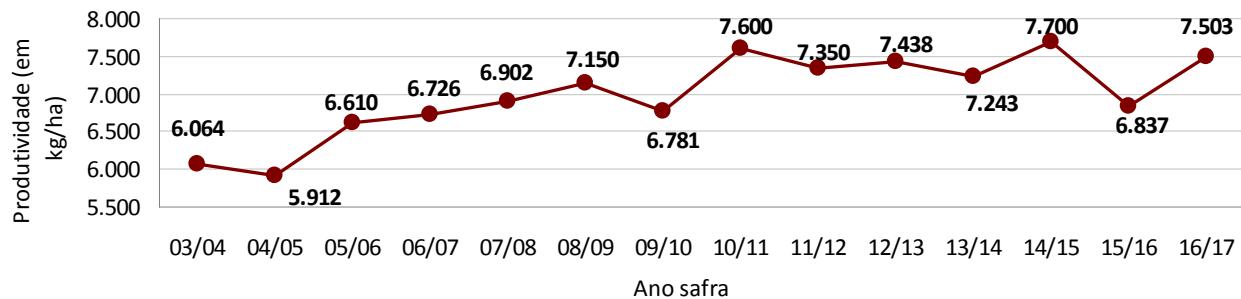
Gráfico 52 – Evolução da produtividade - Arroz/MT



Fonte: Conab.

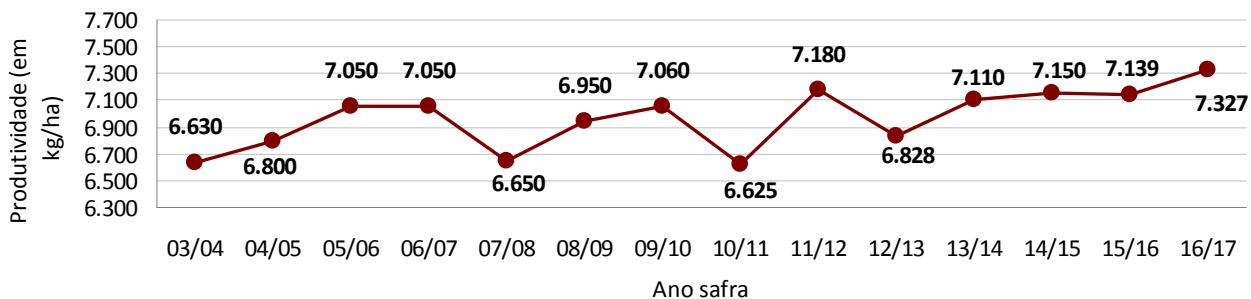


Gráfico 53 – Evolução da produtividade - Arroz/RS



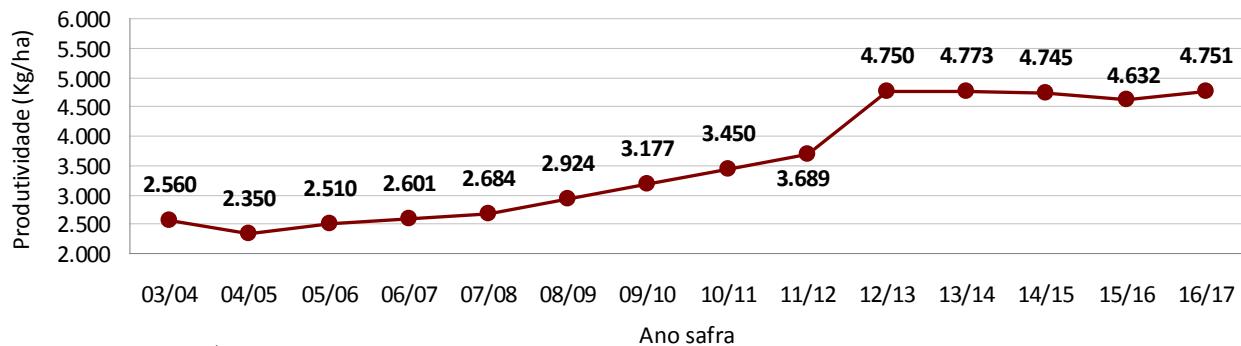
Fonte: Conab.

Gráfico 54 – Evolução da produtividade - Arroz/SC



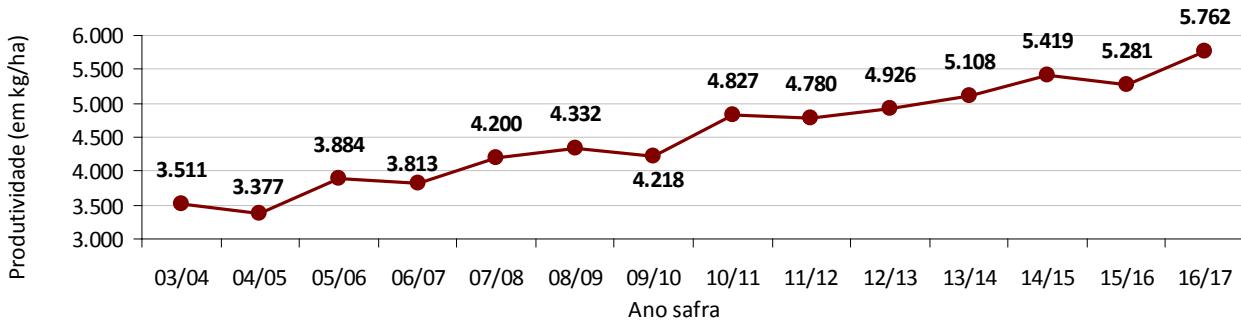
Fonte: Conab.

Gráfico 55 – Evolução da produtividade - Arroz/TO



Fonte: Conab.

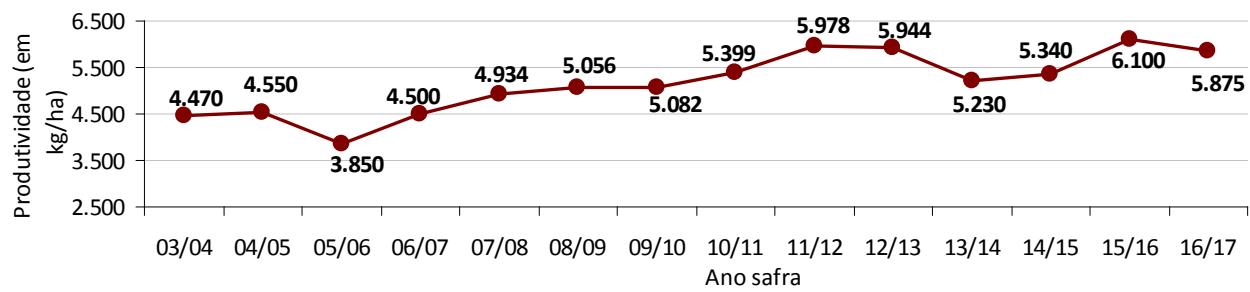
Gráfico 56 – Evolução da produtividade - Arroz/Brasil



Fonte: Conab.

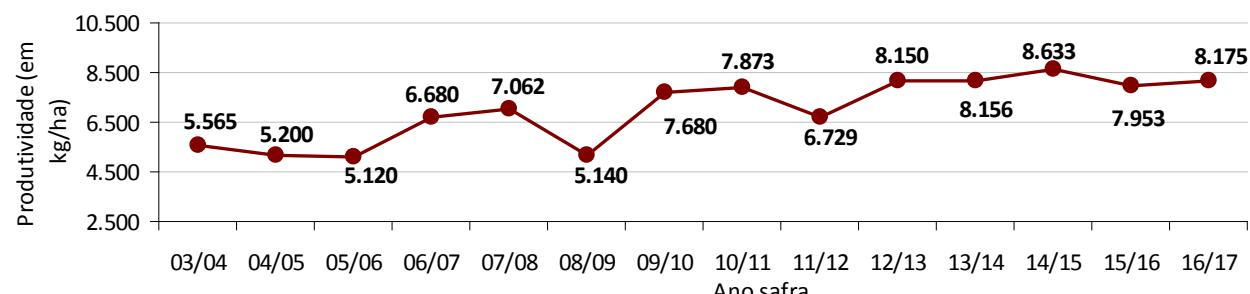


Gráfico 57 – Evolução da produtividade - Milho/MG



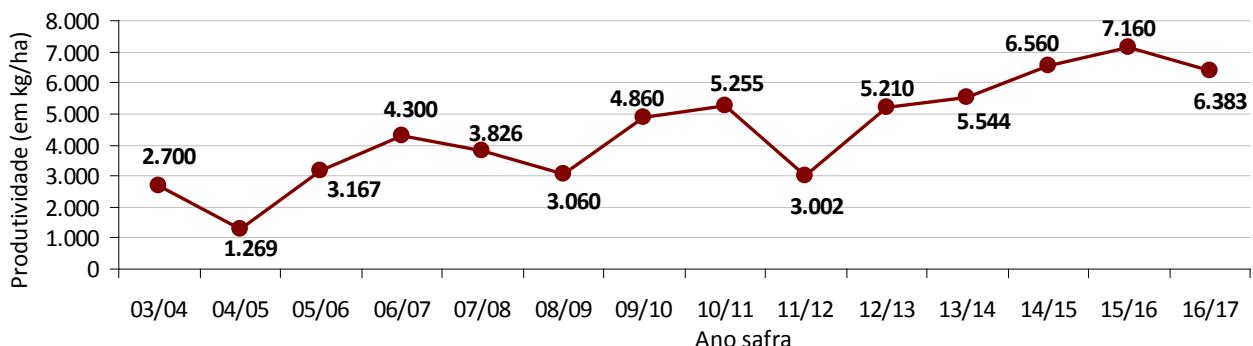
Fonte: Conab.

Gráfico 58 – Evolução da produtividade - Milho/PR



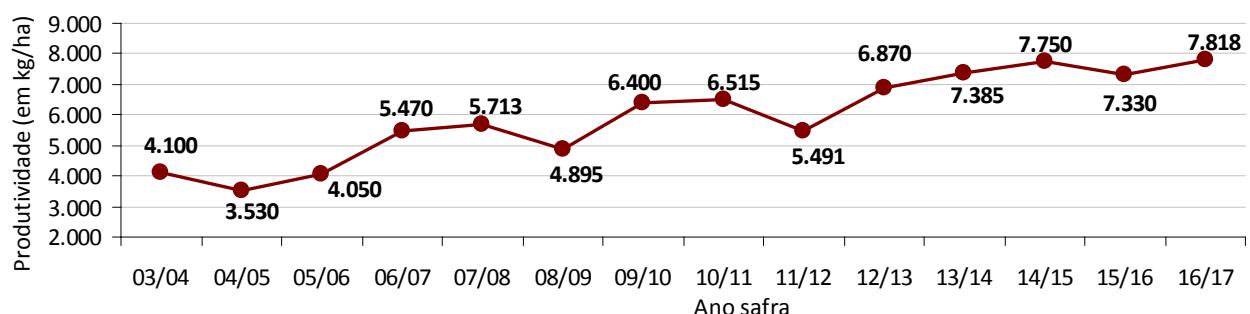
Fonte: Conab.

Gráfico 59 – Evolução da produtividade - Milho/RS



Fonte: Conab.

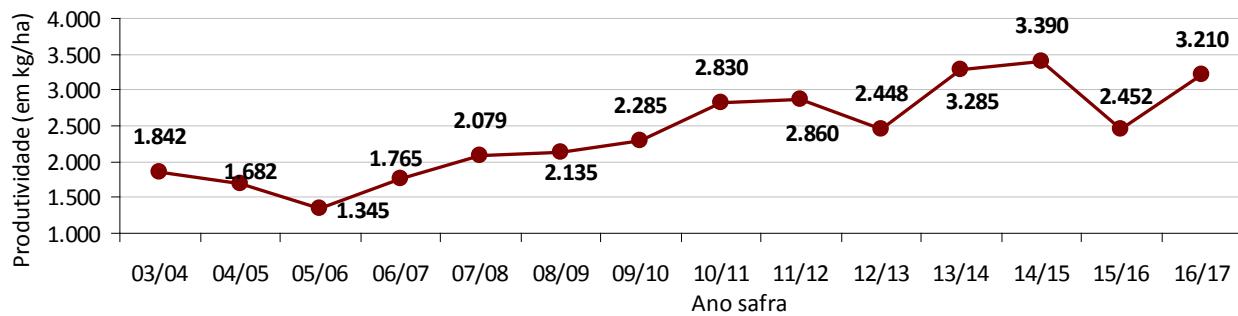
Gráfico 60 – Evolução da produtividade - Milho/SC



Fonte: Conab.

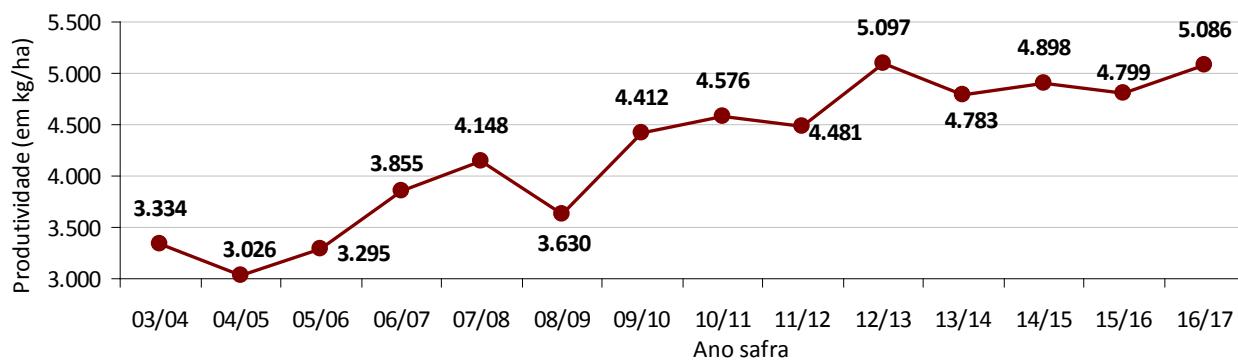


Gráfico 61 – Evolução da produtividade - Milho/MATOPIBA



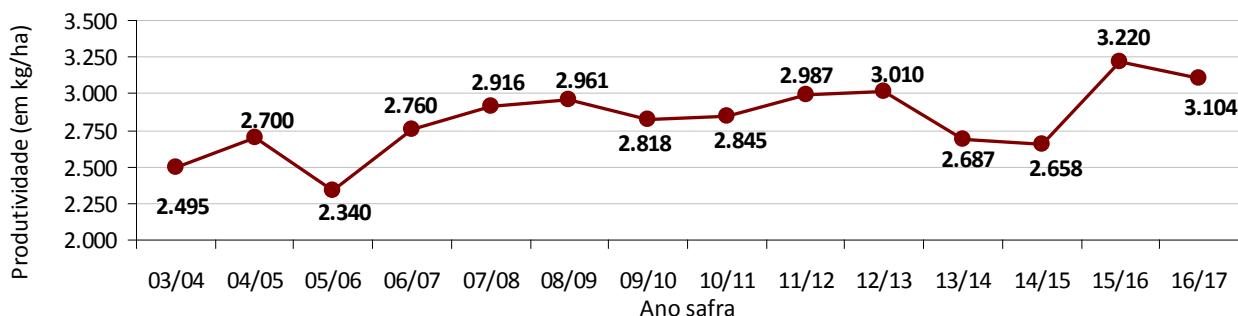
Fonte: Conab.

Gráfico 62 – Evolução da produtividade - Milho/Brasil



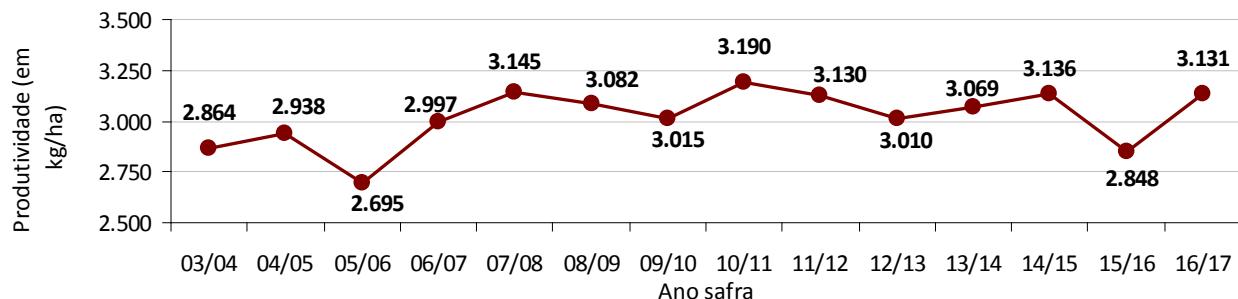
Fonte: Conab.

Gráfico 63 – Evolução da produtividade - Soja/MG



Fonte: Conab.

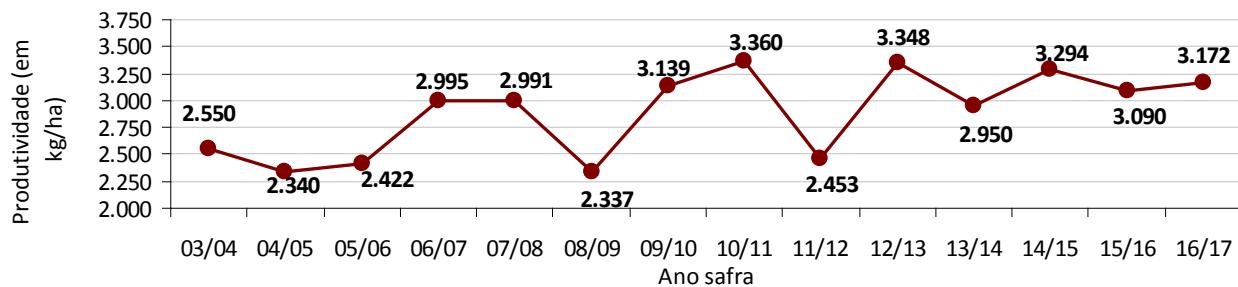
Gráfico 64 – Evolução da produtividade - Soja/MT



Fonte: Conab.

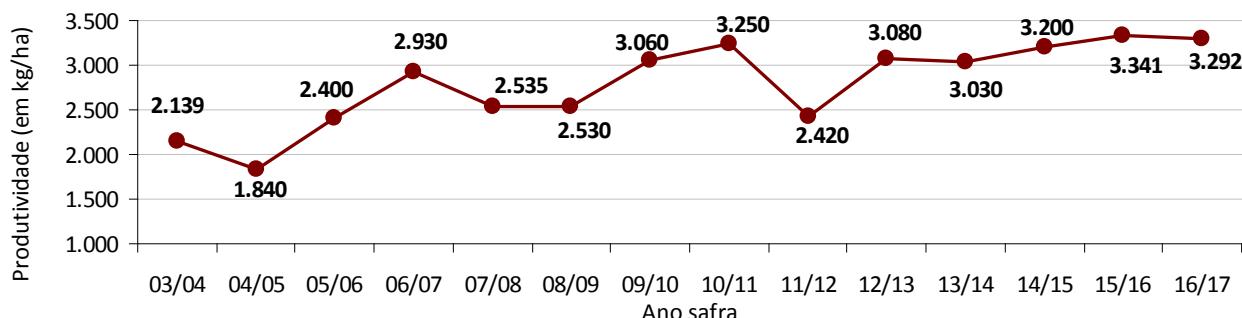


Gráfico 65 – Evolução da produtividade - Soja/PR



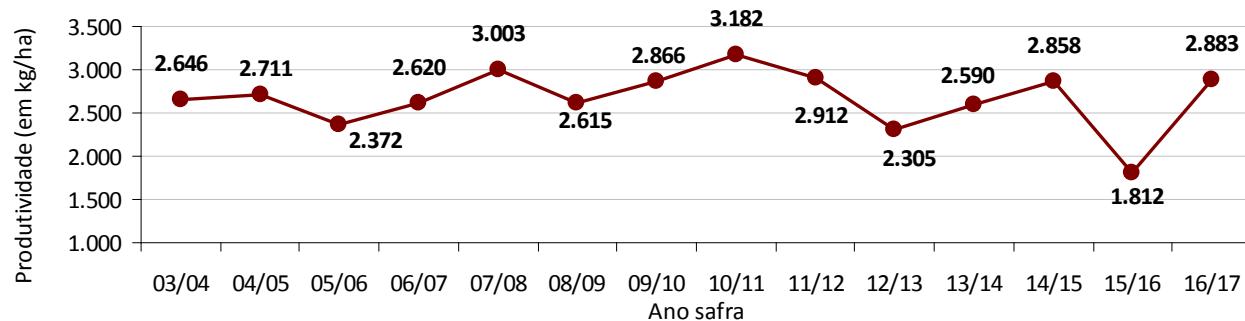
Fonte: Conab.

Gráfico 66 – Evolução da produtividade - Soja/SC



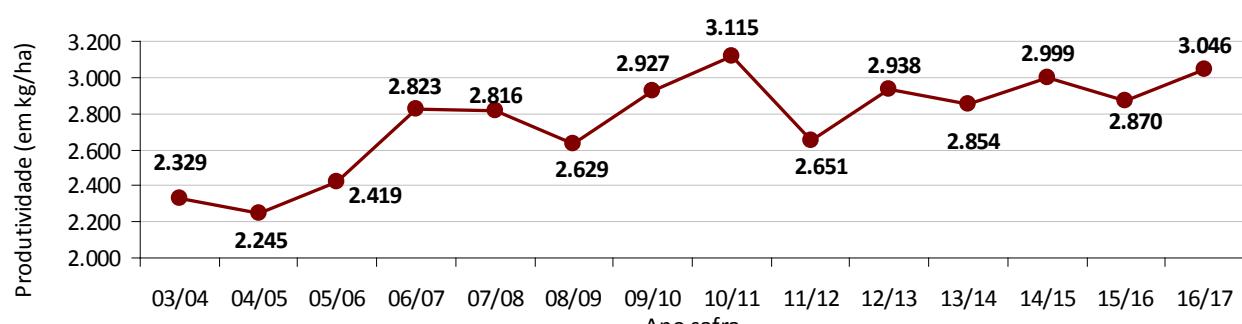
Fonte: Conab.

Gráfico 67 – Evolução da produtividade - Soja/MATOPIBA



Fonte: Conab.

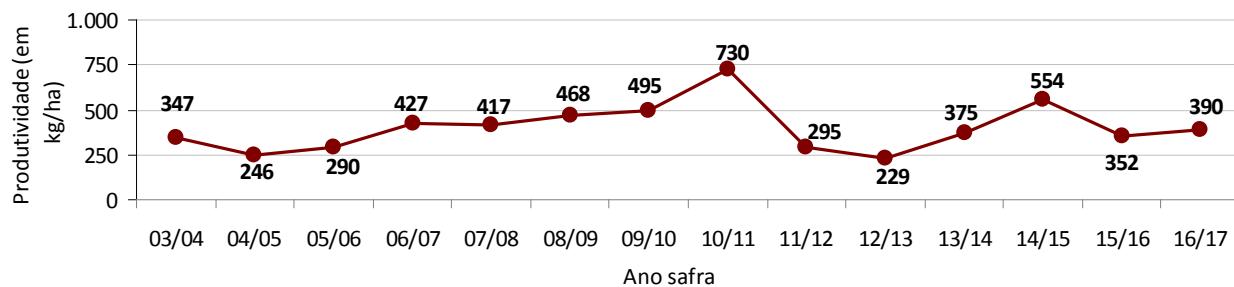
Gráfico 68 – Evolução da produtividade - Soja/Brasil



Fonte: Conab.

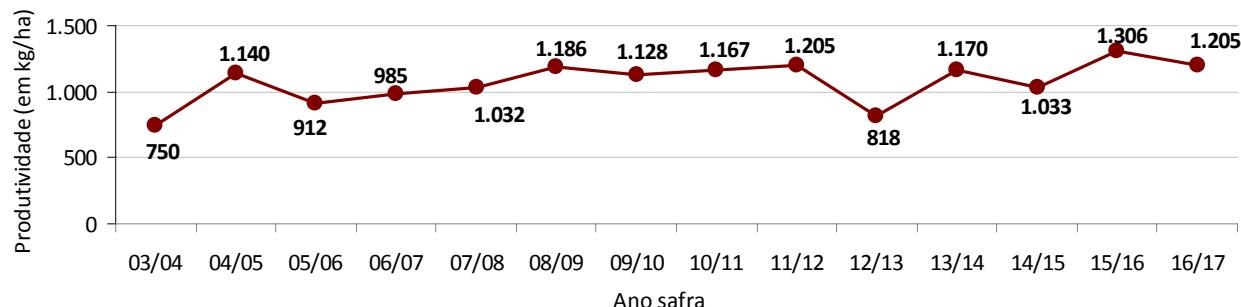


Gráfico 69 – Evolução da produtividade - Feijão/BA



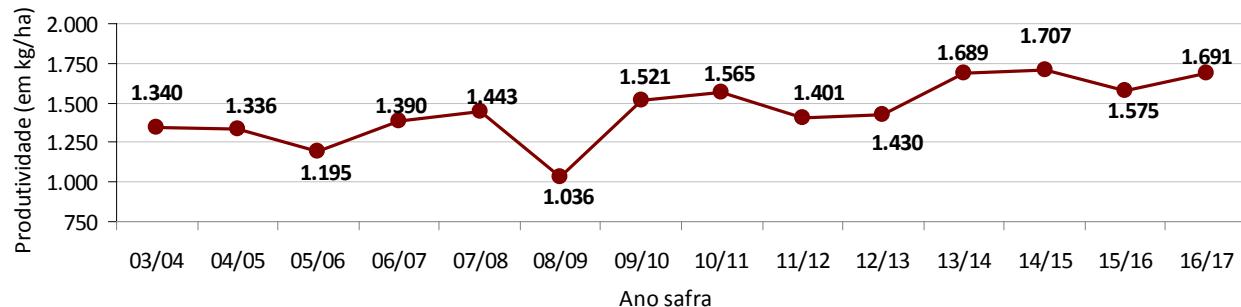
Fonte: Conab.

Gráfico 70 – Evolução da produtividade - Feijão/MG



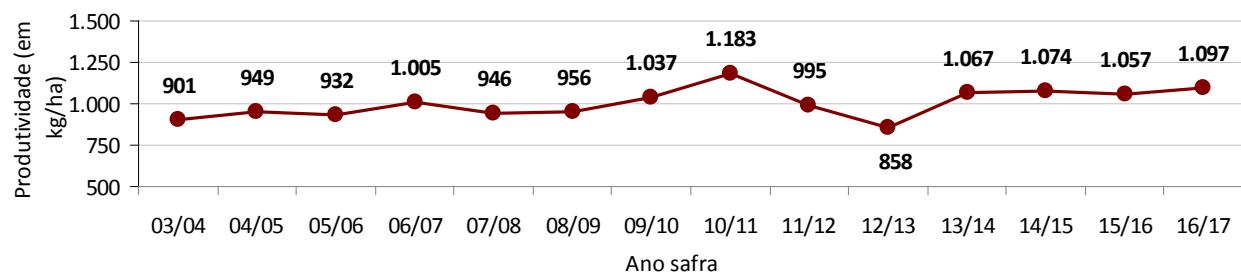
Fonte: Conab.

Gráfico 71 – Evolução da produtividade - Feijão/PR



Fonte: Conab.

Gráfico 72 – Evolução da produtividade -Feijão/Brasil



Fonte: Conab.



Tabela 2 – Estimativa de produtividade - Brasil– Grãos

(Em kg/ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS		VARIAÇÃO	
	15/16 (a)	16/17 (b)	Percentual	Absoluta
			(b/a)	(b-a)
ALGODÃO - CAROÇO (¹)	2.028	2.352	16,0	324,0
ALGODÃO - PLUMA	1.350	1.566	16,0	216,0
AMENDOIM TOTAL	3.396	3.527	3,9	131,1
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.524	3.641	3,3	116,3
AMENDOIM 2ª SAFRA	1.873	2.135	14,0	261,7
ARROZ	5.281	5.762	9,1	480,7
FEIJÃO TOTAL	886	1.024	15,6	137,9
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.057	1.097	3,8	40,2
FEIJÃO 2ª SAFRA	696	876	25,9	180,3
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.037	1.234	19,0	197,0
GIRASSOL	1.216	1.379	13,4	162,5
MAMONA	477	653	36,9	176,0
MILHO TOTAL	4.189	5.192	24,0	1.003,7
MILHO 1ª SAFRA	4.799	4.941	3,0	142,0
MILHO 2ª SAFRA	3.877	5.323	37,3	1.446,3
SOJA	2.870	3.046	6,1	175,8
SORGO	1.782	2.642	48,3	860,7
SUBTOTAL	3.205	3.629	13,2	424,0
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS		VARIAÇÃO	
	2016 (a)	2017 (b)	Percentual	Absoluta
			(b/a)	(b-a)
AVEIA	2.687	2.687	-	-
CANOLA	1.615	1.615	-	-
CENTEIO	2.600	2.600	-	-
CEVADA	3.465	3.465	-	-
TRIGO	3.008	3.008	-	-
TRITICALE	2.785	2.785	-	-
SUBTOTAL	2.960	2.960	-	-
BRASIL (²)	3.194	3.600	12,7	406,4

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro 2016.





5. ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO (210,5 A 214,8 MILHÕES DE TONELADAS)

Neste primeiro levantamento, para a safra 2016/17, a produção estimada indica um volume entre 210,5 e 214,8 milhões de toneladas, variação entre 13 e 15,3% em relação à safra passada. Esse resultado representa um aumento na produção entre 24,2 e 28,5 milhões toneladas. Cabe ressaltar que este incremento é influenciado fortemente pela produtividade média das culturas que, nesta safra, recupera-se da influência negativa das condições climáticas na safra passada.

A soja e o milho permanecem como principais culturas produzidas no país. Os dois produtos correspondem a quase 90% do que é produzido. A soja deve alcançar uma produção acima de 100 milhões de toneladas, com intervalos entre 101,9 e 104 milhões de toneladas. O milho deve ficar em patamares acima de 80 milhões de toneladas, distribuídos entre primeira e segunda safra. A primeira safra deve ter um incremento razoável e alcançar entre 26,3 e 27,7 milhões de toneladas e, se confirmado, deve ser o primeiro incremento em relação à safra anterior dos últimos 5 anos, favorecidos pela demanda. A estimativa para a segunda safra é de 56,1 milhões de toneladas.

Tabela 3 – Estimativa de produção – Grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO			
	15/16(a)	16/17		Percentual		Absoluta	
		Lim Inferior (b)	Lim Superior (c)	(b/a)	(c/a)	(b-a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	1.936,5	2.116,4	2.229,2	9,3	15,1	179,9	292,7
ALGODÃO - PLUMA	1.288,8	1.408,5	1.483,6	9,3	15,1	119,7	194,8
AMENDOIM TOTAL	406,1	428,6	440,8	5,5	8,5	22,5	34,7
AMENDOIM 1ª SAFRA	388,8	408,8	421,0	5,1	8,3	20,0	32,2
AMENDOIM 2ª SAFRA	17,3	19,8	19,8	14,5	14,5	2,5	2,5
ARROZ	10.602,9	11.558,3	12.038,3	9,0	13,5	955,4	1.435,4
FEIJÃO TOTAL	2.513,9	2.981,4	3.052,3	18,6	21,4	467,5	538,4
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.034,2	1.157,1	1.227,8	11,9	18,7	122,9	193,6
FEIJÃO 2ª SAFRA	914,7	1.151,7	1.151,9	25,9	25,9	237,0	237,2
FEIJÃO 3ª SAFRA	565,5	672,6	672,6	18,9	18,9	107,1	107,1
GIRASSOL	62,3	70,5	70,5	13,2	13,2	8,2	8,2
MAMONA	14,4	18,9	20,6	31,3	43,1	4,5	6,2
MILHO TOTAL	66.694,0	82.346,9	83.809,8	23,5	25,7	15.652,9	17.115,8
MILHO 1ª SAFRA	25.853,6	26.270,0	27.732,9	1,6	7,3	416,4	1.879,3
MILHO 2ª SAFRA	40.840,7	56.076,9	56.076,9	37,3	37,3	15.236,2	15.236,2
SOJA	95.434,6	101.862,6	104.022,9	6,7	9,0	6.428,0	8.588,3
SORGO	1.031,5	1.529,8	1.529,8	48,3	48,3	498,3	498,3
SUBTOTAL	178.697,0	202.913,4	207.214,2	13,6	16,0	24.216,4	28.517,2
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO			
	2016 (a)	2017		Percentual		Absoluta	
		Lim Inferior (b)	Lim Superior (c)	(b/a)	(c/a)	(b-a)	(c-a)
AVEIA	782,6	782,6	782,6	-	-	-	-
CANOLA	76,7	76,7	76,7	-	-	-	-
CENTEIO	6,5	6,5	6,5	-	-	-	-
CEVADA	331,6	331,7	331,7	-	-	0,1	0,1
TRIGO	6.339,8	6.339,8	6.339,8	-	-	-	-
TRITICALE	64,9	64,9	64,9	-	-	-	-
SUBTOTAL	7.602,1	7.602,2	7.602,2	-	-	0,1	0,1
BRASIL (2)	186.299,1	210.515,6	214.816,4	13,0	15,3	24.216,5	28.517,3

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro 2016.



Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção – Produtos selecionados (*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %		Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(e/d)	(e/d)
NORTE	2.539,6	2.608,0	2.705,8	2,7	6,5	2.731	3.169	16,0	6.936,6	8.264,8	8.572,0	19,1	23,6
RR	39,9	52,8	54,7	32,3	37,1	3.900	3.750	(3,9)	155,6	197,7	205,4	27,1	32,0
RO	474,1	472,0	483,3	(0,4)	1,9	3.338	3.403	2,0	1.582,5	1.607,6	1.643,7	1,6	3,9
AC	52,4	52,4	54,1	-	3,2	2.065	2.042	(1,1)	108,2	106,7	110,8	(1,4)	2,4
AM	11,4	20,3	21,4	78,1	87,7	1.912	2.115	10,6	21,8	42,9	45,3	96,8	107,8
AP	4,6	4,3	4,3	(6,5)	(6,5)	891	884	(0,8)	4,1	3,8	3,8	(7,3)	(7,3)
PA	730,8	790,8	838,0	8,2	14,7	2.932	2.980	1,6	2.142,4	2.354,1	2.499,5	9,9	16,7
TO	1.226,4	1.215,4	1.250,0	(0,9)	1,9	2.383	3.251	36,4	2.922,0	3.952,0	4.063,5	35,2	39,1
NORDESTE	7.392,3	7.417,8	7.729,4	0,3	4,6	1.349	2.099	55,6	9.973,4	15.499,1	16.288,6	55,4	63,3
MA	1.420,1	1.428,3	1.474,0	0,6	3,8	1.748	2.487	42,3	2.481,7	3.551,9	3.667,4	43,1	47,8
PI	1.360,0	1.305,2	1.409,6	(4,0)	3,6	1.089	2.193	101,4	1.480,5	2.845,4	3.109,1	92,2	110,0
CE	850,3	850,3	850,3	-	-	267	589	120,7	227,4	501,1	501,1	120,4	120,4
RN	56,6	56,6	56,6	-	-	323	435	34,6	18,3	24,6	24,6	34,4	34,4
PB	173,1	173,1	173,1	-	-	191	370	93,9	33,1	64,1	64,1	93,7	93,7
PE	386,5	368,0	386,5	(4,8)	-	176	333	89,4	67,9	122,4	129,1	80,3	90,1
AL	61,6	61,6	61,6	-	-	722	818	13,3	44,5	50,4	50,4	13,3	13,3
SE	195,9	195,9	195,9	-	-	1.762	4.202	138,5	345,2	823,1	823,1	138,4	138,4
BA	2.888,2	2.978,8	3.121,8	3,1	8,1	1.826	2.530	38,6	5.274,8	7.516,1	7.919,7	42,5	50,1
CENTRO-OESTE	23.584,2	23.682,3	24.005,0	0,4	1,8	3.193	3.818	19,6	75.293,1	90.521,2	91.546,4	20,2	21,6
MT	14.001,5	14.071,1	14.206,6	0,5	1,5	3.101	3.752	21,0	43.425,2	52.848,2	53.261,5	21,7	22,7
MS	4.213,1	4.242,5	4.320,9	0,7	2,6	3.268	3.908	19,6	13.767,4	16.603,6	16.866,2	20,6	22,5
GO	5.213,9	5.213,0	5.321,3	-	2,1	3.366	3.877	15,2	17.549,7	20.248,7	20.594,6	15,4	17,4
DF	155,7	155,7	156,2	-	0,3	3.538	5.273	49,1	550,8	820,7	824,1	49,0	49,6
SUDESTE	5.311,6	5.292,5	5.443,8	(0,4)	2,5	3.665	3.932	7,3	19.467,0	20.808,7	21.411,6	6,9	10,0
MG	3.303,7	3.267,3	3.366,2	(1,1)	1,9	3.574	3.923	9,8	11.807,2	12.806,3	13.216,0	8,5	11,9
ES	24,4	24,4	24,4	-	-	2.098	1.775	(15,4)	51,2	43,3	43,3	(15,4)	(15,4)
RJ	4,1	4,1	4,1	-	-	1.976	1.854	(6,2)	8,1	7,6	7,6	(6,2)	(6,2)
SP	1.979,4	1.996,7	2.049,1	0,9	3,5	3.840	3.978	3,6	7.600,5	7.951,5	8.144,7	4,6	7,2
SUL	19.494,9	19.469,5	19.781,9	(0,1)	1,5	3.828	3.883	1,4	74.629,0	75.421,9	76.997,9	1,1	3,2
PR	9.682,0	9.626,7	9.782,1	(0,6)	1,0	3.687	3.834	4,0	35.695,6	36.859,2	37.556,6	3,3	5,2
SC	1.279,9	1.277,4	1.318,9	(0,2)	3,0	4.854	5.011	3,2	6.212,9	6.378,7	6.631,7	2,7	6,7
RS	8.533,0	8.565,4	8.680,9	0,4	1,7	3.835	3.769	(1,7)	32.720,5	32.183,9	32.809,5	(1,6)	0,3
NORTE/NORDESTE	9.931,9	10.025,8	10.435,2	0,9	5,1	1.703	2.376	39,5	16.910,0	23.763,9	24.860,6	40,5	47,0
CENTRO-SUL	48.390,7	48.444,3	49.230,7	0,1	1,7	3.500	3.857	10,2	169.389,1	186.751,8	189.955,9	10,3	12,1
BRASIL	58.322,6	58.470,1	59.665,9	0,3	2,3	3.194	3.600	12,7	186.299,1	210.515,7	214.816,5	13,0	15,3

Legenda: (*) Produtos selecionados: Caroço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2016.





7. CRÉDITO RURAL

Nesta parte, o objetivo é apresentar um resumo do comportamento do crédito de custeio para a safra 2016/17. A análise terá como suporte o Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro – Sicor, do Banco Central do Brasil (Bacen), cujo último acesso foi realizado em 03 de setembro de 2016, para o Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor – Pronamp, o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – Pronaf e o financiamento sem vínculo a programa específico. É importante registrar que o financiamento da agricultura tem outras fontes de crédito além da disponibilidade bancária.

Cabe comentar que a utilização do crédito de custeio pelo produtor, geralmente se inicia no primeiro semestre do ano safrinha em face da necessidade dos produtores em adquirir insumos para o início de plantio. No entanto, em razão do calendário de plantio de diversas culturas, além de outras características da agricultura nacional, o uso do custeio tende a ser observado durante todo o período anual.

Inicialmente, pode-se comentar que a utilização do crédito de custeio em 2016 é superior aos anos anteriores, com crescimento aproximado de 13% em relação a 2015, 5% se comparado com 2014 e 29% em relação a 2013.

Com relação ao Pronaf (Gráfico 73), o valor disponibilizado até agosto é 3% superior ao crédito utilizado no mesmo período do ano de 2015. Deve-se comentar que o crédito de 2016 é o maior valor registrado desde

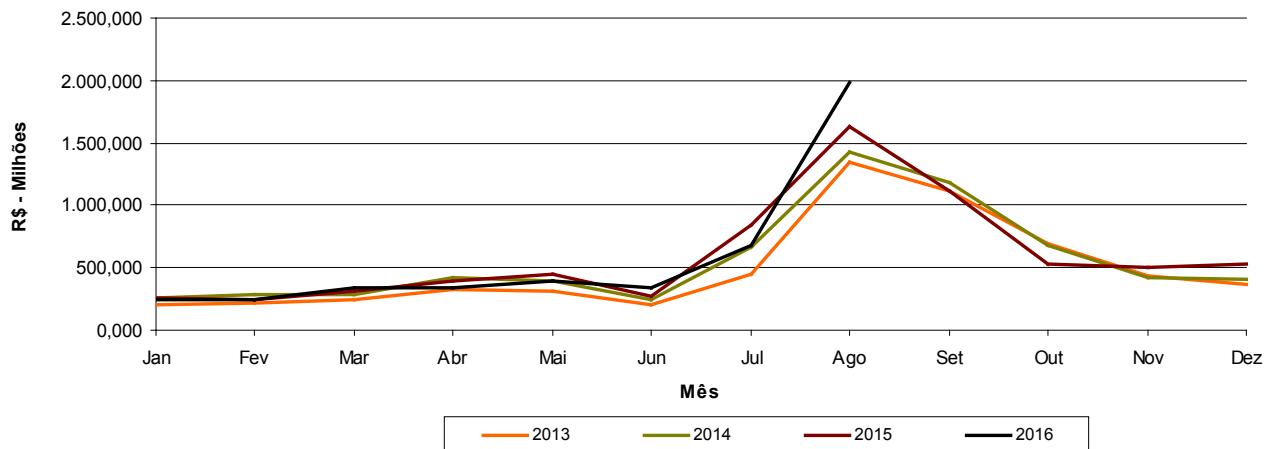
2013 (incremento de 37%).

No período analisado, o Pronamp (Gráfico 74), tem crescimento de 62% em relação ao uso de crédito em 2013. No financiamento sem vínculo a programa específico (Gráfico 75), percebe-se que os valores são com-

patíveis com o ano de 2014.

O comportamento do crédito retoma o procedimento natural, pois em 2015 houve atrasos na sua disponibilidade ao público-alvo.

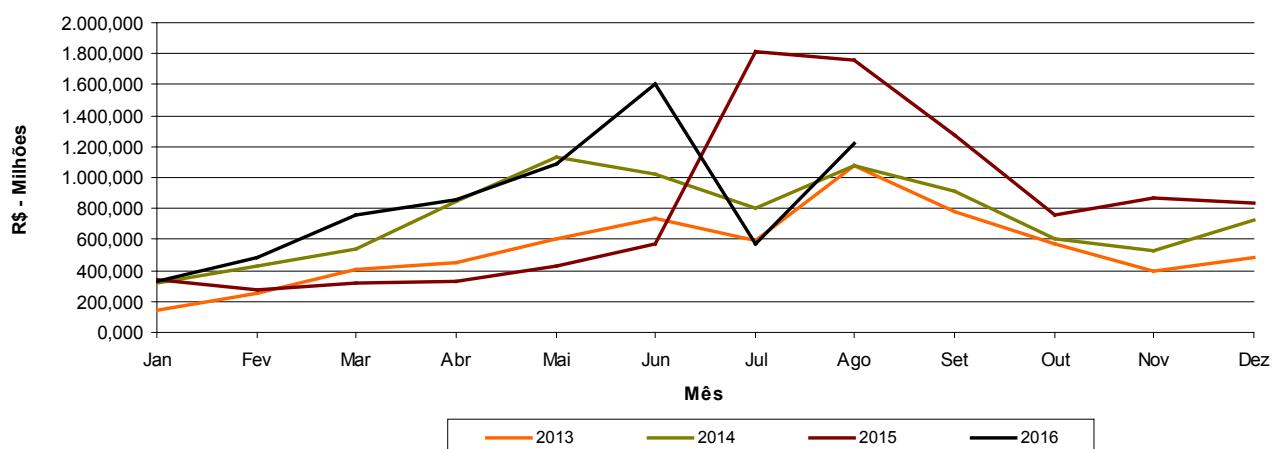
Gráfico 73 – Financiamento Pronaf - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a agosto de 2016

Gráfico 74 – Financiamento Pronamp - Crédito

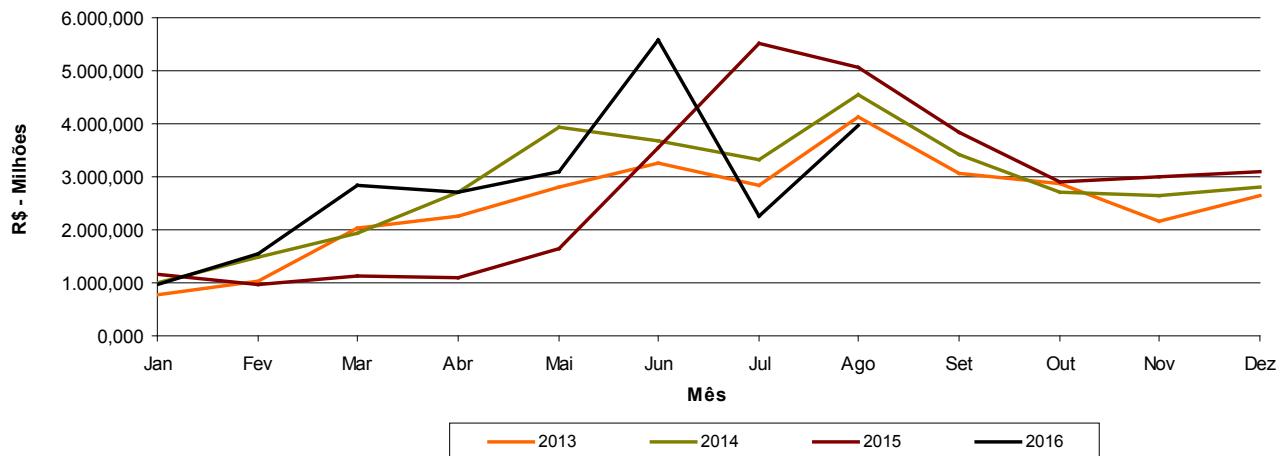


Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a agosto de 2016



Gráfico 75 – Financiamento sem vínculo a programa específico - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a agosto de 2016

As análises seguintes serão particularizadas para os produtos arroz, feijão, milho e soja, tendo como fonte

as informações do crédito rural obtidas do Sicor/Bacen, nos anos de 2013 a 2016.

7.1. ARROZ

A Tabela 5 e os Gráficos 76 a 78 apresentam os valores de crédito por tipo de financiamento exclusivamente para o produto arroz. Pode-se observar que o crédito é pouco utilizado pela agricultura familiar. A concen-

tração está no financiamento sem vínculo específico. A utilização no período de janeiro a agosto é inferior, em termos nominais, a 2014 e 2013. O uso do crédito é compatível com o calendário agrícola..

Tabela 5 - Arroz - Tipo de financiamento

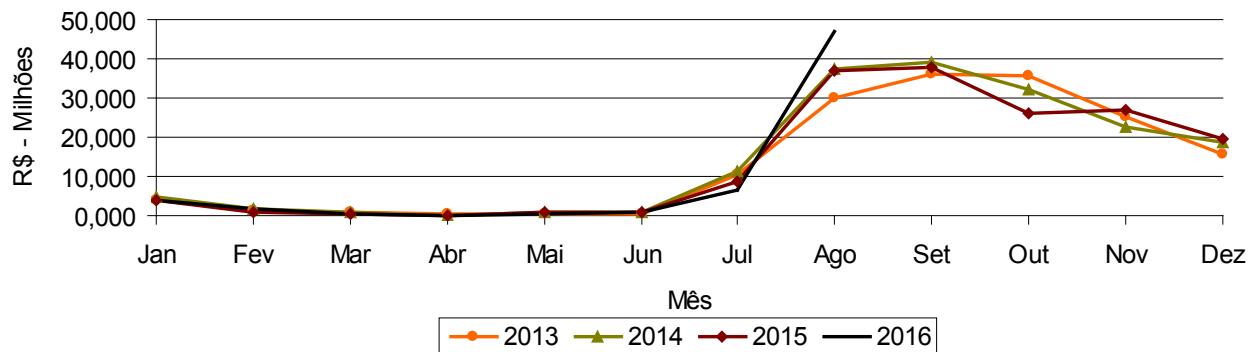
2013													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	3.845	1.344	0.932	0.329	0.581	0.576	10.451	29.987	36.163	35.706	25.149	15.774	160.837
Pronamp	1.167	2.315	5.622	13.687	27.506	71.349	60.418	110.284	68.945	51.847	26.624	15.930	455.695
Sem Vinc. Espec.	7.563	7.884	28.671	48.903	106.743	139.398	137.323	255.515	136.291	149.065	75.771	58.716	1.151.842
Total Global	12.575	11.542	35.226	62.919	134.829	211.324	208.192	395.786	241.399	236.618	127.544	90.420	1.768.374
2014													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	4.768	1.948	0.749	0.206	0.780	0.943	11.322	37.508	39.326	32.323	22.748	18.778	171.399
Pronamp	2.113	2.463	8.676	36.299	85.768	90.492	84.156	98.355	65.990	38.414	24.523	20.098	557.347
Sem Vinc. Espec.	6.086	16.419	47.479	92.974	165.884	178.660	182.770	259.603	180.269	94.427	71.581	61.306	1.357.460
Total Global	12.967	20.831	56.904	129.479	252.431	270.095	278.248	395.467	285.586	165.164	118.852	100.182	2.086.206
2015													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	4.005	0.717	0.371	0.185	0.676	1.031	8.861	36.829	37.890	26.089	26.982	19.486	163.122
Pronamp	1.339	1.508	1.137	2.527	5.635	21.206	115.686	175.579	120.663	61.099	41.620	30.567	578.567
Sem Vinc. Espec.	14.551	1.089	10.859	12.888	26.916	90.520	299.005	342.435	216.506	147.112	112.377	87.060	1.361.318
Total Global	19.895	3.314	12.367	15.599	33.228	112.758	423.552	554.843	375.059	234.300	180.979	137.113	2.103.007
2016													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
4.029	4.029	1.587	0.294	0.176	0.405	0.894	6.677	47.116					61.179
3.371	3.371	6.985	20.970	30.528	39.730	109.444	40.275	100.682					351.984
12.147	12.147	30.121	73.082	88.481	93.317	214.308	46.786	215.657					773.898
19.548	19.548	38.693	94.345	119.185	133.452	324.646	93.738	363.455					1.187.061
Total Global	1.581.802	2.297.792	3.937.343	3.963.498	4.596.318	7.520.156	3.501.882	7.173.223					34.572.013

Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a agosto de 2016



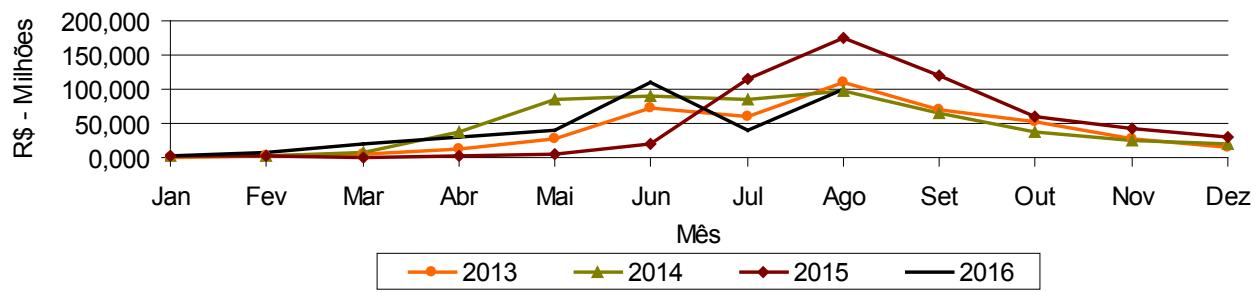
Gráfico 76 – Arroz – Pronaf - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a agosto de 2016

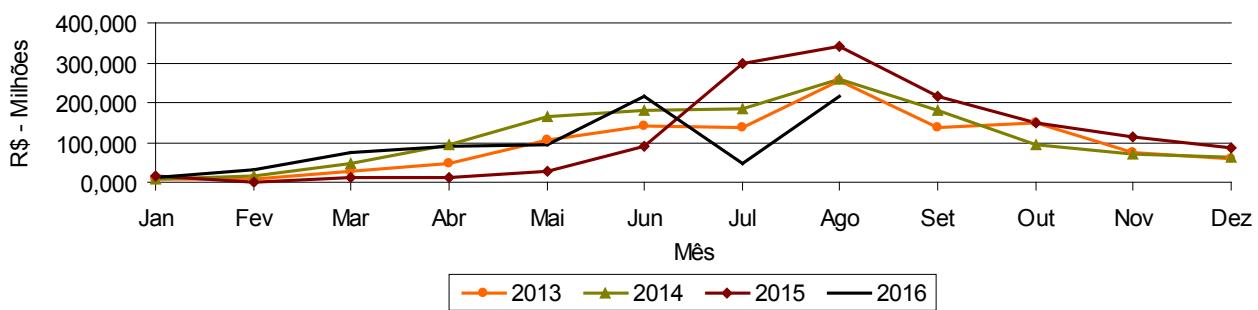
Gráfico 77 – Arroz – Pronamp - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a agosto de 2016

Gráfico 78 – Arroz - Financiamento sem vínculo a programa específico - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a agosto de 2016



A Tabela 6 apresenta os valores de crédito disponibilizado por região, exclusivamente para o produto arroz e o Gráfico 79 representam o comportamento do uso do crédito na principal região produtora (Sul). Pode-se explicar o excesso de concentração do crédito a partir

da tendência de redução do uso do arroz para abertura de área de produção e do menor investimento do produtor em razão, principalmente, pela opção por culturas mais rentáveis e de maior liquidez.

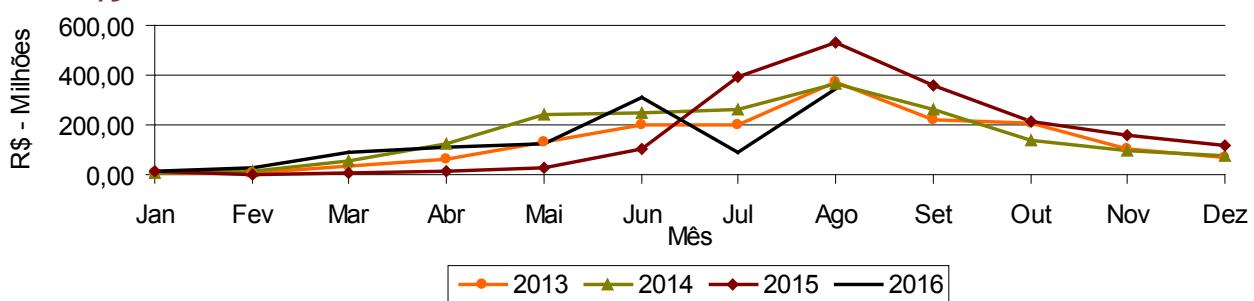
Tabela 6 – Arroz – Região - Crédito

2013														
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total	
CENTRO OESTE	1,220			0,086	1,555	6,987	5,076	10,837	5,659	7,342	5,918	4,666	49,346	
NORDESTE	1,777	0,790	0,455	0,333	5,337	1,555	0,471	3,026	5,111	4,456	6,012	6,088	35,410	
NORTE	0,386	0,584	0,488	0,118	0,058	5,571	3,514	11,399	10,159	15,805	11,335	11,330	70,746	
SUDESTE	0,016	0,012	0,070		0,140	0,213	1,235	1,248	0,682	0,763	0,510	0,440	5,330	
SUL	9,175	10,156	34,213	62,381	127,740	196,998	197,896	369,275	219,788	208,253	103,770	67,897	1.607,542	
Total Global	12,575	11,542	35,226	62,919	134,829	211,324	208,192	395,786	241,399	236,618	127,544	90,420	1.768,374	
2014														
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total	
CENTRO OESTE	1,255	0,311	1,163	2,942	3,963	7,210	8,657	10,422	5,692	4,218	7,488	5,957	59,280	
NORDESTE	3,300	2,241	0,665	0,077	0,620	4,691	1,226	1,655	3,208	7,428	6,184	3,703	34,998	
NORTE	1,371	1,304	0,067	3,839	8,813	6,240	7,147	15,574	12,810	12,625	11,264	11,797	92,852	
SUDESTE	0,071	0,102	0,070		0,202	1,002	1,224	1,080	0,261	0,730	0,673	0,688	6,104	
SUL	6,969	16,872	54,939	122,620	238,833	250,952	259,995	366,736	263,615	140,162	93,242	78,037	1.892,973	
Total Global	12,967	20,831	56,904	129,479	252,431	270,095	278,248	395,467	285,586	165,164	118,852	100,182	2.086,206	
2015														
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total	
CENTRO OESTE	1,128	0,759	2,430	1,735	1,931	3,116	2,465	6,626	3,749	4,324	3,461	3,702	35,427	
NORDESTE	1,899	0,397	0,422	0,827	0,157	0,922	1,851	1,340	3,792	2,993	2,259	4,650	21,510	
NORTE	2,493	0,552	0,674		3,762	2,919	22,603	13,439	10,765	9,997	15,307	7,975	90,487	
SUDESTE	0,095	0,109		0,097	0,401	0,252	1,099	1,621	0,680	0,425	0,534	0,930	6,244	
SUL	14,280	1,496	8,842	12,939	26,977	105,548	395,534	531,817	356,073	216,561	159,417	119,855	1.949,339	
Total Global	19,895	3,314	12,367	15,599	33,228	112,758	423,552	554,843	375,059	234,300	180,979	137,113	2.103,007	
2016														
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total	
CENTRO OESTE	2,172	0,613	2,002	5,571	2,565	5,264	1,972	7,318						27,477
NORDESTE	2,763	1,274	0,936	0,223	0,240	1,294	0,058	1,801						8,588
NORTE	1,292	6,190	0,781	0,865	4,336	7,656	0,621	10,817						32,558
SUDESTE	0,036	0,012	0,100	0,130	0,000	1,064	1,185	1,147						3,674
SUL	13,284	30,605	90,527	112,396	126,311	309,368	89,901	342,402						1.114,794
Total Global	19,548	38,693	94,345	119,185	133,452	324,646	93,738	363,485						1.187,091

Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a agosto de 2016

Gráfico 79 – Arroz -Sul - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a agosto de 2016



6.2. MILHO

A Tabela 7 apresenta os valores de crédito, por tipo de financiamento, para o milho e os Gráficos de 80 a 82 representam a distribuição dos valores aportados pelos diferentes tipos de financiamento. Pode-se observar na tabela que os recursos do Pronaf representam 24% do total global, enquanto que o financiamento sem vínculo específico tem participação de 55% do total financiado, ficando o Pronamp com 21% dos financiamentos.

Observando o período de janeiro a agosto de 2016 e comparando com o mesmo período de 2015, 2014 e 2013, verifica-se que houve incremento de 22%, 19% e 17%, respectivamente, no total financiado pelo Pronaf. Em se tratando do Pronamp, o valor de 2016 é 27% superior ao ano de 2015, inferior a 2014 e 10% superior

a 2013. No caso de financiamento sem vínculo específico, o valor de 2016 é inferior a 2013 e 2014 e 12% superior ao de 2015.

O crescimento dos financiamentos em relação a 2015 (observar que a agricultura familiar o crescimento é em relação aos três últimos anos), pode ter relação com a queda da safra 2015/16, os reflexos dos preços internos e com a visão do produtor da oportunidade de plantio do milho na primeira safra. Mesmo com aumento em relação ao ano de 2015, pode-se comentar que a tendência dos produtores que utilizam as demais fontes de financiamento é no sentido de concentrar o plantio de milho na segunda safra, como se tem observado nos últimos anos safra. O uso do crédito é compatível com o calendário agrícola.

Tabela 7 – Milho -Tipo de financiamento - Crédito

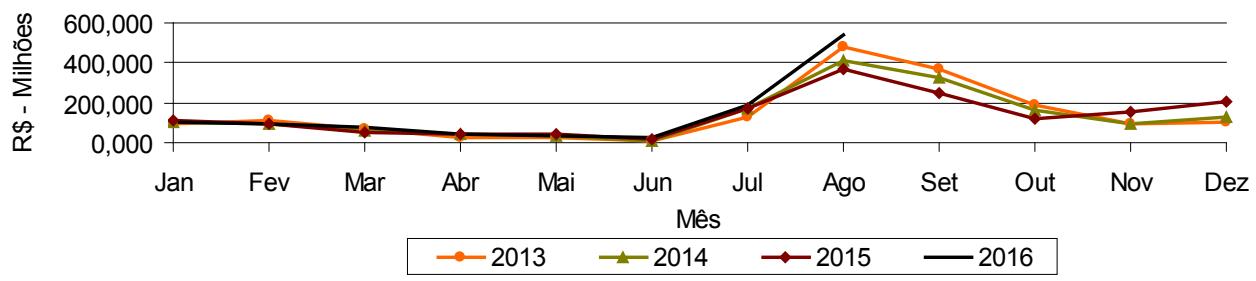
2013														
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total	
Pronaf	94,760	110,298	64,880	29,523	27,278	7,913	129,519	476,370	367,170	192,774	93,979	99,481	1.693,944	
Pronamp	76,307	164,616	190,501	69,677	67,530	64,512	69,739	127,948	86,786	53,099	76,464	197,772	1.244,952	
Sem Vinc. Espec.	177,725	322,249	430,123	286,503	295,619	394,150	328,763	461,147	317,591	378,552	475,142	737,385	4.604,946	
Total Global	348,791	597,163	685,505	385,703	390,426	466,576	528,021	1.065,464	771,548	624,425	645,585	1.034,637	7.543,842	
2014														
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total	
Pronaf	101,095	95,940	55,793	46,937	32,484	11,658	169,830	410,262	328,189	163,296	95,006	127,491	1.637,981	
Pronamp	168,894	192,567	125,913	92,120	99,270	74,733	70,599	104,459	81,811	48,868	134,026	335,482	1.528,743	
Sem Vinc. Espec.	307,599	379,921	293,703	294,414	398,304	317,531	342,905	389,107	299,291	218,811	645,995	1.088,766	4.976,346	
Total Global	577,588	668,429	475,409	433,471	530,058	403,923	583,334	903,827	709,290	430,975	875,027	1.551,739	8.143,069	
2015														
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total	
Pronaf	115,538	94,193	53,757	41,834	42,738	13,174	167,871	371,603	250,393	116,373	150,369	207,368	1.625,211	
Pronamp	152,397	119,086	93,858	52,737	36,561	35,681	102,682	121,807	80,518	73,141	347,327	374,234	1.590,029	
Sem Vinc. Espec.	355,189	317,768	280,835	166,847	140,260	271,767	363,813	327,073	239,967	354,121	1.006,974	1.104,415	4.929,028	
Total Global	623,124	531,047	428,450	261,417	219,559	320,623	634,365	820,483	570,878	543,636	1.504,670	1.686,018	8.144,269	
2016														
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total	
Pronaf	105,102	94,447	75,964	44,090	37,095	22,491	186,444	538,885						1.104,517
Pronamp	140,320	163,391	119,268	83,247	85,527	131,592	60,788	128,940						913,072
Sem Vinc. Espec.	342,664	314,096	319,889	238,405	262,242	497,498	180,182	350,644						2.505,620
Total Global	588,086	571,934	515,121	365,741	384,864	651,581	427,413	1.018,469						4.523,209

Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a agosto de 2016



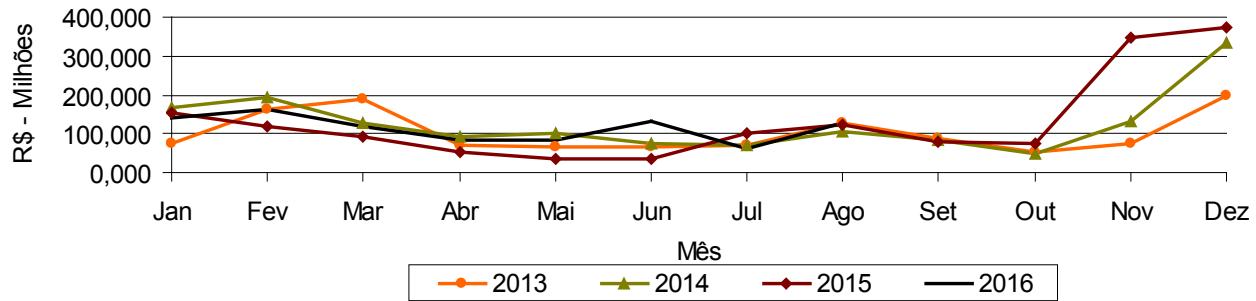
Gráfico 80 – Milho - Pronaf - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a agosto de 2016

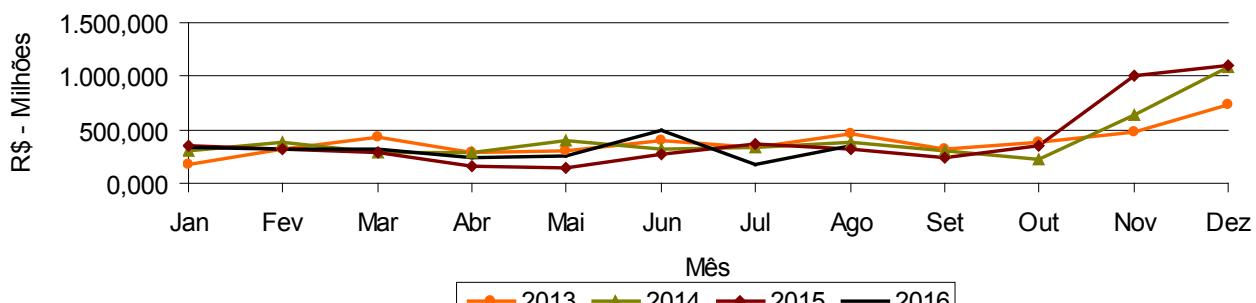
Gráfico 81 – Milho - Pronamp - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a agosto de 2016

Gráfico 82 – Milho - Financiamento sem vínculo a programa específico - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a agosto de 2016

A Tabela 8 apresenta os valores de crédito disponibilizado para cada região brasileira. Pode-se registrar que somente na Região Sul (Gráfico 83) é que há aumento do crédito no período analisado. Pode-se depreender

que o plantio dessa cultura nas outras regiões deve continuar com a posição do produtor em investir na segunda safra de milho.



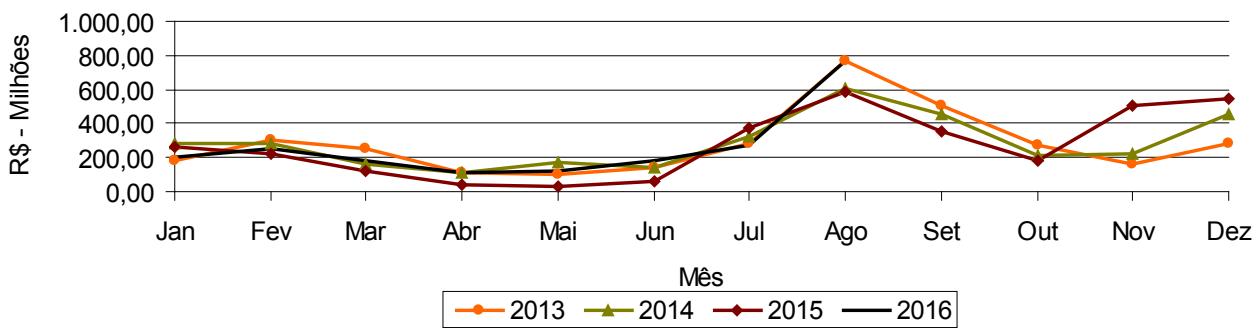
Tabela 8 – Milho – Região - Crédito

2013													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	120,181	224,094	320,330	117,933	87,183	98,024	64,033	75,589	72,304	153,529	327,269	531,925	2.192,395
NORDESTE	10,025	13,559	30,063	79,814	102,665	45,567	54,795	55,191	54,158	54,443	39,019	69,658	608,955
NORTE	6,039	3,258	1,915	2,266	7,102	3,067	8,543	7,380	9,167	8,780	13,617	11,465	82,598
SUDESTE	35,628	52,045	78,655	72,760	94,448	182,609	122,522	162,823	128,272	132,479	108,360	135,534	1.306,135
SUL	176,918	304,208	254,542	112,930	99,029	137,308	278,129	764,481	507,646	275,194	157,320	286,055	3.353,759
Total Global	348,791	597,163	685,505	385,703	390,426	466,576	528,021	1.065,464	771,548	624,425	645,585	1.034,637	7.543,842
2014													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	220,151	269,878	173,985	140,631	121,465	62,705	47,372	39,945	49,958	68,619	498,822	862,397	2.555,928
NORDESTE	13,321	22,046	49,362	94,642	96,355	60,182	70,253	117,419	80,892	32,516	36,469	48,689	722,146
NORTE	5,845	7,690	10,312	2,850	6,476	3,084	4,131	3,475	6,852	6,240	12,368	18,411	87,735
SUDESTE	57,542	89,401	76,832	81,649	135,979	140,898	139,337	139,967	117,418	114,752	106,650	165,469	1.365,894
SUL	280,730	279,414	164,917	113,698	169,782	137,054	322,240	603,021	454,170	208,847	220,719	456,774	3.411,367
Total Global	577,588	668,429	475,409	433,471	530,058	403,923	583,334	903,827	709,290	430,975	875,027	1.551,739	8.143,069
2015													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	264,863	233,281	194,520	97,574	65,864	81,334	73,943	56,197	37,728	214,941	818,073	890,840	3.029,158
NORDESTE	23,796	18,403	39,158	84,752	85,859	133,757	60,798	45,551	33,405	45,699	39,728	45,089	655,995
NORTE	4,593	6,864	10,150	4,652	5,160	4,317	5,097	1,912	3,181	7,437	16,207	22,874	92,444
SUDESTE	71,788	51,920	60,595	31,832	32,355	41,872	117,257	129,177	141,285	90,903	125,890	186,514	1.081,388
SUL	258,085	220,578	124,027	42,606	30,321	59,342	377,270	587,646	355,279	184,655	504,773	540,701	3.285,284
Total Global	623,124	531,047	428,450	261,417	219,559	320,623	634,365	820,483	570,878	543,636	1.504,670	1.686,018	8.144,269
2016													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	295,349	225,408	173,599	115,370	85,364	100,140	53,734	63,881					1.112,846
NORDESTE	11,352	15,222	70,307	92,190	121,692	183,415	33,824	62,622					590,623
NORTE	12,369	11,689	13,784	3,126	5,475	4,553	8,833	5,883					65,712
SUDESTE	71,467	70,702	78,929	43,748	48,336	184,193	53,418	119,178					669,970
SUL	197,550	248,914	178,501	111,308	123,997	177,283	277,604	766,904					2.082,061
Total Global	588,086	571,934	515,121	365,741	384,864	651,581	427,413	1.018,469					4.523,209

Fonte: Bacen

Nota: Janeiro de 2013 a agosto de 2016

Gráfico 83 – Milho – Sul - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a agosto de 2016



6.3. Soja

A Tabela 9 e os Gráficos 84 a 86 apresentam os valores de crédito por tipo de financiamento. No período de janeiro a agosto, o ano de 2016 registra o maior volume de crédito utilizado para o custeio da soja desde 2013. O crescimento percentual foi de 65%, 19% e 20%

em relação a 2013, 2014 e 2015, respectivamente. Tal crescimento está relacionado, possivelmente, com a opção do produtor em investir no plantio da soja em detrimento de outras culturas, principalmente pela sua liquidez.

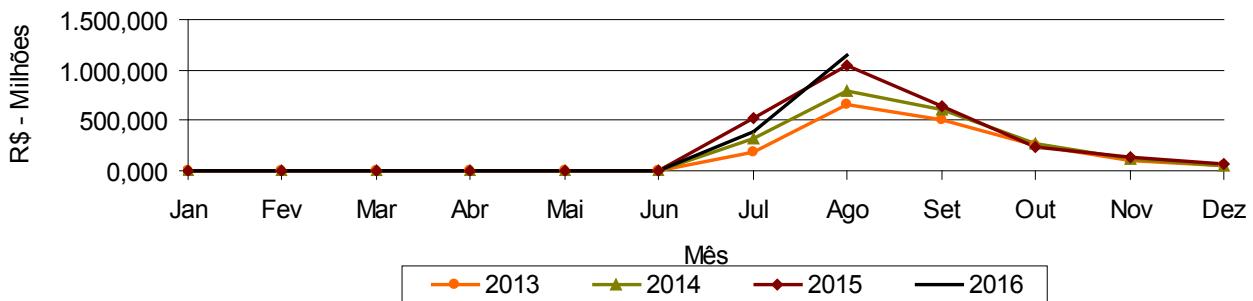
Tabela 9 – Soja - Tipo de financiamento – Crédito

2013														
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total	
Pronaf	4.751	1.467	0.726	1.139	2.653	3.576	193.777	650.843	511.937	253.622	103.297	42.741	1.770.528	
Pronamp	3.747	8.702	67.202	161.695	290.483	411.627	365.986	635.072	435.021	274.779	115.944	57.234	2.827.493	
Sem Vinc. Espec.	86.942	165.000	667.282	867.817	1.283.480	1.457.532	1.388.044	2.048.040	1.204.194	938.132	552.896	566.786	11.226.145	
Total Global	95,440	175,169	735,210	1.030,651	1.576,616	1.872,736	1.947,807	3.333,954	2.151,152	1.466,533	772,137	666,762	15.824,166	
2014														
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total	
Pronaf	7.152	1.390	0.600	2.495	3.734	5.024	328.436	793.491	611.334	266.895	110.274	52.087	2.182.912	
Pronamp	6.757	35.632	112.346	349.010	581.654	582.200	490.606	642.244	518.389	260.953	122.278	70.652	3.772.721	
Sem Vinc. Espec.	116.339	339.208	866.351	1.451.881	1.936.186	1.902.243	1.876.182	2.368.613	1.528.595	985.373	643.021	445.484	14.459.477	
Total Global	130,248	376,230	979,298	1.803,387	2.521,574	2.489,467	2.695,225	3.804,347	2.658,318	1.513,221	875,573	568,224	20.415,110	
2015														
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total	
Pronaf	7.669	6.436	0.128	0.511	7.157	6.532	522.427	1.038.636	637.686	240.261	129.106	62.993	2.659.541	
Pronamp	9.614	6.752	3.944	10.889	99.323	231.376	1.454.834	1.195.793	726.419	286.496	152.344	91.275	4.269.058	
Sem Vinc. Espec.	86.447	90.232	156.357	254.010	447.871	1.565.768	4.094.383	3.427.344	2.048.741	1.079.141	706.980	691.338	14.648.612	
Total Global	103,730	103,420	160,428	265,410	554,351	1.803,676	6.071,644	5.661,773	3.412,846	1.605,898	988,430	845,605	21.577,211	
2016														
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total	
Pronaf	6.646	2.366	0.573	1.391	3.204	7.541	392.546	1.151.481						1.565.747
Pronamp	11.745	111.419	332.896	452.902	657.907	958.236	356.151	745.852						3.627.107
Sem Vinc. Espec.	127.606	653.454	1.498.528	1.627.274	1.836.219	3.341.123	1.112.885	2.343.650						12.540.738
Total Global	145,997	767,238	1.831,996	2.081,567	2.497,329	4.306,900	1.861,582	4.240,983						17.733,592

Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a agosto de 2016

Gráfico 84 – Soja - Pronaf - Crédito

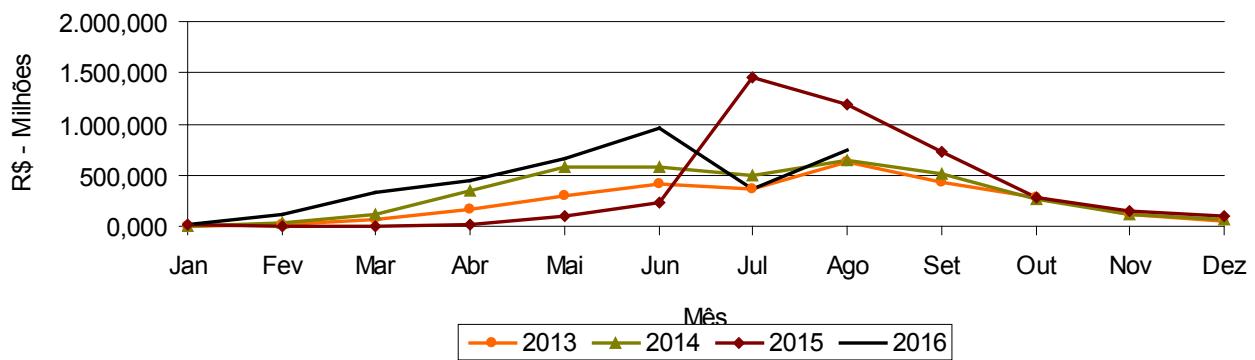


Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a agosto de 2016



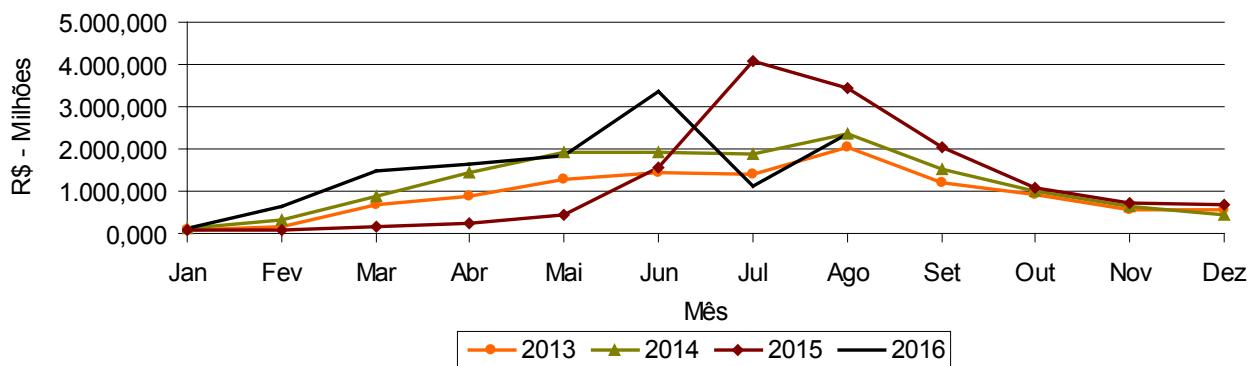
Gráfico 85 – Soja - Pronamp - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a agosto de 2016

Gráfico 86 – Soja - Financiamento sem vínculo a programa específico - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a agosto de 2016

A Tabela 6 apresenta, para o produto soja, os valores de crédito distribuídos nas diferentes regiões brasileiras. Pelo que se observa no ano de 2016, nas regiões Centro Oeste e Sul (Gráficos 87 e 88) são as principais

regiões atendidas, situação condizente com o padrão dos anos sob análise. Deve-se registrar que essas regiões são as principais produtoras de soja.



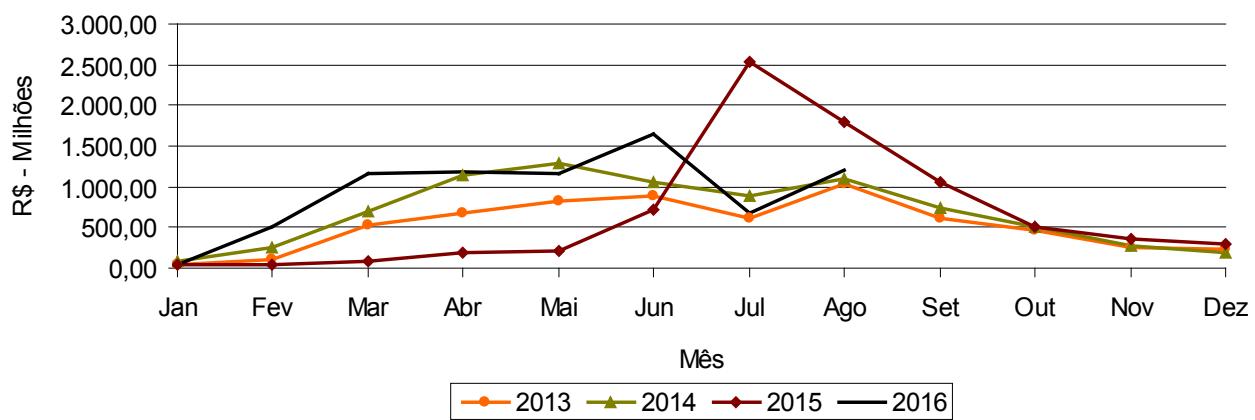
Tabela 10 – Soja – Região – Crédito

2013														
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total	
CENTRO OESTE	35.905	110.754	524.185	672.335	814.239	881.406	622.211	1.025.952	609.097	459.701	262.309	222.490	6.240.585	
NORDESTE	32.359	34.892	78.033	92.946	240.253	169.315	218.296	228.489	141.026	142.713	117.718	215.757	1.711.796	
NORTE	3.849	8.610	13.671	17.962	45.696	76.984	60.380	77.688	51.742	55.856	42.905	27.868	483.209	
SUDESTE	9.997	10.279	38.501	77.400	109.654	169.760	157.794	209.024	170.995	157.027	81.475	67.463	1.259.368	
SUL	13.330	10.634	80.819	170.007	366.774	575.272	889.125	1.792.802	1.178.293	651.237	267.731	133.184	6.129.208	
Total Global	95.440	175.169	735.210	1.030.651	1.576.616	1.872.736	1.947.807	3.333.954	2.151.152	1.466.533	772.137	666.762	15.824.166	
2014														
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total	
CENTRO OESTE	76.564	263.735	702.900	1.135.652	1.290.315	1.066.417	876.847	1.108.621	730.478	498.477	264.125	187.272	8.201.402	
NORDESTE	14.973	64.798	95.823	128.377	191.944	288.758	281.977	485.079	205.418	164.310	171.962	125.441	2.218.858	
NORTE	11.681	16.982	24.083	37.368	101.423	108.503	101.412	112.183	119.016	64.015	35.864	29.611	762.140	
SUDESTE	11.854	7.422	49.493	137.143	249.336	235.943	237.254	225.144	211.012	148.142	110.989	67.277	1.691.010	
SUL	15.176	23.293	106.999	364.848	688.555	789.847	1.197.734	1.873.321	1.392.394	638.276	292.632	158.624	7.541.699	
Total Global	130.248	376.230	979.298	1.803.387	2.521.574	2.489.467	2.695.225	3.804.347	2.658.318	1.513.221	875.573	568.224	20.415.110	
2015														
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total	
CENTRO OESTE	48.069	51.653	82.897	186.296	217.873	708.331	2.542.649	1.787.416	1.056.975	509.224	365.716	300.088	7.857.188	
NORDESTE	14.388	17.983	38.097	28.074	68.475	441.807	393.683	486.355	310.622	213.012	121.071	227.928	2.361.494	
NORTE	4.555	5.917	15.889	13.482	42.542	106.487	208.843	179.841	120.828	94.343	50.618	45.446	888.792	
SUDESTE	19.725	7.267	10.800	9.050	29.431	118.105	451.691	409.387	361.239	188.116	129.697	99.134	1.833.642	
SUL	16.993	20.600	12.745	28.508	196.030	428.947	2.474.777	2.798.774	1.563.182	601.202	321.328	173.010	8.636.095	
Total Global	103.730	103.420	160.428	265.410	554.351	1.803.676	6.071.644	5.661.773	3.412.846	1.605.898	988.430	845.605	21.577.211	
2016														
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total	
CENTRO OESTE	42.913	513.134	1.158.593	1.189.681	1.158.011	1.652.763	680.881	1.198.211						7.594.187
NORDESTE	62.263	44.046	96.596	152.590	262.609	855.280	174.161	347.474						1.995.018
NORTE	13.533	29.477	56.890	82.138	85.503	171.504	73.600	169.478						682.125
SUDESTE	13.192	27.854	82.266	123.987	151.612	504.456	123.825	230.351						1.257.543
SUL	14.096	152.727	437.651	533.171	839.594	1.083.351	809.114	2.295.469						6.165.173
Total Global	145.997	767.238	1.831.996	2.081.567	2.497.329	4.306.900	1.861.582	4.240.983						17.733.592

Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a agosto de 2016

Gráfico 87 – Soja – Centro-Oeste - Crédito

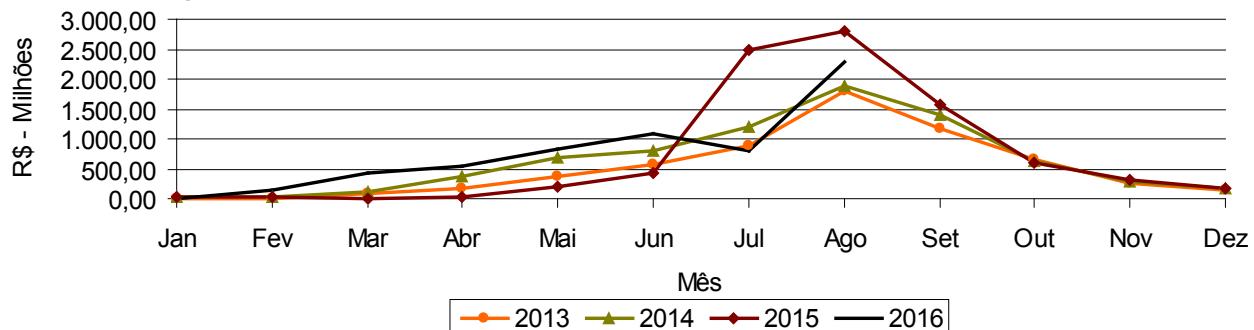


Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a agosto de 2016



Gráfico 88 – Soja – Sul - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a agosto de 2016

6.5. FEIJÃO

A Tabela 13 apresenta os valores de crédito, por tipo de financiamento, para a cultura do feijão e os Gráficos 89 a 92 representam a distribuição dos valores apontados pelos diferentes tipos de financiamento. No ano de 2016 os recursos do Pronaf representam 19% do total global; o Pronamp é 17% dos créditos concedidos e o financiamento sem vínculo específico tem participação de 64% do montante financiado.

Observando o período de janeiro a agosto de 2016 e comparando com o mesmo período de 2015, verifica-

se que houve incremento de 6% no total global financiado neste ano. O principal aumento é no Pronamp (20%), enquanto que o Pronaf e o financiamento sem vínculo específico tiveram incremento de 2% e 4%, respectivamente.

O crescimento dos financiamentos pode ter relação com a queda da safra 2015/16, os reflexos dos preços internos e com a visão do produtor da oportunidade de plantio da primeira safra de feijão. O uso do crédito é compatível com o calendário agrícola..

Tabela 11 – Feijão - Tipo de financiamento - Crédito

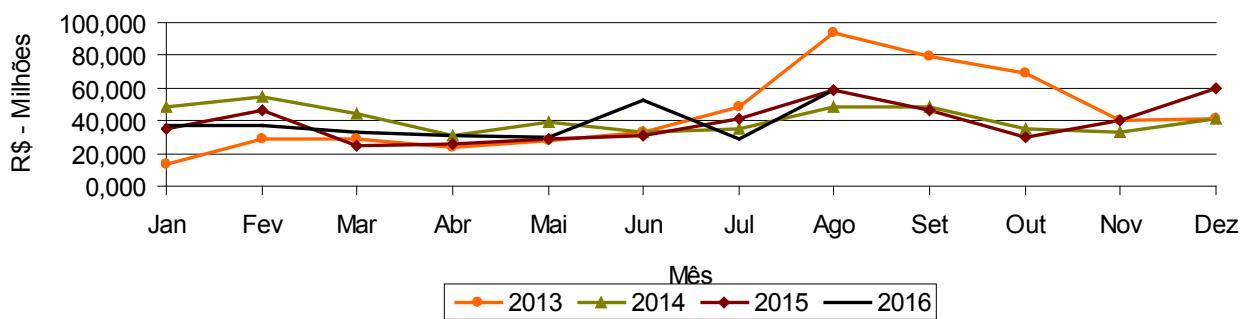
2013														
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total	
Pronaf	3,895	6,940	4,002	2,206	2,389	0,541	4,575	17,179	22,848	16,103	6,859	4,307	91,845	
Pronamp	2,495	5,748	3,732	1,233	2,035	2,906	5,363	10,189	9,441	8,264	3,572	3,593	58,571	
Sem Vinc. Espec.	7,364	16,634	21,555	19,918	23,364	29,409	38,713	66,742	46,722	44,368	30,054	33,382	378,225	
Total Global	13,753	29,322	29,289	23,356	27,788	32,856	48,651	94,111	79,011	68,735	40,485	41,283	528,641	
2014														
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total	
Pronaf	15,007	14,901	5,205	3,306	2,174	0,460	4,432	12,816	17,186	10,065	5,275	3,912	94,739	
Pronamp	9,034	10,670	7,318	5,259	4,188	4,164	3,798	6,886	6,032	4,294	3,251	5,807	70,701	
Sem Vinc. Espec.	23,971	29,345	31,637	22,023	32,819	28,290	26,930	29,101	25,458	20,783	24,061	31,521	325,940	
Total Global	48,012	54,917	44,159	30,588	39,181	32,914	35,160	48,803	48,676	35,142	32,587	41,241	491,380	
2015														
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total	
Pronaf	13,017	11,865	4,540	3,606	3,032	0,558	6,144	13,978	14,920	8,117	8,112	15,382	103,269	
Pronamp	6,516	8,595	3,306	2,285	2,162	2,343	8,414	10,391	7,891	4,536	6,798	12,546	75,784	
Sem Vinc. Espec.	15,064	26,196	16,968	19,751	23,232	27,979	26,652	33,920	23,242	17,081	25,417	31,858	287,360	
Total Global	34,598	46,655	24,814	25,642	28,426	30,880	41,210	58,288	46,053	29,734	40,326	59,787	466,413	
2016														
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total	
Pronaf	11,828	10,510	3,609	2,408	3,127	2,242	4,676	19,519						57,919
Pronamp	6,995	6,733	5,256	3,827	4,471	11,170	5,870	8,534						52,855
Sem Vinc. Espec.	18,467	20,236	23,726	25,100	22,144	39,467	18,661	30,708						198,510
Total Global	37,290	37,479	32,591	31,335	29,741	52,879	29,208	58,760						309,285

Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a agosto de 2016



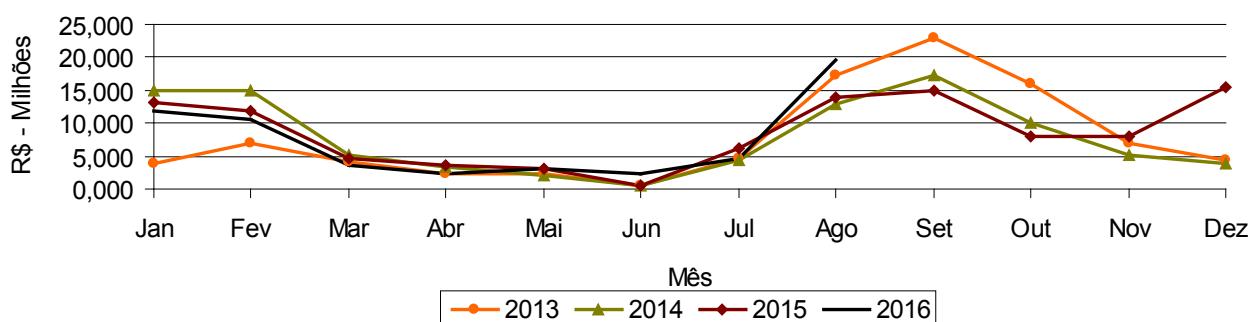
Gráfico 89 – Feijão – Total de financiamento



Fonte: Bacen

Nota: Janeiro de 2013 a agosto de 2016

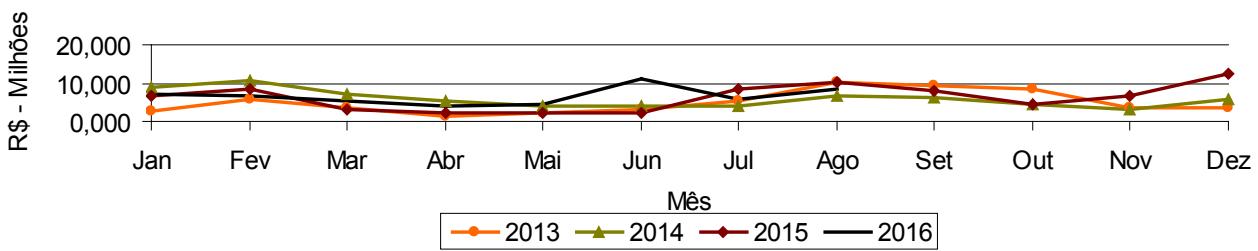
Gráfico 90 – Feijão - Pronaf - Crédito



Fonte: Bacen

Nota: Janeiro de 2013 a agosto de 2016

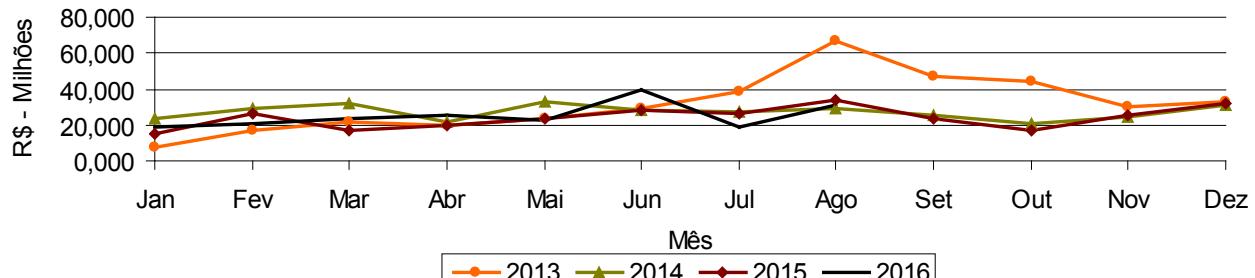
Gráfico 91 – Feijão - Pronamp - Crédito



Fonte: Bacen

Nota: Janeiro de 2013 a agosto de 2016

Gráfico 92 – Feijão - Financiamento sem vínculo a programa específico - Crédito



Fonte: Bacen

Nota: Janeiro de 2013 a agosto de 2016



A Tabela 14 contém as informações a respeito do crédito disponibilizado por região geográfica. Tomando por base o ano de 2016, a Região Centro-Oeste representa 18% do total do crédito e as Regiões Sudeste e Sul (Gráficos 93 e 94) têm a maior participação com

37% e 39%, respectivamente, que são as principais regiões produtoras de feijão primeira safra. O crescimento na Região Sul é de 3% em relação a 2015 e de 8% na Região Sudeste para o mesmo período.

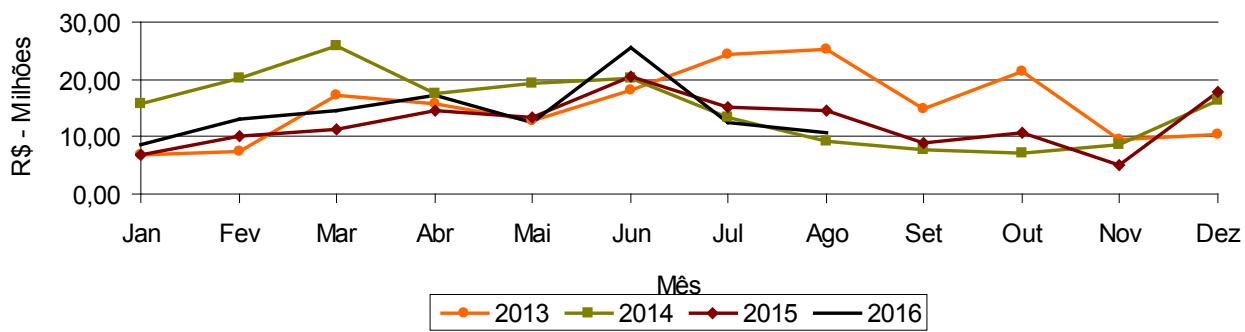
Tabela 12 – Feijão - Região - Crédito

2013														
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total	
CENTRO OESTE	0,177	4,757	4,002	3,367	9,318	9,762	7,092	13,347	9,786	10,195	12,649	15,865	100,318	
NORDESTE	0,639	5,128	1,461	1,902	3,493	1,742	2,097	5,982	8,246	2,680	1,800	2,591	37,760	
NORTE	0,003		0,505	0,509	1,002	0,536	0,300	0,370		0,500			3,725	
SUDESTE	6,764	7,291	17,144	15,823	12,892	18,097	24,360	25,284	14,861	21,515	9,640	10,445	184,115	
SUL	6,170	12,147	6,177	1,756	1,083	2,719	14,802	49,127	46,118	33,845	16,397	12,382	202,722	
Total Global	13,753	29,322	29,289	23,356	27,788	32,856	48,651	94,111	79,011	68,735	40,485	41,283	528,641	
2014														
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total	
CENTRO OESTE	3,803	6,466	4,367	5,352	9,609	4,528	9,327	11,677	6,153	6,590	7,819	11,157	86,849	
NORDESTE	0,311	2,167	2,513	2,207	4,082	1,764	1,349	3,260	2,238	1,974	1,715	3,226	26,805	
NORTE	0,264	1,974	1,000	0,595	0,219	0,201	0,550		0,083	0,200			5,086	
SUDESTE	15,758	20,118	25,800	17,480	19,401	20,185	13,407	9,205	7,821	7,122	8,503	16,431	181,230	
SUL	27,877	24,192	10,479	4,954	5,870	6,236	10,527	24,661	32,381	19,256	14,549	10,427	191,410	
Total Global	48,012	54,917	44,159	30,588	39,181	32,914	35,160	48,803	48,676	35,142	32,587	41,241	491,380	
2015														
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total	
CENTRO OESTE	1,607	7,313	3,800	4,610	9,848	7,184	4,537	5,428	2,849	0,956	4,178	5,020	57,331	
NORDESTE	0,549	0,790	1,619	4,279	2,811	0,559	3,190	3,106	1,628	1,108	3,197	2,217	25,054	
NORTE		2,163	1,095	0,431	0,311	0,959				0,151	2,052		7,162	
SUDESTE	6,917	10,109	11,327	14,480	13,239	20,497	15,268	14,482	8,902	10,654	4,922	17,756	148,554	
SUL	25,525	26,279	6,972	1,843	2,216	1,680	18,214	35,272	32,674	16,865	25,977	34,794	228,311	
Total Global	34,598	46,655	24,814	25,642	28,426	30,880	41,210	58,288	46,053	29,734	40,326	59,787	466,413	
2016														
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total	
CENTRO OESTE	6,913	4,394	9,633	8,974	7,179	13,678	4,569	1,658						56,997
NORDESTE	0,220	1,913	0,748	1,997	4,743	2,541	1,008	1,541						14,711
NORTE	0,381					0,309	0,109	0,099						0,898
SUDESTE	8,727	13,184	14,514	17,233	12,562	25,445	12,473	10,793						114,931
SUL	21,049	17,988	7,697	3,131	5,258	10,906	11,049	44,670						121,747
Total Global	37,290	37,479	32,591	31,335	29,741	52,879	29,208	58,760						309,285

Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a agosto de 2016

Gráfico 93 – Feijão– Sudeste - Crédito

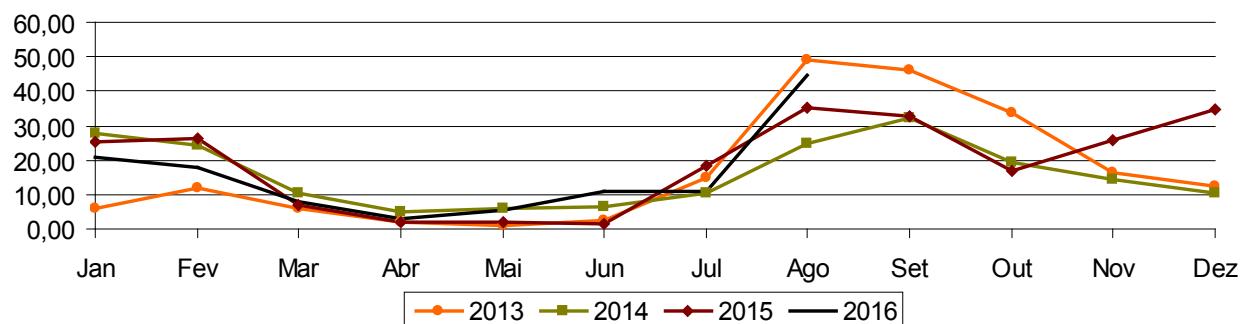


Fonte: Bacen

Nota: Janeiro de 2013 a agosto de 2016



Gráfico 94 – Feijão– Sul - Crédito



Fonte: Bacen

Nota: Janeiro de 2013 a agosto de 2016





8. MERCADO DE INSUMOS E CUSTOS DE PRODUÇÃO

O custo de produção agrícola é uma excepcional ferramenta de controle e gerenciamento das atividades produtivas e de geração de importantes informações para subsidiar as tomadas de decisões pelos produtores rurais.

Para administrar com eficiência e eficácia uma unidade produtiva agrícola é imprescindível, dentre outras variáveis, o domínio da tecnologia e do conhecimento dos resultados dos gastos com os insumos e serviços em cada fase produtiva da lavoura, que tem no custo um indicador importante das escolhas do produtor.

O custo de produção agrícola é, também, fundamental na gestão das atividades produtivas e de geração de importantes informações para auxiliar na formulação de estratégias pelo setor público e privado.

De forma resumida, a finalidade dos custos de produção são: mensurar as condições de concorrência com outros mercados; identificar diferenças competitivas entre regiões/países; estimar volume de recursos necessários para o financiamento de cada safra agrícola; prever os insumos e serviços necessários para o plantio; servir de instrumento de tomada de decisão governamental; ser um dos principais parâmetros para fixação dos preços mínimos e dimensionar a renda e a rentabilidade do setor agrícola. Na tabela abaixo, demonstra-se os resultados dos custos de produção variáveis das principais culturas de verão, safra 2016/17,

base agosto de 2016, bem como os preços recebidos pelos produtos e a rentabilidade obtida, com o mes-

mo mês de referência:

Tabela 13– Comparação entre custo variável, preço recebido pelo produtor e rentabilidade (julho/2016)

2016						
Produto	Município	UF	Unidade de medida	Custo variável	Preço recebido	Rentabilidade
Algodão em Pluma	Barreiras	BA	R\$/@	50,72	85,00	34,28
Algodão em Pluma	Cristalina	GO	R\$/@	48,00	85,92	37,92
Algodão em Pluma	Chapadão do Sul	MS	R\$/@	49,81	81,00	31,19
Algodão em Pluma	Campo Novo do Parecis	MT	R\$/@	64,52	80,07	15,55
Arroz Irrigado	Pelotas	RS	R\$/50kg	35,49	50,67	15,18
Arroz Irrigado	Uruguaiana	RS	R\$/50kg	35,64	48,47	12,83
Feijão	Cristalina	GO	R\$/60kg	65,99	130,21	64,22
Feijão	Unaí	MG	R\$/60kg	83,18	421,00	337,82
Feijão	Campo Mourão	PR	R\$/60kg	100,95	403,33	302,38
Milho	Barreiras	BA	R\$/60kg	22,17	48,25	26,08
Milho	Balsas	MA	R\$/60kg	21,84	55,00	33,16
Milho	Campo Mourão	PR	R\$/60kg	19,25	34,74	15,49
Milho	Passo Fundo	RS	R\$/60kg	20,94	43,40	22,46
Milho	Unaí	MG	R\$/60kg	21,73	43,40	21,67
Milho	Chapadão do Sul	MS	R\$/60kg	16,61	31,80	15,19
Soja	Barreiras	BA	R\$/60kg	35,94	73,44	37,50
Soja	Brasília	DF	R\$/60kg	40,49	82,75	42,26
Soja	Cristalina	GO	R\$/60kg	36,35	78,42	42,07
Soja	Balsas	MA	R\$/60kg	36,88	86,07	49,19
Soja	Unaí	MG	R\$/60kg	41,46	77,76	36,30
Soja	Chapadão do Sul	MS	R\$/60kg	41,70	75,67	33,97
Soja	Campo Novo do Parecis	MT	R\$/60kg	42,46	75,38	32,92
Soja	Campo Mourão	PR	R\$/60kg	28,17	75,19	47,02
Soja	Cruz Alta	RS	R\$/60kg	37,74	76,70	38,96
Soja	Pedro Afonso	TO	R\$/60kg	39,24	75,60	36,36

Fonte: Conab.

8.1. FERTILIZANTES

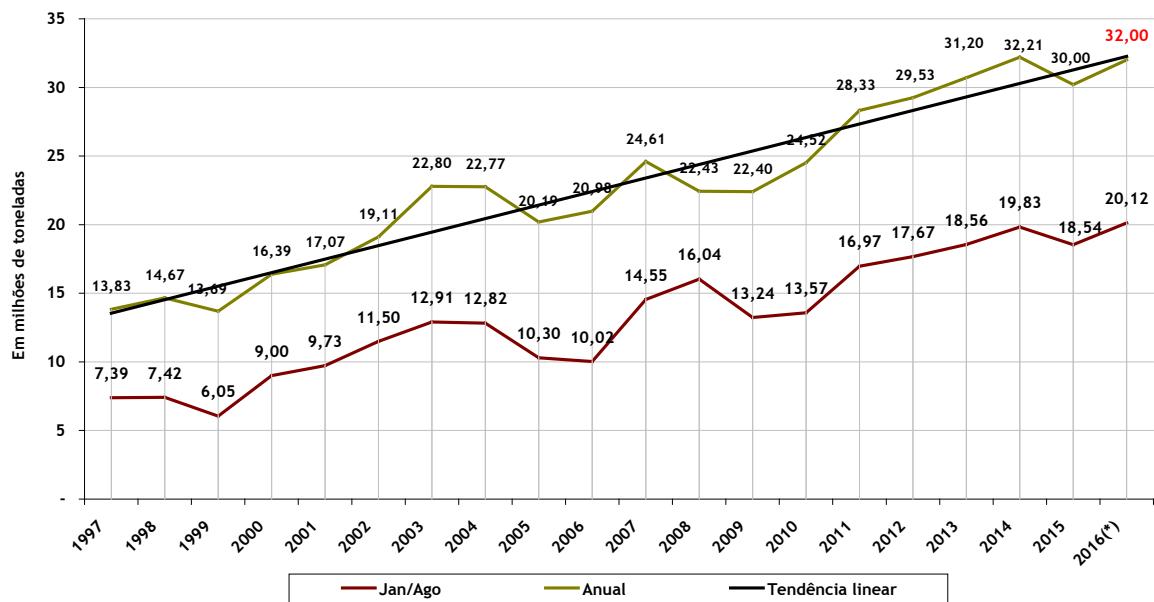
Em agosto 2016, as entregas de fertilizantes ao consumidor final totalizaram 3,59 milhões de toneladas, ou seja, elas foram 6,8% superiores aos 3,35 milhões de toneladas registradas em julho e representa o acréscimo de 0,57% em relação ao volume de 3,57 mil toneladas de agosto do ano passado.

No período de janeiro a agosto de 2016, as entregas somaram 20,12 milhões de toneladas, superior em 8,51%

do volume de igual período de 2015, quando foram comercializados 18,54 milhões de toneladas, recorde histórico até então registrado para o mesmo período. Esse aumento sinaliza, segundo estimativa da Conab, que as entregas totais deste ano alcançarão o volume de 32 milhões de toneladas, ou 5,95% acima dos 30,2 milhões de toneladas entregues em 2015, esse número até agora era considerado o recorde.



Gráfico 95– Fertilizantes entregues ao consumidor - 1997 a 2016



Fonte: Associação Nacional para Difusão de Adubos (ANDA).

Nota: (*) Produção 2016: - Estimativa da Conab.

Segundo informações da Associação Nacional para Difusão de Adubos (Anda), “o Mato Grosso mantém a liderança nas entregas, concentrando o maior volume do período analisado atingindo 2.995 mil toneladas, seguido pelo Paraná com 1.846 mil toneladas, São Paulo com 1.507 mil toneladas, Goiás com 1.387 mil toneladas e Minas Gerais com 1.309 mil toneladas”.

De acordo com analistas de mercado, o incremento das entregas de fertilizantes se deve principalmente pela recuperação nos preços recebidos pelos produtores para suas commodities e pela queda no dólar que influencia nas cotações desse insumo. Os números indicam que as vendas deste ano estejam no mesmo patamar do volume recorde entregue em 2014, ou até mesmo superior.

8.2. MÁQUINAS AGRÍCOLAS

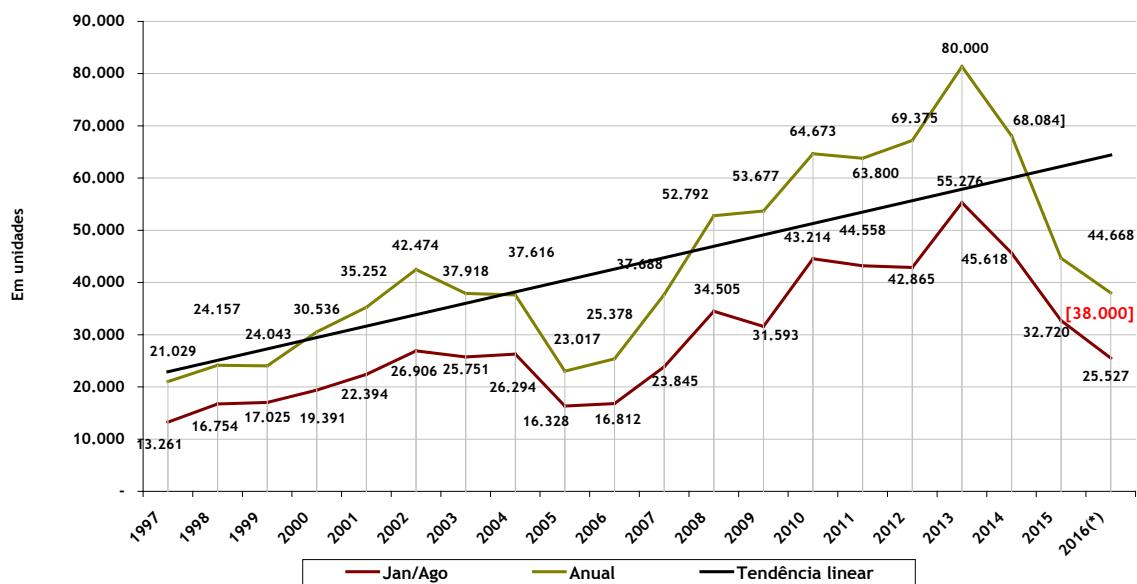
Em agosto de 2016 as vendas internas no atacado de máquinas agrícola (tratores de rodas e de esteiras, colheitadeiras, cultivadores motorizados e retroescavadeiras) foram de 4,5 mil unidades, superior em 12,49% ao volume comercializado em julho, que foi de 4 mil unidades. O acumulado do ano (janeiro a agosto), registra que as vendas foram de 25,5 mil máquinas, representando um decréscimo de 28,2% relativamente ao quantitativo comercializado em igual período do

ano anterior, que foi de 32,7 mil unidades.

A expectativa da Conab é de que se ocorra significativa queda no mercado doméstico para o ano de 2016, podendo as vendas chegarem a 38 mil máquinas, inferior em 17,5%, se comparado com o total comercializado de 44,7 mil unidades em 2015 e menor em 114,1% em relação ao recorde histórico que foi de 81,4 mil unidades vendidas em 2013.



Gráfico 96– Tratores e colheitadeira entregues ao consumidor - 1997 a 2016



Fonte: Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (ANFAVEA)

Nota: (*) Produção 2016: - Estimativa da Conab.

Segundo analistas de mercado, a retração dos negócios no mercado de máquinas agrícolas é atribuída a dois fatores: crédito mais restrito, juros mais elevados e baixa confiança dos produtores do consórcio e da modalidade de “relações de troca” (pagamento com grãos). A solução para o setor, em curto prazo, será buscar incrementar as vendas com exportações,

principalmente pela valorização do dólar. Ademais, os agricultores nacionais adquiriram máquinas novas com maior ênfase para o período entre 2011 e 2013, momento em que o mercado começou a trajetória de queda; entende-se, finalmente, que os produtores estão cautelosos para fazer novos investimentos nesse momento de retração econômica.





9. VAZIO SANITÁRIO

O vazio sanitário é definido como um período no qual é proibido cultivar, implantar, bem como manter ou permitir a presença de plantas vivas em qualquer fase de desenvolvimento. Neste período apenas áreas de pesquisa científica e de produção de sementes, devidamente monitorada e controlada, são liberadas para o cultivo. A medida é adotada com objetivo específico para cada cultura.

Na soja o vazio sanitário visa reduzir a quantidade de uredósporos (esporos que aparecem na fase epidêmica da doença) no ambiente durante a entressafra e, dessa forma, diminuir a possibilidade de incidência precoce da ferrugem asiática, doença causada pelo fungo *Phakopsora pachyrhizi*, que já provocou um prejuízo de bilhões de reais à sojicultura brasileira, seja pela perda de produtividade, seja pelo aumento do custo de produção. A pesquisa identificou que o tempo máximo de permanência da ferrugem asiática em plantas vivas (soja tiguera ou guaxa¹) é de 55 dias. Por isso, o período mínimo de vazio sanitário da soja é de 60 dias, podendo alcançar 90 dias em alguns estados. Atualmente 12 estados adotam o período do vazio sanitário regulamentado: Rondônia, Pará, Tocantins, Maranhão, Bahia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Distrito Federal, Minas Gerais, São Paulo e Paraná, além do Paraguai, país que também é produtor de soja e faz fronteira com o Brasil.

¹ As plantas voluntárias e/ou plantas daninhas que germinam por si só na lavoura, a partir de grãos perdidos na colheita e assim tornam-se hospedeiras de doenças

Apenas quatro estados produtores não adotam o vazio sanitário: Roraima, Piauí, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Em Roraima, segundo o Consórcio Antiferrugem/Sistema (www.cnpsos.embrapa.br/alerta), a doença ainda não foi detectada nas lavouras do estado. Isso se deve, provavelmente, devido a sua localização geográfica e sua diferente época de semeadura (maio a junho), em relação ao restante do país (outubro a dezembro) e por isso não adota o vazio sanitário. No Piauí a região produtora sofre escassez de chuvas e temperaturas elevadas na entressafra, o que torna o ambiente desfavorável ao desenvolvimento da doença (Meyer, 2007), uma vez que nessas condições a soja tiguera não sobrevive. De acordo com o Consórcio Antiferrugem, não houve relato de foco da doença nas

últimas safras no estado. No Rio Grande do Sul e Santa Catarina as baixas temperaturas (geadas) na entressafra também são desfavoráveis à permanência de soja tiguera, então se optou pelo não estabelecimento do vazio sanitário, o que ocorre também na Argentina. Um ponto preocupante, quanto ao manejo da doença, é a situação da Bolívia, onde não ocorre o vazio sanitário e as frequentes correntes de vento, que sopram do Pacífico e do sul da América do Sul, trazem esporos para as lavouras no Brasil (Faep, 2008), sendo fonte de inóculo para os cultivos de verão, especialmente em Mato Grosso. Na Bolívia são feitas, pelo menos, duas safras por ano (verão e inverno), com ocorrência de fortes epidemias de ferrugem asiática, que encontra hospedeiro o ano todo (Faep, 2008).

Quadro 1 – Período de vazio sanitário para a soja

UF	JUN		JUL		AGO		SET		OUT		NOV		Início	Fim
	1 ^a Quinz.	2 ^a Quinz.												
RO													15/06	15/09
PA/Sul													15/07	15/09
PA/Nordeste													01/09	30/10
PA/Noroeste													01/10	30/11
TO													01/07	30/09
MA/Norte													15/09	15/11
MA/Sudeste													15/08	15/10
BA - sequeiro													15/08	30/09
BA - irrigado													15/08	30/09
MT													15/06	15/09
MS														
GO														
DF													01/07	30/09
MG														
SP													15/06	15/09
PR													01/06	30/08
PARAGUAI														

Legenda: PA/Sul: microrregiões de Conceição do Araguaia, Redenção, Marabá, São Félix do Xingu, Parauapebas, Itaituba (com exceção dos municípios de Rurópolis e Trairão) e de Altamira (Distritos e Castelo de Sonhos e Cachoeira da Serra).

PA/Nordeste: microrregiões de Paragominas, Bragança, Guamá, Torné-Açu, Salgado, Tucuruí, Castanhal, Arari, Salgado, Belém, Cametá, Furos de Breves e de Portel

PA/Noroeste: microrregião de Santarém, Almeirim, Óbidos, Itaituba (municípios de Rurópolis e Trairão), e de Altamira (com exceção dos Distritos de Castelo de Sonhos e Cachoeira da Serra).

MA/Norte: Baixada Maranhense, Caxias, Chapadinha, Codó, Coelho Neto, Gurupi, Itapecuru Mirim, Pindaré, Presidente Dutra, Rosário, Paço do Lumiar, S. J. de Ribamar e São Luis.

MA/Sudeste: Alto Mearim, Grajaú, Balsas, Imperatriz e Porto Franco.

Fonte: Conab

Para o algodão, o vazio sanitário é uma das medidas fitossanitárias para a prevenção e controle do Bicudo do Algodeiro (*Anthonomus grandis*), visando proteger a produção do estado de prejuízos ocasionados pela praga. Considerado a principal praga da cultura, além de grande capacidade destrutiva, possui habilidade para permanecer nessas lavouras durante a entressafra. Ela foi responsável pela migração do cultivo da cultura do Paraná para o Centro-Oeste do país. No início da década de 90 este estado era o maior pro-

dutor nacional, cultivando mais de 700 mil hectares, enquanto em Mato Grosso, por exemplo, plantava-se cerca de 30 mil hectares. Na safra 2014/15 o Mato Grosso, maior produtor do país, plantou 562,7 mil hectares, enquanto a área do Paraná não chega a 1.000 hectares. Dos estados que adotam o vazio sanitário, a Bahia é o único onde ele é opcional. Os outros que também adotam o período de vazio sanitário são: Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais, São Paulo e Paraná



Quadro 2 – Período de vazio sanitário para o algodão

UF	JUL		AGO			SET			OUT			NOV			DEZ			JAN		Início	Fim
	2ª Dez	3ª Dez	1ª Dez	2ª Dez																	
BA – Extremo Oeste																				20/09	20/11
BA – Centro-Sul ¹																				20/09	20/11
MT																				01/10	30/11
MS																				15/09	30/11
GO 1																				05/09	25/11
GO 2																				10/09	30/11
GO 3																				15/09	05/12
GO 4																				20/08	10/11
GO 5																				01/11	20/01
MG																				20/09	20/11
SP																				10/07	10/10
PR																				10/07	20/09

Legenda: GO 1: Acreúna, Bom Jesus de Goiás, Buriti Alegre, Cachoeira Dourada, Campo Alegre de Goiás, Cesária, Edealina, Edeia, Firminópolis, Goiatuba, Inaciolândia, Indiara, Ipameri, Jandaia, Itumbiara, Joviânia, Maurilândia, Morrinhos, Palmeiras de Goiás, Palminópolis, Panamá, Piracanjuba, Pontalina, Porteirão, Santa Helena de Goiás, Santo Antônio da Barra, São João da Paraúna, Santo Antônio de Goiás, Trindade, Turvelândia, Vicentinópolis e as lavouras localizadas nos municípios de Paraúna e Caiapônia que estiverem abaixo de 600 metros de altitude.

GO 2: Chapadão do Céu, Doverlândia, Jataí, Mineiros, Montividiu, Rio Verde, Santa Rita do Araguaia, e as Lavouras localizadas em Paraúna e Caiapônia que estiverem acima de 600 metros de altitude.

GO 3: Perolândia, Portelândia e Mineiros, exceto a porção de área descontínua limítrofe com o município de Chapadão do Céu, que segue a mesma data de vazia de GO 2.

GO 4: Cocalzinho de Goiás, Cristalina, Formosa, Luziânia, Silvânia e Minaçu

GO 5: Britânia, Jussara, Matrinchá, Montes Claros de Goiás, Santa Fé de Goiás e São Miguel do Araguaia

Nota: (1) não haverá vazio sanitário, no entanto entre o dia 20/09 e 20/11 não serão permitidos a presença de estruturas reprodutivas (botão floral e maçã)

Fonte: Conab

Para o feijão, o vazio sanitário tem como objetivo o controle da mosca branca (*Bemisia tabaci*) e diminuir a quantidade de alimento para esse inseto, considerado uma das pragas mais prejudiciais para os produtores dessa cultura. A eliminação de plantas vivas neste período evita que o inseto se mantenha ativo e

provoque danos às próximas safras, uma vez que ele é vetor de doenças, como o vírus do mosaico dourado do feijoeiro e o transmite no momento da sucção da seiva da planta. Nesta safra, Goiás, Distrito Federal e Minas Gerais determinaram período de vazio sanitário para o feijão.

Quadro 3 – Período de vazio sanitário para o feijão

UF	AGO			SET			OUT			NOV			Início	Fim	
	1ª Dez	2ª Dez	3ª Dez	1ª Dez	2ª Dez	3ª Dez	1ª Dez	2ª Dez	3ª Dez	1ª Dez	2ª Dez	3ª Dez			
GO 1														05/09	05/10
GO 2														20/09	20/10
DF														20/09	20/10
MG 3														20/09	20/10

Legenda: GO 1: sudoeste, sul e sudeste;

GO 2: entorno do DF, Norte, Nordeste, Centro, Noroeste e Metropolitana de Goiania;

MG 3: noroeste

Fonte: Conab

O descumprimento de qualquer vazio sanitário acarreta multa ao produtor, interdição da propriedade e destruição do plantio. É de responsabilidade do produtor, proprietário, arrendatário ou ocupante das pro-

priedades produtoras de soja, algodão e/ou feijão, a eliminação das plantas durante o período do vazio sanitário, bem como a destruição de todos os restos culturais ou soqueira.



10.1. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICOS

MEYER, M. C. Relato da ferrugem asiática da soja nos Estados do Maranhão e Piauí, na safra 2006/07. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE FERRUGEM ASIÁTICA DA SOJA, X., 2007, Londrina. Anais... Londrina: EMBRAPA Soja.

FAEP - Federação da Agricultura do Estado do Paraná. Paraná implanta vazio sanitário da soja pela primeira vez. Boletim Informativo, n. 1008., Curitiba: junho de 2008.





10. MONITORAMENTO AGRÍCOLA: CULTURAS DE INVERNO (SAFRA 2016) E DE VERÃO (PRIMEIRA SAFRA – 2016/2017) - SETEMBRO/2016

O monitoramento agrícola, realizado quinzenalmente pela Companhia e divulgado nos boletins de acompanhamento de safra e no Boletim de Monitoramento Agrícola - BMA (<http://www.conab.gov.br/conteudos.php?a=1094&t=2>), constitui um dos produtos de apoio às estimativas de safras. O propósito do monitoramento é avaliar as condições atuais das lavouras em decorrência de fatores agronômicos e de eventos climáticos recentes, a fim de auxiliar na pronta estimativa da produtividade agrícola nas principais regiões produtoras.

As condições das lavouras são analisadas por meio do monitoramento agrometeorológico e espectral e os resultados são apresentados de forma resumida nas tabelas sobre as condições hídricas para os cultivos, nos capítulos referentes à análise das culturas. Os recursos técnicos utilizados têm origem em quatro fontes de dados: a) mapeamentos das áreas de cultivo; b) imagens de satélites da última quinzena (ou semana) e de anos anteriores desse mesmo período, utilizadas para calcular o Índice de Vegetação (IV)² das lavouras nas áreas mapeadas; c) dados climáticos e prognósticos de probabilidade de chuva; e d) dados de campo.

O monitoramento foi realizado nas principais mesorregiões produtoras de grãos que estavam em produção, no último mês. As culturas monitoradas foram as seguintes: aveia, cevada e trigo (safra 2016); e amendoim primeira safra, arroz, feijão primeira safra, milho primeira safra e soja (safra 2016/17).

² Índice que retrata as condições atuais da vegetação e reflete os efeitos dos eventos que afetam seu desenvolvimento (veja descrição e fundamentos na Nota Técnica do BMA).

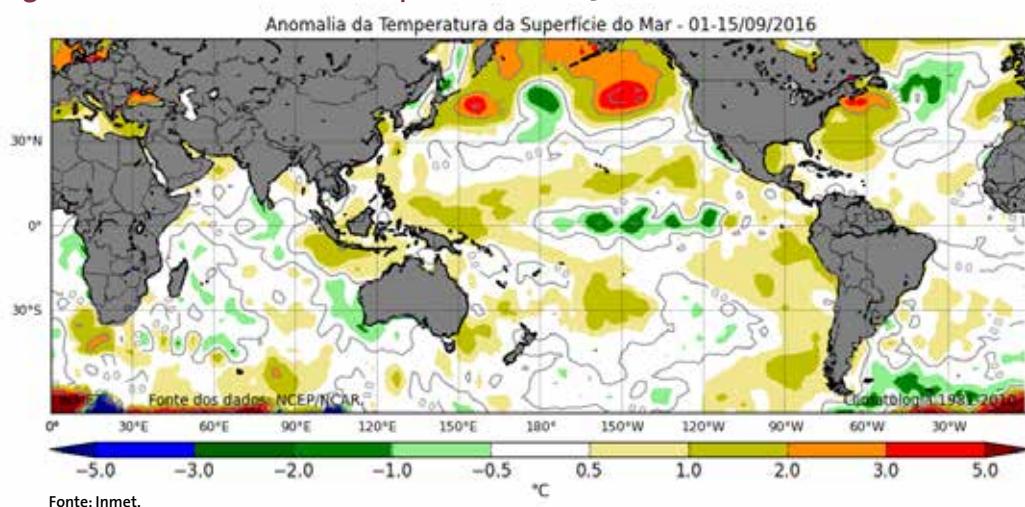
10.1. ANÁLISE CLIMÁTICA DE SETEMBRO/2016³

As chuvas ocorridas em setembro deram o sinal de que o período seco na maior parte do Brasil chegara ao fim. Em quase todos os estados do Centro-Oeste e Sudeste foram registradas chuvas acumulados variando entre 20 e 90 mm em todo o mês. Por se tratar de um mês considerado ainda como climatologicamente seco, esses números se tornam ainda mais expressivos, mesmo tendo havido uma distribuição espacial muito irregular, o que é absolutamente comum no início do período chuvoso. Também na região do Matopiba, as chuvas se fizeram presente, como em Araguaína e Tocantins, onde foram registrados mais de 100 mm de precipitação.

10.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS E LA NIÑA⁴

O mapa de anomalias da temperatura na superfície do mar (TSM) mostra que houve uma retração da área com anomalia negativa no Oceano Pacífico Equatorial em setembro (Figura 01). Essa retração de área e a baixa intensidade dos desvios negativos na TSM indicam que possivelmente se configurará, no máximo, um padrão de La Niña de categoria fraca, com evolução rápida para uma condição de neutralidade no Pacífico Tropical.

Figura 1 - Anomalias de TSM no período de 01-15 de setembro de 2016



Os modelos de previsão de TSM do IRI (Research Institute for Climate and Society) indicam menor probabilidade de formação do fenômeno La Niña (Figura 01). As probabilidades de ocorrência de La Niña na previsão feita em setembro são um reflexo da retração da área com águas mais frias observada em setembro. O

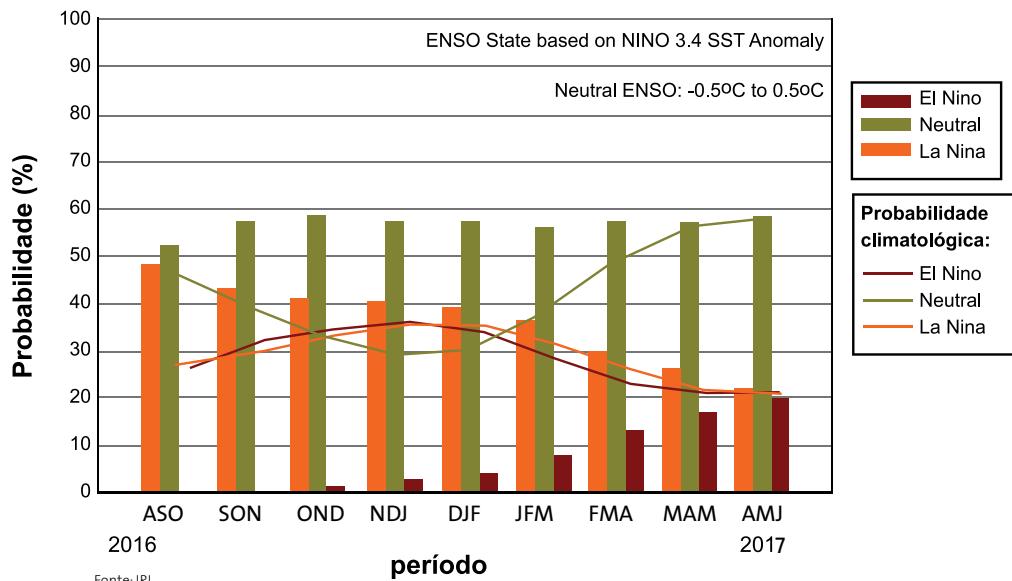
Contudo, em alguns estados da Região Centro-Sul o período se despede de forma tímida, com volumes e frequência de chuvas bem mais baixos. Os volumes registrados em São Paulo e Mato Grosso do Sul ficaram na faixa entre 10 e 60 mm. Nos estados da Região Sul, a ocorrência de chuvas se concentrou praticamente nas duas primeiras semanas do mês, com totais na faixa entre 40 e 110 mm, sendo os maiores volumes observados na faixa leste dos três estados, onde as chuvas ficaram próximas da média mensal.

De maneira geral, a ocorrência do fenômeno La Niña é favorável às chuvas na Região Nordeste e desfavorável no Sul nos meses de verão e outono. Porém, outros fatores, tais como: a temperatura na superfície do Oceano Atlântico Tropical e na área oceânica próxima à costa do Uruguai e da Região Sul, poderão influenciar – dependendo das suas características durante essas estações – o regime de chuvas, intensificando ou atenuando os efeitos do La Niña.

actual prognóstico, juntamente com as últimas observações, indica que o fenômeno La Niña em desenvolvimento, caso ainda persista, será de intensidade muito fraca e de curta duração, com alta probabilidade de o Pacífico entrar na fase de neutralidade até o início de 2017.



Gráfico 97 - Previsão probabilística do IRI para ocorrência de El Niño e/ou La Niña



Fonte: IRI.

10.3. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO DE CHUVA – TRIMESTRE OUTUBRO-NOVEMBRO-DEZEMBRO/2016⁵

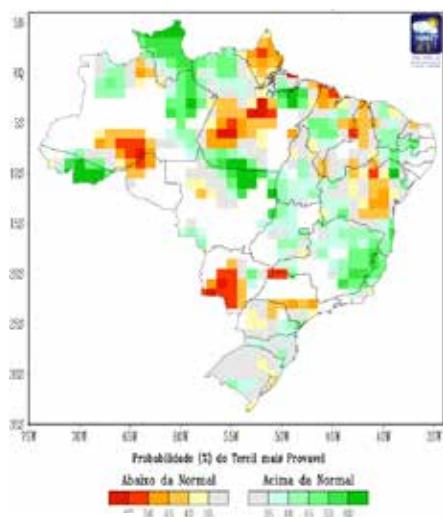
O modelo estatístico de previsão climática do Inmet indica maior probabilidade de que a precipitação do trimestre fique na faixa normal na Região Sul, com grande irregularidade durante o período (Figura 02). No primeiro mês, contudo, alguns modelos de previsão climática de curto prazo indicam que os volumes acumulados poderão ficar abaixo da média em algumas localidades.

Para as Regiões Centro-Oeste e Sudeste, os prognós-

ticos indicam que devem prevalecer áreas com precipitação dentro da faixa normal ou acima no trimestre. Há, também, significativa probabilidade de chuvas acima da média nas duas regiões durante outubro.

A Região da Matopiba também deve ter o primeiro trimestre da fase chuvosa com volumes dentro da faixa normal ou acima, na maior parte de seu território.

Figura 2 - Previsão probabilística de precipitação do modelo estatístico do INMET para o trimestre outubro-novembro-dezembro/2016



Fonte: Inmet.

⁵ Mozar de Araújo Salvador e Danielle Barros Ferreira – Meteorologista CDP-INMET-Brasília.



10.4. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO - SETEMBRO/2016

O monitoramento agrometeorológico tem como objetivo identificar as condições para o desenvolvimento das grandes culturas nas principais mesorregiões produtoras do país, que estão em produção ou que irão iniciar o plantio nos próximos dias. A análise se baseia na localização das áreas de cultivo (mapeamentos), no impacto que o clima pode causar nas diferentes fases (predominantes) do desenvolvimento das culturas, além da condição da vegetação observada em imagens de satélite. O período monitorado foi o mês de setembro de 2016.

Dentre os parâmetros agrometeorológicos observados, destacam-se: a precipitação acumulada, os desvios da precipitação e da temperatura com relação às médias históricas (anomalia) e a umidade disponível no solo. As tabelas das condições hídricas são elaboradas por cultura, e a classificação por mesorregião é feita da seguinte forma:

- Favorável: quando a precipitação é adequada para a fase do desenvolvimento da cultura ou houver problemas pontuais;
- Baixa restrição: quando houver problemas pontuais de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas;
- Média restrição: quando houver problemas generalizados de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas;
- Alta restrição: quando houver problemas crônicos ou extremos de média e alta intensidade por

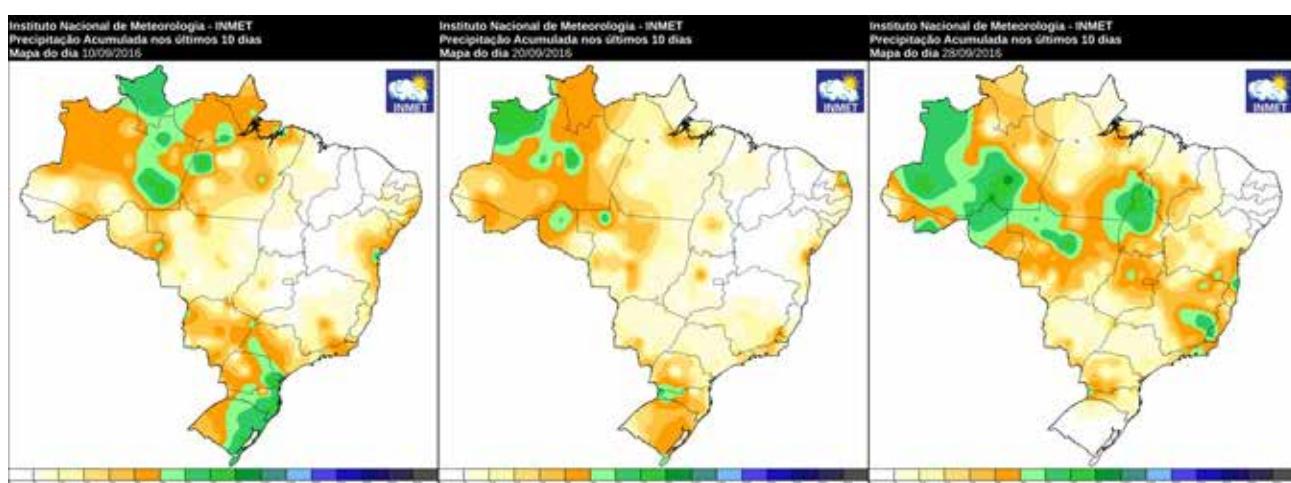
falta ou excesso de precipitações, que podem causar impactos significativos na produção.

Nas tabelas são especificadas as principais mesorregiões produtoras onde as chuvas estão sendo favoráveis (suficientes) para o início do plantio (pré-plantio), a germinação, o desenvolvimento vegetativo, a floração e/ou a frutificação; onde está havendo possíveis problemas por excesso de chuvas; onde as chuvas reduzidas estão favorecendo o plantio e a colheita; e onde pode estar havendo possíveis problemas por falta de chuvas. Os resultados desse monitoramento são apresentados no capítulo referente à análise das culturas.

Na Região Sul, o regime de chuvas favoreceu tanto a maturação e a colheita, quanto a floração e a frutificação, das culturas de inverno. Além disso, houve umidade no solo suficiente para o plantio e o início do desenvolvimento das culturas de verão, na maior parte da Região. No entanto, as temperaturas mínimas abaixo da média chegaram a atrasar o desenvolvimento das lavouras em algumas áreas.

Nas Regiões Sudeste e Centro-Oeste, o plantio está bem no início, favorecido pelas chuvas do final do mês. Entretanto, a umidade do solo ainda é insuficiente na maioria das regiões. Apenas o sudoeste do Mato Grosso do Sul e o centro-sul de São Paulo apresentam condições de umidade mais favoráveis.

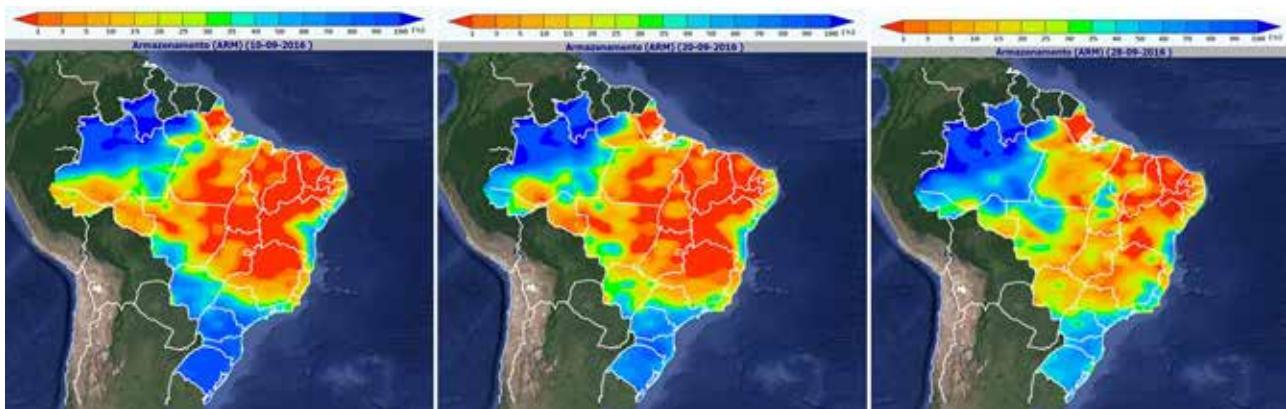
Figura 3 - Chuva acumulada de 1 a 10 de setembro, de 11 a 20 de setembro e de 19 a 28 de setembro de 2016



Fonte: Inmet

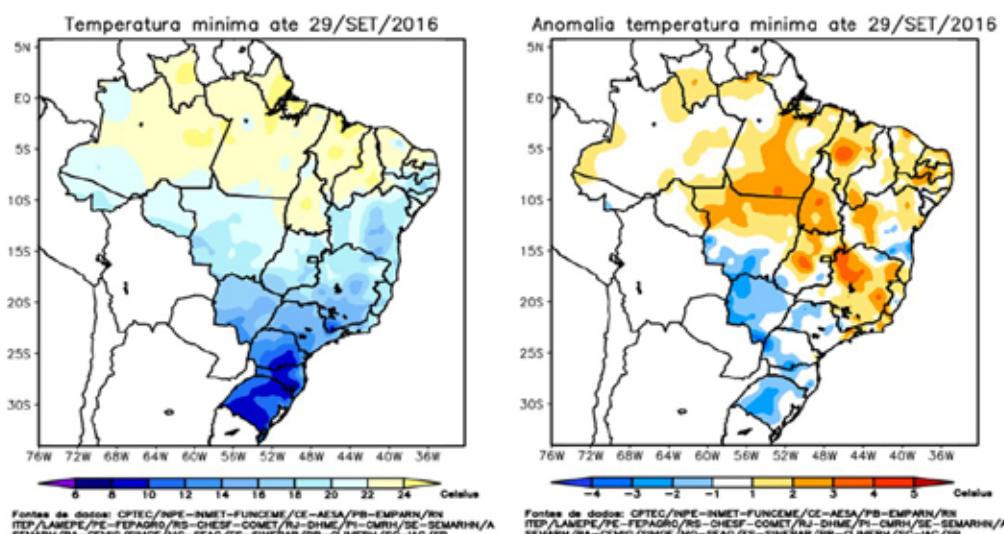


Figura 4 - Armazenamento hídrico diário dos dias 10, 20 e 28 de setembro/16



Fonte: Sisdagro/Inmet

Figura 5 - Temperatura mínima e anomalia da temperatura mínima em setembro/2016



Fonte: CPTEC

10.5. MONITORAMENTO ESPECTRAL - SETEMBRO/2016

A base de informações neste monitoramento é o Índice de Vegetação (IV), extraído de imagens de satélite, que constitui em uma forma objetiva e indireta de se obter a taxa de fotossíntese das lavouras.

O monitoramento atual é direcionado principalmente às culturas de inverno, em especial ao trigo. Os mapas de anomalia mostram a diferença dos padrões de desenvolvimento dos cultivos da safra atual e do ano passado por meio de composição de imagens de oito ou dezesseis dias. Os gráficos de quantificação de lavouras, (denominados histogramas), também produ-

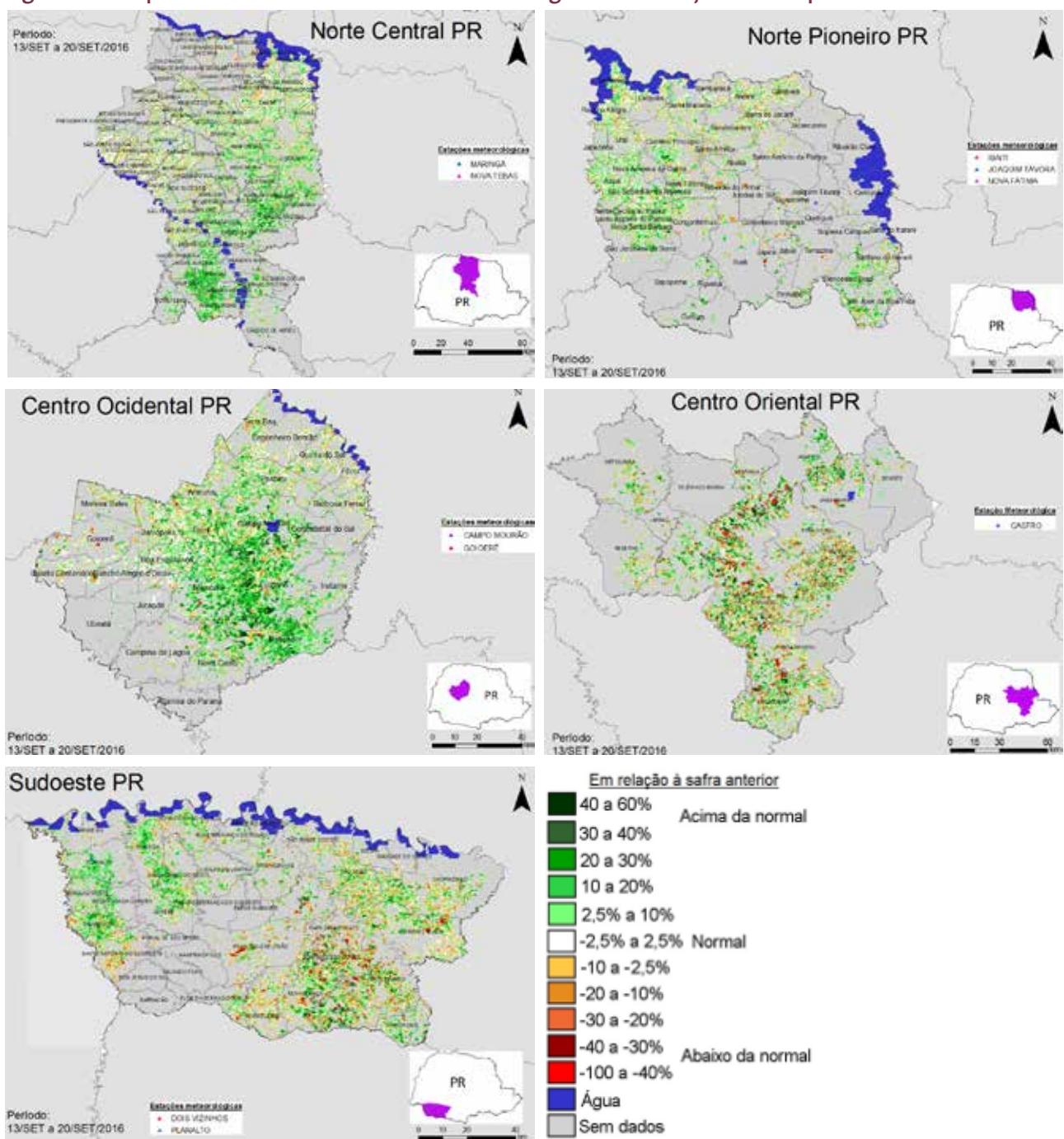
zidos com dados de satélite, mostram a situação das lavouras da safra atual, da safra anterior e da média dos 6 últimos anos (2011 a 2016), todas nos mesmos períodos de monitoramento, dos respectivos anos. Os gráficos de evolução possibilitam o acompanhamento do IV ao longo de todo o ciclo das safras, bem como, a comparação entre diferentes anos-safra, proporcionando indicativos de produtividade.

Neste momento estão sendo monitoradas importantes mesorregiões produtoras de trigo no Paraná e no Rio Grande do Sul, conforme a seguir.



10.5.1. PARANÁ

Figura 6 – Mapas de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada



Concluída a colheita do milho segunda safra, nas regiões Norte Central, Norte Pioneiro e Centro Ocidental, a principal cultura implantada nesta data é o trigo, em suas diversas fases, a depender da região. Observa-se nitidamente, pelo predomínio das cores verdes, como o índice de vegetação nas três regiões está superior ao mesmo período do ano anterior. Além das boas condições fitossanitárias dos trigais, um leve atraso no calendário da cultura nesta safra explica estes níveis de

IV. No ano anterior, expressiva parcela do trigo já estava colhido e praticamente todo o restante estava em maturação, quando os níveis de IV são menores devido à senescência da planta. Atualmente, uma parcela bem menor foi colhida e ainda existem muitas lavouras em frutificação, fase em que os níveis de IV são mais elevados. Estas três mesorregiões representam em torno de 40% de todo o trigo plantado no Paraná.



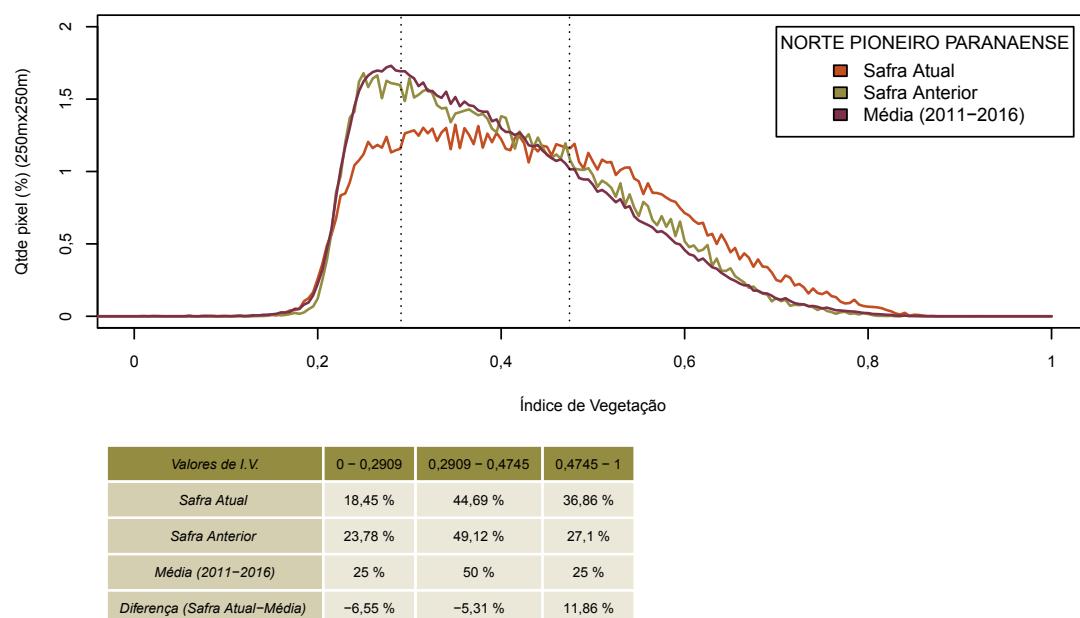
Já regiões Centro Oriental e Sudoeste, observa-se algumas anomalias negativas, provavelmente relativas às áreas onde não houve plantio de cereal de inverno neste ano. Nessas duas regiões houve expressiva redução na área plantada com trigo e cevada. Nas propriedades em que houve somente plantio de gramíneas para cobertura, que ocorreu ainda no outono, houve muito dano à vegetação com as sucessivas geadas no inverno rigoroso que passou. Ademais, algumas áreas

já estão sendo dessecadas para a próxima safra.

As áreas com anomalia positiva apontam para a melhor condição vegetativa das lavouras de inverno. Nessas duas regiões, que juntas representam em torno de 28% do trigo no estado, a colheita se inicia em outubro e se estende pelo mês de novembro e dezembro.

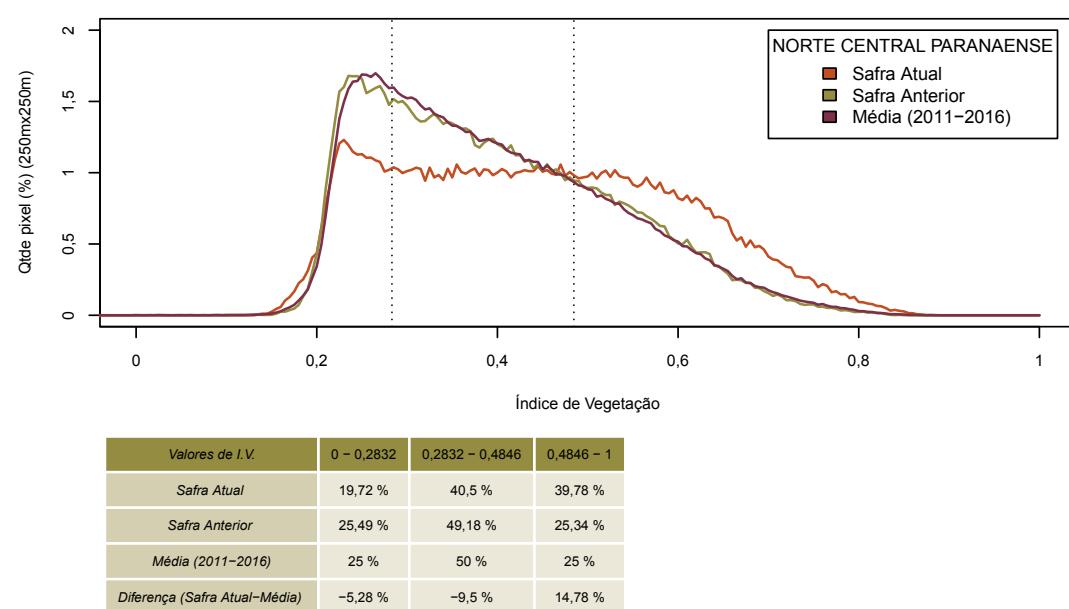
10.5.1.1. QUANTIFICAÇÃO DE ÁREAS

Gráfico 98 - Quantificação de áreas - Norte Pioneiro/PR



Fonte: Projeto Glam.

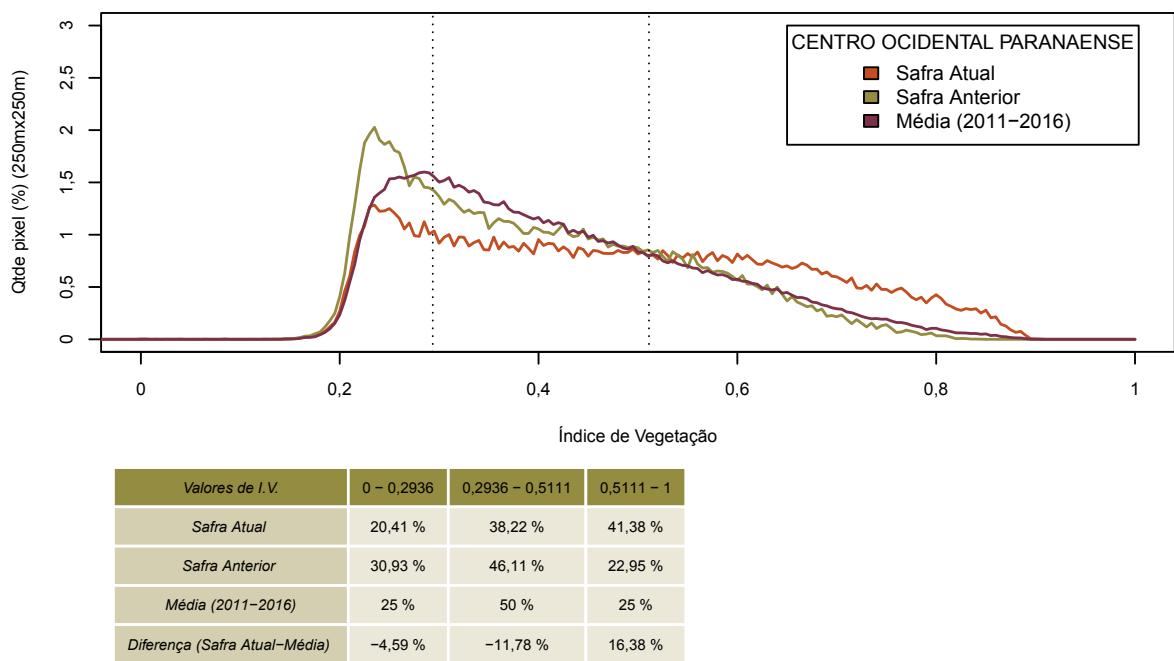
Gráfico 99 - Quantificação de áreas - Norte Central Paranaense



Fonte: Projeto Glam.



Gráfico 100 - Quantificação de áreas - Centro Ocidental Paranaense



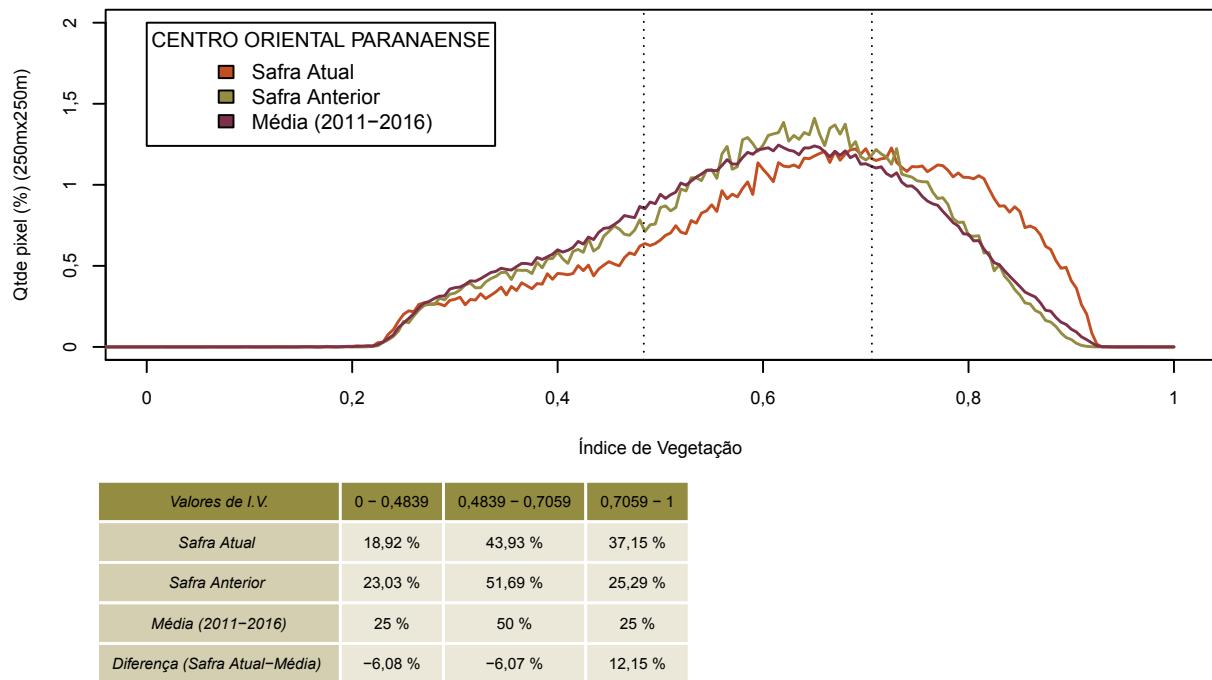
Fonte: Projeto Glam.

As tabelas dos gráficos de quantificação de áreas das três regiões acima mostram que os percentuais de lavouras com altas respostas de IV são os seguintes: a) Norte Central: 40% neste ano contra 25% no ano passado; b) Norte Pioneiro: 37% em 2016 contra 27% em 2015; c) Centro Ocidental: 41% na safra atual contra 23% no ano anterior. Os cálculos ponderados de todas as áreas agrícolas com seus respectivos valores de IV

indicam:

- Norte Central: 12% acima da média dos 6 últimos anos e também em relação à safra anterior;
- - Norte Pioneiro: 10% acima da média dos 6 últimos anos e 8% acima da safra anterior.
- - Centro Ocidental: 15% acima da média dos 6 últimos anos e 20% acima da safra anterior.

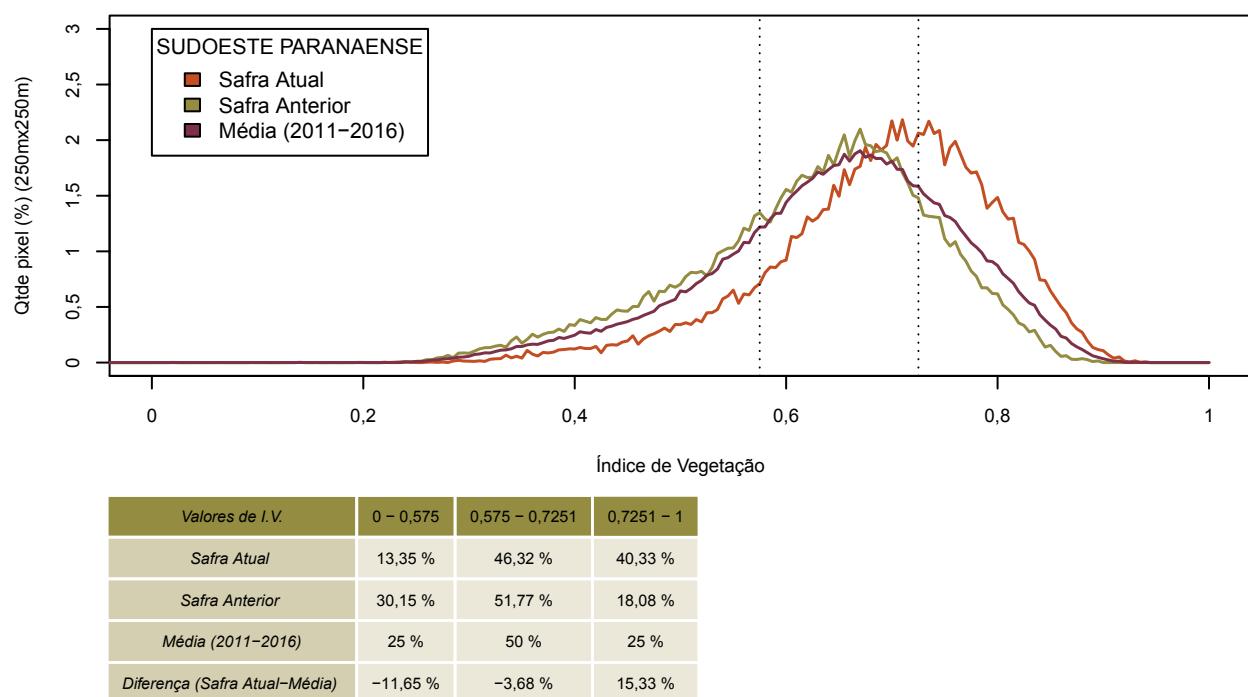
Gráfico 101 - Quantificação de áreas - Centro Oriental/PR



Fonte: Projeto Glam.



Gráfico 102 - Quantificação de áreas - Sudoeste/PR



Fonte: Projeto Glam.

As tabelas dos gráficos de quantificação de áreas das duas regiões acima mostram que os percentuais de lavouras com altas respostas de IV são os seguintes:
a) Centro Oriental: 37% neste ano contra 25% no ano anterior; b) Sudoeste: 40% na safra atual contra 18% na safra passada.

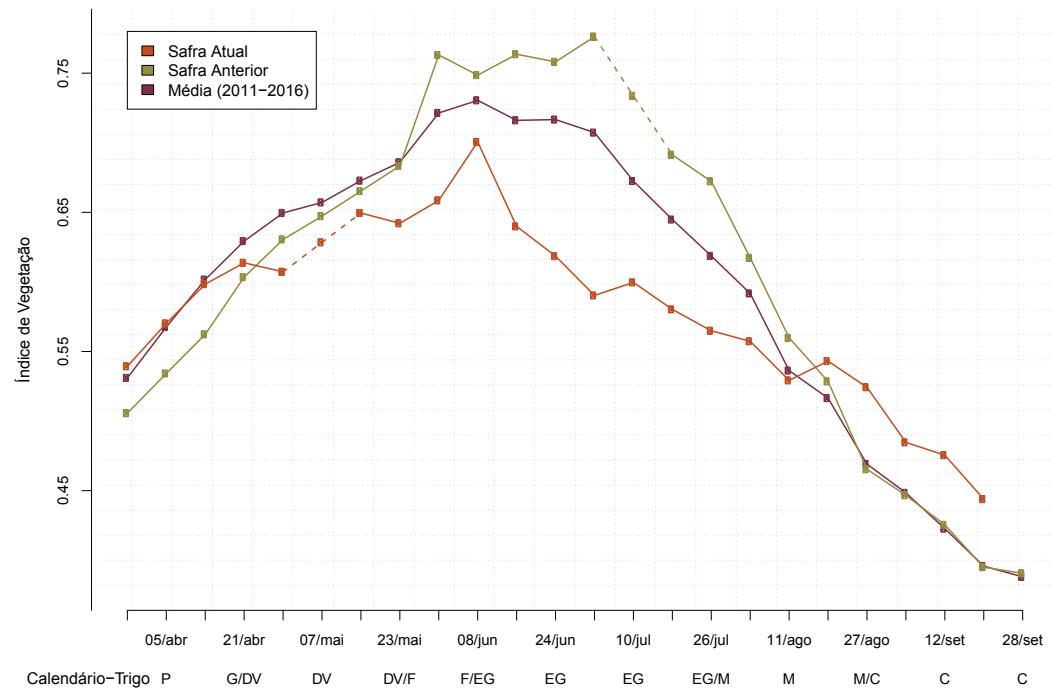
Os cálculos ponderados de todas as áreas agrícolas

destas 3 regiões, com seus respectivos valores de IV, indicam:

- Centro Oriental: 7% acima da média dos 6 últimos anos e 6% acima da safra anterior.
- Sudoeste: 4% acima da média dos 6 últimos anos e também em relação à safra anterior.



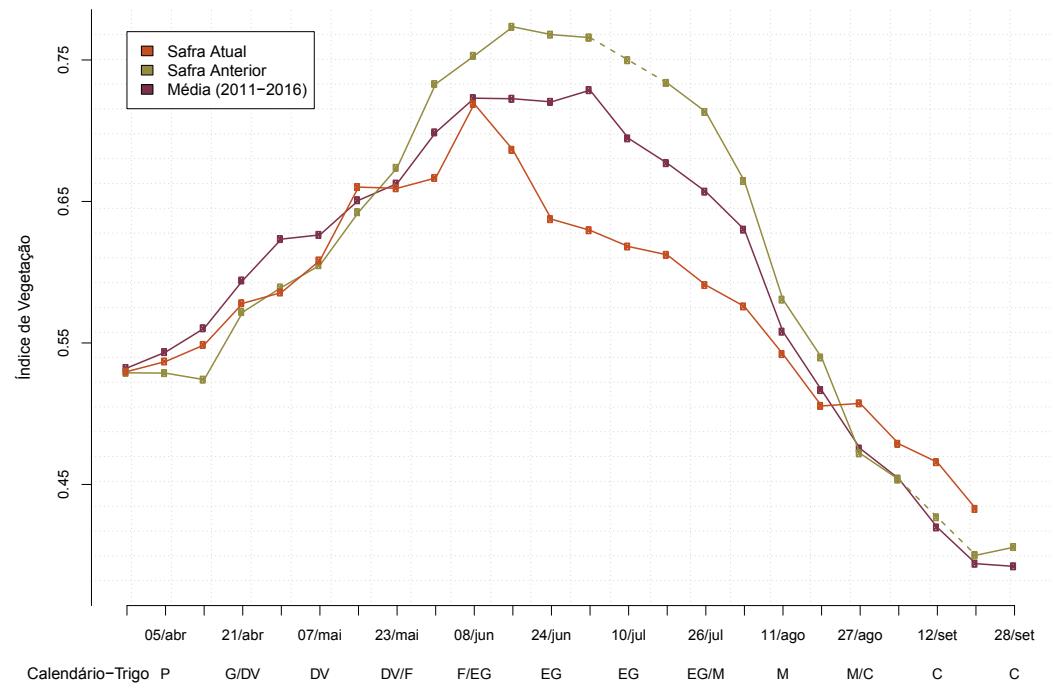
Gráfico 103 - Evolução temporal - Norte Central Paranaense



O índice da safra atual está, neste período, 12% maior em relação ao da média e 12% maior em relação ao da safra anterior.

Fonte: Projeto Glam.

Gráfico 104 - Evolução temporal - Norte-Pioneiro Paranaense

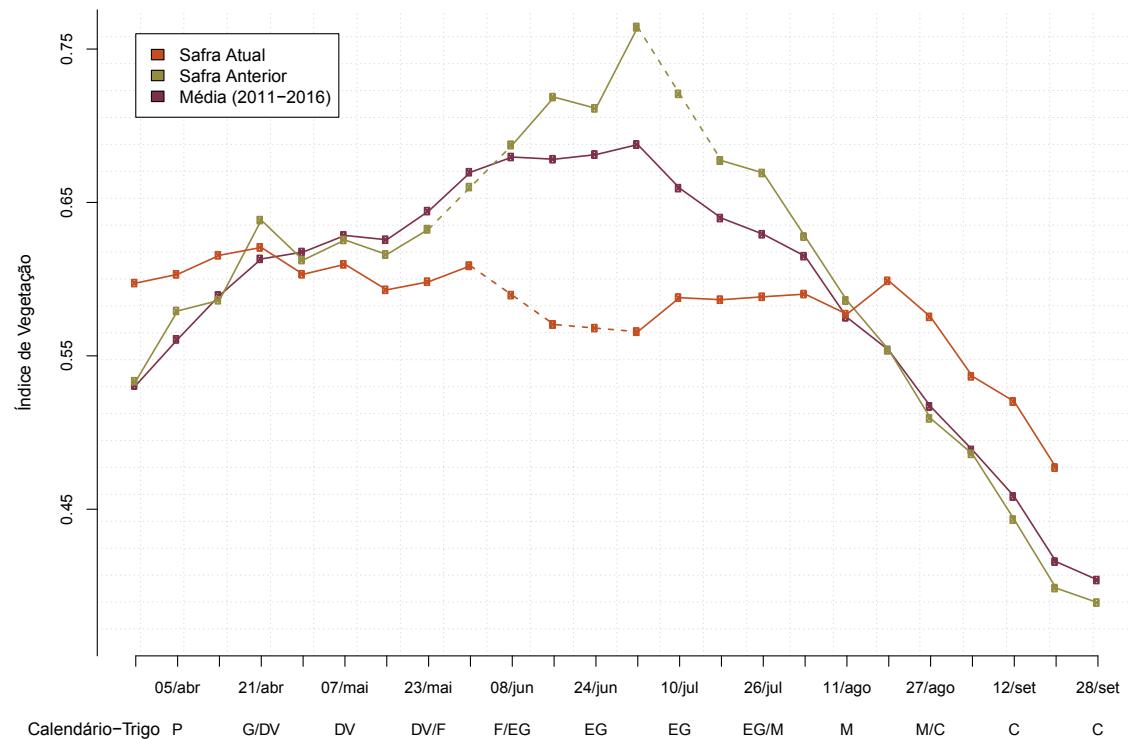


O índice da safra atual está, neste período, 10% maior em relação ao da média e 8% maior em relação ao da safra anterior.

Fonte: Projeto Glam..



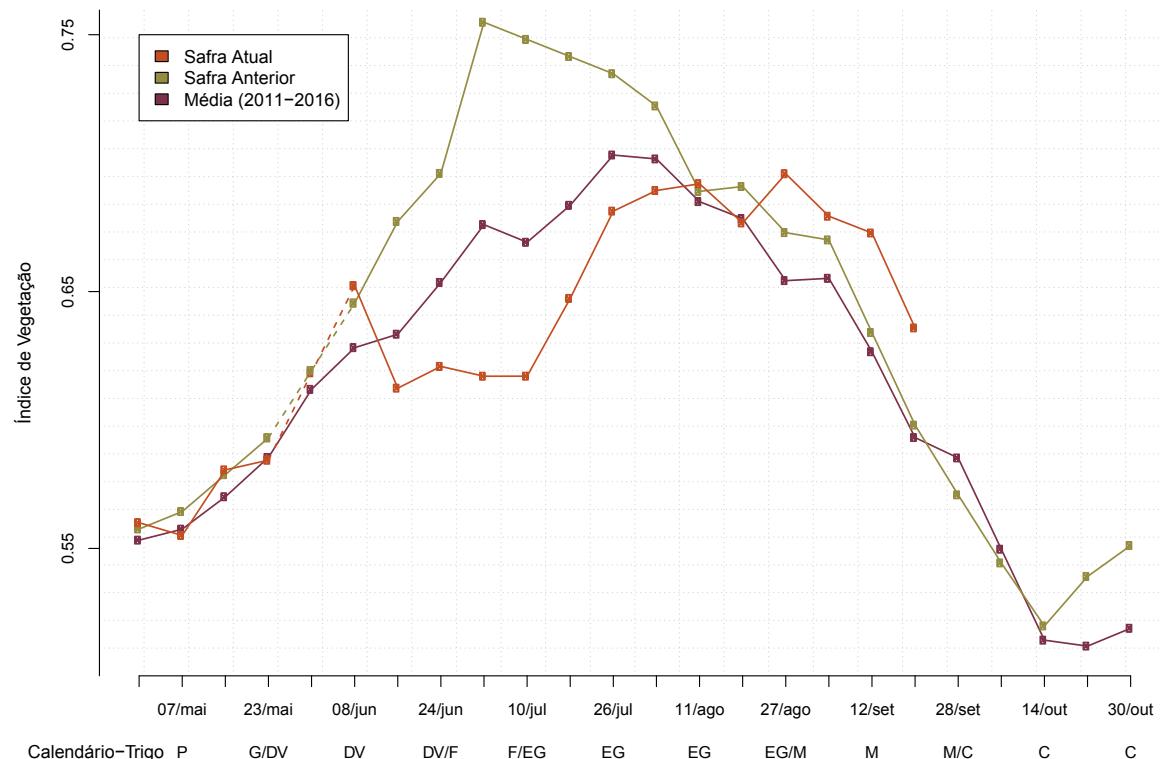
Gráfico 105 - Evolução temporal - Centro Ocidental Paranaense



O índice da safra atual está, neste período, 15% maior em relação ao da média e 20% maior em relação ao da safra anterior.

Fonte: Projeto Glam

Gráfico 106 - Evolução temporal - Centro Oriental Paranaense

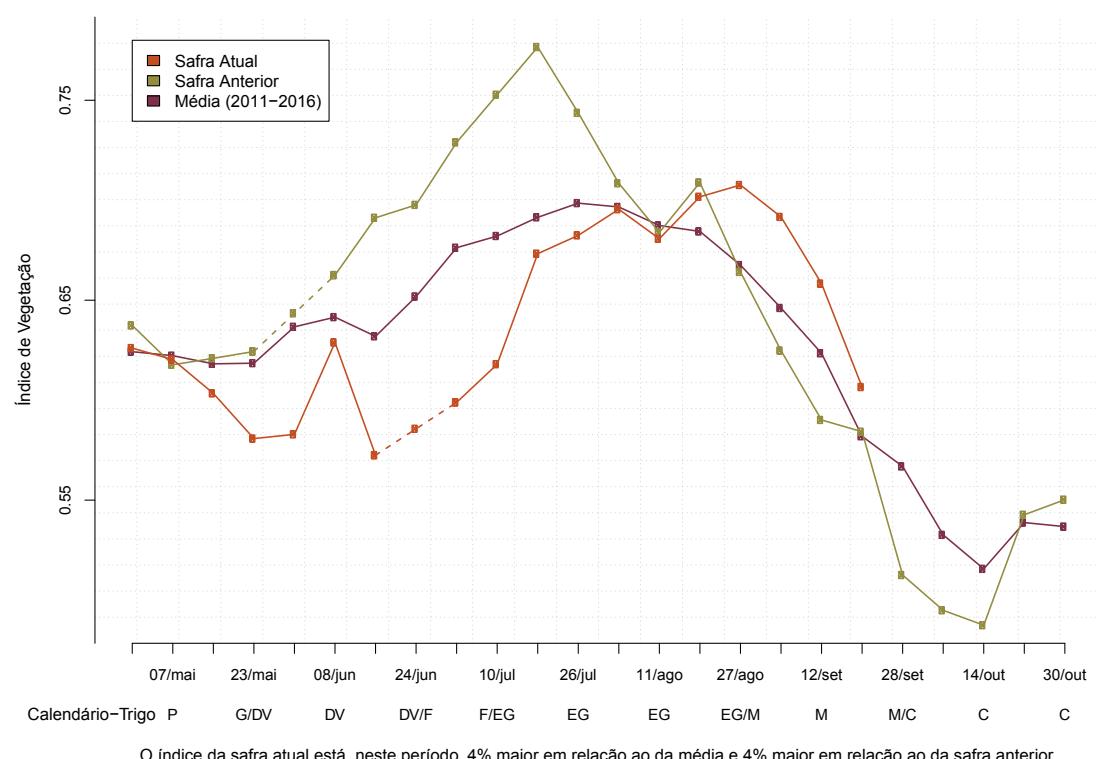


O índice da safra atual está, neste período, 7% maior em relação ao da média e 6% maior em relação ao da safra anterior.

Fonte: Projeto Glam



Gráfico 107 - Evolução temporal - Sudoeste Paranaense



Os gráficos mostram que a linha vermelha, correspondente à atual safra, seguiu abaixo da safra passada até o início do mês de agosto. Esse comportamento denota o impacto das intempéries climáticas no desenvolvimento da cultura do milho segunda safra, o que é confirmado pela produtividade atual inferior à do ano anterior. Após o mês de agosto a linha vermelha fica acima da linha do ano anterior, refletindo, majoritariamente, as lavouras de trigo.

Os gráficos também mostram, principalmente para as regiões Centro Oriental e Sudoeste, o crescimento

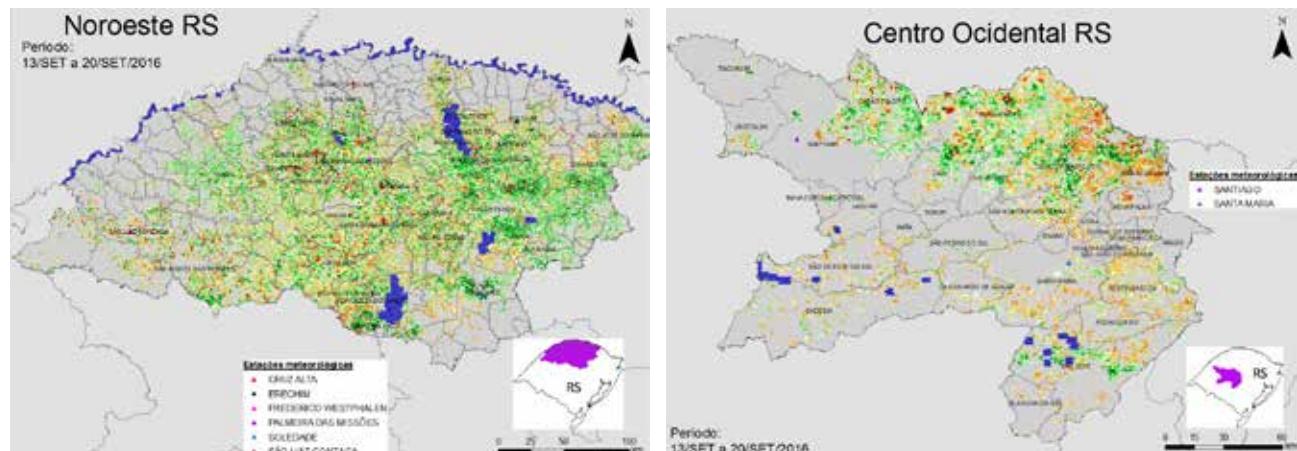
notável do IV a partir da primeira semana de julho, época em que as lavouras de trigo iniciaram o desenvolvimento vegetativo. Nestas duas regiões os pontos mais altos da linha no final de agosto indicam que as lavouras estavam no pico de desenvolvimento, basicamente em frutificação quando a fotossíntese é intensa.

Em todas as regiões a queda da linha vermelha a partir do final de agosto retratam a fase das colheitas e também o incremento de áreas dessecadas no preparo de terreno para a safra verão 2016/2017.



10.5.2. RIO GRANDE DO SUL

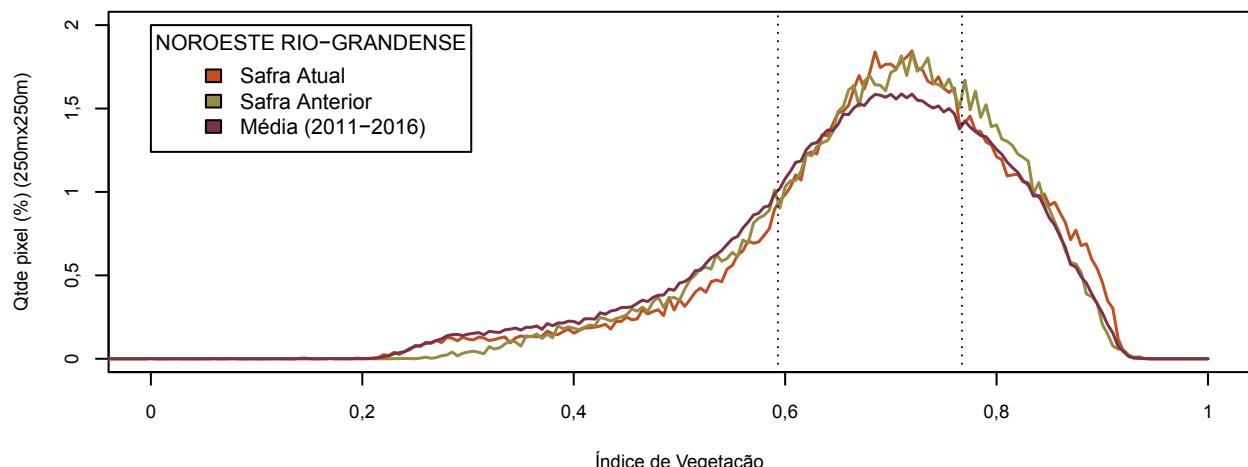
Figura 7 - Mapas de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada



Nos mapas acima as áreas em verde mostram onde os atuais cultivos de inverno apresentam padrão de desenvolvimento acima do ano passado. No Noroeste do estado estas áreas são mais predominantes que no Centro Ocidental. De modo geral, as condições climáticas têm favorecido as lavouras. As áreas em amarelo, laranja e marrom, principalmente no Centro

Ocidental, indicam atividade de fotossíntese inferior ao ano passado. Há possibilidade de que sejam áreas dessecadas para o plantio da próxima safra verão. Áreas colhidas mais cedo também ficam neste padrão de cores. Em branco são áreas com padrão semelhante ao ano anterior.

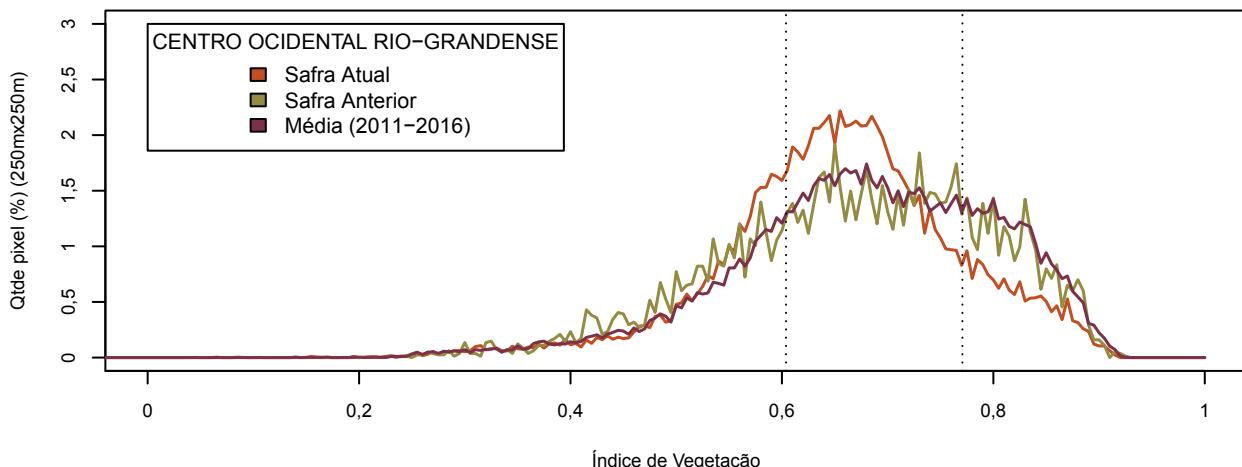
Gráfico 108 - Quantificação de área - Noroeste/RS



Fonte: Projeto Glam.



Gráfico 109 - Quantificação de área - Centro Ocidental/RS

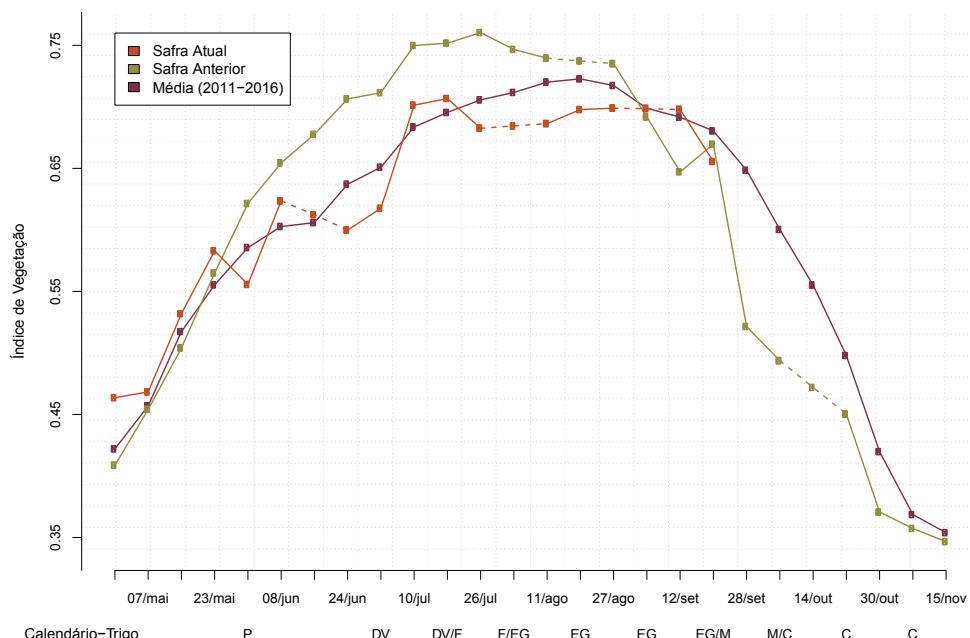


Fonte: Projeto Glam.

As tabelas dos gráficos de quantificação de áreas mostram que: no Noroeste do RS a atual safra tem 80% de suas lavouras com médios e altos valores de IV e com o mesmo percentual do ano passado, no mesmo período; no Centro Ocidental os percentuais são: 71% da safra atual contra 70% do ano passado. Em

síntese, os cálculos ponderados, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indicam: no Noroeste: situação idêntica em relação à média dos 6 últimos anos e também em relação à safra passada; no Centro Ocidental: 4% abaixo da média dos 6 últimos anos e 2% abaixo da safra passada.

Gráfico 110 - Evolução temporal - Centro Ocidental/RS

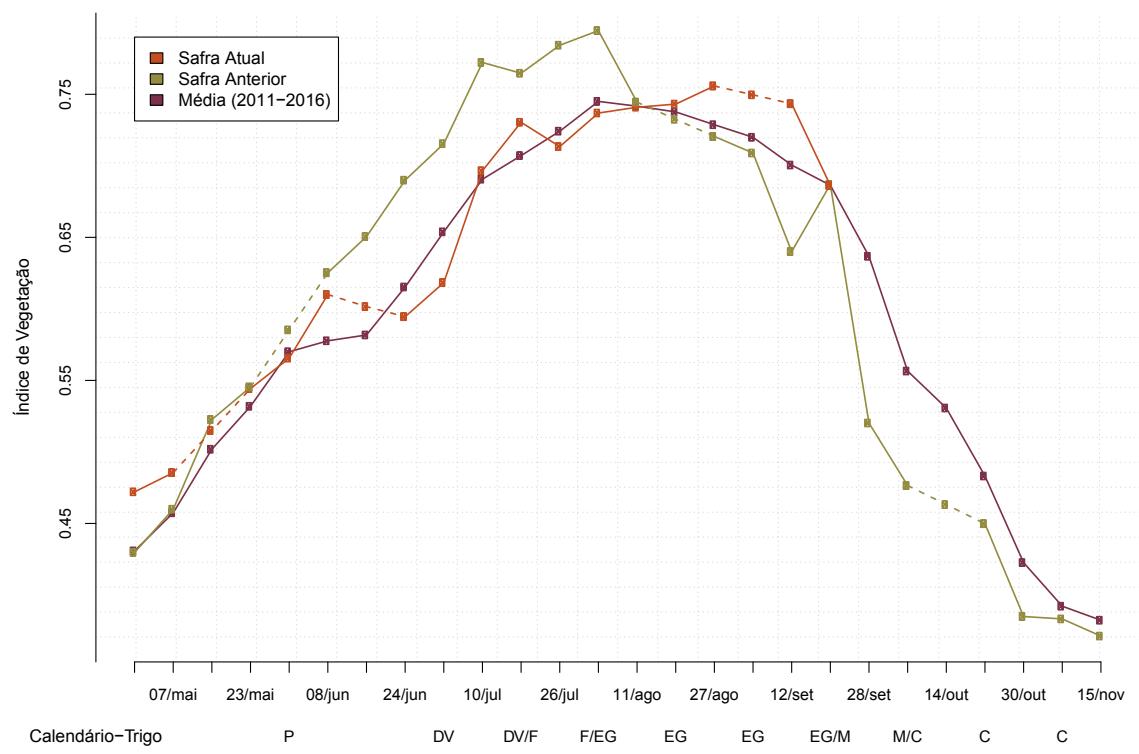


O índice da safra atual está, neste período, 4% menor em relação ao da média e 2% menor em relação ao da safra anterior.

Fonte: Projeto Glam.



Gráfico 111 - Evolução temporal - Noroeste/RS



O índice da safra atual está, neste período, semelhante ao da média e ao da safra anterior.

Fonte: Projeto Glam.

Nos gráficos acima, a linha vermelha abaixo das demais, em junho, indica retardo da conclusão de plantio da atual safra de inverno, em decorrência do solo com baixo armazenamento hídrico naquele período. No Noroeste constata-se boa ascensão a partir de julho mostrando bom padrão de desenvolvimento das

atuais lavouras de inverno. No Centro Ocidental a ascensão foi menos expressiva, entretanto, teve boas respostas no início de setembro. A queda do último trecho é natural em decorrência de dessecagem de áreas para viabilizar o plantio dos próximos cultivos de verão.





11. ANÁLISE DAS CULTURAS

11.1 CULTURAS DE VERÃO

11.1.1. ALGODÃO

A primeira intenção de plantio da lavoura de algodão, nesta temporada aponta para redução na área, variando de menos 5,8 a menos 0,7%, em relação ao exercício anterior. A continuidade da conjuntura adversa, tanto interna quanto externa, continua a pressionar as cotações, particularmente em função dos elevados estoques internacionais do algodão em pluma.

A Região Centro-Oeste, principal produtora da fibra, está estimada apresentar um intervalo de variação na área plantada, oscilando entre uma redução de 1,7 a um crescimento de 2,2%. Em Mato Grosso, maior produtor nacional, apesar de muito cedo para estimativas da safra 2016/17, o mercado já trabalha com expectativa de manutenção a leve crescimento da área total de algodão no mesmo patamar verificado na safra passada, pouco acima de 600 mil hectares. É provável que a dinâmica dos ciclos produtivos continue se alterando, através da migração de área de algodão de primeira safra para a segunda safra. O cultivo da segunda safra de algodão, cuja ocorrência predominante se dá na região oeste do estado, pode crescer mais uma vez, respeitando uma tendência que ocorre há anos. Em contrapartida, as áreas de primeira safra, poderão sofrer quedas proporcionais, principalmente na região sudeste do estado em detrimento do plantio da soja.

Em Goiás, os produtores torcem para que as condições climáticas sejam favoráveis até dezembro, o que pode estimular o aumento na área de algodão no plantio de verão. Nas últimas safras a cultura tem sido viabilizada na safrinha, visto os bons rendimentos da soja na primeira safra. Porém nesta última safra a cultura implantada como safrinha sofreu mais com as condições climáticas adversas do que a cultura semeada na safra verão. De acordo com os produtores, os preços dos insumos como os adubos por exemplo, sofreram uma significativa redução nos preços praticados em relação à safra anterior. Os demais itens sofreram considerável aumento.

Em Mato Grosso do Sul, para a próxima safra existe a tendência de redução da área plantada com a expectativa de substituição para as lavouras de soja e milho verão, em decorrência da boa rentabilidade dos grãos, além do elevado custo de produção do algodão. O intervalo projetado varia de menos 15 a menos 11%. Todos os municípios do estado possuem Zoneamento Agrícola de Risco Climático para a cultura de algodão, porém só há cultivos em regiões específicas. A região norte do estado (maior produtora), compreendida pelos municípios de Chapadão do Sul, Costa Rica, Figueirão e Alcinópolis, está no período de vazio sanitário com o intuito de quebrar o ciclo de pragas e doenças da cultura, o qual é compreendido entre 15 de setembro a 30 de novembro. O plantio da cultura na referida região terá início no mês de dezembro do presente ano, sendo que o algodão plantado até 10 de janeiro é considerado algodão safra de verão ou primeira safra e após esta data, algodão segunda safra. Os produtores têm conseguido financiamento da produção, via banco, contrastando com as dificuldades de aquisição de crédito da safra passada. Os agricultores que plantam algodão no estado, dispõe de tecnologia de cultivo e utilizam agricultura de precisão em mais de 50% da área cultivada. Além disso, quem cultiva o algodão também planta a soja e, uma parte dos recursos das vendas antecipadas da oleaginosa é usada para custear a lavoura do algodão.

Na Região Sudeste a área de cultivo de algodão deverá apresentar forte redução, oscilando no intervalo de menos 8,8 a menos 0,4%. Em Minas Gerais, principal produtor regional, o plantio terá início a partir

da segunda quinzena de novembro, coincidindo com o encerramento do período de vazio sanitário de 60 dias promovido pelo Instituto Mineiro de Agropecuária - IMA, como medida fitossanitária para prevenção e controle do bicho e para proteger a produção mineira dos prejuízos ocasionados pela praga. A área de plantio de algodão no estado na safra 2016/2017 está estimada situar-se entre 17,8 mil ha e 19,6 mil ha.

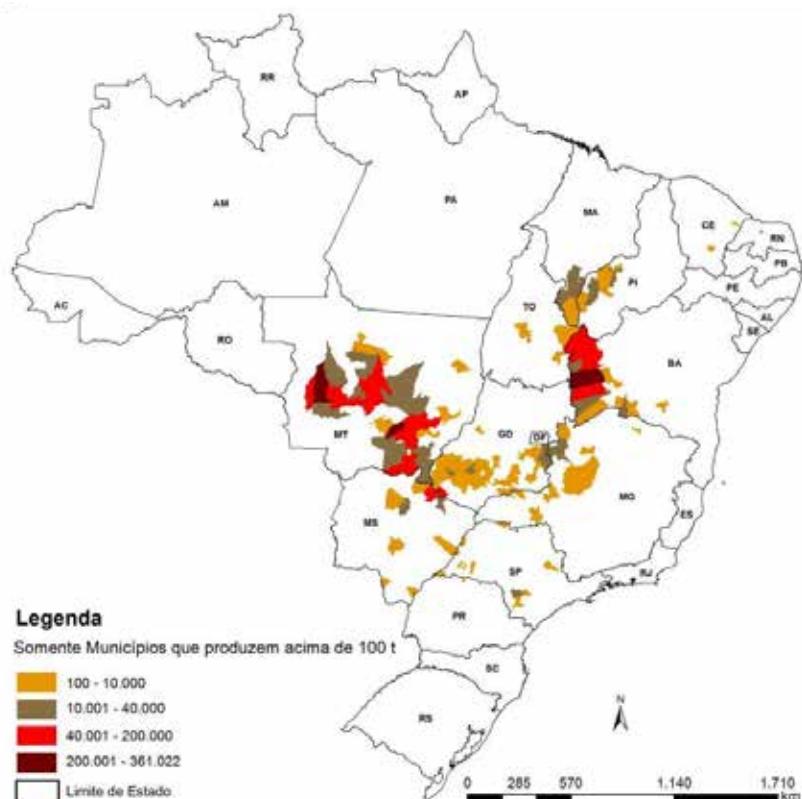
Na Região Nordeste, segunda maior produtora do país, as informações repassadas pelos informantes dão conta da expectativa de forte redução percentual na área plantada, variando de menos 16,9 a menos 7,9%, pressionada que está, pelo desempenho das lavouras na Bahia na safra recém encerrada, principal produtor regional e o segundo nacional, estimandose a cessão de parte da área utilizada com a fibra, para o plantio de soja. Na Bahia, a expectativa é que seja plantada uma área variando de 192,9 a 211,7 mil hectares, comparados com os 235,2 mil hectares plantadas da safra 2015/16.

Adicionalmente, essa retração está sendo motivada pela atual conjuntura do produto, e a pressão exercida pelos elevados estoques internacionais que estão promovendo impactos negativos nos preços da pluma. Devido às condições climáticas adversas na última safra e por ser uma cultura com elevado custo de produção, estes fatores estão influenciando a tomada de decisão por parte dos produtores. No sudoeste baiano, deve-se ressaltar o projeto de irrigação complementar por sistema de gotejamento desenvolvido pela Associação Baiana dos Produtores de Algodão (Abapa) no município de Malhada/BA. O projeto integra um conjunto de ações que visam garantir e fomentar a produção algodoeira da agricultura familiar no sudoeste baiano. A região tem um histórico de prosperidade na cotonicultura, no entanto, face às irregularidades climáticas, às condições de investimento e à ação de pragas e doenças, observa-se uma redução da área plantada nas áreas de sequeiro.

Como consequência, a expectativa de área plantada com algodão na safra 2016/17, deverá situar-se entre 899,5 mil e 947,9 mil hectares, comparado com 954,7 mil hectares, plantado na safra passada..

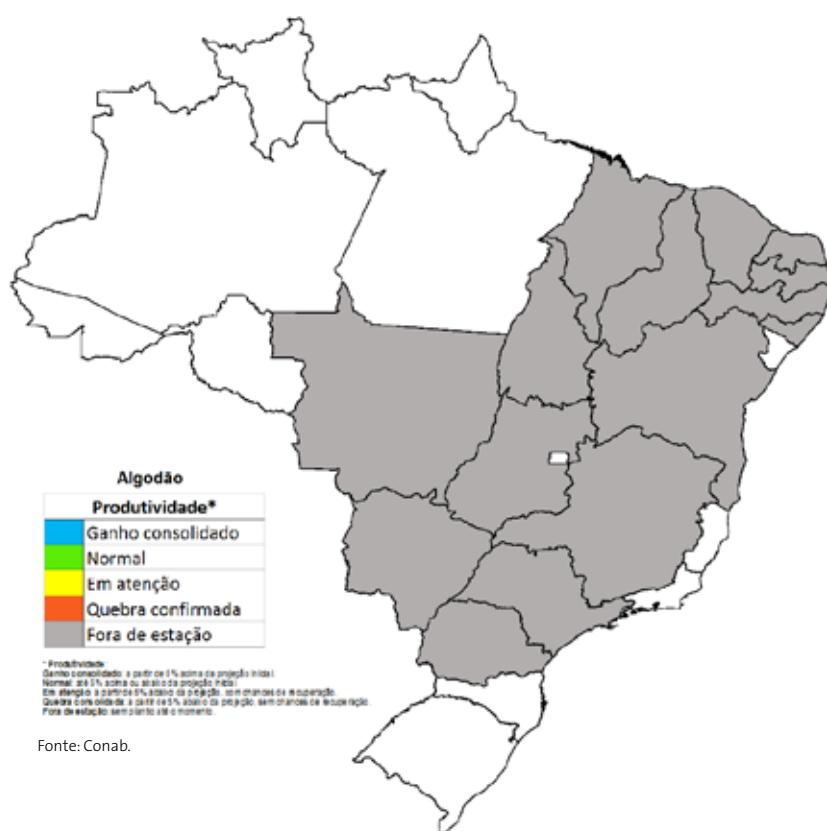


Figura 8 - Mapa da produção agrícola - Algodão



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 9 – Mapa da estimativa de produtividade: Algodão (Safra 2016/2017) – Outubro/2016



Fonte: Conab.



Tabela 14 - Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em caroço

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 15/16		Safra 16/17		VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	7,3	6,2	6,9	(15,1)	(5,5)	2.831	3.563	25,9	20,7	22,1	24,6	6,8	18,8
TO	7,3	6,2	6,9	(15,0)	(6,0)	2.831	3.563	25,9	20,7	22,1	24,6	6,8	18,8
NORDESTE	262,3	221,7	241,3	(15,5)	(8,0)	2.703	3.839	42,0	709,0	851,2	926,1	20,1	30,6
MA	20,9	20,9	20,9	-	-	3.949	4.046	2,5	82,5	84,6	84,6	2,5	2,5
PI	5,5	7,2	8,0	30,0	45,0	1.212	3.641	200,4	6,7	26,2	29,1	291,0	334,3
CE	0,3	0,3	0,3	-	-	534	642	20,2	0,2	0,2	-	-	-
RN	0,3	0,3	0,3	-	-	4.300	4.406	2,5	1,3	1,3	-	-	-
PB	0,1	0,1	0,1	-	-	414	691	66,9	-	0,1	-	-	-
BA	235,2	192,9	211,7	(18,0)	(10,0)	2.629	3.830	45,7	618,3	738,8	810,8	19,5	31,1
CENTRO-OESTE	660,4	649,0	675,1	(1,7)	2,2	3.653	3.966	8,6	2.412,7	2.574,2	2.677,7	6,7	11,0
MT	600,8	594,8	618,8	(1,0)	3,0	3.664	3.943	7,6	2.201,3	2.345,3	2.439,9	6,5	10,8
MS	29,9	25,4	26,6	(15,0)	(11,0)	4.090	4.399	7,6	122,3	111,7	117,0	(8,7)	(4,3)
GO	29,7	28,8	29,7	(3,0)	-	3.000	4.069	35,6	89,1	117,2	120,8	31,5	35,6
SUDESTE	23,8	21,7	23,7	(8,8)	(0,4)	3.400	3.474	2,2	80,9	75,4	82,4	(6,8)	1,9
MG	19,6	17,8	19,6	(9,0)	-	3.420	3.488	2,0	67,0	62,1	68,4	(7,3)	2,1
SP	4,2	3,9	4,1	(6,0)	(2,0)	3.305	3.410	3,2	13,9	13,3	14,0	(4,3)	0,7
SUL	0,9	0,9	0,9	-	-	2.179	2.217	1,7	2,0	2,0	2,0	-	-
PR	0,9	0,9	0,9	-	-	2.179	2.217	1,7	2,0	2,0	2,0	-	-
NORTE/NORDESTE	269,6	227,9	248,2	(15,5)	(7,9)	2.707	3.831	41,5	729,7	873,3	950,7	19,7	30,3
CENTRO-SUL	685,1	671,6	699,7	(2,0)	2,1	3.643	3.948	8,4	2.495,6	2.651,6	2.762,1	6,3	10,7
BRASIL	954,7	899,5	947,9	(5,8)	(0,7)	3.378	3.918	16,0	3.225,3	3.524,9	3.712,8	9,3	15,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2016.

Tabela 15- Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em pluma

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 15/16		Safra 16/17		VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	7,3	6,2	6,9	(15,1)	(5,5)	1.132	1.425	25,9	8,3	8,8	9,8	6,0	18,1
TO	7,3	6,2	6,9	(15,0)	(6,0)	1.132	1.425	25,9	8,3	8,8	9,8	6,0	18,1
NORDESTE	262,3	221,7	241,3	(15,5)	(8,0)	1.081	1.535	42,0	283,6	340,4	370,4	20,0	30,6
MA	20,9	20,9	20,9	-	-	1.580	1.618	2,4	33,0	33,8	33,8	2,4	2,4
PI	5,5	7,2	8,0	30,0	45,0	485	1.456	200,2	2,7	10,5	11,7	288,9	333,3
CE	0,3	0,3	0,3	-	-	187	225	20,3	0,1	0,1	0,1	-	-
RN	0,3	0,3	0,3	-	-	1.634	1.674	2,4	0,5	0,5	0,5	-	-
PB	0,1	0,1	0,1	-	-	145	242	66,9	-	-	-	-	-
BA	235,2	192,9	211,7	(18,0)	(10,0)	1.052	1.532	45,6	247,3	295,5	324,3	19,5	31,1
CENTRO-OESTE	660,4	649,0	675,1	(1,7)	2,2	1.460	1.585	8,6	963,9	1.028,4	1.069,8	6,7	11,0
MT	600,8	594,8	618,8	(1,0)	3,0	1.466	1.577	7,6	880,5	938,1	976,0	6,5	10,8
MS	29,9	25,4	26,6	(15,0)	(11,0)	1.616	1.738	7,5	48,3	44,1	46,2	(8,7)	(4,3)
GO	29,7	28,8	29,7	(3,0)	-	1.182	1.603	35,6	35,1	46,2	47,6	31,6	35,6
SUDESTE	23,8	21,7	23,7	(8,8)	(0,4)	1.357	1.385	2,1	32,3	30,1	32,8	(6,8)	1,5
MG	19,6	17,8	19,6	(9,0)	-	1.368	1.395	2,0	26,8	24,8	27,3	(7,5)	1,9
SP	4,2	3,9	4,1	(6,0)	(2,0)	1.305	1.347	3,2	5,5	5,3	5,5	(3,6)	-
SUL	0,9	0,9	0,9	-	-	778	889	14,3	0,7	0,8	0,8	14,3	14,3
PR	0,9	0,9	0,9	-	-	828	842	1,7	0,7	0,8	0,8	14,3	14,3
NORTE/NORDESTE	269,6	227,9	248,2	(15,5)	(7,9)	1.083	1.532	41,5	291,9	349,2	380,2	19,6	30,3
CENTRO-SUL	685,1	671,6	699,7	(2,0)	2,1	1.455	1.577	8,4	996,9	1.059,3	1.103,4	6,3	10,7
BRASIL	954,7	899,5	947,9	(5,8)	(0,7)	1.350	1.566	16,0	1.288,8	1.408,5	1.483,6	9,3	15,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2016.



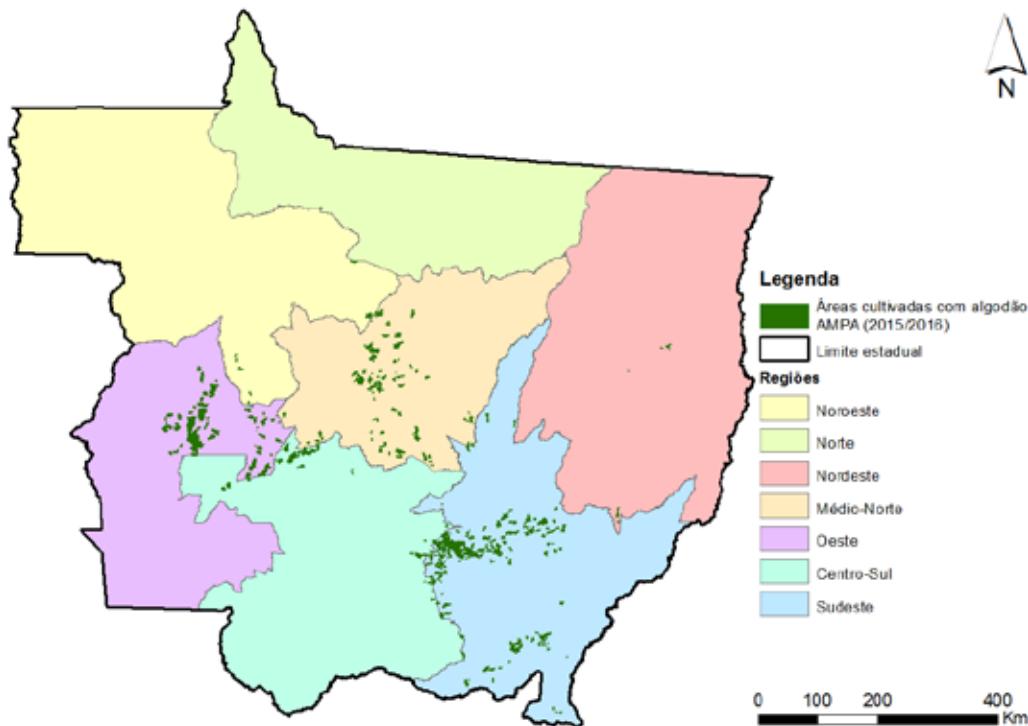
Tabela 16 - Comparativo de área, produtividade e produção - Caroço de algodão

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %		Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	7,3	6,2	6,9	(15,1)	(5,5)	1.699	2.138	25,9	12,4	13,3	14,8	7,3	19,4
TO	7,3	6,2	6,9	(15,0)	(6,0)	1.699	2.138	25,8	12,4	13,3	14,8	7,3	19,4
NORDESTE	262,3	221,7	241,3	(15,5)	(8,0)	1.622	2.303	42,0	425,4	510,8	555,7	20,1	30,6
MA	20,9	20,9	20,9	-	-	2.369	2.428	2,5	49,5	50,8	50,8	2,6	2,6
PI	5,5	7,2	8,0	30,0	45,0	727	2.185	200,6	4,0	15,7	17,4	292,5	335,0
CE	0,3	0,3	0,3	-	-	347	417	20,2	0,1	0,1	0,1	-	-
RN	0,3	0,3	0,3	-	-	2.666	2.732	2,5	0,8	0,8	0,8	-	-
PB	0,1	0,1	0,1	-	-	269	449	66,9	-	0,1	0,1	-	-
BA	235,2	192,9	211,7	(18,0)	(10,0)	1.577	2.298	45,7	371,0	443,3	486,5	19,5	31,1
CENTRO-OESTE	660,4	649,0	675,1	(1,7)	2,2	2.194	2.382	8,6	1.448,8	1.545,8	1.607,9	6,7	11,0
MT	600,8	594,8	618,8	(1,0)	3,0	2.198	2.366	7,6	1.320,8	1.407,2	1.463,9	6,5	10,8
MS	29,9	25,4	26,6	(15,0)	(11,0)	2.474	2.661	7,6	74,0	67,6	70,8	(8,6)	(4,3)
GO	29,7	28,8	29,7	(3,0)	-	1.818	2.466	35,6	54,0	71,0	73,2	31,5	35,6
SUDESTE	23,8	21,7	23,7	(8,8)	(0,4)	2.043	2.088	2,2	48,6	45,3	49,6	(6,8)	2,1
MG	19,6	17,8	19,6	(9,0)	-	2.052	2.093	2,0	40,2	37,3	41,1	(7,2)	2,2
SP	4,2	3,9	4,1	(6,0)	(2,0)	2.000	2.063	3,2	8,4	8,0	8,5	(4,8)	1,2
SUL	0,9	0,9	0,9	-	-	1.351	1.375	1,7	1,3	1,2	1,2	(7,7)	(7,7)
PR	0,9	0,9	0,9	-	-	1.351	1.375	1,8	1,3	1,2	1,2	(7,7)	(7,7)
NORTE/NORDESTE	269,6	227,9	248,2	(15,5)	(7,9)	1.624	2.299	41,6	437,8	524,1	570,5	19,7	30,3
CENTRO-SUL	685,1	671,6	699,7	(2,0)	2,1	2.187	2.371	8,4	1.498,7	1.592,3	1.658,7	6,2	10,7
BRASIL	954,7	899,5	947,9	(5,8)	(0,7)	2.028	2.352	16,0	1.936,5	2.116,4	2.229,2	9,3	15,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2016.

Figura 10 – Mapeamento do algodão no Mato Grosso



Fonte: Ampa - Associação Matogrossense dos Produtores de Algodão



11.1.1.1. OFERTA E DEMANDA

Panorama mundial

De acordo com o Comitê Consultivo Internacional do Algodão – ICAC em seu relatório semanal de 27 de setembro de 2016, a produção mundial de pluma na safra 2015/16 deverá ser de 21.100 mil toneladas e de 22.620 mil toneladas para a safra 2016/17. Esses números, em comparação à safra 2014/15 indicam uma redução de 19,4% e 13,6% respectivamente.

O consumo mundial segundo o comitê deverá ser de 23.780 mil em 2015/16 e 23.8200 mil toneladas em

2016/17. Esses números indicam decréscimo no consumo global de 1,7% e 1,5% respectivamente em comparação à safra 2014/15. A menor demanda mundial se justifica pela menor procura chinesa e pela queda no preço do poliéster, principal concorrente do algodão dentre as fibras sintéticas.

Posto esses números, cabe aqui destacar que a produção mundial total estimada, para a safra 2015/16, será inferior ao consumo do globo em 2.680 mil toneladas.

Panorama nacional

O último levantamento de safra da Conab, a safra 2015/16 colheu 3,2 milhões de toneladas, valor 17% menor que o total da safra anterior. O maior estado produtor, Mato Grosso, teve uma queda de 4% em sua safra se comparada à passada. Já na Bahia, a redução na sua produção foi de 43%.

Além disso, a redução da atividade econômica brasileira é refletida diretamente nos investimentos da Indústria têxtil que segue reduzindo seu consumo, ora

estimado em 720 mil toneladas para a safra 2015/16. Para o período 2016/17 estima-se uma recuperação neste cenário, como pode ser visto no quadro de suprimento nacional do algodão. Cabe ainda indicar outros indicadores indicam forte redução no consumo nacional de pluma, segundo pesquisa industrial realizado pelo IBGE a variação percentual acumulada da produção física de produtos têxteis de janeiro a junho indica uma redução de 12%.

Configuração do quadro de oferta e demanda

Diante do cenário apresentado, a Conab projeta a seguinte configuração para 2016: Oferta total do produto (Estoque inicial + produção + importação) de 1.663,5 toneladas, enquanto que a demanda total (consumo interno + exportação) de 1.460,0 mil toneladas. Portanto, a previsão de estoque de passagem para o encerramento de 2016 passa a ser de 203,5 mil

toneladas de pluma.

Já as previsões para o período 2017, espera-se, inicialmente, um aumento na produção em torno de 12%, pois há um maior otimismo em relação aos fatores climáticos.

Tabela 17 - Algodão - Oferta e demanda

DISCRIMINAÇÃO (mil t.)	2011	2012	2013	2014	2015	2016 ⁽¹⁾	2017 ⁽²⁾
O F E R T A (1+2+3)	2.180,0	2.418,5	1.798,2	2.070,5	2.003,3	1.663,5	1.679,6
1. Estoque Inicial	76,0	521,7	470,5	305,1	438,4	349,0	203,5
2. Produção	1.959,8	1.893,3	1.310,3	1.734,0	1.562,8	1.289,5	1.446,05
- Centro/Sul	1.262,4	1.343,2	905,1	1.192,0	1.061,6	997,6	1.081,4
- Norte/Nordeste	697,4	550,1	405,2	542,0	501,2	291,9	364,7
3. Importações	144,2	3,5	17,4	31,5	2,1	25,0	30,0
4. D E M A N D A (5+6)	1.658,3	1.948,0	1.493,1	1.632,1	1.654,3	1.460,0	1.420,0
5. Consumo Interno	900,0	895,2	920,2	883,5	820,0	720,0	750,0
6. Exportações	758,3	1.052,8	572,9	748,6	834,3	740,0	670,0
7. Estoque Final (1-4)	521,7	470,5	305,1	438,4	349,0	203,5	259,6
Meses de Uso	3,8	2,9	2,5	3,2	2,5	1,7	2,2

Fonte: Conab.

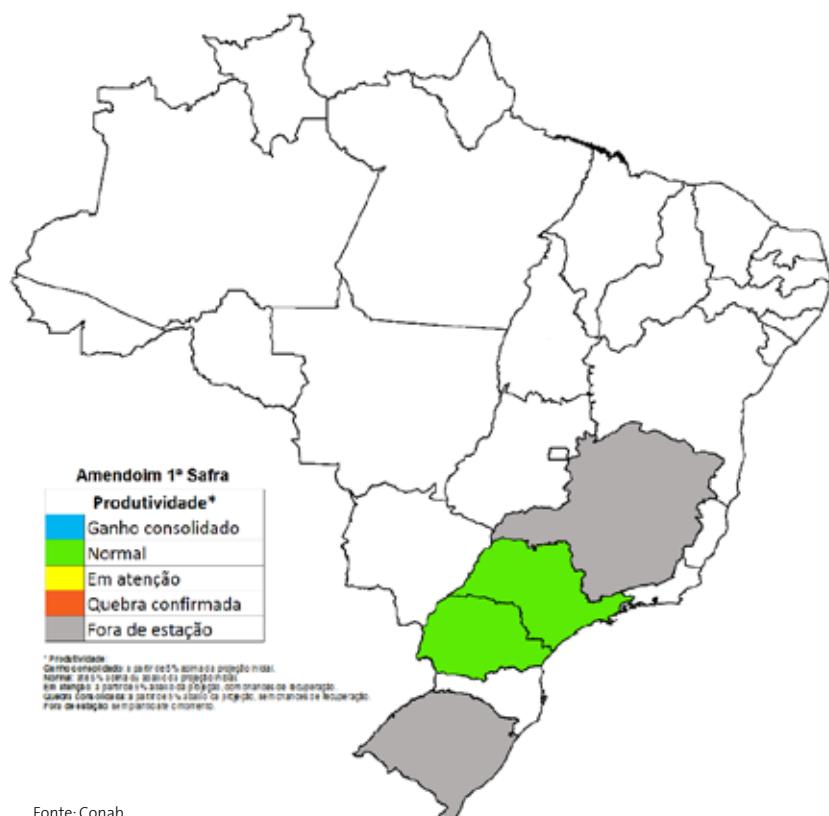
Notas: (1) e (2) estimativas



11.1.2. AMENDOIM

11.1.2.1. AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

Figura 11 - Mapa da estimativa de produtividade: Amendoim primeira safra (Safra 2016/2017) – Outubro/2016



Fonte: Conab.

Quadro 4 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Amendoim primeira safra (Safra 2016/2017)

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
SP	São José do Rio Preto - SP	PP	P/G	G/DV	F	F/EG	EG/M/C	C					
	Ribeirão Preto - SP	PP	P/G	G/DV	F	F/EG	EG/M/C	C					
	Araçatuba - SP	PP	P/G	G/DV	F	F/EG	EG/M/C	C					
	Bauru - SP	PP	P/G	G/DV	F	F/EG	EG/M/C	C					
	Araraquara - SP	PP	P/G	G/DV	F	F/EG	EG/M/C	C					
	Presidente Prudente - SP	PP	P/G	G/DV	F	F/EG	EG/M/C	C					
	Marília - SP	PP	P/G	G/DV	F	F/EG	EG/M/C	C					
	Assis - SP	P	P/G	G/DV	F	F/EG	EG/M/C	C					

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 18 - Comparativo de área, produtividade e produção - Amendoim primeira safra

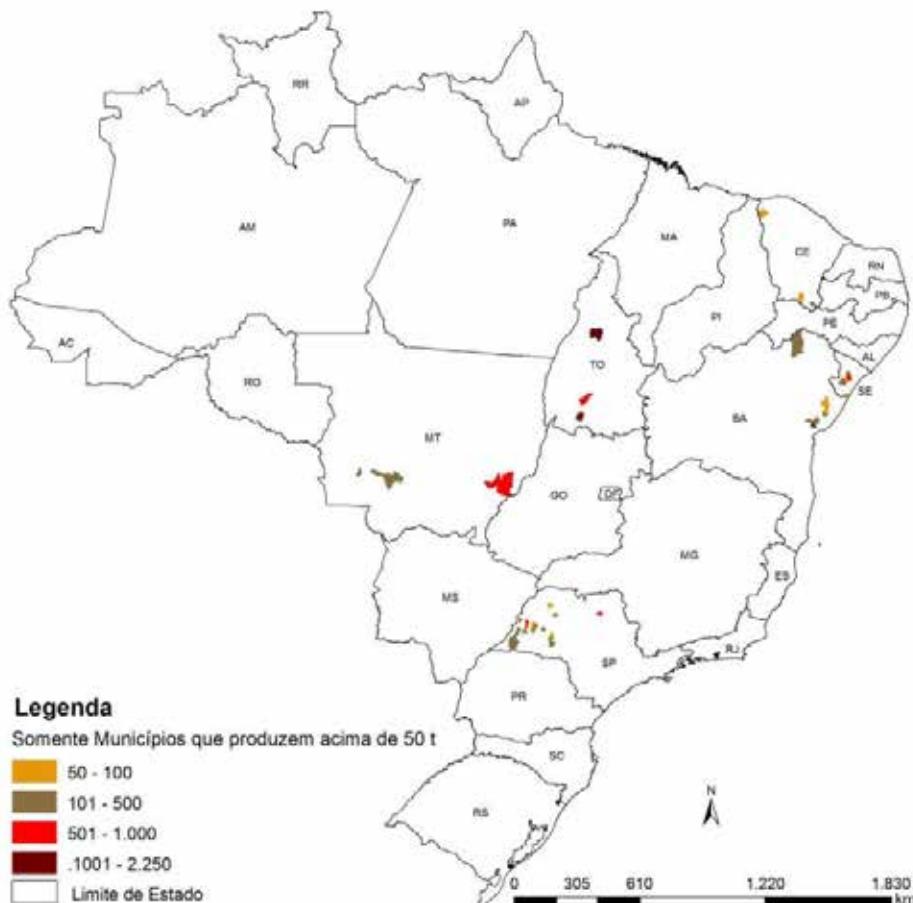
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %		Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
SUDESTE	105,1	107,1	110,4	1,9	5,0	3.543	3.663	3,4	372,4	392,3	404,5	5,3	8,6
MG	2,0	1,9	2,1	(5,0)	5,0	3.800	3.897	2,6	7,6	7,4	8,2	(2,6)	7,9
SP	103,1	105,2	108,3	2,0	5,0	3.538	3.659	3,4	364,8	384,9	396,3	5,5	8,6
SUL	5,2	5,2	5,2	-	-	3.149	3.167	0,6	16,4	16,5	16,5	0,6	0,6
PR	1,8	1,8	1,8	-	-	2.674	2.613	(2,3)	4,8	4,7	4,7	(2,1)	(2,1)
RS	3,4	3,4	3,4	-	-	3.400	3.460	1,8	11,6	11,8	11,8	1,7	1,7
CENTRO-SUL	110,3	112,3	115,6	1,8	4,8	3.524	3.641	3,3	388,8	408,8	421,0	5,1	8,3
BRASIL	110,3	112,3	115,6	1,8	4,8	3.524	3.641	3,3	388,8	408,8	421,0	5,1	8,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2016.

11.1.2.2. AMENDOIM SEGUNDA SAFRA

Figura 12 - Mapa da produção agrícola - amendoim segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.



Figura 13 -Mapa da estimativa de produtividade: Amendoim segunda safra (Safra 2016/2017) – Outubro/2016

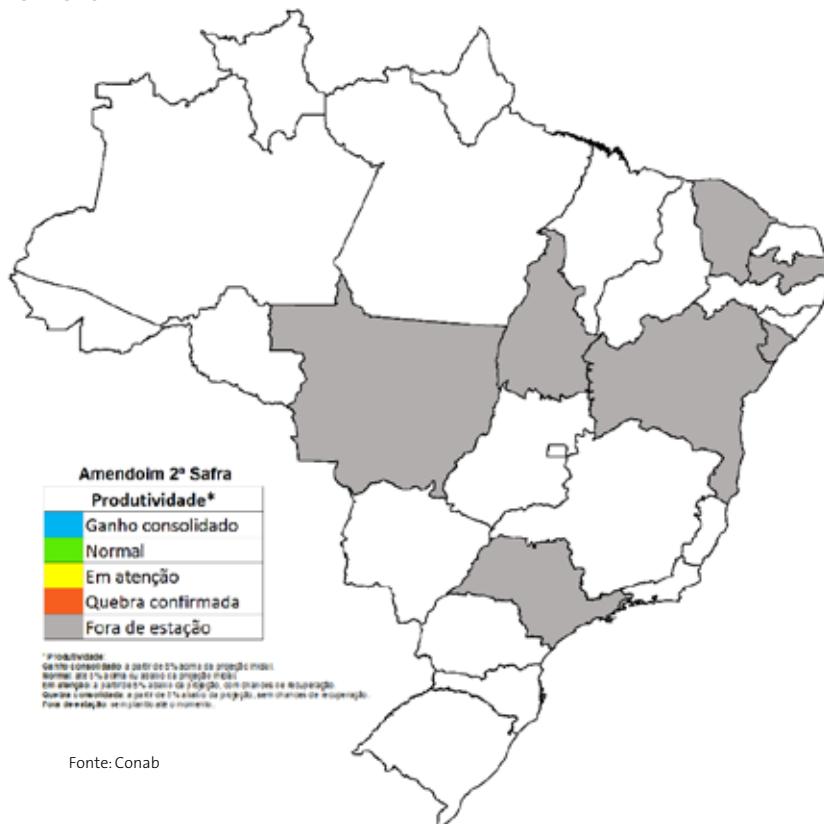


Tabela 19 – Comparativo de área, produtividade e produção – amendoim segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %		Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	0,7	0,7	0,7	-	-	1.740	3.785	117,5	1,2	2,6	2,6	116,7	116,7
TO	0,7	0,7	0,7	-	-	1.740	3.785	117,5	1,2	2,6	2,6	116,7	116,7
NORDESTE	3,4	3,4	3,4	-	-	989	1.110	12,2	3,3	3,8	3,8	15,2	15,2
CE	0,3	0,3	0,3	-	-	368	894	142,9	0,1	0,3	0,3	200,0	200,0
PB	0,5	0,5	0,5	-	-	433	635	46,7	0,2	0,3	0,3	50,0	50,0
SE	1,1	1,1	1,1	-	-	1.393	1.613	15,8	1,5	1,8	1,8	20,0	20,0
BA	1,5	1,5	1,5	-	-	1.003	942	(6,1)	1,5	1,4	1,4	(6,7)	(6,7)
CENTRO-OESTE	0,1	0,1	0,1	-	-	1.403	2.183	55,6	0,1	0,2	0,2	100,0	100,0
MT	0,1	0,1	0,1	-	-	1.403	2.183	55,6	0,1	0,2	0,2	100,0	100,0
SUDESTE	5,1	5,1	5,1	-	-	2.490	2.591	4,1	12,7	13,2	13,2	3,9	3,9
SP	5,1	5,1	5,1	-	-	2.490	2.591	4,1	12,7	13,2	13,2	3,9	3,9
NORTE/NORDESTE	4,1	4,1	4,1	-	-	1.342	1.566	16,7	4,5	6,4	6,4	42,2	42,2
CENTRO-SUL	5,2	5,2	5,2	-	-	2.469	2.583	4,6	12,8	13,4	13,4	4,7	4,7
BRASIL	9,3	9,3	9,3	-	-	1.873	2.135	14,0	17,3	19,8	19,8	14,5	14,5

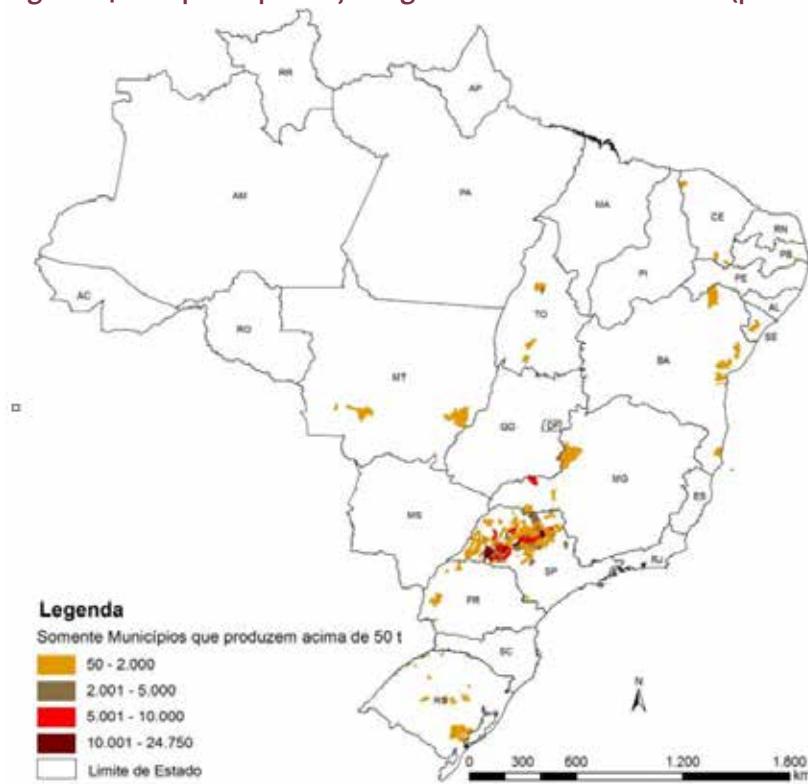
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2016.



11.1.2.3. AMENDOIM TOTAL

Figura 14 - Mapa da produção agrícola – Amendoim total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 20 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %		Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	0,7	0,7	0,7	-	-	1.740	3.785	117,5	1,2	2,6	2,6	116,7	116,7
TO	0,7	0,7	0,7	-	-	1.740	3.714	113,5	1,2	2,6	2,6	116,7	116,7
NORDESTE	3,4	3,4	3,4	-	-	989	1.110	12,2	3,3	3,8	3,8	15,2	15,2
CE	0,3	0,3	0,3	-	-	368	1.000	171,7	0,1	0,3	0,3	200,0	200,0
PB	0,5	0,5	0,5	-	-	433	600	38,6	0,2	0,3	0,3	50,0	50,0
SE	1,1	1,1	1,1	-	-	1.393	1.636	17,5	1,5	1,8	1,8	20,0	20,0
BA	1,5	1,5	1,5	-	-	1.003	933	(6,9)	1,5	1,4	1,4	(6,7)	(6,7)
CENTRO-OESTE	0,1	0,1	0,1	-	-	1.403	2.183	55,6	0,1	0,2	0,2	100,0	100,0
MT	0,1	0,1	0,1	-	-	1.403	2.000	42,6	0,1	0,2	0,2	100,0	100,0
SUDESTE	110,2	112,2	115,5	1,8	4,8	3.494	3.615	3,5	385,1	405,5	417,7	5,3	8,5
MG	2,0	1,9	2,1	-	-	3.800	3.900	2,6	7,6	7,4	8,2	(2,6)	7,9
SP	108,2	110,3	113,4	-	-	3.489	3.610	3,5	377,5	398,1	409,5	5,5	8,5
SUL	5,2	5,2	5,2	-	-	3.149	3.167	0,6	16,4	16,5	16,5	0,6	0,6
PR	1,8	1,8	1,8	-	-	2.674	2.611	(2,4)	4,8	4,7	4,7	(2,1)	(2,1)
RS	3,4	3,4	3,4	-	-	3.400	3.471	2,1	11,6	11,8	11,8	1,7	1,7
NORTE/NORDESTE	4,1	4,1	4,1	-	-	1.117	1.566	40,2	4,5	6,4	6,4	42,2	42,2
CENTRO-SUL	115,5	117,5	120,8	1,7	4,6	3.477	3.595	3,4	401,6	422,2	434,4	5,1	8,2
BRASIL	119,6	121,6	124,9	1,7	4,4	3.396	3.527	3,9	406,1	428,6	440,8	5,5	8,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2016.



11.1.3. ARROZ

As primeiras análises dos números da cultura do arroz, da safra 2016/17 indicam um incremento da área plantada de 4% em relação à safra passada.

Na produtividade o aumento previsto será de 9,4% na média nacional, estimada em 5.777 kg/ha, com variações positivas ou negativas nos estados, a ser conferida no decorrer da safra. A mesma tendência pode ser verificada na estimativa de produção, onde os números nacionais apontam para incremento entre 9,3% e 13,8%, ficando entre 11,5 e 12 milhões de toneladas.

No Rio Grande do Sul, maior estado produtor do cereal, que na safra 2015/16 representou quase 86,6% da produção brasileira, há indicativo de incremento da área plantada e nas produtividades. A área plantada deverá ficar entre 1.100,7 e 1.150,2 mil hectares, ante aos 1.076 mil hectares da safra passada. Com uma produtividade média esperada de 7.503 kg/ha, a produção total deverá ficar entre 8.258,6 e 8.630 mil toneladas, 12,3% ou 17,3% maior que a safra 2015/16. Os prognósticos de clima favorável à cultura e a boa disponibilidade de água em todas as regiões justificam a possibilidade deste aumento, que só não será maior em razão das dificuldades de acesso ao crédito e aos elevados custos produção. Até agora apenas 3% da área foi semeada, sendo a Fronteira Oeste a mais adiantada, com cerca de 8% já semeadas. Áreas das Planícies Costeiras Interna e Externa ainda não iniciaram a semeadura, enquanto na Zona Sul, Campanha e Depressão Central as operações já iniciaram, devendo se intensificar nas próximas semanas, aproveitando as condições climáticas favoráveis previstas. Ainda não é possível precisar o percentual de área que cada um dos sistemas de cultivo que será empregado. Entretanto, devido às condições favoráveis determinadas pelo inverno de pouca chuva, estima-se que cerca de 65% da área foi preparada antecipadamente, indicando o amplo predomínio do sistema de cultivo mínimo. O sistema de plantio de arroz pré-germinado continuará restrito às regiões que tradicionalmente empregam esta tecnologia, como em áreas das Planícies Costeiras Interna e Externa e da Depressão Central. Quanto ao uso de cultivares, consolida-se o amplo predomínio do cultivar Irga 424 e RI-2706-1 em todas as regiões, tendo em vista a maior disponibilidade da semente nesta safra, embora ainda não suficiente para atendimento a toda demanda. As cultivares Guri, Puitá e Irga 424 convencional, além das cultivares Epagri (no cultivo pré-germinado), praticamente complementam o rol dos materiais genéticos utilizados.

O plantio em Santa Catarina começou um pouco mais tarde se comparado ao ano anterior, devido às expectativas de dias frios ainda em agosto e setembro, prin-

cipalmente na região sul. Além disso, na região sul é a falta de água que começa a preocupar os produtores, principalmente aqueles que ainda não implantaram as lavouras. A falta de água pode levar ao atraso dos plantios, o que deve ser verificado no próximo levantamento. No norte o clima continua favorável para a implantação e desenvolvimento da cultura. Em relação à área destinada para a cultura, não foi observado alterações em relação à safra passada, devendo permanecer em torno de 147,4 mil hectares e 148 mil hectares, principalmente pela dificuldade de obtenção de licença ambiental para abertura de novas áreas para o cultivo do arroz irrigado. O início da safra 2016/17 traz boas expectativas de produção, e os produtores estão otimistas esperando colher em média 7.327 kg/ha, cerca de 2,6% superior ao registrado na safra passada. A produção total ficará entre 2,6% e 3,1%, maior do que a safra 2015/16, variando entre 1.080 e 1.084,4 mil toneladas. No momento do levantamento das informações cerca de 30% da área já estava implantada, visto que até o final de setembro este número deve subir para 60%. Estima-se que o plantio deva ir até final de outubro, com algumas áreas no sul do estado a serem implantadas até meados de novembro. O crédito de custeio está sendo oferecido dentro da normalidade, em algumas localidades a liberação está mais lenta, mas sem causar transtornos para os produtores. A liberação de financiamento de maquinários reduziu em relação ao ano anterior, mostrando maiores apreensões em relação à atual situação política e econômica do país. A oferta de insumos também está dentro da normalidade, visto que o cultivar mais procurado pelos produtores nesta safra é a SCS 121 da Epagri.

No Paraná há tendência de aumento da área, produtividade e produção para a safra 2016/17. A área aponta incremento entre 5% e 10%, variando entre 27,5 mil hectares e 28,8 mil hectares, ante aos 26,2 mil hectares da safra passada, a produtividade estima aumento de 15,9%, calcula-se aumento na produção entre 146 mil toneladas e 152,9 mil toneladas, ante à safra passada que foi de 120 mil toneladas, variação entre 21,7% e 27,4%. Os produtores apostam nos bons preços e no clima, que até o momento se encontra favorável.

Na Região Norte os dados indicam que a safra de arroz terá queda de área, variando entre 256,3 a 263,8 mil hectares. Com uma produtividade estimada em 3.867 kg/ha, a produção total da região ficará entre 989,5 e 1.021,5 mil toneladas. Dos estados da região, o Amazonas e Roraima apresentam números que indicam incremento da área plantada entre 100% e 120% e 38% e 44%, respectivamente. Em Tocantins, Rondônia e Amapá, ao contrário de Amazonas e Roraima, há



indicativo de redução de área.

No Amazonas o arroz é cultivado em dois modelos: plantio na várzea ou em terra firme. A produtividade estimada é de 2.143 kg/ha, 6,4% inferior à safra anterior. As perspectivas para retorno das áreas plantadas com arroz, milho e feijão no Amazonas, em quantidades suficientes para atender a demanda (mesmo que parcial) da população do estado, não se apresentam em um horizonte de curto prazo com possibilidades concretas. A produção agrícola de grãos do Amazonas é muito dependente da ação de fomento do governo do estado, realizado pela Secretaria de Estado da Produção Rural/Sepror através do Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas/Idam. Essa realidade se potencializa pela característica familiar dessa agricultura, grandes distâncias dos municípios do interior ao principal centro fornecedor de insumos (Manaus) e o alto custo destes. Dentro deste cenário, na maioria dos municípios do interior, as sementes distribuídas pelo Idam, tornam-se a única forma possível de acesso a este insumo. Considerando que este ano ainda não foi elaborado nenhum projeto básico para aquisição de sementes, podemos projetar números muitos baixos de área plantadas com grãos para a safra 2016/17.

Em Tocantins, em grande parte das regiões produtoras, onde a cultura é cultivada exclusivamente para fins de comercialização, a expectativa é de queda da área plantada em 3%, em razão das dificuldades na venda do produto e também devido à opção por parte dos produtores por culturas que possuem melhores perspectivas de mercado, como o feijão e o milho, além do elevado custo de produção e alto de grau de endividamento dos orizicultores da região sudoeste do estado, influencia em resultado positivo. Contudo, a atual cotação do produto no mercado poderá mudar positivamente este diagnóstico.

Em Rondônia haverá retração na área entre 14% e 8%, na produtividade de 2,7% e na produção entre 16,5% e 10,5%. O início do plantio estava previsto para ocorrer ainda na segunda quinzena de setembro, após o término do vazio sanitário, que foi de 15 de junho a 15 de setembro, com o atraso das chuvas nenhuma área foi, até o momento, semeada, inclusive parte dos maquinários estão aguardando a ocorrência de novas precipitações para conclusão dos trabalhos de preparo do solo. O seu calendário agrícola programa o início do plantio em setembro em torno de 10%, outubro 20%, novembro 60% e algumas lavouras em dezembro, 10%. Esse Calendário pode ter pequena variação, conforme as tendências de as chuvas acontecerem. As informações indicam a tendência de redução da área dessa cultura, passando a estas a ser ocupada pela

soja. A cultura do arroz, na sua maior parte, é financiada através de três empresas que fornecem sementes selecionadas, adubos, inseticidas, insumos, óleo combustível, recursos financeiros e automaticamente vinculam a venda dos produtores para posteriormente disporem de um estoque de matéria-prima necessárias para movimentações dos seus parques industriais, e assim, atenderem seus mercados tradicionais, como todo o estado de Rondônia, além dos mercados de Rio Branco (AC), Manaus(AM) e até o país vizinho, como a Bolívia.

Em Roraima há indicativo de incremento da área plantada e na produção. A área plantada deverá ficar entre 11,9 e 12,4 mil hectares, ante aos 8,6 mil hectares da safra passada, com produção média esperada entre 82,5 e 85,9 mil toneladas, incremento entre 36,6% e 42,2%. A produtividade aponta uma ligeira retração de 1,3%. Sobre a safra 2015/16, o arroz irrigado de verão está quase 100% colhido, confirmado-se os 2.400 hectares plantados no início das chuvas, que são irrigados por inundação, bem como a produtividade média de 7.200 kg/ha, acima da média estadual de 7.000 kg/ha. Ressalte-se que o fechamento da safra 2015/16 teve produtividade média de R\$ 7.056, já que o quantitativo de arroz irrigado colhido, da safra de verão, fechou em 7.000 kg/ha, correspondente ao total de 6.163 hectares de área plantada. Já para a safra 2016/17, o setor estima uma área a ser plantada de 10.000 hectares, referente à safra de verão. Ainda não há projeções de quantitativo de área para a safra de inverno, portanto, o setor prefere trabalhar com o mesmo quantitativo de 2.400 hectares, o que eleva a intenção de plantio da safra 2016/17 para 12.400 mil hectares. O plantio de verão já foi iniciado, com menos de 5% de área plantada. Esse aumento de 8.563 mil hectares (6.163 mil hectares da safra irrigada de verão e 2.400 mil hectares da safra irrigada de inverno), para 12.400 mil hectares está relacionado às boas perspectivas de preços do produto no mercado local e devido à queda do dólar. Mas para esse aumento de área serão utilizadas áreas em pousio e não haverá ampliação da fronteira agrícola. O preço do arroz em casca, em nível de produtor, geralmente não sofre grandes alterações de um mês para o outro. Em agosto, porém, houve uma alta significativa. Esta semana, porém, o preço sofreu queda de 8,33%, que se pode considerar um retorno gradual à normalidade de preços. Apesar de ainda ser verificado na praça de Boa Vista muitos compradores venezuelanos fazendo compras sistemáticas de fardos de arroz, para compensar o desabastecimento em seu país. O comportamento de preços do varejo segue a mesma lógica, podendo ser o responsável pela alta do setor produtivo e não o contrário, relacionando, portanto, à lei da oferta e demanda, ao invés de aumento de custos na área produtiva



A redução de área também é identificada no Nordeste, onde a produção é historicamente pouco significativa. A baixa competitividade frente ao arroz vindo de outros estados produtores, o alto custo de implantação da lavoura, a necessidade de condições hídricas favoráveis para se atingir bons índices de produtividade que compensem o investimento, reduzem as áreas com o cereal.

No Maranhão, maior produtor da Região Nordeste, na área plantada se estima redução de 3%, entre 176,1 e 181,5 mil hectares. Porém as expectativas indicam aumento de produtividade, chegando a 1.497 kg/ha. Basicamente são agricultores familiares que dependem do governo estadual para obtenção de sementes e insumos para o plantio.

Na Bahia a cultura do arroz é tradicionalmente cultivada nas áreas recém-abertas, devido, principalmente, a sua tolerância à acidez. Geralmente o cultivo não se repete nos anos seguintes devido aos baixos preços de mercado. A primeira intenção de plantio da lavoura de arroz aponta para aumento na área plantada, variando de 10% a 20% para a safra 2016/17 em relação a 2015/16. Este aumento é atribuído à retomada das áreas não cultivadas na última safra devido às adversidades climáticas.

Em Sergipe a estimativa para a safra 2016/17 é de manutenção de área em 5,1 mil hectares. O cultivo do arroz está se intensificando e o plantio da safra atual se encerrará em outubro. Diferentemente das lavouras de milho e feijão, o cultivo do arroz é realizado na região do baixo São Francisco e não depende de chuvas para o desenvolvimento da cultura, uma vez que as áreas são irrigadas com as águas do Rio São Francisco. No momento, as condições das lavouras são boas e não há relatos de pragas e/ou doenças causando danos significativos. O plantio da cultura do arroz é muito pulverizado, em Sergipe, onde vem sendo realizado em janeiro, fevereiro, março, maio, junho, julho, agosto, setembro e outubro, em virtude da falta de estrutura nos perímetros irrigados, que não possuem estrutura para o preparo do solo, plantio e irrigação de todos os lotes ao mesmo tempo. Algumas áreas plantadas em janeiro, fevereiro e março já foram colhidas e estão sendo replantadas nos próximos meses. As áreas plantadas e colhidas, assim como as áreas que estão em fase de germinação e desenvolvimento vegetativo, não tiveram ou apresentam perda significativa com pragas e/ou doenças e o rendimento médio é considerado bom, de 6.866 kg/ha. Destacamos ainda que, a boa produtividade média no estado, prejudicada no ano anterior devido ao frequente ataque de ratos, aumenta a cada ano e poderá chegar a 9 toneladas por

hectares em muitas áreas no perímetro irrigado de Betume. Por se tratar de perímetros irrigados, a regularidade ou a falta de chuvas dificilmente influenciará decisivamente na produtividade final do grão. Os agricultores poderão ter alguma dificuldade em relação ao Brusone, doença que aparece com o aumento da temperatura e umidade. Entretanto, não se observou ainda nenhuma anormalidade no desenvolvimento da cultura. Houve perda de área plantada na presente safra por conta do avanço do mar sobre o rio São Francisco, causando a salinização de algumas áreas no município de Brejo Grande, único que não faz parte dos perímetros irrigados do baixo São Francisco (Cotinguiba/Pindoba, Propriá e Betume). A cidade de Brejo Grande foi onde ocorreu o ataque mais significativo de ratos na plantação, causando uma perda de até 80% na produção. A Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco e do Parnaíba (Codevasf) realizou à aquisição de novas bombas de irrigação e a manutenção das já existentes no perímetro irrigado, fato que está animando os agricultores. O elevado preço do produto é outro atrativo que poderia ser decisivo para o aumento da área plantada na presente safra, no entanto, dificilmente ocorrerá aumento. O governo estadual doou também sementes e maquinário para os pequenos produtores de arroz do baixo São Francisco, assim como em anos anteriores. Na safra anterior o governo distribuiu 400 toneladas de sementes de arroz aos rizicultores na região do baixo São Francisco, no leste do estado, onde é cultivado o produto. As máquinas são disponibilizadas tanto para o plantio quanto para a colheita da cultura.

Na Região Centro-Oeste haverá incremento na área de 2%, na produtividade de 11,3, projetando incremento na produção entre 4,5% e 13,3%, a produção total da região ficará entre 635,1 e 689,1 mil toneladas.

No Mato Grosso, apesar dos preços atrativos, a expectativa é que a área dedicada à cultura, na safra 2016/17, seja ainda menor, devido ao pouco investimento na abertura de novas áreas em decorrência do endividamento dos produtores rurais. Outro aspecto importante é que parte do espaço destinado à orizicultura na safra passada deverá ser aproveitado para o plantio da soja no atual ciclo produtivo. A partir disso, estima-se que no estado, plante 137,3 mil hectares de arroz, ante aos 152,5 mil hectares na safra passada. A produtividade deverá se manter nos patamares da safra passada, ficando em 3.098 kg/ha, incremento de 7,7%.

Em Mato Grosso do Sul, neste primeiro levantamento da safra de grãos, podemos observar tendência de aumento de área a ser plantada em relação à safra passada em torno de 30,1%. Esse aumento se deve principalmente, à expectativa futura de mercado, que



sinaliza bons preços. O município de Miranda, maior produtor do estado, está bem adiantado com o plantio, com aproximadamente 75% já cultivados. Nos demais municípios o plantio está na fase inicial ou ainda não iniciou, sendo em outubro a maior concentração do plantio. O plantio em algumas localidades é bastante escalonado, podendo se estender de setembro a janeiro do próximo ano. Nas áreas já plantadas predomina a fase de germinação e início de desenvolvimento vegetativo. Grande parte dos produtores utilizam sementes certificadas, mas alguns compram sementes certificadas e reproduzem por dois a três anos e depois voltam a comprar sementes certificadas. A produtividade para esta safra permanece semelhante à da safra anterior, em torno de 6.322 kg/ha. A produção é comercializada regionalmente para atender ao mercado estadual. Em relação à utilização de crédito para custeio foi levantado que, para esta safra, a liberação dos recursos tem ocorrido de modo truncado. Além das exigências documentais, principalmente relacionadas ao meio ambiente, para obtenção dos recursos junto às instituições, tem sido levado em consideração pelas instituições as condições cadastrais do produtor (carteira agrícola). Em resumo, poucos produtores conseguem utilizar o crédito para custeio junto às instituições bancárias para esta cultura.

Incremento de área de 16,9% na Região Sudeste, estima-se que a produção de arroz fique em 2,6% menor, quando comparada com a safra passada, chegando a 53,1 mil toneladas, da mesma forma, retração na produtividade de 0,6%.

Nesta primeira estimativa de plantio para Minas Ge-

rais, estima-se área entre 6 e 6,7 mil hectares cultivados na safra 2016/17, seguindo a tendência de redução de safras anteriores. Fatores como a baixa competitividade desta cultura em relação a outras mais rentáveis, vulnerabilidade aos riscos climáticos e restrições ao cultivo em áreas de várzea são as causas apontadas para esta redução, principalmente nos sistemas de sequeiro e de várzea úmida. Parte das lavouras ainda existentes são conduzidas por produtores tradicionais, em pequenas áreas e com baixo nível tecnológico, e se destinam basicamente ao consumo próprio, com eventuais excedentes sendo comercializados em mercados locais e regionais. As maiores áreas restantes são irrigadas, em municípios com tradição de cultivo com obtenção de produtividades mais elevadas. O plantio ocorre normalmente entre outubro e dezembro. Considerando as produtividades médias alcançadas nas áreas irrigadas, de 2.300 kg/ha, a produção poderá variar entre 13,4 e 14,9 mil toneladas.

Em São Paulo, neste primeiro levantamento de intenção de plantio, sinaliza com uma pequena redução na área (-3%). O produtor tende a migrar para outras culturas de maior rentabilidade, visando um maior retorno financeiro. Outra razão que influencia nesta redução é a concorrência com o arroz oriundo do Rio Grande do Sul (maior produtor nacional). Entretanto, apesar do recuo de área ao longo dos últimos anos no estado paulista, essa atividade tem um papel importante na economia regional, principalmente na região do Vale do Paraíba, que participa com mais de 60% da produção do estado. ..



Figura 15 – Mapa da produção agrícola – Arroz

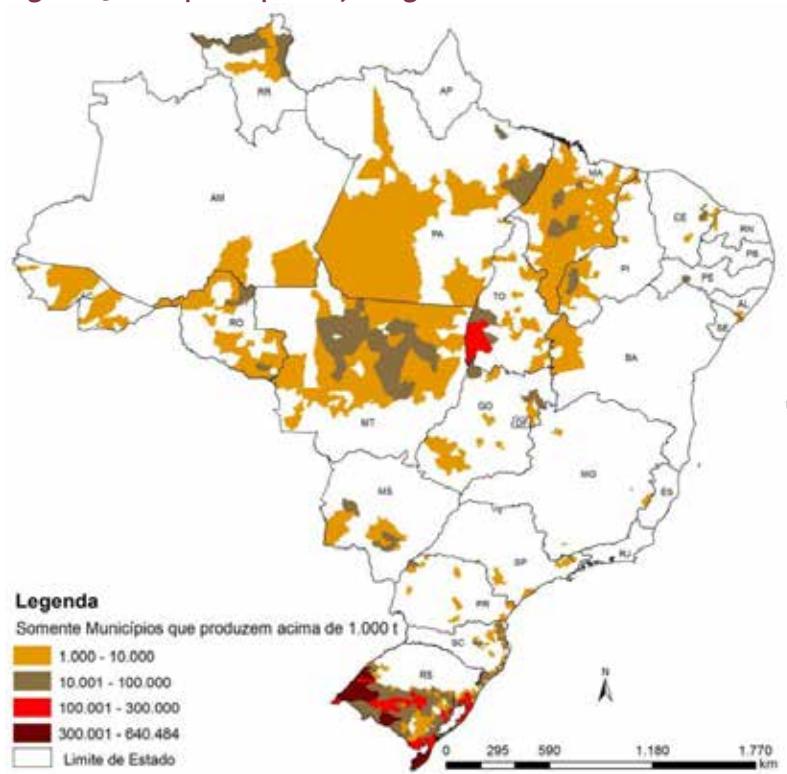
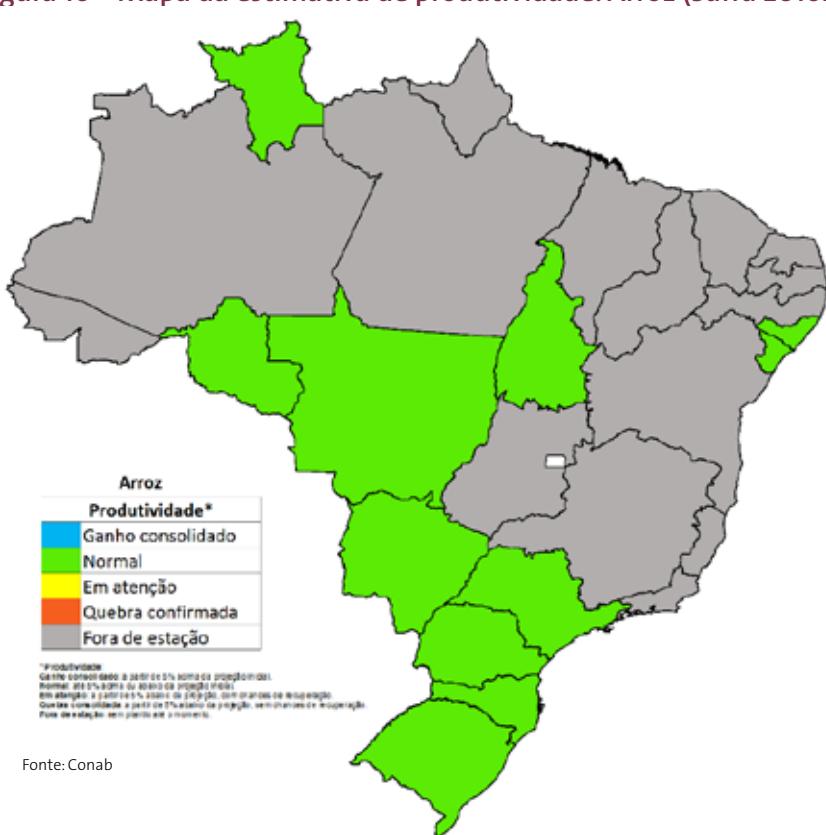


Figura 16 – Mapa da estimativa de produtividade: Arroz (Safra 2016/2017) – Outubro/2016



Quadro 5 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Arroz (Safra 2016/2017).

UF	Mesorregiões	Arroz											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RR**	Norte de Roraima	PP	P/G/DV	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
RO	Leste Rondoniense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
PA	Sudeste Paraense		PP	P/G/DV	DV	F/FR	FR/M/C	C					
TO	Ocidental do Tocantins	PP	P/G/DV	DV	F/FR	FR/M/C	C	C	C				
	Oriental do Tocantins		P	P/G	G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	C	C	C	C
MA	Norte Maranhense					P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	C	C		
	Oeste Maranhense					P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	C	C		
	Centro Maranhense					P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	C	C		
	Leste Maranhense					P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	C	C		
PI	Norte Piauiense												
	Centro-Norte Piauiense					PP	P/G/DV	DV	DV/F	FR/M/C	C	C	
	Sudoeste Piauiense					P	P/G/DV	DV	F/FR	FR/M/C	C	C	C
MT	Norte Mato-grossense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR	M/C	C	C				
	Nordeste Mato-grossense	PP	P	G/DV	DV/F	FR	M/C	C	C				
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	P	P/G	G/DV	DV/F	FR	M/C	C					
GO	Leste Goiano		P	G/DV	DV/F	FR	M/C	C	C				
SC**	Norte Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR	M/C	C	C				
	Vale do Itajaí	P	P/G	G/DV	DV/F	FR	M/C	C	C				
	Sul Catarinense	P	P	P/G/DV	DV/F	FR	M/C	C	C				
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Centro Oriental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Metropolitana de Porto Alegre	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sudoeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	C				
	Sudeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR	M/C	C	C				

Legendas:

 Baixa restrição - falta de chuvas  Favorável  Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 21 - Comparativo de área, produtividade e produção - Arroz

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %		Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	265,4	256,3	263,8	(3,4)	(0,6)	3.835	3.867	0,8	1.017,8	989,5	1.021,5	(2,8)	0,4
RR	8,6	11,9	12,4	38,0	44,0	7.023	6.930	(1,3)	60,4	82,5	85,9	36,6	42,2
RO	42,6	36,6	39,2	(14,0)	(8,0)	3.423	3.329	(2,7)	145,8	121,8	130,5	(16,5)	(10,5)
AC	5,1	5,1	5,1	-	-	1.353	1.382	2,1	6,9	7,0	7,0	1,4	1,4
AM	1,9	3,8	4,2	100,0	120,0	2.290	2.143	(6,4)	4,4	8,1	9,0	84,1	104,5
AP	1,5	1,2	1,2	(21,0)	(21,0)	918	1.002	9,2	1,4	1,2	1,2	(14,3)	(14,3)
PA	72,9	72,9	72,9	-	-	2.520	2.414	(4,2)	183,7	176,0	176,0	(4,2)	(4,2)
TO	132,8	124,8	128,8	(6,0)	(3,0)	4.632	4.751	2,6	615,2	592,9	611,9	(3,6)	(0,5)
NORDESTE	283,3	278,7	284,9	(1,6)	0,6	1.389	1.542	11,0	393,7	429,9	438,7	9,2	11,4
MA	181,5	176,1	181,5	(3,0)	-	1.478	1.497	1,3	268,3	263,6	271,7	(1,8)	1,3
PI	79,1	79,1	79,1	-	-	755	1.182	56,6	59,7	93,5	93,5	56,6	56,6
CE	4,7	4,7	4,7	-	-	648	1.688	160,5	3,0	7,9	7,9	163,3	163,3
RN	1,0	1,0	1,0	-	-	2.931	2.933	0,1	2,9	2,9	2,9	-	-
PB	0,8	0,8	0,8	-	-	197	872	342,6	0,2	0,7	0,7	250,0	250,0
PE	0,3	0,3	0,3	-	-	4.500	5.467	21,5	1,4	1,6	1,6	14,3	14,3
AL	3,0	3,0	3,0	-	-	5.720	5.831	1,9	17,2	17,5	17,5	1,7	1,7
SE	5,1	5,1	5,1	-	-	7.255	6.866	(5,4)	37,0	35,0	35,0	(5,4)	(5,4)
BA	7,8	8,6	9,4	10,0	20,0	510	837	64,1	4,0	7,2	7,9	80,0	97,5
CENTRO-OESTE	192,5	180,1	196,4	(6,4)	2,0	3.159	3.517	11,3	608,0	635,1	689,1	4,5	13,3
MT	152,5	137,3	152,5	(10,0)	-	2.876	3.098	7,7	438,6	425,4	472,4	(3,0)	7,7
MS	14,0	16,8	17,9	20,0	28,0	4.860	6.322	30,1	68,0	106,2	113,2	56,2	66,5
GO	26,0	26,0	26,0	-	-	3.900	3.980	2,1	101,4	103,5	103,5	2,1	2,1
SUDESTE	17,0	15,9	16,9	(6,5)	(0,6)	3.200	3.154	(1,4)	54,5	50,4	53,1	(7,5)	(2,6)
MG	6,5	6,0	6,7	(8,0)	3,0	2.300	2.225	(3,3)	15,0	13,4	14,9	(10,7)	(0,7)
ES	0,2	0,2	0,2	-	-	2.480	2.481	-	0,5	0,5	0,5	-	-
RJ	0,3	0,3	0,3	-	-	3.667	3.358	(8,4)	1,1	1,0	1,0	(9,1)	(9,1)
SP	10,0	9,4	9,7	(6,0)	(3,0)	3.785	3.780	(0,1)	37,9	35,5	36,7	(6,3)	(3,2)
SUL	1.249,6	1.275,6	1.327,0	2,1	6,2	6.825	7.412	8,6	8.528,9	9.453,4	9.835,9	10,8	15,3
PR	26,2	27,5	28,8	5,0	10,0	4.582	5.310	15,9	120,0	146,0	152,9	21,7	27,4
SC	147,4	147,4	148,0	-	0,4	7.139	7.115	(0,3)	1.052,3	1.048,8	1.053,0	(0,3)	0,1
RS	1.076,0	1.100,7	1.150,2	2,3	6,9	6.837	7.503	9,7	7.356,6	8.258,6	8.630,0	12,3	17,3
NORTE/NORDESTE	548,7	535,0	548,7	(2,5)	-	2.572	2.658	3,3	1.411,5	1.419,4	1.460,2	0,6	3,5
CENTRO-SUL	1.459,1	1.471,6	1.540,3	0,9	5,6	6.299	6.878	9,2	9.191,4	10.138,9	10.578,1	10,3	15,1
BRASIL	2.007,8	2.006,6	2.089,0	(0,1)	4,0	5.281	5.762	9,1	10.602,9	11.558,3	12.038,3	9,0	13,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2016.

11.1.3.1. OFERTA E DEMANDA

No mercado de arroz ao produtor do Rio Grande do Sul (RS), observou-se uma baixa liquidez em face da menor demanda das indústrias de beneficiamento e da oferta restrita dos produtores, que aguardam o melhor momento para a comercialização do produto restante da safra 2015/16. O preço médio semanal estadual encerrou a semana cotado a R\$49,54 por saco de 50 quilos de arroz em casca e mantém o patamar remunerador alcançado em virtude da menor safra 2015/16. Em Mato Grosso, o bom abastecimento das indústrias com produto gaúcho e o enfraquecimento do varejo implicaram em desvalorização mensal de

7,05%, encerrando o arroz cotado a um preço médio de R\$ 63,68 por saco de 60 quilos.

Em relação ao atacado, o mercado apresenta leve viés de alta, em virtude da redução da oferta nacional, cotado em R\$ 76,48 por fardo de 30 quilos de arroz beneficiado. Ademais, como fatores determinantes no comportamento atual do mercado atacado, destaca-se a maior importação de produto merkosulino. Assim, os preços no atacado apresentaram expansão semanal de 2,93% e, mensal, de 0,74%.



No período comercial 2015/16 consolidado, de março de 2015 até fevereiro de 2016, observa-se um relevante saldo de 858,8 mil toneladas em base casca. Para os seis primeiros meses de análise do período comercial 2016/17, março a agosto de 2016, observa-se um saldo negativo de 28,1 mil toneladas, o que corrobora com a previsão da Conab de déficit acumulado de 200 mil toneladas até fevereiro 2017. Em agosto, o Brasil exportou 26,9 mil toneladas de arroz base casca e importou 159 mil toneladas. Dentre os principais destinos do produto brasileiro, destacam-se o Peru, com uma aquisição de 6,2 mil toneladas a um preço médio de comercialização de US\$ 583,28, e a Venezuela – com aquisição de 2,3 mil toneladas a um preço médio de US\$ 951,00 –, ambos os países na aquisição de arroz branco beneficiado.

Sobre as compras nacionais de arroz internacional, o Paraguai, maior exportador para o mercado brasileiro, comercializou 71,3 mil toneladas de arroz branco be-

neficiado em uma média de US\$ 391,84 por tonelada, abaixo da média de preço negociado do arroz brasileiro branco beneficiado de US\$ 613,78 por tonelada. Cabe destacar que o arroz paraguaio continua sendo direcionado em sua maioria para os mercados de São Paulo e Minas Gerais. Na soma de todas as compras no mercado internacional em julho de 2016, o Brasil importou 352,38% a mais do que o registrado em julho de 2015, no qual o volume foi de 35,1 mil toneladas.

Nesta primeira projeção de safra 2016/17, é estimada uma safra de 11,8 milhões de toneladas, em função de uma esperada recuperação de produtividade, para um consumo de 11,5 milhões de toneladas. Ademais, há expectativa de uma balança comercial equilibrada no próximo período de comercialização, o que resultaria em um estoque final de passagem de 614,1 mil toneladas.

11.1.4. FEIJÃO

11.1.4.1. FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

A primeira avaliação do cultivo de feijão primeira safra indica incremento na área plantada e deve ficar entre 1.058,8 e 1.115,4 mil hectares, com uma produtividade média de 1.097 kg/ha. Com isso, a produção total deve apresentar um aumento entre 11,9% e 18,7%, no intervalo entre 1.157,1 e 1.227,8 mil toneladas.

Na Bahia, estima-se que a área de plantio deverá ser entre 241 mil hectares e 262,4 mil hectares, representando uma variação positiva entre 27,4% e 38,7% em relação à safra passada. O cultivo do feijão cores é realizado pela agricultura empresarial e a primeira intenção de plantio aponta para um crescimento na área plantada em relação à safra 2015/16, como mencionado acima. Esse aumento pode ter sido influenciado pela elevada cotação da saca e pela retomada das áreas não cultivadas por conta das adversidades climáticas da última safra. Na safra 2015/16 a área cultivada e a produtividade ficaram abaixo do esperado, com a cultura sofrendo com a falta de chuvas durante todo o ciclo produtivo. A fase de plantio tem previsão para iniciar a partir de outubro e, dada a incerteza em face do regime climático. As áreas que serão cultivadas com feijão cores representam cerca de 36% do total de feijão (cores + macaçar) cultivado.

A previsão de área plantada na primeira safra de feijão no Paraná é de 192,4 a 196,1 mil hectares, com rendimento de 1.691 kg/ha, ou seja, 7,4% maior do que a safra 2015/16. O plantio já ocorreu em 42% das lavouras e a cultura se encontra nas fases de germinação e desenvolvimento vegetativo. A geada ocorrida no

final do inverno afetou algumas lavouras localizadas em baixadas, nas regiões sul e sudoeste, que foram replantadas.

Embora com preços remuneradores, os agricultores de Minas Gerais têm optado por outras culturas mais rentáveis e de menor risco climático como o milho e soja. Neste primeiro levantamento a área de plantio está estimada entre 153,8 e 159,6 mil hectares, com produtividade média de 1.205 kg/ha, 7,7% menor que a safra passada. A produção deve ficar entre 185,4 mil toneladas e 192,4 mil toneladas. As condições climáticas ainda não viabilizaram o plantio, que deve ocorrer entre outubro e dezembro.

No Rio Grande do Sul há expectativa de aumento de área plantada, que deverá ficar entre -1,1% e 31% em relação à primeira safra, em um intervalo de 43 e 57 mil hectares. Mesmo com queda de 9,7% na produtividade, estimada em 1.729 kg/ha, a produção total ficará entre 74,1 e 98,7 mil toneladas. Em que pese os preços bastante atrativos, permanece a forte redução das áreas cultivadas em pequenas propriedades, de base familiar, pelas razões já conhecidas, como escassez de mão de obra, concorrência com a soja e instabilidade do mercado. Esta redução, no entanto, é parcialmente compensada pelo incremento das lavouras empresariais da região nordeste, em grandes áreas e com alta tecnologia. O rendimento médio esperado está em 1.500 kg/ha, puxado pelo desempenho da agricultura empresarial, com algumas lavouras irrigadas. Registros de lavouras implantadas apenas nas regiões de



Lageado, Pelotas, Canguçú e Ijuí, apresentando boa germinação e desenvolvimento.

Em Santa Catarina, estima-se que a área de plantio deverá ser entre 48,9 mil hectares e 51,1 mil hectares, representando uma variação positiva entre 6,3% e 11,1% em relação à safra passada. A previsão é um aumento de área de 8,9%, destinado para as culturas do feijão de primeira safra, devendo ser implantadas cerca de 50,1 mil hectares, sendo 32,1 mil hectares de feijão cores e 18 mil hectares de feijão preto, esse aumento está motivado pelos altos preços do grão. A produtividade média esperada para essa safra também é superior à safra anterior, sendo estimada em 2.300 kg/ha para ambas as classes. A semeadura deve iniciar em outubro indo até dezembro, quando o clima estiver mais adequado, principalmente em relação à temperatura, a qual ainda está baixa. O plantio deve se concentrar em outubro, novembro e dezembro, estendendo-se até meados de janeiro em algumas localidades. Como o feijão é uma cultura de maior risco o número de produtores que buscam por financiamento oficial é menor, ficando a cargo, principalmente por recursos próprios e oriundos dos fornecedores de insumos, geralmente com vencimento na colheita. Em relação à oferta de insumos, o uso de semente própria deve ser menor devido à má qualidade do grão da última safra.

Em São Paulo há sinalização de forte crescimento na área a ser plantada e ficará entre 57,5 e 60,5 mil hectares, devido à preços bastante atrativos ao segmento produtor nesse momento. Seu plantio é realizado sob irrigação e, dá-se em julho e agosto e colhido entre dezembro e janeiro do ano seguinte. As maiores áre-

as estão localizadas na região sudoeste de São Paulo. Os preços desta leguminosa tiveram forte elevação no decorrer de 2016 por causa de um feijão bastante prejudicado na sua qualidade, pelo excesso de chuvas durante a sua colheita em São Paulo, bem como, quebras nas safras em importantes estados produtores. A produtividade deve ter ligeiro recuo de 0,1%, sendo estimada em 2.345 kg/ha.

No Distrito Federal, nessa primeira safra, também conhecida como safra das águas, estima-se manutenção na área a ser plantada, quando comparada com a safra anterior. Calcula-se uma produtividade média de 2.389 kg/há, o que poderá resultar em uma produção de 28,9 mil toneladas, a mesma obtida na safra 2015/16. O feijão passa por um período de vazio sanitário, que vai de 20 de setembro a 20 de outubro de 2016. As medidas quebram o ciclo de desenvolvimento de doenças na lavoura e beneficia os produtores com o aumento da produtividade, redução do uso de fungicidas, inseticidas e de custos. Quem não cumprir o vazio estará sujeito à multa de até R\$ 50 mil reais e à obrigatoriedade de destruir a lavoura, conforme a Lei Distrital nº 4.885/12, além da responsabilização penal e cível cabíveis. A reincidência na infração prevê a aplicação da multa em dobro. A virose é capaz de reduzir em até 100% a produtividade. Segundo dados da Emater/DF, publicados em Avaliação Técnica da Embrapa (2016), na safra 2012/13 as perdas no Distrito Federal foram estimadas em R\$ 40,3 milhões. A área segregada com feijão primeira safra em cores, preto corresponde a 90% e 10%, respectivamente, nesta primeira safra não se verifica o plantio de feijão caupi.



Figura 17 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra

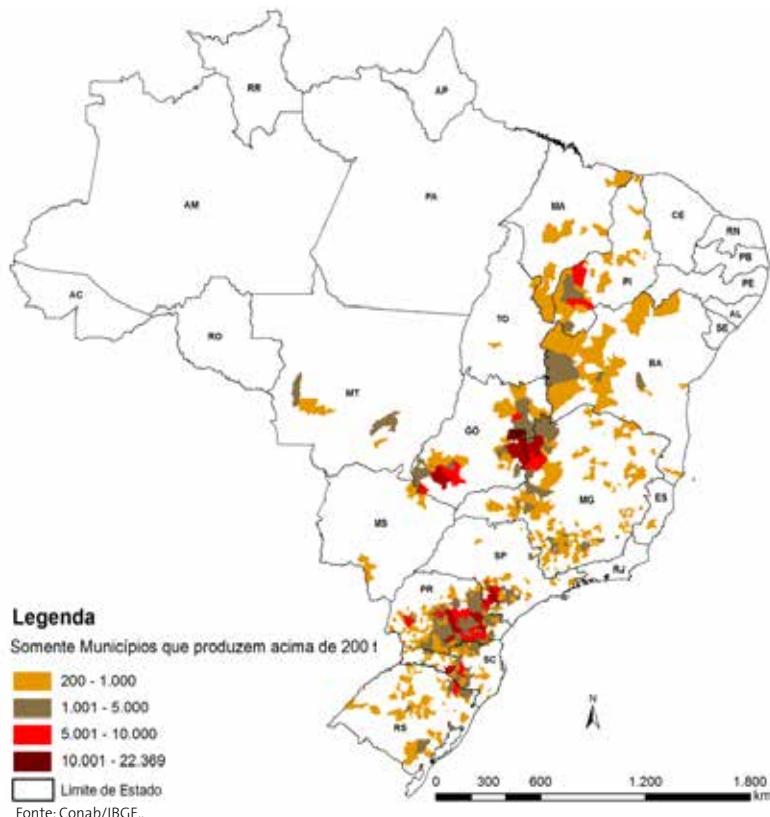
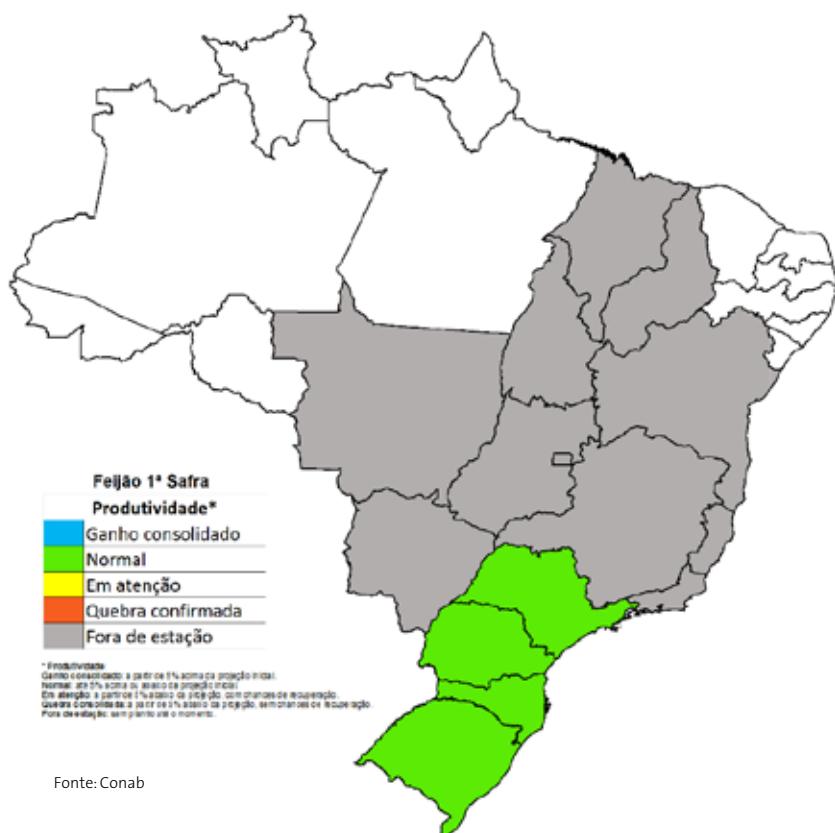


Figura 18 – Mapa da estimativa de produtividade: Feijão primeira safra (Safra 2016/2017) – Outubro/2016



Quadro 6 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Feijão primeira safra (Safra 2016/2017)

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
PI	Centro-Norte Piauiense					P	P/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	M/C	C
	Sudoeste Piauiense				P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	M/C	C
	Sudeste Piauiense					P	P/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano				P/G	G/DV	DV	DV/F	FR/M	M/C	C	M/C	C
	Vale São-Franciscano da Bahia			P	P/G	G/DV	DV	DV/F	FR/M	M/C	C	M/C	C
	Centro Norte Baiano			P	P/G	G/DV	DV	DV/F	FR/M	M/C	C	M/C	C
	Centro Sul Baiano			P	P/G	G/DV	DV	DV/F	FR/M	M/C	C	M/C	C
GO	Leste Goiano	PP	P/G/DV	DV/F	F	FR/M	M/C						
	Sul Goiano	PP	P/G/DV	DV/F	F	FR/M	M/C	C					
DF	Distrito Federal	PP	P/G/DV	DV/F	F	FR/M	M/C	C					
MG	Noroeste de Minas	PP	P/DV	DV/F	F	FR/M	M/C	C					
	Norte de Minas	PP	P/DV	DV/F	F	FR/M	M/C	C					
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	PP	P/DV	DV/F	F	FR/M	M/C	C					
	Oeste de Minas	PP	P/DV	DV/F	F	FR/M	M/C	C					
	Sul/Sudoeste de Minas	PP	P/DV	DV/F	F	FR/M	M/C	C					
	Campo das Vertentes	PP	P/G/DV	DV/F	F	FR/M	M/C	C					
	Zona da Mata	PP	P/G/DV	DV/F	F	FR/M	M/C	C					
SP**	Bauru	P	G/DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Assis	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Itapetininga	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
PR	Norte Central Paranaense	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	C						
	Norte Pioneiro Paranaense	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	C						
	Centro Oriental Paranaense	P/G	G/DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Oeste Paranaense	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	C						
	Sudoeste Paranaense	P/G/DV	G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Centro-Sul Paranaense	P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Sudeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C					
SC	Metropolitana de Curitiba	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	C						
	Oeste Catarinense		P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C					
	Norte Catarinense		P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C					
RS	Serrana		P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C					
	Noroeste Rio-grandense	PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C					
	Nordeste Rio-grandense		PP	P/G/DV	DV/F	F	FR/M	M/C	C				
	Centro Ocidental Rio-grandense	PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C					

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 22 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %		Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	4,6	4,8	5,0	4,3	8,7	716	729	1,8	3,3	3,5	3,6	6,1	9,1
TO	4,6	4,8	5,0	4,3	8,7	716	729	1,8	3,3	3,5	3,6	6,1	9,1
NORDESTE	430,2	482,3	504,3	12,1	17,2	255	369	44,4	109,8	177,2	186,6	61,4	69,9
MA	29,5	29,8	30,4	1,0	3,1	468	477	1,9	13,8	14,2	14,5	2,9	5,1
PI	211,5	211,5	211,5	-	-	139	328	136,0	29,4	69,4	69,4	136,1	136,1
BA	189,2	241,0	262,4	27,4	38,7	352	390	10,7	66,6	93,6	102,7	40,5	54,2
CENTRO-OESTE	70,6	70,4	76,1	(0,3)	7,8	2.127	2.256	6,0	150,3	159,2	171,2	5,9	13,9
MT	5,9	5,3	7,1	(10,2)	20,3	1.075	1.630	51,6	6,4	8,6	11,6	34,4	81,3
MS	0,6	1,0	1,0	66,7	66,7	1.800	1.833	1,8	1,1	1,8	1,8	63,6	63,6
GO	52,0	52,0	55,9	-	7,5	2.400	2.306	(3,9)	124,8	119,9	128,9	(3,9)	3,3
DF	12,1	12,1	12,1	-	-	1.485	2.389	60,8	18,0	28,9	28,9	60,6	60,6
SUDESTE	202,3	217,0	225,8	7,3	11,6	1.561	1.500	(3,9)	315,8	325,0	339,1	2,9	7,4
MG	146,6	153,8	159,6	4,9	8,9	1.306	1.205	(7,7)	191,4	185,4	192,4	(3,1)	0,5
ES	4,9	4,9	4,9	-	-	1.239	810	(34,6)	6,1	4,0	4,0	(34,4)	(34,4)
RJ	0,8	0,8	0,8	-	-	1.107	1.006	(9,1)	0,9	0,8	0,8	(11,1)	(11,1)
SP	50,0	57,5	60,5	15,0	21,0	2.348	2.345	(0,1)	117,4	134,8	141,9	14,8	20,9
SUL	270,9	284,3	304,2	4,9	12,3	1.680	1.733	3,2	455,0	492,2	527,3	8,2	15,9
PR	181,4	192,4	196,1	6,1	8,1	1.575	1.691	7,4	285,7	325,4	331,7	13,9	16,1
SC	46,0	48,9	51,1	6,3	11,1	1.869	1.896	1,4	86,0	92,7	96,9	7,8	12,7
RS	43,5	43,0	57,0	(1,1)	31,0	1.915	1.729	(9,7)	83,3	74,1	98,7	(11,0)	18,5
NORTE/NORDESTE	434,8	487,1	509,3	12,0	17,1	260	372	43,1	113,1	180,7	190,2	59,8	68,2
CENTRO-SUL	543,8	571,7	606,1	5,1	11,5	1.694	1.710	1,0	921,1	976,4	1.037,6	6,0	12,6
BRASIL	978,6	1.058,8	1.115,4	8,2	14,0	1.057	1.097	3,8	1.034,2	1.157,1	1.227,8	11,9	18,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2016.

Tabela 23 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra - preto

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %		Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
CENTRO-OESTE	1,2	1,2	1,2	-	-	1.480	2.285	54,4	1,8	2,7	2,7	50,0	50,0
DF	1,2	1,2	1,2	-	-	1.480	2.285	54,4	1,8	2,7	2,7	50,0	50,0
SUDESTE	4,4	4,4	4,4	-	-	972	728	(25,0)	4,3	3,2	3,2	(25,6)	(25,6)
MG	1,6	1,6	1,6	-	-	570	500	(12,3)	0,9	0,8	0,8	(11,1)	(11,1)
ES	2,0	2,0	2,0	-	-	1.239	800	(35,4)	2,5	1,6	1,6	(36,0)	(36,0)
RJ	0,8	0,8	0,8	-	-	1.107	1.006	(9,1)	0,9	0,8	0,8	(11,1)	(11,1)
SUL	174,9	186,6	200,1	6,7	14,4	1.618	1.670	3,3	283,0	311,7	334,3	10,1	18,1
PR	125,3	134,1	136,6	7,0	9,0	1.563	1.644	5,2	195,8	220,5	224,6	12,6	14,7
SC	16,1	17,5	18,5	9,0	15,0	1.731	1.890	9,2	27,9	33,1	35,0	18,6	25,4
RS	33,5	35,0	45,0	4,5	34,3	1.770	1.661	(6,2)	59,3	58,1	74,7	(2,0)	26,0
CENTRO-SUL	180,5	192,2	205,7	6,5	14,0	1.601	1.653	3,3	289,1	317,6	340,2	9,9	17,7
BRASIL	180,5	192,2	205,7	6,5	14,0	1.601	1.653	3,3	289,1	317,6	340,2	9,9	17,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2016.



Tabela 24 – Comparativo de área, produtividade e produção – feijão primeira safra - carioca

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %		Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	0,9	1,0	1,0	11,1	11,1	1.252	1.250	(0,2)	1,1	1,3	1,3	18,2	18,2
TO	0,9	1,0	1,0	7,0	10,0	1.252	1.250	(0,2)	1,1	1,3	1,3	18,2	18,2
NORDESTE	50,3	60,4	67,9	20,1	35,0	670	670	-	33,7	40,5	45,5	20,2	35,0
BA	50,3	60,4	67,9	20,0	35,0	670	670	-	33,7	40,5	45,5	20,2	35,0
CENTRO-OESTE	65,4	65,6	70,1	0,3	7,2	2.225	2.310	3,8	145,6	151,6	161,9	4,1	11,2
MT	1,9	1,7	2,3	(10,0)	20,0	1.872	2.176	16,2	3,5	3,7	5,0	5,7	42,9
MS	0,6	1,0	1,0	60,0	70,0	1.800	1.833	1,8	1,1	1,8	1,8	63,6	63,6
GO	52,0	52,0	55,9	-	7,5	2.400	2.306	(3,9)	124,8	119,9	128,9	(3,9)	3,3
DF	10,9	10,9	10,9	-	-	1.486	2.400	61,5	16,2	26,2	26,2	61,7	61,7
SUDESTE	197,3	212,0	220,8	7,5	11,9	1.576	1.518	(3,7)	311,0	321,4	335,5	3,3	7,9
MG	144,4	151,6	157,4	5,0	9,0	1.316	1.215	(7,7)	190,0	184,2	191,2	(3,1)	0,6
ES	2,9	2,9	2,9	-	-	1.239	817	(34,1)	3,6	2,4	2,4	(33,3)	(33,3)
SP	50,0	57,5	60,5	15,0	21,0	2.348	2.345	(0,1)	117,4	134,8	141,9	14,8	20,9
SUL	96,0	97,7	104,1	1,8	8,4	1.792	1.852	3,3	172,0	180,6	193,0	5,0	12,2
PR	56,1	58,3	59,5	4,0	6,0	1.603	1.800	12,3	89,9	104,9	107,1	16,7	19,1
SC	29,9	31,4	32,6	5,0	9,0	1.944	1.900	(2,3)	58,1	59,7	61,9	2,8	6,5
RS	10,0	8,0	12,0	(20,0)	20,0	2.400	2.000	(16,7)	24,0	16,0	24,0	(33,3)	-
NORTE/NORDESTE	51,2	61,4	68,9	19,9	34,6	680	679	(0,2)	34,8	41,8	46,8	20,1	34,5
CENTRO-SUL	358,7	375,3	395,0	4,6	10,1	1.752	1.745	(0,4)	628,6	653,6	690,4	4,0	9,8
BRASIL	409,9	436,7	463,9	6,5	13,2	1.619	1.591	(1,7)	663,4	695,4	737,2	4,8	11,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2016.

Tabela 25 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra - caupi

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %		Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	3,7	3,8	4,0	2,7	8,1	586	596	1,7	2,2	2,3	2,4	4,5	9,1
TO	3,7	3,8	4,0	3,0	7,0	586	596	1,7	2,2	2,3	2,4	4,5	9,1
NORDESTE	379,9	421,9	436,4	11,1	14,9	200	324	61,5	76,1	136,7	141,1	79,6	85,4
MA	29,5	29,8	30,4	1,0	3,0	468	477	1,9	13,8	14,2	14,5	2,9	5,1
PI	211,5	211,5	211,5	-	-	139	328	136,0	29,4	69,4	69,4	136,1	136,1
BA	138,9	180,6	194,5	30,0	40,0	237	294	24,1	32,9	53,1	57,2	61,4	73,9
CENTRO-OESTE	4,0	3,6	4,8	(10,0)	20,0	720	1.370	90,3	2,9	4,9	6,6	69,0	127,6
MT	4,0	3,6	4,8	(10,0)	20,0	720	1.370	90,3	2,9	4,9	6,6	69,0	127,6
SUDESTE	0,6	0,6	0,6	-	-	900	600	(33,3)	0,5	0,4	0,4	(20,0)	(20,0)
MG	0,6	0,6	0,6	-	-	900	600	(33,3)	0,5	0,4	0,4	(20,0)	(20,0)
NORTE/NORDESTE	383,6	425,7	440,4	11,0	14,8	204	326	59,7	78,3	139,0	143,5	77,5	83,3
CENTRO-SUL	4,6	4,2	5,4	(8,7)	17,4	743	1.274	71,3	3,4	5,3	7,0	55,9	105,9
BRASIL	388,2	429,9	445,8	10,7	14,8	210	336	59,8	81,7	144,3	150,5	76,6	84,2

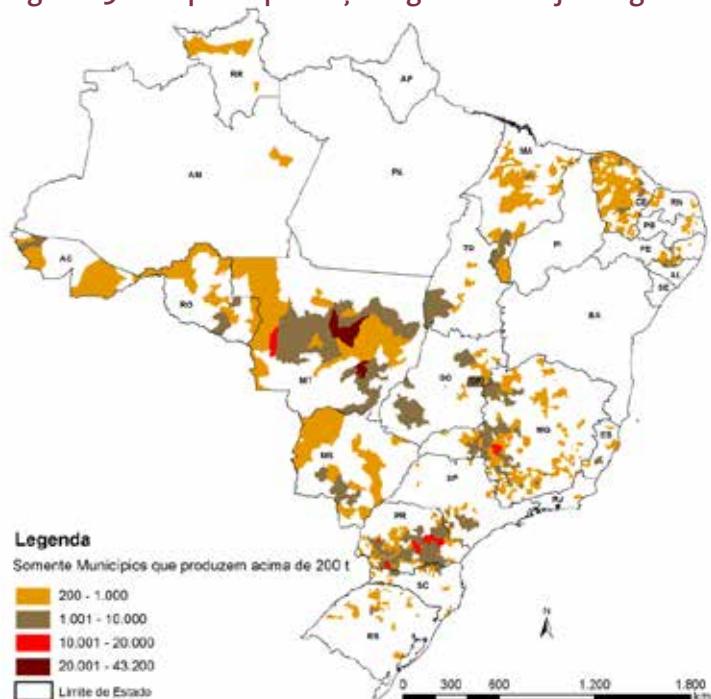
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2016.



11.1.4.2. FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Figura 19 – Mapa da produção agrícola – Feijão segunda safra



Fonte: Conab/IBGE..

Figura 20 – Mapa da estimativa de produtividade: Feijão segunda safra (Safra 2016/2017) – Outubro/2016

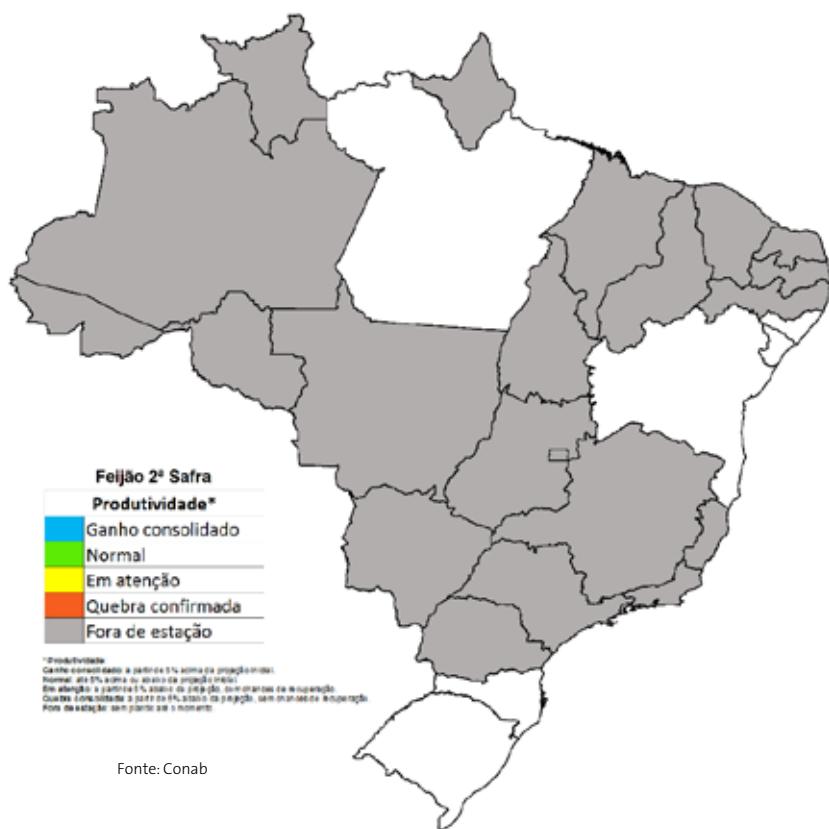


Tabela 26 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %		Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	47,1	47,6	47,8	1,1	1,5	846	829	(2,1)	39,9	39,3	39,5	(1,5)	(1,0)
RR	2,7	2,7	2,7	-	-	731	750	2,6	2,0	2,0	2,0	-	-
RO	20,8	20,8	20,8	-	-	856	838	(2,1)	17,8	17,4	17,4	(2,2)	(2,2)
AC	7,7	7,7	7,7	-	-	595	590	(0,8)	4,6	4,5	4,5	(2,2)	(2,2)
AM	4,1	4,6	4,8	12,2	17,1	927	895	(3,5)	3,8	4,1	4,3	7,9	13,2
AP	1,3	1,3	1,3	-	-	846	724	(14,4)	1,1	0,9	0,9	(18,2)	(18,2)
TO	10,5	10,5	10,5	-	-	1.009	988	(2,1)	10,6	10,4	10,4	(1,9)	(1,9)
NORDESTE	650,0	650,0	650,0	-	-	177	283	59,2	115,3	183,6	183,6	59,2	59,2
MA	47,6	47,6	47,6	-	-	536	526	(1,9)	25,5	25,0	25,0	(2,0)	(2,0)
PI	3,0	3,0	3,0	-	-	545	616	13,0	1,6	1,8	1,8	12,5	12,5
CE	371,1	371,1	371,1	-	-	155	253	63,2	57,5	93,9	93,9	63,3	63,3
RN	29,9	29,9	29,9	-	-	213	304	42,7	6,4	9,1	9,1	42,2	42,2
PB	86,8	86,8	86,8	-	-	143	271	88,8	12,4	23,5	23,5	89,5	89,5
PE	111,6	111,6	111,6	-	-	107	272	154,9	11,9	30,3	30,3	154,6	154,6
CENTRO-OESTE	230,4	230,4	230,4	-	-	879	1.427	62,4	202,6	328,8	328,8	62,3	62,3
MT	186,0	186,0	186,0	-	-	766	1.353	76,6	142,5	251,7	251,7	76,6	76,6
MS	14,0	14,0	14,0	-	-	997	1.516	52,1	14,0	21,2	21,2	51,4	51,4
GO	29,5	29,5	29,5	-	-	1.500	1.819	21,3	44,3	53,7	53,7	21,2	21,2
DF	0,9	0,9	0,9	-	-	1.990	2.490	25,1	1,8	2,2	2,2	22,2	22,2
SUDESTE	140,8	140,8	140,8	-	-	1.316	1.391	5,7	185,4	195,8	195,8	5,6	5,6
MG	118,8	118,8	118,8	-	-	1.265	1.351	6,8	150,3	160,4	160,4	6,7	6,7
ES	5,7	5,7	5,7	-	-	870	955	9,7	5,0	5,4	5,4	8,0	8,0
RJ	1,0	1,0	1,0	-	-	906	978	7,9	0,9	1,0	1,0	11,1	11,1
SP	15,3	15,3	15,3	-	-	1.907	1.893	(0,7)	29,2	29,0	29,0	(0,7)	(0,7)
SUL	245,6	245,6	245,6	-	-	1.513	1.646	8,8	371,5	404,2	404,2	8,8	8,8
PR	203,8	203,8	203,8	-	-	1.476	1.645	11,5	300,8	335,2	335,2	11,4	11,4
SC	17,4	17,4	17,4	-	-	1.841	1.701	(7,6)	32,0	29,6	29,6	(7,5)	(7,5)
RS	24,4	24,4	24,4	-	-	1.588	1.615	1,7	38,7	39,4	39,4	1,8	1,8
NORTE/NORDESTE	697,1	697,6	697,8	0,1	0,1	223	320	43,6	155,2	222,9	223,1	43,6	43,8
CENTRO-SUL	616,8	616,8	616,8	-	-	1.231	1.506	22,3	759,5	928,8	928,8	22,3	22,3
BRASIL	1.313,9	1.314,4	1.314,6	-	0,1	696	876	25,9	914,7	1.151,7	1.151,9	25,9	25,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2016.



Tabela 27 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra - preto

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %		Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORDESTE	1,7	1,7	1,7	-	-	112	270	141,1	0,2	0,5	0,5	150,0	150,0
PB	1,7	1,7	1,7	-	-	112	270	141,1	0,2	0,5	0,5	150,0	150,0
CENTRO-OESTE	0,1	0,1	0,1	-	-	1.910	2.410	26,2	0,2	0,2	0,2	-	-
DF	0,1	0,1	0,1	-	-	1.910	2.410	26,2	0,2	0,2	0,2	-	-
SUDESTE	5,3	5,3	5,3	-	-	828	872	5,3	4,4	4,6	4,6	4,5	4,5
MG	2,0	2,0	2,0	-	-	740	800	8,1	1,5	1,6	1,6	6,7	6,7
ES	2,3	2,3	2,3	-	-	870	888	2,1	2,0	2,0	2,0	-	-
RJ	1,0	1,0	1,0	-	-	906	978	7,9	0,9	1,0	1,0	11,1	11,1
SUL	110,9	110,9	110,9	-	-	1.547	1.605	3,8	171,5	178,0	178,0	3,8	3,8
PR	73,0	73,0	73,0	-	-	1.486	1.600	7,7	108,5	116,8	116,8	7,6	7,6
SC	13,5	13,5	13,5	-	-	1.800	1.615	(10,3)	24,3	21,8	21,8	(10,3)	(10,3)
RS	24,4	24,4	24,4	-	-	1.588	1.615	1,7	38,7	39,4	39,4	1,8	1,8
NORTE/NORDESTE	1,7	1,7	1,7	-	-	112	270	141,1	0,2	0,5	0,5	150,0	150,0
CENTRO-SUL	116,3	116,3	116,3	-	-	1.514	1.572	3,8	176,1	182,8	182,8	3,8	3,8
BRASIL	118,0	118,0	118,0	-	-	1.494	1.554	4,0	176,3	183,3	183,3	4,0	4,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2016.

Tabela 28 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra - carioca

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %		Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	41,1	41,6	41,8	1,2	1,7	871	861	(1,2)	35,9	35,7	35,9	(0,6)	-
RR	2,7	2,7	2,7	-	-	731	750	2,6	2,0	2,0	2,0	-	-
RO	20,8	20,8	20,8	-	-	856	838	(2,1)	17,8	17,4	17,4	(2,2)	(2,2)
AC	7,7	7,7	7,7	-	-	595	590	(0,8)	4,6	4,5	4,5	(2,2)	(2,2)
AM	4,1	4,6	4,8	12,0	18,0	927	895	(3,5)	3,8	4,1	4,3	7,9	13,2
AP	1,3	1,3	1,3	-	-	846	724	(14,4)	1,1	0,9	0,9	(18,2)	(18,2)
TO	4,5	4,5	4,5	-	-	1.457	1.500	3,0	6,6	6,8	6,8	3,0	3,0
NORDESTE	30,1	30,1	30,1	-	-	165	328	99,5	4,9	9,9	9,9	102,0	102,0
PB	24,0	24,0	24,0	-	-	177	323	82,5	4,2	7,8	7,8	85,7	85,7
PE	6,1	6,1	6,1	-	-	116	350	201,7	0,7	2,1	2,1	200,0	200,0
CENTRO-OESTE	61,3	61,3	61,3	-	-	1.216	1.809	48,7	74,6	110,9	110,9	48,7	48,7
MT	17,0	17,0	17,0	-	-	868	2.000	130,5	14,7	34,0	34,0	131,3	131,3
MS	14,0	14,0	14,0	-	-	997	1.516	52,1	14,0	21,2	21,2	51,4	51,4
GO	29,5	29,5	29,5	-	-	1.500	1.819	21,3	44,3	53,7	53,7	21,2	21,2
DF	0,8	0,8	0,8	-	-	2.000	2.500	25,0	1,6	2,0	2,0	25,0	25,0
SUDESTE	135,5	135,5	135,5	-	-	1.335	1.411	5,7	181,0	191,2	191,2	5,6	5,6
MG	116,8	116,8	116,8	-	-	1.274	1.360	6,8	148,8	158,8	158,8	6,7	6,7
ES	3,4	3,4	3,4	-	-	870	1.000	14,9	3,0	3,4	3,4	13,3	13,3
SP	15,3	15,3	15,3	-	-	1.907	1.893	(0,7)	29,2	29,0	29,0	(0,7)	(0,7)
SUL	134,7	134,7	134,7	-	-	1.485	1.680	13,1	200,0	226,2	226,2	13,1	13,1
PR	130,8	130,8	130,8	-	-	1.470	1.670	13,6	192,3	218,4	218,4	13,6	13,6
SC	3,9	3,9	3,9	-	-	1.982	2.000	0,9	7,7	7,8	7,8	1,3	1,3
NORTE/NORDESTE	71,2	71,7	71,9	0,7	1,0	573	638	11,4	40,8	45,6	45,6	11,8	12,3
CENTRO-SUL	331,5	331,5	331,5	-	-	1.374	1.594	16,0	455,6	528,3	528,3	16,0	16,0
BRASIL	402,7	403,2	403,4	0,1	0,2	1.232	1.424	15,5	496,4	573,9	574,1	15,6	15,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2016.



Tabela 29 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra - caupi

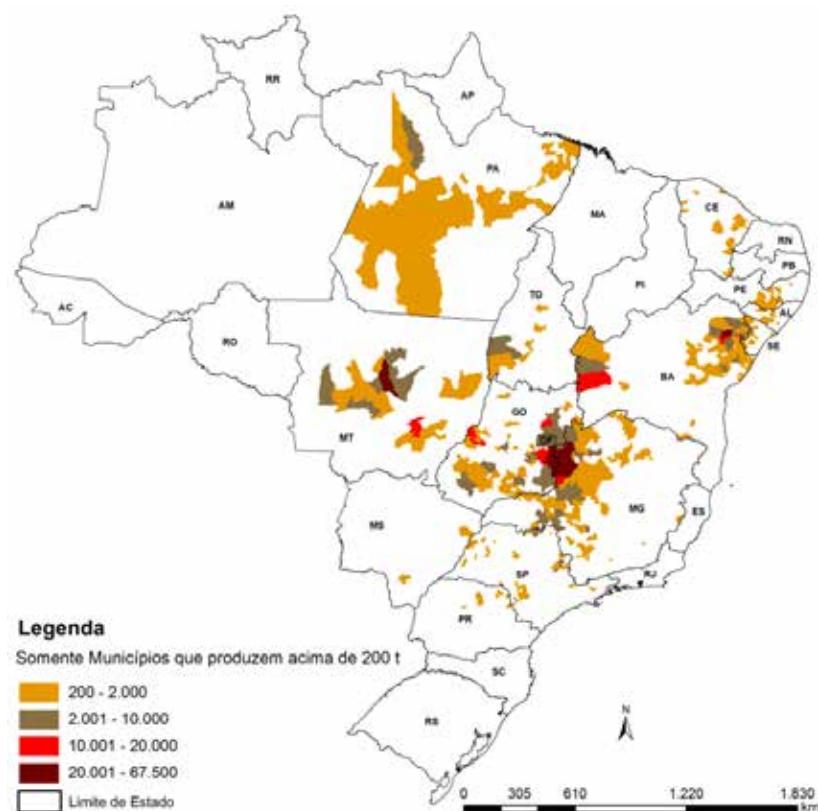
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %		Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	6,0	6,0	6,0	-	-	673	604	(10,3)	4,0	3,6	3,6	(10,0)	(10,0)
TO	6,0	6,0	6,0	-	-	673	604	(10,3)	4,0	3,6	3,6	(10,0)	(10,0)
NORDESTE	618,2	618,2	618,2	-	-	178	280	57,2	110,2	173,3	173,3	57,3	57,3
MA	47,6	47,6	47,6	-	-	536	526	(1,9)	25,5	25,0	25,0	(2,0)	(2,0)
PI	3,0	3,0	3,0	-	-	545	616	13,0	1,6	1,8	1,8	12,5	12,5
CE	371,1	371,1	371,1	-	-	155	253	63,2	57,5	93,9	93,9	63,3	63,3
RN	29,9	29,9	29,9	-	-	213	304	42,7	6,4	9,1	9,1	42,2	42,2
PB	61,1	61,1	61,1	-	-	131	250	90,8	8,0	15,3	15,3	91,3	91,3
PE	105,5	105,5	105,5	-	-	106	267	151,9	11,2	28,2	28,2	151,8	151,8
CENTRO-OESTE	169,0	169,0	169,0	-	-	756	1.288	70,4	127,8	217,7	217,7	70,3	70,3
MT	169,0	169,0	169,0	-	-	756	1.288	70,4	127,8	217,7	217,7	70,3	70,3
NORTE/NORDESTE	624,2	624,2	624,2	-	-	183	283	54,8	114,2	176,9	176,9	54,9	54,9
CENTRO-SUL	169,0	169,0	169,0	-	-	756	1.288	70,4	127,8	217,7	217,7	70,3	70,3
BRASIL	793,2	793,2	793,2	-	-	305	497	63,0	242,0	394,6	394,6	63,1	63,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2016.

11.1.4.3. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Figura 21 – Mapa da produção agrícola – Feijão terceira safra



Fonte: Conab/IBGE.



Figura 22 – Mapa da estimativa de produtividade: Feijão terceira safra (Safra 2016/2017) – Outubro/2016

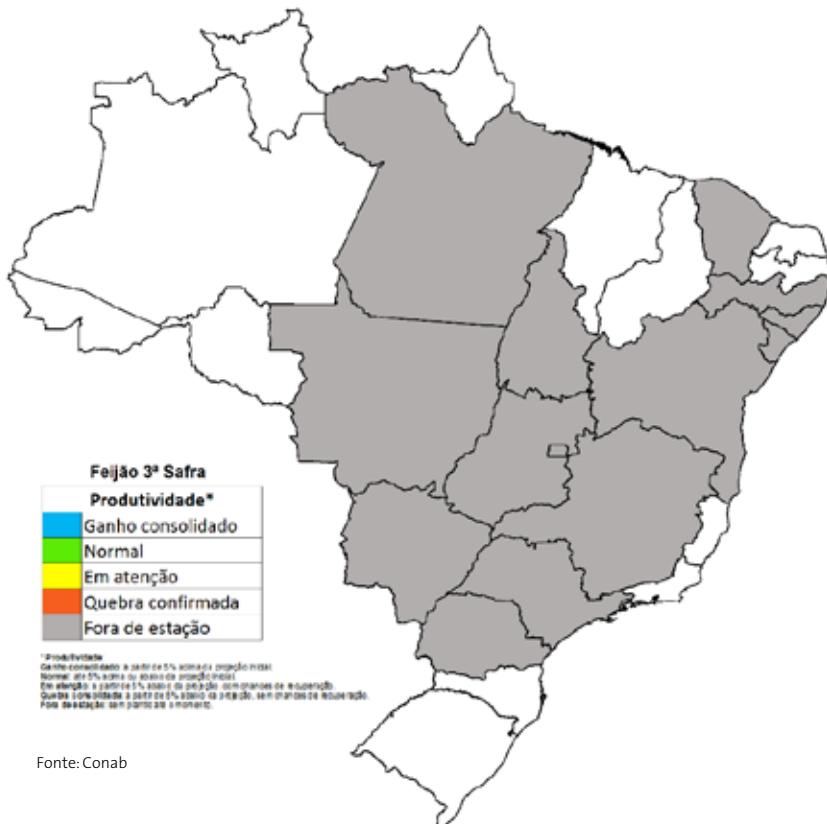


Tabela 30 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %		Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	39,9	39,9	39,9	-	-	849	838	(1,3)	33,9	33,5	33,5	(1,2)	(1,2)
PA	32,9	32,9	32,9	-	-	723	722	(0,2)	23,8	23,8	23,8	-	-
TO	7,0	7,0	7,0	-	-	1.440	1.383	(3,9)	10,1	9,7	9,7	(4,0)	(4,0)
NORDESTE	332,7	332,7	332,7	-	-	343	618	80,0	114,3	205,5	205,5	79,8	79,8
CE	4,7	4,7	4,7	-	-	211	1.023	384,8	1,0	4,8	4,8	380,0	380,0
PE	85,5	85,5	85,5	-	-	370	348	(5,9)	31,6	29,7	29,7	(6,0)	(6,0)
AL	30,3	30,3	30,3	-	-	271	500	84,7	8,2	15,1	15,1	84,1	84,1
SE	12,7	12,7	12,7	-	-	206	736	257,3	2,6	9,3	9,3	257,7	257,7
BA	199,5	199,5	199,5	-	-	355	735	106,9	70,9	146,6	146,6	106,8	106,8
CENTRO-OESTE	85,8	85,8	85,8	-	-	2.403	2.505	4,3	206,2	215,0	215,0	4,3	4,3
MT	41,5	41,5	41,5	-	-	2.050	2.103	2,6	85,1	87,3	87,3	2,6	2,6
GO	41,2	41,2	41,2	-	-	2.800	2.872	2,6	115,4	118,3	118,3	2,5	2,5
DF	3,1	3,1	3,1	-	-	1.839	3.023	64,4	5,7	9,4	9,4	64,9	64,9
SUDESTE	82,1	82,1	82,1	-	-	2.545	2.611	2,6	209,0	214,3	214,3	2,5	2,5
MG	69,1	69,1	69,1	-	-	2.580	2.646	2,6	178,3	182,8	182,8	2,5	2,5
SP	13,0	13,0	13,0	-	-	2.361	2.422	2,6	30,7	31,5	31,5	2,6	2,6
SUL	4,5	4,5	4,5	-	-	460	950	106,5	2,1	4,3	4,3	104,8	104,8
PR	4,5	4,5	4,5	-	-	460	950	106,5	2,1	4,3	4,3	104,8	104,8
NORTE/NORDESTE	372,6	372,6	372,6	-	-	398	642	61,4	148,2	239,0	239,0	61,3	61,3
CENTRO-SUL	172,4	172,4	172,4	-	-	2.420	2.515	3,9	417,3	433,6	433,6	3,9	3,9
BRASIL	545,0	545,0	545,0	-	-	1.037	1.234	19,0	565,5	672,6	672,6	18,9	18,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2016.



Tabela 30 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra - carioca

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %		Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	8,7	8,7	8,7	-	-	818	822	0,5	7,1	7,1	7,1	-	-
PA	7,9	7,9	7,9	-	-	651	700	7,5	5,1	5,5	5,5	7,8	7,8
TO	0,8	0,8	0,8	-	-	2.468	2.030	(17,7)	2,0	1,6	1,6	(20,0)	(20,0)
NORDESTE	296,6	296,6	296,6	-	-	346	637	83,9	102,7	188,7	188,7	83,7	83,7
PE	71,7	71,7	71,7	-	-	386	360	(6,7)	27,7	25,8	25,8	(6,9)	(6,9)
AL	23,3	23,3	23,3	-	-	236	530	124,6	5,5	12,3	12,3	123,6	123,6
SE	12,7	12,7	12,7	-	-	206	736	257,3	2,6	9,3	9,3	257,7	257,7
BA	188,9	188,9	188,9	-	-	354	748	111,3	66,9	141,3	141,3	111,2	111,2
CENTRO-OESTE	85,3	85,3	85,3	-	-	2.408	2.508	4,1	205,5	213,9	213,9	4,1	4,1
MT	41,5	41,5	41,5	-	-	2.050	2.103	2,6	85,1	87,3	87,3	2,6	2,6
GO	41,2	41,2	41,2	-	-	2.800	2.872	2,6	115,4	118,3	118,3	2,5	2,5
DF	2,6	2,6	2,6	-	-	1.923	3.200	66,4	5,0	8,3	8,3	66,0	66,0
SUDESTE	82,1	82,1	82,1	-	-	2.545	2.611	2,6	209,0	214,3	214,3	2,5	2,5
MG	69,1	69,1	69,1	-	-	2.580	2.646	2,6	178,3	182,8	182,8	2,5	2,5
SP	13,0	13,0	13,0	-	-	2.361	2.422	2,6	30,7	31,5	31,5	2,6	2,6
SUL	4,5	4,5	4,5	-	-	460	950	106,5	2,1	4,3	4,3	104,8	104,8
PR	4,5	4,5	4,5	-	-	460	950	106,5	2,1	4,3	4,3	104,8	104,8
NORTE/NORDESTE	305,3	305,3	305,3	-	-	360	642	78,5	109,8	195,8	195,8	78,3	78,3
CENTRO-SUL	171,9	171,9	171,9	-	-	2.423	2.516	3,9	416,6	432,5	432,5	3,8	3,8
BRASIL	477,2	477,2	477,2	-	-	1.103	1.317	19,4	526,4	628,3	628,3	19,4	19,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2016.

Tabela 31 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra - preto

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %		Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
CENTRO-OESTE	0,2	0,2	0,2	-	-	2.000	3.000	50,0	0,4	0,6	0,6	50,0	50,0
DF	0,2	0,2	0,2	-	-	2.000	3.000	50,0	0,4	0,6	0,6	50,0	50,0
CENTRO-SUL	0,2	0,2	0,2	-	-	2.000	3.000	50,0	0,4	0,6	0,6	50,0	50,0
BRASIL	0,2	0,2	0,2	-	-	2.000	3.000	50,0	0,4	0,6	0,6	50,0	50,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2016.

Tabela 32 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra - caupi

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %		Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	31,2	31,2	31,2	-	-	857	842	(1,8)	26,8	26,3	26,3	(1,9)	(1,9)
PA	25,0	25,0	25,0	-	-	746	729	(2,3)	18,7	18,2	18,2	(2,7)	(2,7)
TO	6,2	6,2	6,2	-	-	1.307	1.300	(0,5)	8,1	8,1	8,1	-	-
NORDESTE	36,1	36,1	36,1	-	-	322	467	45,1	11,6	16,8	16,8	44,8	44,8
CE	4,7	4,7	4,7	-	-	211	1.023	384,8	1,0	4,8	4,8	380,0	380,0
PE	13,8	13,8	13,8	-	-	284	285	0,4	3,9	3,9	3,9	-	-
AL	7,0	7,0	7,0	-	-	386	400	3,6	2,7	2,8	2,8	3,7	3,7
BA	10,6	10,6	10,6	-	-	377	500	32,6	4,0	5,3	5,3	32,5	32,5
CENTRO-OESTE	0,3	0,3	0,3	-	-	1.000	1.500	50,0	0,3	0,5	0,5	66,7	66,7
DF	0,3	0,3	0,3	-	-	1.000	1.500	50,0	0,3	0,5	0,5	66,7	66,7
NORTE/NORDESTE	67,3	67,3	67,3	-	-	570	641	12,4	38,4	43,1	43,1	12,2	12,2
CENTRO-SUL	0,3	0,3	0,3	-	-	1.000	1.500	50,0	0,3	0,5	0,5	66,7	66,7
BRASIL	67,6	67,6	67,6	-	-	572	645	12,7	38,7	43,6	43,6	12,7	12,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2016.



11.1.4.4. FEIJÃO TOTAL

Figura 23 – Mapa da produção agrícola – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)

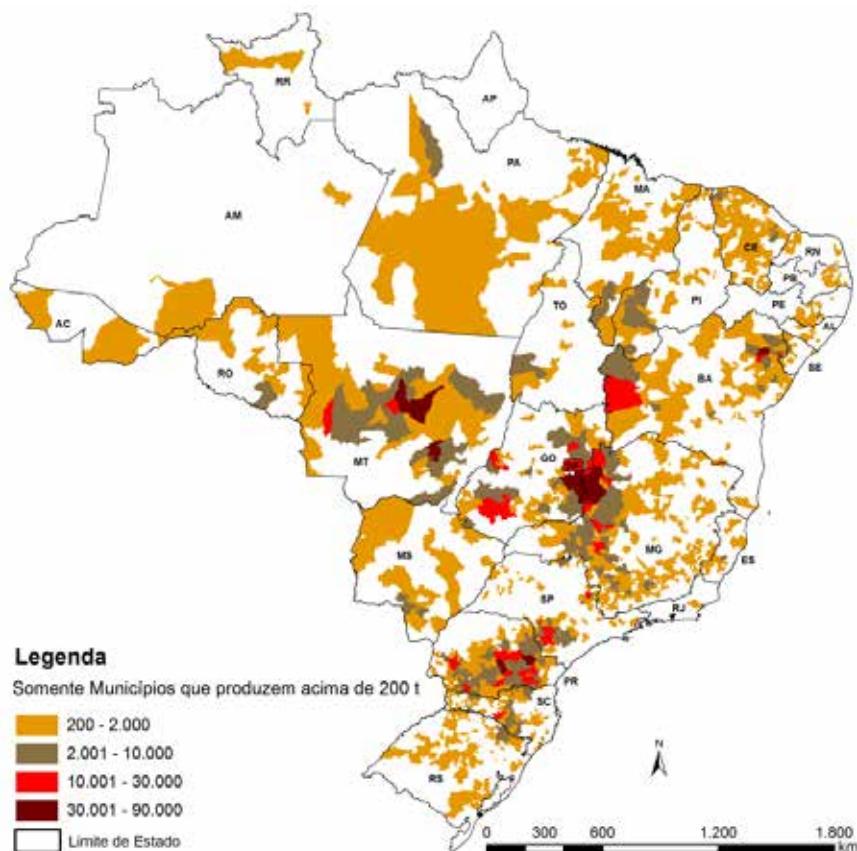


Tabela 33 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %		Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	91,6	92,3	92,7	0,8	1,2	841	827	(1,6)	77,1	76,3	76,6	(1,0)	(0,6)
RR	2,7	2,7	2,7	-	-	731	750	2,6	2,0	2,0	2,0	-	-
RO	20,8	20,8	20,8	-	-	856	838	(2,1)	17,8	17,4	17,4	(2,2)	(2,2)
AC	7,7	7,7	7,7	-	-	595	590	(0,8)	4,6	4,5	4,5	(2,2)	(2,2)
AM	4,1	4,6	4,8	12,2	17,1	927	895	(3,5)	3,8	4,1	4,3	7,9	13,2
AP	1,3	1,3	1,3	-	-	846	724	(14,4)	1,1	0,9	0,9	(18,2)	(18,2)
PA	32,9	32,9	32,9	-	-	723	722	(0,2)	23,8	23,8	23,8	-	-
TO	22,1	22,3	22,5	0,9	1,8	1.084	1.055	(2,7)	24,0	23,6	23,7	(1,7)	(1,3)
NORDESTE	1.412,9	1.465,0	1.487,0	3,7	5,2	240	387	61,1	339,4	566,4	575,7	66,9	69,6
MA	77,1	77,4	78,0	0,4	1,2	510	507	(0,6)	39,3	39,3	39,5	-	0,5
PI	214,5	214,5	214,5	-	-	145	332	129,5	31,0	71,2	71,2	129,7	129,7
CE	375,8	375,8	375,8	-	-	156	263	68,7	58,5	98,7	98,7	68,7	68,7
RN	29,9	29,9	29,9	-	-	213	304	42,7	6,4	9,1	9,1	42,2	42,2
PB	86,8	86,8	86,8	-	-	143	271	88,8	12,4	23,5	23,5	89,5	89,5
PE	197,1	197,1	197,1	-	-	221	305	38,1	43,5	60,0	60,0	37,9	37,9
AL	30,3	30,3	30,3	-	-	271	500	84,7	8,2	15,1	15,1	84,1	84,1
SE	12,7	12,7	12,7	-	-	206	736	257,3	2,6	9,3	9,3	257,7	257,7
BA	388,7	440,5	461,9	13,3	18,8	354	542	53,3	137,5	240,2	249,3	74,7	81,3
CENTRO-OESTE	386,8	386,6	392,3	(0,1)	1,4	1.445	1.821	26,0	558,8	703,1	715,0	25,8	28,0
MT	233,4	232,8	234,6	(0,3)	0,5	1.002	1.494	49,0	233,9	347,6	350,5	48,6	49,9
MS	14,6	15,0	15,0	2,7	2,7	1.030	1.537	49,2	15,0	23,1	23,1	54,0	54,0
GO	122,7	122,7	126,6	-	3,2	2.318	2.378	2,6	284,4	291,9	300,9	2,6	5,8
DF	16,1	16,1	16,1	-	-	1.582	2.516	59,1	25,5	40,5	40,5	58,8	58,8
SUDESTE	425,2	439,9	448,7	3,5	5,5	1.670	1.670	-	710,1	735,1	749,2	3,5	5,5
MG	334,5	341,7	347,5	2,2	3,9	1.555	1.544	(0,7)	520,0	528,6	535,7	1,7	3,0
ES	10,6	10,6	10,6	-	-	1.041	888	(14,7)	11,0	9,4	9,4	(14,5)	(14,5)
RJ	1,8	1,8	1,8	-	-	995	990	(0,5)	1,8	1,8	1,8	-	-
SP	78,3	85,8	88,8	9,6	13,4	2.264	2.277	0,6	177,3	195,3	202,3	10,2	14,1
SUL	521,0	534,4	554,3	2,6	6,4	1.590	1.687	6,1	828,5	900,7	935,9	8,7	13,0
PR	389,7	400,7	404,4	2,8	3,8	1.510	1.660	9,9	588,5	664,9	671,2	13,0	14,1
SC	63,4	66,3	68,5	4,6	8,0	1.862	1.846	(0,8)	118,0	122,3	126,5	3,6	7,2
RS	67,9	67,4	81,4	(0,7)	19,9	1.797	1.691	(5,9)	122,0	113,5	138,2	(7,0)	13,3
NORTE/NORDESTE	1.504,5	1.557,3	1.579,7	3,5	5,0	277	413	49,2	416,5	642,7	652,3	54,3	56,6
CENTRO-SUL	1.333,0	1.360,9	1.395,3	2,1	4,7	1.574	1.719	9,3	2.097,4	2.338,9	2.400,1	11,5	14,4
BRASIL	2.837,5	2.918,2	2.975,0	2,8	4,8	886	1.024	15,6	2.513,9	2.981,6	3.052,4	18,6	21,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2016.



11.1.5. GIRASSOL

Figura 24 – Mapa da produção agrícola – Girassol

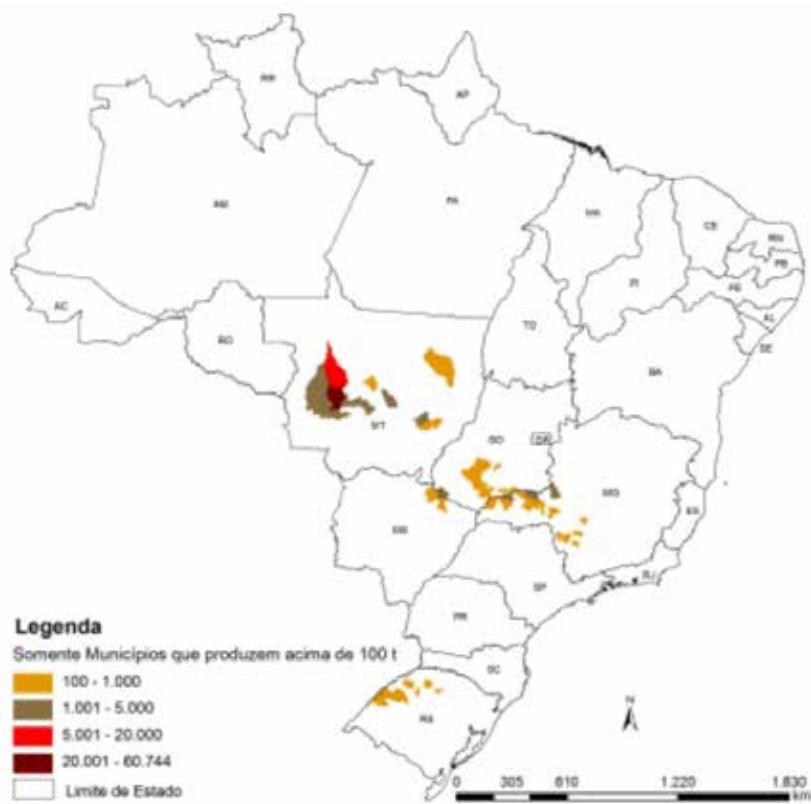


Figura 25 – Mapa da estimativa de produtividade: Girassol (Safra 2016/2017) – Outubro/2016

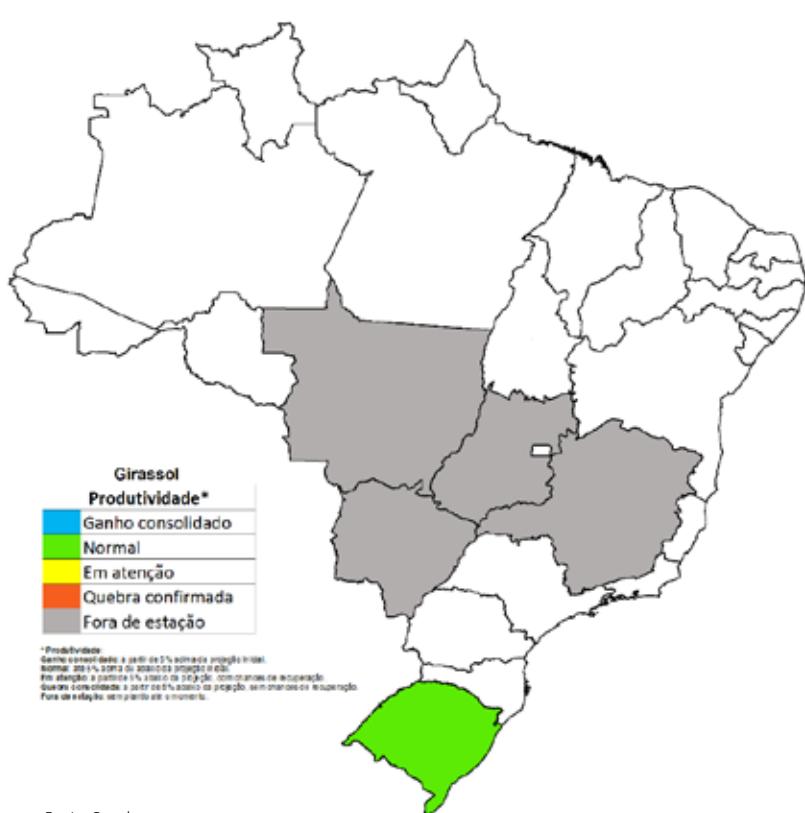


Tabela 34 – Comparativo de área, produtividade e produção – Girassol

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)				PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)					
	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %		
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
CENTRO-OESTE	40,9	40,9	40,9	-	-	1.252	1.388	10,9	51,2	56,7	56,7	10,7	10,7
MT	25,6	25,6	25,6	-	-	1.390	1.426	2,6	35,6	36,5	36,5	2,5	2,5
MS	1,3	1,3	1,3	-	-	1.236	1.575	27,4	1,6	2,0	2,0	25,0	25,0
GO	14,0	14,0	14,0	-	-	1.000	1.302	30,2	14,0	18,2	18,2	30,0	30,0
SUDESTE	7,0	7,0	7,0	-	-	952	1.326	39,3	6,7	9,3	9,3	38,8	38,8
MG	7,0	7,0	7,0	-	-	952	1.326	39,3	6,7	9,3	9,3	38,8	38,8
SUL	3,3	3,3	3,3	-	-	1.356	1.373	1,3	4,4	4,5	4,5	2,3	2,3
RS	3,3	3,3	3,3	-	-	1.339	1.373	2,5	4,4	4,5	4,5	2,3	2,3
CENTRO-SUL	51,2	51,2	51,2	-	-	1.216	1.379	13,4	62,3	70,5	70,5	13,2	13,2
BRASIL	51,2	51,2	51,2	-	-	1.216	1.379	13,4	62,3	70,5	70,5	13,2	13,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2016.

11.1.6. MAMONA

Figura 26 – Mapa da produção agrícola – Mamona



Fonte: Conab/IBGE.



Figura 27 – Mapa da estimativa de produtividade: Mamona (Safra 2016/2017) – Outubro/2016

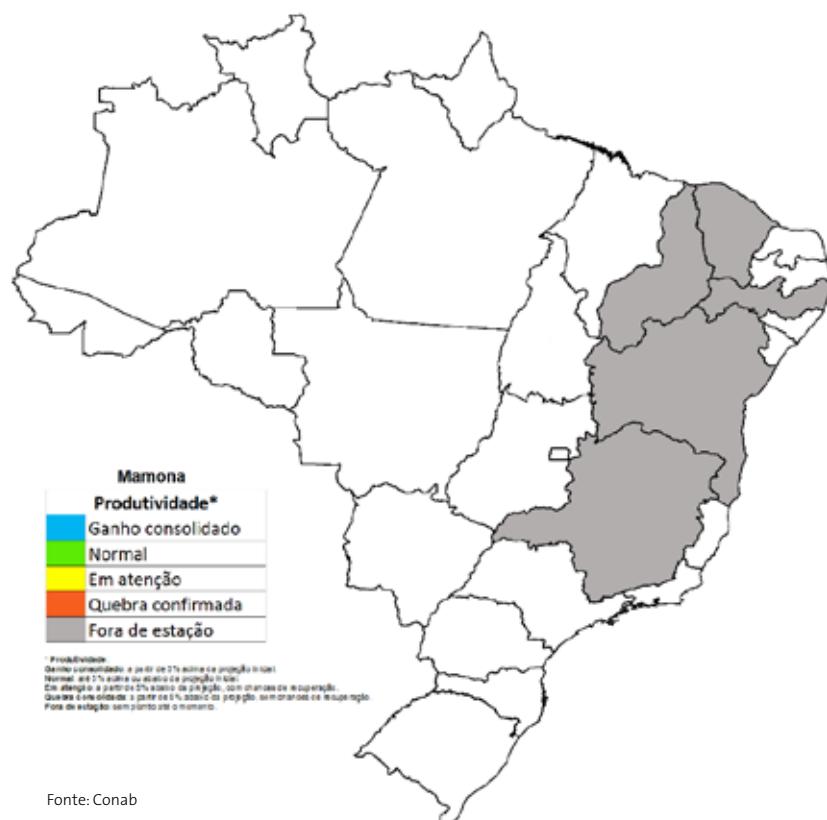


Tabela 35 – Comparativo de área, produtividade e produção – Mamona

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)				PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)					
	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %		
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORDESTE	29,9	28,9	31,0	(3,3)	3,7	472	651	37,7	14,1	18,7	20,3	32,6	44,0
PI	0,6	0,6	0,6	-	-	500	494	(1,2)	0,3	0,3	0,3	-	-
CE	8,3	8,3	8,3	-	-	122	359	194,3	1,0	3,0	3,0	200,0	200,0
BA	21,0	20,0	22,1	(5,0)	5,0	610	770	26,2	12,8	15,4	17,0	20,3	32,8
SUDESTE	0,3	0,2	0,3	(33,3)	-	909	909	-	0,3	0,2	0,3	(33,3)	-
MG	0,3	0,2	0,3	(30,0)	-	909	909	-	0,3	0,2	0,3	(33,3)	-
NORTE/ NORDESTE	29,9	28,9	31,0	(3,3)	3,7	472	651	37,7	14,1	18,7	20,3	32,6	44,0
CEN- TRO-SUL	0,3	0,2	0,3	(33,3)	-	909	909	-	0,3	0,2	0,3	(33,3)	-
BRASIL	30,2	29,1	31,3	(3,6)	3,6	477	653	36,9	14,4	18,9	20,6	31,3	43,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2016.



11.1.7. MILHO

11.1.7.1. MILHO PRIMEIRA SAFRA

Mesmo considerando a tendência observada nos últimos anos, de pouca representatividade da área plantada, para o plantio desta lavoura no período de verão, a melhoria dos preços nesta safra deverá influenciar os produtores a tomarem a decisão de investir na cultura, principalmente os que possuem menor área e aqueles que buscam incrementar a rotação de culturas. O crédito de custeio, tem sido motivo de preocupações, particularmente os originados das instituições financeiras, com maiores restrições em alguns estados, está sendo razoavelmente complementado pela participação das cooperativas e cerealistas. Segundo informações, as regras bancárias de financiamentos estão mais rígidas com a exigência de maiores garantias para liberação dos recursos. Em relação a oferta e demanda de insumos observa-se que o preço desses itens tem provocado a elevação nos custos de produção, provocado em grande parte pelo aumento estimado da área plantada. Além disso, em alguns estados produtores, foi constatada a dificuldade na aquisição de sementes com alta tecnologia, o que pode resultar no plantio de sementes alternativas, com a probabilidade de que tal fato comprometa os níveis finais de produtividade.

Na Região Sul prevê-se um aumento na área plantada em todos os estados produtores. O intervalo de variação está estimado de 3,5 a 9,3%. No Rio Grande do Sul, a semeadura da safra de milho avança rapidamente e os produtores aproveitam as condições climáticas adequadas, para intensificar as operações estimulados pelos preços atrativos e previsões de clima favorável durante o ciclo. Estima-se que mais de 50% da área destinada à cultura esteja semeada, com destaque para as regiões noroeste e das missões, onde o plantio está praticamente concluído e as lavouras apresentam-se com bom desenvolvimento. Apesar do percentual já semeado, ainda é prematuro qualquer projeção quanto ao percentual de incremento da área total do estado, considerando a dependência destas condições climáticas futuras. Os tratos culturais, como adubação de cobertura, controle de invasoras, pragas e doenças, estão sendo tempestivamente executadas, assegurando a momentânea sanidade e o vigor das lavouras.

Em Santa Catarina estima-se um forte incremento na área destinada a cultura em relação a safra passada, que atingiu 370 mil hectares. Estas novas áreas serão oriundas da migração da cultura da soja e da abertura de novas lavouras (pastagem e reflorestamento). Essa expectativa decorre, principalmente, do mercado de milho que, nos últimos meses, vem operando de

forma demandadora, num estado com grande importância na produção de proteína animal, com preços que incentivam os produtores a expandir as lavouras. O início do plantio ocorreu no mês de agosto, mas a maior parte das lavouras serão semeadas durante setembro e início de outubro. O clima apresenta-se estável, com chuvas regulares que favorecem a semeadura, mas as temperaturas baixas do solo, ainda retraem o avanço do plantio em alguns locais.

Na Região Sudeste, segunda produtora nacional do milho primeira safra, a cultura deverá experimentar incremento na área plantada, variando de -3,6% a -1,9%. Em Minas Gerais, onde ocorre o maior aumento regional da área plantada, as informações preliminares sinalizam uma tendência de ampliação de até 5% no plantio de milho na safra de verão, em face da elevação da cotação ocasionada pela baixa oferta do produto. É possível que o aumento no plantio de milho se mostre ainda maior nos próximos levantamentos, quando a intenção de plantio estiver melhor definida. O plantio deve ocorrer entre os meses de outubro e dezembro, tão logo seja iniciado o período chuvoso. Em São Paulo, é esperado um crescimento na área impulsionado pelas boas cotações do produto. A escassez do cereal observado nesta temporada, penalizou sobremaneira os criadores de aves e suínos, que sistematicamente vem reduzindo o seu plantel, face aos custos crescentes com a ração.

Na Região Centro-Oeste, está previsto incremento do plantio variando no intervalo de 2 a 5,7%, impulsionado pelo desempenho projetado para Goiás, principal produtor regional. Muitos produtores ainda necessitam cumprir contratos de entrega do produto, devido a quebra da produção ocorrida na segunda safra do cereal deste ano. Esta necessidade é apontada como incentivadora do incremento da área que deverá ocorrer no estado. Com relação ao custo de produção os produtores relacionam os adubos de uma forma geral sofreram redução nos preços enquanto que a semente sofreu considerável majoração nos preços. No momento, produtores aguardam o início efetivo do período chuvoso para iniciarem o plantio, o que deve ocorrer após a primeira quinzena do mês de outubro.

Em Mato Grosso, os preços atrativos do cereal, em decorrência da quebra ocorrida no milho da segunda safra estadual, não têm, pelo menos como se espera, gerado grande interesse nos produtores quanto ao aumento de área. Em função disso, a área total da cultura de verão deverá continuar pequena, estimando-se em pouco mais de 34 mil hectares semeados.



Em Goiás, os produtores aguardam o início efetivo do período chuvoso para iniciarem o plantio, que deverá apresentar incrementos mais consistentes, nos próximos levantamentos ocorrer após a primeira quinzena do mês de outubro. Diante do cenário ocorrido nessa safra, onde muitos produtores deixaram de cumprir contratos de entrega do produto, era esperado que grande parcela dos produtores aumentassem suas áreas de milho. Mas de uma forma geral a área de milho verão tende a apresentar um pequeno aumento na maioria dos municípios goianos.

Em Mato Grosso do Sul há uma tendência de forte aumento da área de milho verão no estado, estimandose um incremento de mais de 100% em comparação à safra anterior, estimulado pelos preços favoráveis do cereal no mercado disponível. Ao contrário do milho safrinha, os produtores de milho verão, não fazem muitos contratos futuros, optando por comercializar o produto no disponível para se valer das altas sazonais das cotações. Além disso, a produção da primeira safra é comercializada basicamente para granjeiros e confinamentos locais, o que reduz gastos adicionais com transporte e armazenagem.

Na Região Norte-Nordeste a expectativa deverá ser de forte incremento na área plantada, impulsionados

pelas previsões otimistas nos estados que compõem o Matopiba. Em Tocantins, na região norte do estado a expectativa é de queda da área plantada, em decorrência do retorno do plantio da soja em áreas onde na safra anterior foram plantadas com milho, na alternância ocorrida em virtude dos problemas ocorridos, com o atraso e escassez das chuvas. Já na região sul do estado, a boa perspectiva em relação as cotações de mercado estão motivando os produtores aumentar a área plantada nesta safra em relação a anterior. No Maranhão, o período chuvoso que se consolida no final do ano, torna impreciso os intervalos de variações, mas há uma forte crença no incremento de área. Na Bahia espera-se aumento de área variando de 7,5 a 20% em relação à safra 2015/2016, expectativa atribuída aos preços de mercado. A fase de plantio têm previsão de início a partir de outubro e, dada a incerteza face ao regime climático, os incrementos estimados podem sofrer modificações, revertendo um processo após dois anos consecutivos de recuo das áreas plantadas.

Dessa forma, a estimativa nacional para a intenção de plantio do milho primeira safra, na temporada 2016/17, deverá apresentar acréscimo em relação ao ocorrido na safra passada, com a área situando-se no intervalo entre 5,6 e 11,4%.

Figura 28 – Mapa da produção agrícola – Milho primeira safra

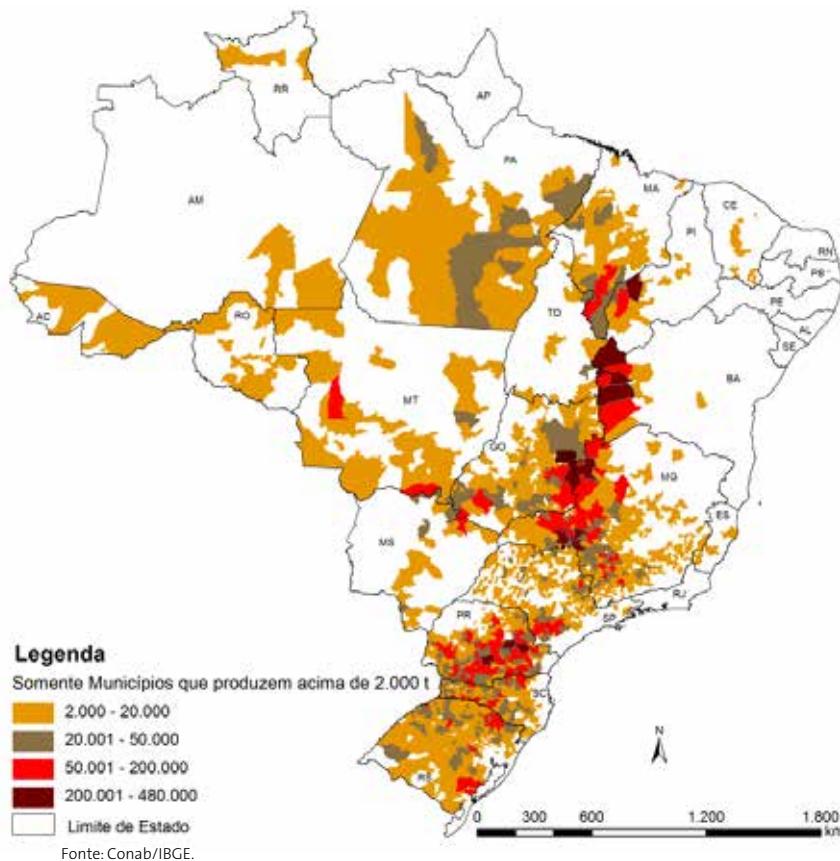
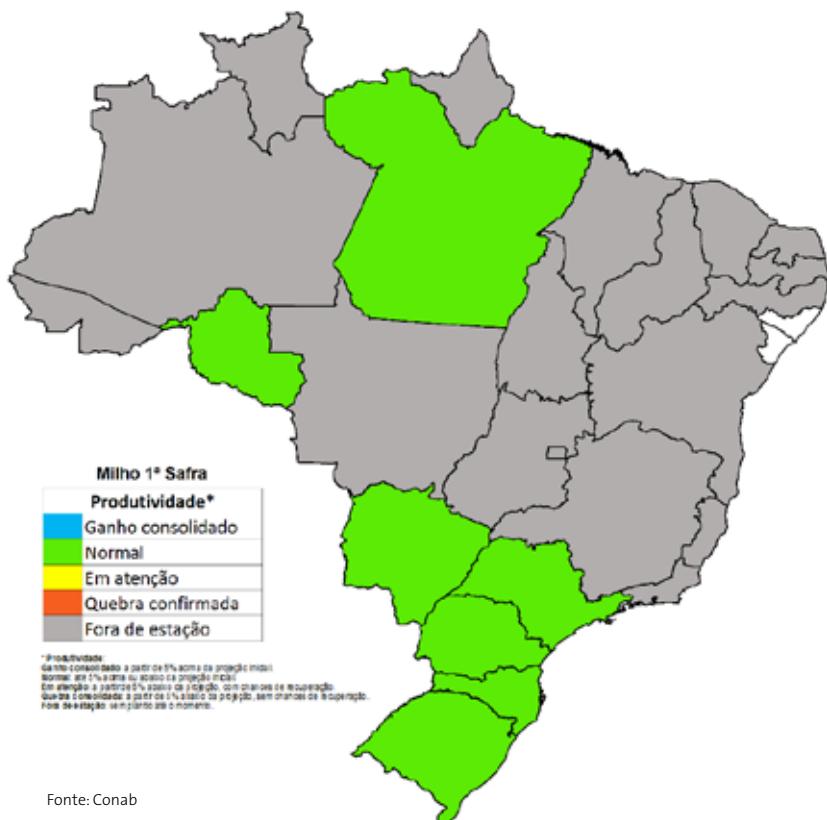


Figura 29 – Mapa da estimativa de produtividade: Milho primeira safra (Safra 2016/2017) – Outubro/2016



Quadro 7 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Milho primeira safra (Safra 2016/2017)

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense	PP	P/G	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C					
PA	Sudeste Paraense	PP	P	P/G	G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
TO	Oriental do Tocantins			P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
MA	Oeste Maranhense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Sul Maranhense			P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
PI	Norte Piauiense					P	G/DV	DV/F/FR	FR	FR/M	M/C		
	Sudoeste Piauiense			P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Sudeste Piauiense					P	G/DV	DV/F/FR	FR	FR/M	M/C		
CE	Noroeste Cearense						P/G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Norte Cearense					P	G/DV	DV/F/FR	FR	FR/M	M/C		
	Sertões Cearenses						P/G/DV	DV	F/FR	FR/M	M	C	
	Jaguaribe						P/G/DV	DV	F/FR	FR/M	M	C	
	Centro-Sul Cearense						P/G/DV	DV	F/FR	FR/M	M	C	
	Sul Cearense					P	G/DV	DV/F/FR	FR	FR/M	M/C		
RN	Oeste Potiguar						P/G/DV	DV	F/FR	FR/M	M	C	
	Agreste Potiguar						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
PB	Sertão Paraibano					P	G/DV	DV/F/FR	FR	FR/M	M/C		
	Agreste Paraibano						P	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
PE	Sertão Pernambucano					P	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C		
	Agreste Pernambucano						P	G/DV	DV/F/FR	FR	FR/M	M/C	

Continua...



BA	Extremo Oeste Baiano			P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
GO	Norte Goiano		P	G/DV	DV/F/FR	FR	FR/M	M/C	C				
	Centro Goiano		P	G/DV	DV/F/FR	FR	FR/M	M/C	C				
	Leste Goiano		P	G/DV	DV/F/FR	FR	FR/M	M/C	C				
	Sul Goiano		P	G/DV	DV/F/FR	FR	FR/M	M/C	C				
DF	Distrito Federal		P	G/DV	DV/F/FR	FR	FR/M	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas		P	G/DV	DV/F/FR	FR	FR/M	M/C					
	Norte de Minas		P	G/DV	DV/F/FR	FR	FR/M	M/C					
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P	G/DV	DV/F/FR	FR	FR/M	M/C					
	Metropolitana de Belo Horizonte		P	G/DV	DV/F/FR	FR	FR/M	M/C					
	Vale do Rio Doce		P	G/DV	DV/F/FR	FR	FR/M	M/C					
	Oeste de Minas		P	G/DV	DV/F/FR	FR	FR/M	M/C					
	Sul/Sudoeste de Minas		P	G/DV	DV/F/FR	FR	FR/M	M/C					
	Campo das Vertentes		P	G/DV	DV/F/FR	FR	FR/M	M/C					
	Zona da Mata		P	G/DV	DV/F/FR	FR	FR/M	M/C					
SP	São José do Rio Preto	PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Ribeirão Preto	PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Bauru	PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Campinas	PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Assis	P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Itapetininga	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
PR	Macro Metropolitana Paulista	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro Ocidental Paranaense	P/G/DV	G/DV/F	DV/F/FR	FR	FR/M	M/C	C					
	Norte Central Paranaense	P/G/DV	G/DV/F	DV/F/FR	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Norte Pioneiro Paranaense	P/G/DV	G/DV/F	DV/F/FR	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro Oriental Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Oeste Paranaense	P/G/DV	G/DV/F	DV/F/FR	FR	FR/M	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense	P/G/DV	G/DV/F	DV/F/FR	FR	FR/M	M/C	C					
	Centro-Sul Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Sudeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
SC	Metropolitana de Curitiba	P/G/DV	G/DV/F	DV/F/FR	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Oeste Catarinense	P/G	G/DV	DV/F/FR	FR	FR/M	M/C	C					
	Norte Catarinense	P/G/DV	G/DV	DV/F/FR	FR	FR/M	M/C	C					
	Serrana	P	G/DV	DV/F/FR	FR	FR/M	M/C	C					
RS	Vale do Itajaí	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Noroeste Rio-grandense	P/G	G/DV	DV/F/FR	FR	FR/M	M/C	C					
	Nordeste Rio-grandense	P	G/DV	DV/F/FR	FR	FR/M	M/C	C					
	Centro Ocidental Rio-grandense	P/G	G/DV	DV/F/FR	FR	FR/M	M/C	C					
	Centro Oriental Rio-grandense	P/G	G/DV	DV/F/FR	FR	FR/M	M/C	C					
	Metropolitana de Porto Alegre	P/G	G/DV	DV/F/FR	FR	FR/M	M/C	C					
RS	Sudeste Rio-grandense	PP	P/G/DV	DV/F/FR	FR	FR/M	M/C	C					

Legendas:

 Baixa restrição - falta de chuvas  Favorável  Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 36 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %		Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	358,1	352,6	359,6	(1,5)	0,4	3.135	3.228	3,0	1.122,8	1.137,8	1.161,2	1,3	3,4
RR	4,6	4,6	4,6	-	-	3.036	2.225	(26,7)	14,0	10,2	10,2	(27,1)	(27,1)
RO	38,6	37,4	38,6	(3,0)	-	2.657	2.703	1,7	102,6	101,1	104,3	(1,5)	1,7
AC	39,6	39,6	41,3	-	4,3	2.442	2.404	(1,6)	96,7	95,2	99,3	(1,6)	2,7
AM	5,4	11,9	12,4	120,0	130,0	2.515	2.582	2,7	13,6	30,7	32,0	125,7	135,3
AP	1,8	1,8	1,8	-	-	902	952	5,5	1,6	1,7	1,7	6,3	6,3
PA	196,1	196,1	196,1	-	-	3.299	3.307	0,2	646,9	648,5	648,5	0,2	0,2
TO	72,0	61,2	64,8	(15,0)	(10,0)	3.436	4.092	19,1	247,4	250,4	265,2	1,2	7,2
NORDESTE	1.865,2	1.738,7	1.866,8	(6,8)	0,1	1.537	2.069	34,6	2.866,9	3.559,8	3.900,0	24,2	36,0
MA	268,4	273,8	289,9	2,0	8,0	2.687	2.576	(4,1)	721,2	705,3	746,8	(2,2)	3,5
PI	471,0	329,7	376,8	(30,0)	(20,0)	1.490	2.100	40,9	701,8	692,4	791,3	(1,3)	12,8
CE	460,2	460,2	460,2	-	-	356	847	137,9	163,8	389,8	389,8	138,0	138,0
RN	25,0	25,0	25,0	-	-	309	448	45,0	7,7	11,2	11,2	45,5	45,5
PB	84,6	84,6	84,6	-	-	237	463	95,4	20,1	39,2	39,2	95,0	95,0
PE	184,6	166,1	184,6	(10,0)	-	120	359	199,2	22,2	59,6	66,3	168,5	198,6
BA	371,4	399,3	445,7	7,5	20,0	3.312	4.163	25,7	1.230,1	1.662,3	1.855,4	35,1	50,8
CENTRO-OESTE	320,3	326,7	338,4	2,0	5,7	7.636	7.448	(2,5)	2.445,9	2.432,5	2.520,9	(0,5)	3,1
MT	31,1	31,1	34,2	-	10,0	6.412	6.576	2,6	199,4	204,5	224,9	2,6	12,8
MS	16,0	22,4	25,6	40,0	60,0	9.000	8.686	(3,5)	144,0	194,6	222,4	35,1	54,4
GO	246,4	246,4	251,3	-	2,0	7.800	7.508	(3,7)	1.921,9	1.850,0	1.886,8	(3,7)	(1,8)
DF	26,8	26,8	27,3	-	2,0	6.740	6.844	1,5	180,6	183,4	186,8	1,6	3,4
SUDESTE	1.237,0	1.237,0	1.290,4	-	4,3	6.079	5.948	(2,2)	7.519,9	7.357,1	7.675,2	(2,2)	2,1
MG	837,4	837,4	879,3	-	5,0	6.100	5.875	(3,7)	5.108,1	4.919,7	5.165,9	(3,7)	1,1
ES	13,6	13,6	13,6	-	-	2.910	2.457	(15,6)	39,6	33,4	33,4	(15,7)	(15,7)
RJ	2,0	2,0	2,0	-	-	2.600	2.417	(7,0)	5,2	4,8	4,8	(7,7)	(7,7)
SP	384,0	384,0	395,5	-	3,0	6.164	6.248	1,4	2.367,0	2.399,2	2.471,1	1,4	4,4
SUL	1.607,1	1.664,1	1.756,1	3,5	9,3	7.403	7.093	(4,2)	11.898,1	11.782,8	12.475,6	(1,0)	4,9
PR	414,1	455,5	496,9	10,0	20,0	7.953	8.175	2,8	3.293,3	3.723,7	4.062,2	13,1	23,3
SC	370,0	377,4	403,3	2,0	9,0	7.330	7.818	6,7	2.712,1	2.950,5	3.153,0	8,8	16,3
RS	823,0	831,2	855,9	1,0	4,0	7.160	6.146	(14,2)	5.892,7	5.108,6	5.260,4	(13,3)	(10,7)
NORTE/NORDESTE	2.223,3	2.091,3	2.226,4	(5,9)	0,1	1.794	2.260	26,0	3.989,7	4.697,6	5.061,2	17,7	26,9
CENTRO-SUL	3.164,4	3.227,8	3.384,9	2,0	7,0	6.909	6.691	(3,2)	21.863,9	21.572,4	22.671,7	(1,3)	3,7
BRASIL	5.387,7	5.319,1	5.611,3	(1,3)	4,2	4.799	4.941	3,0	25.853,6	26.270,0	27.732,9	1,6	7,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Agosto/2016.

11.1.7.2. MILHO SEGUNDA SAFRA

Para o milho segunda safra, em função do calendário de plantio e da metodologia aplicada nas estimativas para este produto, foram repetidas as informações relativas às áreas estaduais da safra anterior. Com relação à produtividade, a Conab utiliza metodologia que contempla as especificidades dos diversos produtos e a aplicação de um rendimento médio baseado na análise estatística da série histórica das safras anteriores. A explicação do método se encontra no item relacio-

nado à produtividade, constante do boletim divulgado pela Conab a cada início de temporada.

A posição consolidada para a intenção de plantio do milho reunindo a primeira e segunda safra na safra 2016/17 deverá, nesta temporada, situar-se no intervalo de 15.953,7 a 16.244,7 mil hectares, comparado com o plantio do ano passado que atingiu 15.922,5 mil hectares.



Figura 30 – Mapa da produção agrícola – Milho segunda safra

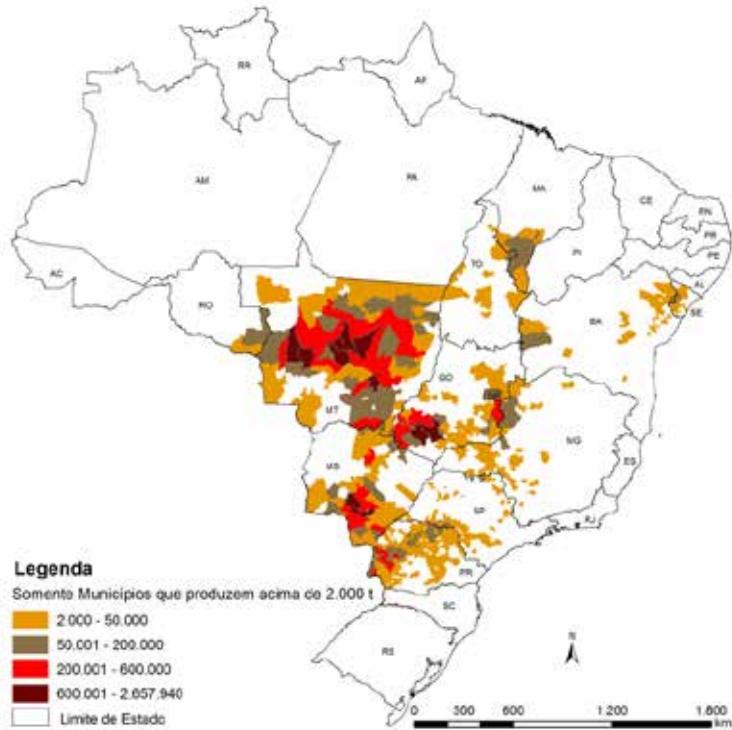


Figura 31 – Mapa da estimativa de produtividade: Milho segunda safra (Safra 2016/2017) – Outubro/2016

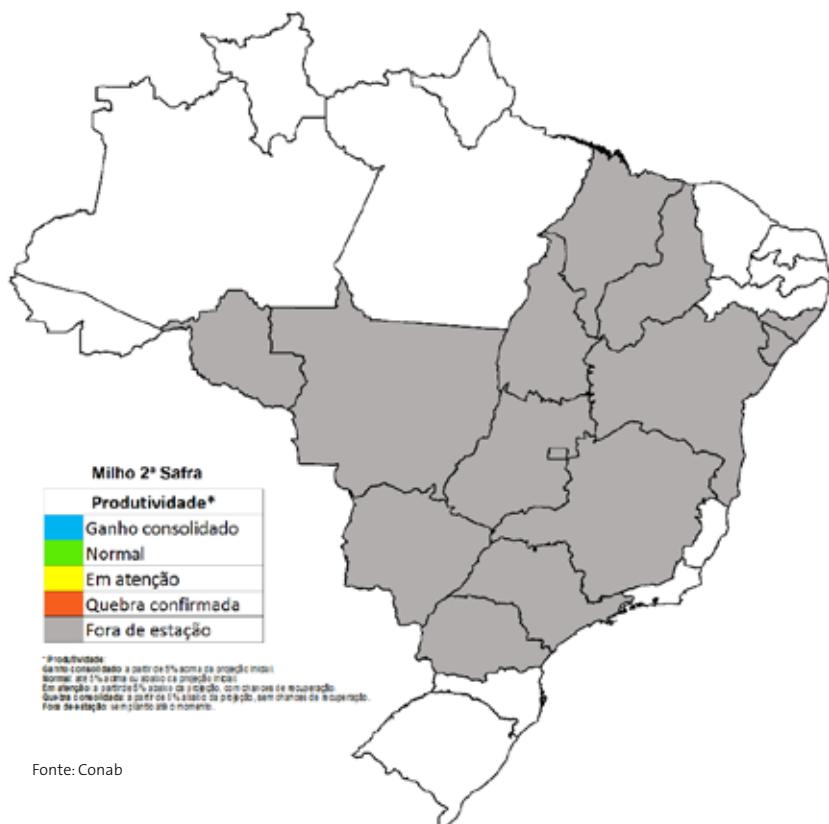


Tabela 37 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %		Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	215,1	215,1	215,1	-	-	3.924	4.636	18,1	844,1	997,2	997,2	18,1	18,1
RO	119,5	119,5	119,5	-	-	4.613	4.500	(2,4)	551,3	537,8	537,8	(2,4)	(2,4)
TO	95,6	95,6	95,6	-	-	3.063	4.805	56,9	292,8	459,4	459,4	56,9	56,9
NORDESTE	560,0	560,0	560,0	-	-	1.307	2.909	122,6	732,1	1.629,1	1.629,1	122,5	122,5
MA	85,9	85,9	85,9	-	-	1.784	3.300	85,0	153,2	283,5	283,5	85,1	85,1
PI	21,5	21,5	21,5	-	-	1.756	4.409	151,1	37,8	94,8	94,8	150,8	150,8
AL	28,3	28,3	28,3	-	-	674	630	(6,5)	19,1	17,8	17,8	(6,8)	(6,8)
SE	177,0	177,0	177,0	-	-	1.718	4.390	155,5	304,1	777,0	777,0	155,5	155,5
BA	247,3	247,3	247,3	-	-	881	1.844	109,3	217,9	456,0	456,0	109,3	109,3
CENTRO-OESTE	6.747,1	6.747,1	6.747,1	-	-	3.824	5.568	45,6	25.798,5	37.570,3	37.570,3	45,6	45,6
MT	3.769,0	3.769,0	3.769,0	-	-	3.999	5.679	42,0	15.072,2	21.404,2	21.404,2	42,0	42,0
MS	1.665,0	1.665,0	1.665,0	-	-	3.679	5.138	39,7	6.125,5	8.554,8	8.554,8	39,7	39,7
GO	1.274,7	1.274,7	1.274,7	-	-	3.537	5.700	61,2	4.508,6	7.265,8	7.265,8	61,2	61,2
DF	38,4	38,4	38,4	-	-	2.400	9.000	275,0	92,2	345,6	345,6	274,8	274,8
SUDESTE	814,3	814,3	814,3	-	-	2.793	5.107	82,9	2.274,5	4.159,0	4.159,0	82,9	82,9
MG	371,0	371,0	371,0	-	-	2.191	5.721	161,1	812,9	2.122,5	2.122,5	161,1	161,1
SP	443,3	443,3	443,3	-	-	3.297	4.594	39,3	1.461,6	2.036,5	2.036,5	39,3	39,3
SUL	2.198,3	2.198,3	2.198,3	-	-	5.091	5.332	4,7	11.191,5	11.721,3	11.721,3	4,7	4,7
PR	2.198,3	2.198,3	2.198,3	-	-	5.091	5.332	4,7	11.191,5	11.721,3	11.721,3	4,7	4,7
NORTE/NORDESTE	775,1	775,1	775,1	-	-	2.033	3.388	66,6	1.576,2	2.626,3	2.626,3	66,6	66,6
CENTRO-SUL	9.759,7	9.759,7	9.759,7	-	-	4.023	5.477	36,1	39.264,5	53.450,7	53.450,7	36,1	36,1
BRASIL	10.534,8	10.534,8	10.534,8	-	-	3.877	5.323	37,3	40.840,7	56.076,9	56.076,9	37,3	37,3

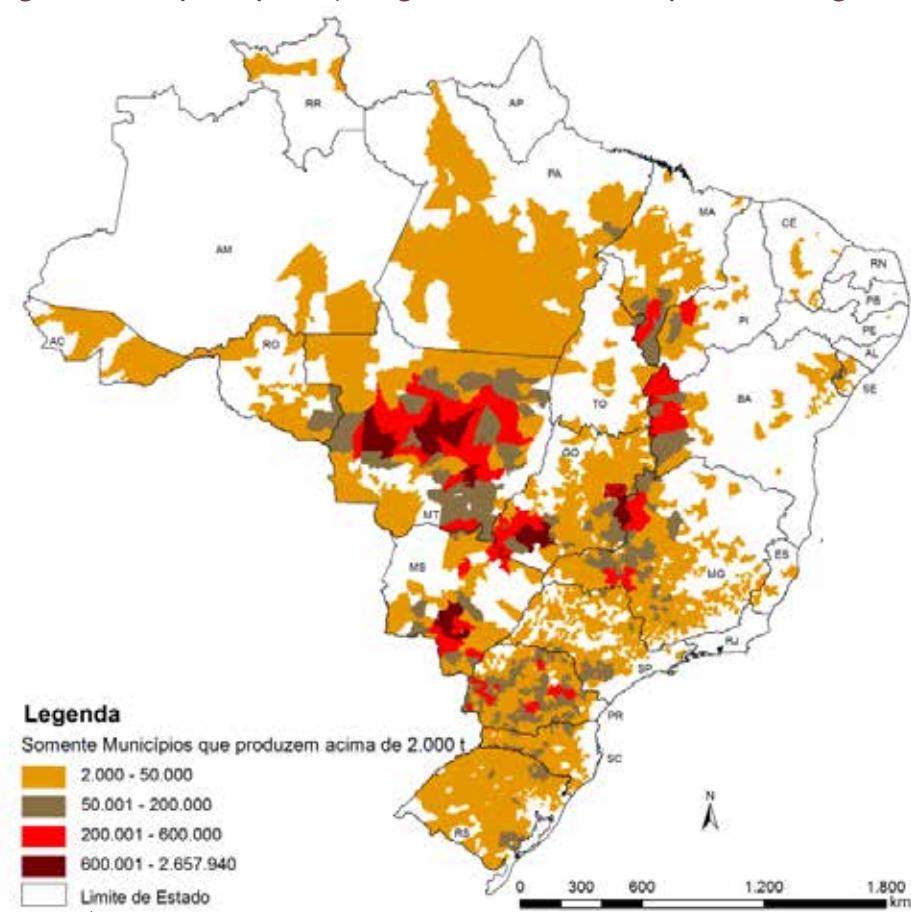
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2016.



11.1.7.3. MILHO TOTAL

Figura 32 – Mapa da produção agrícola – Milho total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 38 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 15/16		Safra 16/17		VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	573,2	567,7	574,7	(1,0)	0,3	3.431	3.758	9,5	1.966,8	2.134,9	2.158,3	8,5	9,7
RR	4,6	4,6	4,6	-	-	3.036	2.225	(26,7)	14,0	10,2	10,2	(27,1)	(27,1)
RO	158,1	156,9	158,1	-	-	4.135	4.066	(1,7)	653,8	638,8	642,1	(2,3)	(1,8)
AC	39,6	39,6	41,3	-	-	2.442	2.404	(1,6)	96,7	95,2	99,3	(1,6)	2,7
AM	5,4	11,9	12,4	-	-	2.515	2.582	2,7	13,6	30,7	32,0	125,7	135,3
AP	1,8	1,8	1,8	-	-	902	952	5,5	1,6	1,7	1,7	6,3	6,3
PA	196,1	196,1	196,1	-	-	3.299	3.307	0,2	646,9	648,5	648,5	0,2	0,2
TO	167,6	156,8	160,4	-	-	3.223	4.522	40,3	540,2	709,8	724,5	31,4	34,1
NORDESTE	2.425,2	2.298,7	2.426,8	(5,2)	0,1	1.484	2.268	52,8	3.598,8	5.188,9	5.529,2	44,2	53,6
MA	354,3	359,7	375,8	-	-	2.468	2.745	11,2	874,4	988,8	1.030,3	13,1	17,8
PI	492,5	351,2	398,3	-	-	1.502	2.232	48,7	739,5	787,2	886,1	6,5	19,8
CE	460,2	460,2	460,2	-	-	356	847	137,9	163,8	389,8	389,8	138,0	138,0
RN	25,0	25,0	25,0	-	-	309	448	45,0	7,7	11,2	11,2	45,5	45,5
PB	84,6	84,6	84,6	-	-	237	463	95,4	20,1	39,2	39,2	95,0	95,0
PE	184,6	166,1	184,6	-	-	120	359	199,2	22,2	59,6	66,3	168,5	198,6
AL	28,3	28,3	28,3	-	-	674	630	(6,5)	19,1	17,8	17,8	(6,8)	(6,8)
SE	177,0	177,0	177,0	-	-	1.718	4.390	155,5	304,1	777,0	777,0	155,5	155,5
BA	618,7	646,6	693,0	-	-	2.340	3.307	41,3	1.447,9	2.118,3	2.311,5	46,3	59,6
CENTRO-OESTE	7.067,4	7.073,8	7.085,5	0,1	0,3	3.996	5.657	41,5	28.244,4	40.002,8	40.091,2	41,6	41,9
MT	3.800,1	3.800,1	3.803,2	-	-	4.019	5.687	41,5	15.271,6	21.608,7	21.629,1	41,5	41,6
MS	1.681,0	1.687,4	1.690,6	-	-	3.730	5.188	39,1	6.269,5	8.749,3	8.777,1	39,6	40,0
GO	1.521,1	1.521,1	1.526,0	-	-	4.228	5.995	41,8	6.430,5	9.115,8	9.152,6	41,8	42,3
DF	65,2	65,2	65,7	-	-	4.184	8.109	93,8	272,8	529,0	532,4	93,9	95,2
SUDESTE	2.051,3	2.051,3	2.104,7	-	2,6	4.775	5.618	17,7	9.794,3	11.516,2	11.834,2	17,6	20,8
MG	1.208,4	1.208,4	1.250,3	-	-	4.900	5.829	19,0	5.921,0	7.042,2	7.288,4	18,9	23,1
ES	13,6	13,6	13,6	-	-	2.910	2.457	(15,6)	39,6	33,4	33,4	(15,7)	(15,7)
RJ	2,0	2,0	2,0	-	-	2.600	2.417	(7,0)	5,2	4,8	4,8	(7,7)	(7,7)
SP	827,3	827,3	838,8	-	-	4.628	5.368	16,0	3.828,5	4.435,8	4.507,6	15,9	17,7
SUL	3.805,4	3.862,4	3.954,4	1,5	3,9	6.068	6.102	0,6	23.089,7	23.504,1	24.196,9	1,8	4,8
PR	2.612,4	2.653,8	2.695,2	-	-	5.545	5.838	5,3	14.484,9	15.445,0	15.783,5	6,6	9,0
SC	370,0	377,4	403,3	-	-	7.330	7.818	6,7	2.712,1	2.950,5	3.153,0	8,8	16,3
RS	823,0	831,2	855,9	-	-	7.160	6.146	(14,2)	5.892,7	5.108,6	5.260,4	(13,3)	(10,7)
NORTE/NORDESTE	2.998,4	2.866,4	3.001,5	(4,4)	0,1	1.856	2.558	37,8	5.565,6	7.323,8	7.687,5	31,6	38,1
CENTRO-SUL	12.924,1	12.987,5	13.144,6	0,5	1,7	4.730	5.784	22,3	61.128,4	75.023,1	76.122,3	22,7	24,5
BRASIL	15.922,5	15.853,9	16.146,1	(0,4)	1,4	4.189	5.192	24,0	66.694,0	82.346,9	83.809,8	23,5	25,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2016.

11.1.7.3. OFERTA E DEMANDA

Com a produção da safra 2015/16 fechada em 66,7 milhões de toneladas, por causa da quebra de produtividade devido à fatores climáticos adversos, o mercado doméstico da cadeia do milho no país, sobretudo o setor demandante, teve que reajustar sua dinâmica, onde os fatores de consumo interno, exportações e importações permitiram um estoque final, para início de fevereiro de 2017, de 5,5 milhões de toneladas, ou seja, pouco mais de um mês de consumo.

No que se refere ao consumo doméstico, houve uma redução na estimativa em função de fatores como: a

diminuição do alojamento de pintainhas para o segundo semestre, algumas unidades produtoras diminuindo ou parando atividades, troca de milho por trigo em alguns momentos do ano e o esmagamento de milho para produção de etanol que não ocorreu devido ao alto valor do cereal.

Para o consumo interno da safra 2016/17, estima-se um incremento de 53,4 para 55,5 milhões de toneladas, devido à expectativa de recomposição do plantel de aves e suínos, vez que estas cadeias estão dentro

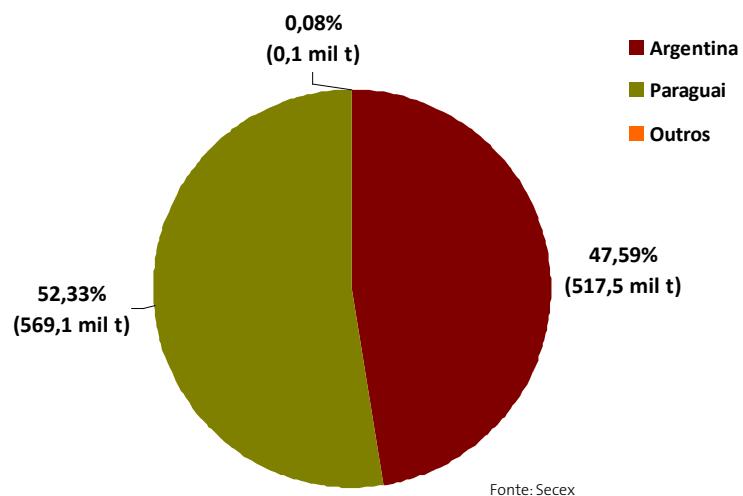


de um cenário de ganho de espaço no mercado internacional, bem como o fato de que pode haver uma diminuição dos preços e, por sua vez, dos custos de produção.

A oferta menor de milho durante a safra 2015/16 fez com que muitos produtores de aves e suínos optassem por importar o cereal, basicamente do Paraguai

e da Argentina, já atingindo até o final de agosto um volume em torno de 1 milhão de toneladas. Desta feita, espera-se que o total de milho importado até o final de janeiro de 2017 seja de 1,75 milhão de toneladas. Para a safra seguinte, com a recomposição da oferta do grão, o volume estimado de importação deve ser de 500,0 mil toneladas.

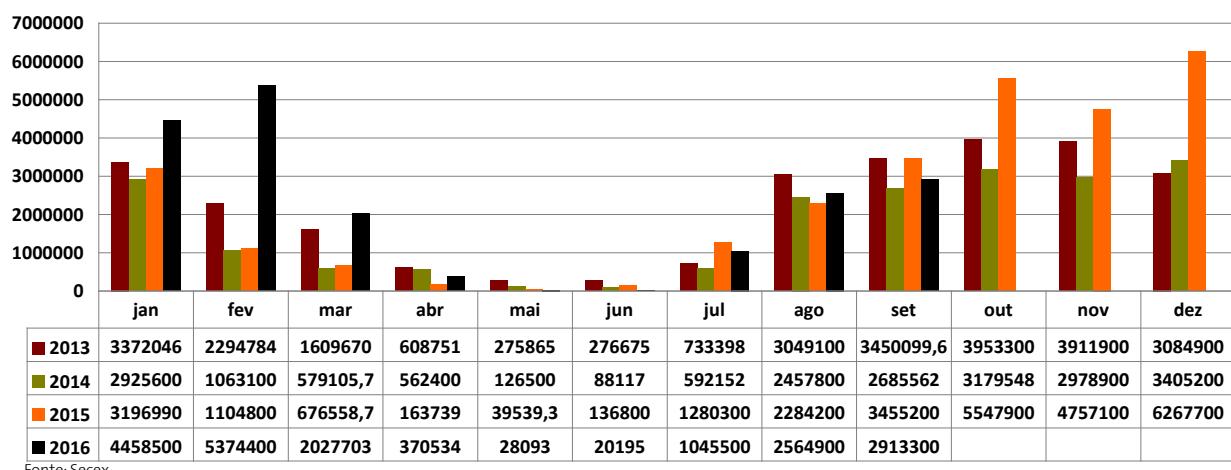
Gráfico 112 – Participação percentual nas importações de milho por país



Quantos às exportações, até o fim de setembro de 2016 foram exportadas desde fevereiro até o citado mês, um total de 14,3 milhões de toneladas, restando apenas 5,7 milhões para completar a estimativa de exportação da safra 2015/16, em média, seria um volume embarcado mensal de 1,41 milhão de toneladas, ou seja, algo bastante plausível de ocorrer.

Para a safra 2016/17, acredita-se que com o aumento da produção brasileira, o Brasil deverá ter um ritmo mais acentuado de exportações, a partir de agosto de 2017, o que permite uma estimativa de 24 milhões de toneladas de fevereiro de 2017 até o final de janeiro de 2018.

Gráfico 113–Exportações brasileiras de milho de jan/13 a set/2016



Neste contexto, o estoque final da safra 2016/17 será, praticamente, o equivalente a 2 meses de consumo, totalizando um volume de 9,6 milhões de toneladas,

retomando um cenário de abastecimento interno bastante confortável.



11.1.8. Soja

A expectativa entre os produtores de soja, com relação ao plantio da safra 2016/17, é de um continuado crescimento na área plantada, que nesta primeira intenção vem apresentar um intervalo variando de 0,6 a 2,7%, comparado com o plantio da safra anterior. Esta tendência ocorre a despeito das expectativas de superprodução da safra norte americana, que derru-

11.1.8.1. REGIÃO SUL

É esperada uma variação percentual na área plantada de -1,1 a um aumento de 0,2% em relação ao observado no exercício anterior. A região deverá sair do patamar alcançado na safra passada de 11.545,4 mil para o intervalo de 11.423,6 a 11.572,7 mil hectares.

No Rio Grande do Sul, que reveza com o Paraná a condição de segundo produtor nacional, a tendência junto aos produtores é a de manutenção da área semeada na safra anterior. Deverá acontecer um maior uso das lavouras de arroz em rotação com soja, propiciado pelas condições climáticas favoráveis de baixas precipitações previstas para o próximo ciclo, funcionando como uma antecipação da lavoura de arroz para o próximo plantio. As lavouras ainda estão sendo planejadas, com produtores providenciando o preparo das áreas e aquisição de insumos. Há perspectiva de bons rendimentos, considerando os prognósticos climáticos favoráveis à cultura.

Em Santa Catarina, a semeadura da soja está prevista iniciar no final de setembro, concentrando-se em outubro e novembro. As previsões são de clima favorável para o plantio. Os prognósticos são de estabilização da área plantada nesta safra. Os recursos financeiros para a safra virão dos órgãos oficiais, mas é visível o crescimento na participação das cooperativas de crédito e empresas particulares. Até o momento a

baram as cotações em Chicago, nas últimas semanas. Tal retração, combinada com a manutenção do dólar em patamar inferior ao registrado ao longo desse ano, tem resultado em declínio dos preços no âmbito interno e travado alguns negócios nas principais praças produtoras.

oferta de insumos se apresenta dentro da normalidade, visto que os custos de produção ficarão mais altos devido ao aumento no preço dos insumos, a despeito da desvalorização cambial no período, comparado com a mesma época do ano passado.

No Paraná, segundo produtor nacional, a estimativa de área plantada deverá variar de -2% a manutenção, diante dos 5.451,3 mil hectares plantados no ano passado. Estima-se que os produtores já comercializaram 88,2% da produção esperada. O estímulo foi provocado pelo impacto das chuvas no desempenho das lavouras de soja nas regiões produtoras norte e sul-americanas. Para se ter idéia da evolução, nos seis primeiros meses deste ano, na medida em que se definiam as safras nos Estados Unidos e na América do Sul, as cotações médias mensais recebidas pelos produtores passaram de R\$ 55,75 em janeiro, para R\$ 58,87 em março, reduziram-se para R\$ 56,58 a saca em maio e aumentaram para R\$ 56,80, R\$ 61,16 e R\$ 63,31 em junho, julho e agosto, respectivamente. A atual sustentação destas cotações se deve, em maior grau, ao aumento da taxa de câmbio no Brasil, que vem compensando a queda das cotações internacionais do produto. Em setembro o movimento de alta no mercado interno se manteve e o preço recebido pelos produtores atingiu R\$ 71,98 a saca, no final do mês.

11.1.8.2. REGIÃO SUDESTE

Na Região Sudeste a área plantada com a oleaginosa deverá apresentar forte oscilação, estando previsto para o exercício 2016/17 uma variação entre -1,4 a um aumento de 2,2%, na linha com a previsão estabelecida para Minas Gerais, principal produtor da região sudeste. As estimativas devem ser consideradas como passíveis de forte alteração, uma vez que o plantio só deverá iniciar em outubro, quando ocorrerem as primeiras chuvas. À semelhança da safra anterior, é possível que haja um incremento no plantio de sementes de variedades precoces, de modo a viabilizar o cultivo sequencial de milho e/ou sorgo no período de safri-

nha. O calendário de plantio da soja se estende, normalmente, até dezembro. A área de plantio está estimada entre 1.428,2 mil e 1.476,6 mil hectares.

Em São Paulo os produtores apostam no crescimento da área de soja, incentivados pela fluidez na comercialização e pelo desempenho das lavouras nesta temporada. As maiores áreas destinadas à oleaginosa estão concentradas nas regiões oeste e sudoeste do estado, onde a cultura da cana-de-açúcar não encontra condições propícias para o seu desenvolvimento, ao contrário das regiões norte e noroeste, onde a produção de grãos diminuiu sensivelmente nos últimos anos.



11.1.8.3. REGIÃO CENTRO-OESTE

A principal região produtora da oleaginosa no país é esperada apresentar um incremento percentual no seu plantio, variando de 0,8 a 2,5% em relação ao exercício anterior, podendo ultrapassar os 15 milhões de hectares plantados, impulsionado pelo que ocorre em Mato Grosso, o maior produtor nacional da oleaginosa. No estado, as atenções estão voltadas para as condições climáticas, uma vez que ainda não ocorreram de forma generalizada precipitações pluviométricas suficientes para o plantio da oleaginosa. No norte do estado, o clima tem favorecido o início da semeadura, principalmente no médio norte. A intensificação das chuvas de primavera deverá acelerar os trabalhos no campo, de modo a aproveitar também oportunidades posteriores, como o plantio do milho da segunda safra. Com isso, a expectativa é de que o plantio ganhe escala a partir das primeiras semanas de outubro em todo o estado. Em relação à área dedicada à soja na safra 2016/17, a primeira estimativa aponta aumento variando de 1 a 2% na área.

necedores privados, com a condição de pagamento por ocasião da colheita.

11.1.8.4. REGIÃO NORTE-NORDESTE

O plantio da safra 2016/17 na região só deverá ocorrer a partir de dezembro, com a consolidação do período chuvoso. A safra recentemente colhida foi obtida dentro de um quadro climático bastante melhorado, quando comparado com o observado nas últimas três safras, e este desempenho tem servido de estímulo ao produtor local, que pretende ampliar sua área plantada. Nesta perspectiva, o incremento percentual previsto para o aumento da área plantada regional deverá ser o maior do país, variando de 5,2 a 10% em relação aos 4.454,5 mil hectares plantados na safra passada.

Na Bahia, principal produtor regional, estima-se que a área de cultivo irá variar no intervalo de 1.580,3 e 1.633,8 mil hectares, com um incremento variando de 3,5 a 7% em relação à área cultivada na safra anterior. O plantio da safra 2016/17 deverá ocorrer a partir de 1º de outubro nas áreas irrigadas por sistema de pivô central e no final de outubro nas áreas de sequeiro, com o início do período chuvoso. A safra recentemente colhida foi obtida dentro de um quadro climático bastante adverso, obtendo a menor produtividade dos últimos 10 anos. As áreas de soja irrigada deverão atingir aproximadamente 60 mil hectares, optando-se por variedades que permitem a colheita a partir de 105 dias do plantio. Após a colheita, em meados de janeiro de 2017, serão realizados plantios com as la-

Em Mato Grosso do Sul a cultura da soja apresenta tendência de aumento na área plantada, variando de 1 a 4% em relação à safra passada, que atingiu 2.430 mil hectares. O aumento de área cultivada ocorre principalmente sobre áreas de pastagens, visto que nestas condições existe a tendência de a produtividade de atingir níveis inferiores aos das áreas tradicionais. A fase de plantio das áreas em setembro deve ficar em torno de 5% da área total cultivada. Ao contrário do que ocorreu na safra passada, a comercialização antecipada da nova safra gira na média, em torno de 25% da safra prevista, com preços variando de R\$ 68,00 a R\$ 71,00 por saca.

O crédito para custeio teve, a princípio, uma liberação mais ágil em relação a safras anteriores, a exceção de alguns produtores que não iniciaram o processo de solicitação de crédito de forma antecipada, ou acearam o pré-custeio oferecido no primeiro trimestre de 2016. Como alternativa ao crédito bancário há a aquisição de insumos nas cooperativas e demais for-

vouras de milho, algodão, feijão e sorgo. Nas áreas de soja de sequeiro, o produtor deverá optar pelo uso de variedades tardias, evitando os danos causados pelo veranico que geralmente ocorre em janeiro. Após a colheita desta soja realiza-se o plantio de sorgo, feijão macaçar ou milheto, espécies mais resistentes às condições de escassez de água.

A expectativa entre os produtores de Tocantins é recuperar a seqüência de crescimento da área plantada dos últimos cinco anos. Caso as condições climáticas sejam favoráveis, a estimativa é que nesta safra a área cultivada com a oleaginosa cresça alcançando o intervalo de 1 a 4% em relação à safra 2015/16. Apesar das dificuldades financeiras de grande parte dos sojicultores, provocadas pelos resultados extremamente negativos registrados na safra anterior, há um otimismo por parte do segmento agrícola, uma vez que parte das áreas que não foram semeadas na última safra devido a problemas climáticos, deverão ser cultivadas nesta safra, associado ao deslocamento de produtores de outras regiões com intuito de adquirir e/ou arrendar terras para o plantio da oleaginosa.

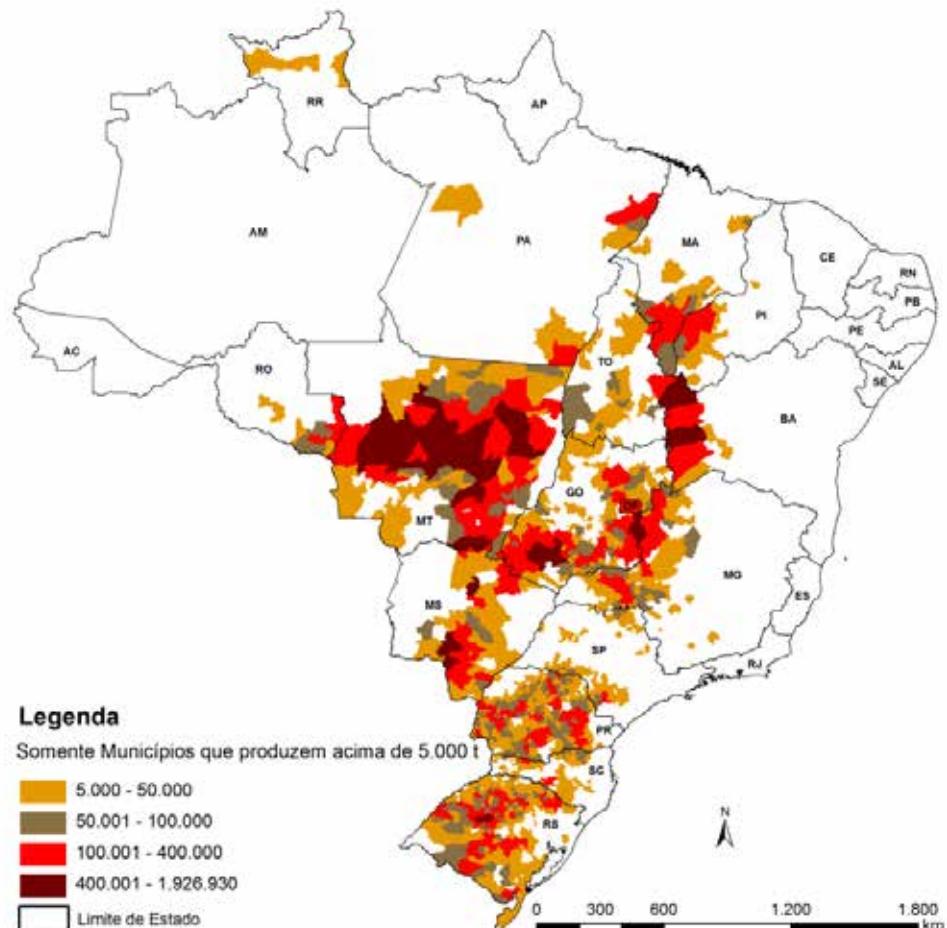
No Maranhão, a cultura da soja apresenta tendência de aumento na área plantada, variando de 1 a 4% em relação à safra passada. Apesar de ser o grão mais importante plantado no estado, esse prognóstico deve ser considerado como uma base ainda frágil, uma vez



que a sua confirmação será dada a partir de dezembro, quando estiver consolidado o quadro do clima e também em cumprimento à legislação estadual que determina o período de vazio sanitário nas áreas produtoras no sul do maranhão, que vai de 15 de agosto a 15 de outubro.

O somatório das expectativas para a temporada 2016/17 indica para a oleaginosa uma continuada tendência de crescimento da área plantada, atingindo o intervalo de 0,6 a 2,7% em relação à safra passada, variando de 33.442,8 a 34.153,3 mil hectares.

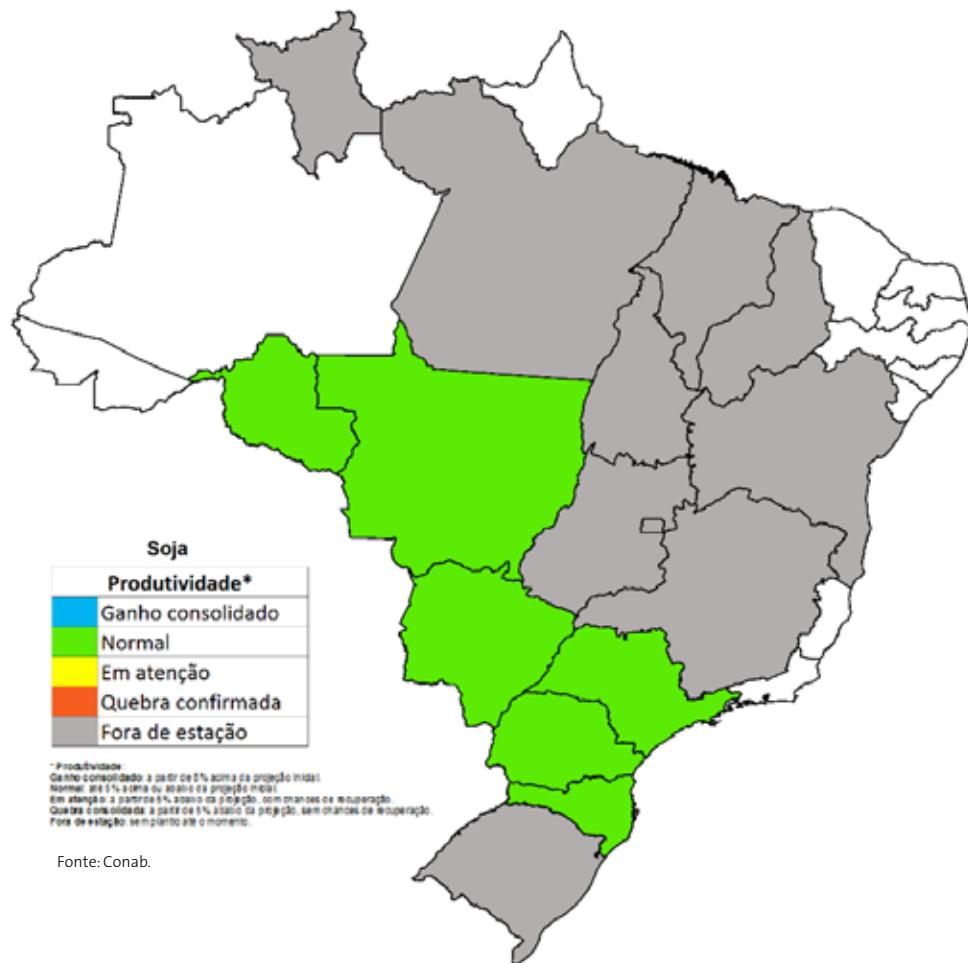
Figura 33 – Mapa da produção agrícola –Soja



Fonte: Conab/IBGE.



Figura 34 – Condição hídrica geral em agosto para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil - Safra 2015/2016.



Fonte: Conab.



Quadro 8 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Soja (Safra 2016/2017)

UF	Mesorregiões	Soja											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RR**	Norte de Roraima	FR/M/C	C	C								F	FR
RO	Leste Rondoniense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F	FR/M	M/C	C				
PA	Sudeste Paraense		P	P/G	G/DV	DV/F	F	FR	M/C	C			
TO	Occidental do Tocantins		P	P/G	G/DV	DV/F	F	FR	M/C	C			
	Oriental do Tocantins		P	P/G	G/DV	DV/F	F	FR	M/C	C			
MA	Leste Maranhense					P	P	DV	F	FR	M/C	C	
	Sul Maranhense		P	P/G	G/DV	DV/F	F	FR	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense		P	P/G	G/DV	DV/F	F	FR	M/C	C			
BA	Extremo Oeste Baiano		P	P/G	G/DV	DV/F	F	FR	M/C	C			
	Norte Mato-grossense	P	P/G	DV	F	FR	FR/M/C	C	C				
MT	Nordeste Mato-grossense	PP	P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Sudoeste Mato-grossense	P	P	G/DV	F	FR	FR/M/C	C	C				
	Centro-Sul Mato-grossense	P	P/G	DV	F	FR	FR/M/C	C	C				
	Sudeste Mato-grossense	PP	P	G/DV	F	FR	FR/M/C	C	C				
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	P	P/G	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Leste de Mato Grosso do Sul	PP	P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
GO	Norte Goiano		P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Centro Goiano		P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Leste Goiano		P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Sul Goiano		P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
DF	Distrito Federal		P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas		P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
SP	Ribeirão Preto	PP	P	P/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Assis	P	P	P/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Itapetininga	P	P	P/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
PR	Noroeste Paranaense	P	P/G	DV	F	F/FR	FR/M/C	C	C				
	Centro Ocidental Paranaense	P	P/G	DV	F	FR	FR/M/C	C	C				
	Norte Central Paranaense	PP	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Norte Pioneiro Paranaense	PP	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense		P	P/G/DV	DV/F	F/FR	F/FR/M	M/C	C				
	Oeste Paranaense	P/G	G/DV	DV	DV/F	FR	FR/M/C	C	C				
	Sudoeste Paranaense	P/G	G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense	P/G	G/DV	DV	DV/F	F	FR	FR/M/C	C	C			
	Sudeste Paranaense		PP	P	DV	F	FR	FR/M/C	C	C			
	Metropolitana de Curitiba		PP	P	DV	F	FR	FR/M/C	C	C			
SC	Oeste Catarinense	PP	P	P	DV	F	FR	FR/M/C	C	C			
	Norte Catarinense		PP	P	DV	F	FR	FR/M/C	C	C			
	Serrana		PP	P	DV	F	FR	FR/M/C	C	C			
RS	Noroeste Rio-grandense		PP/P	P	DV	F	FR	FR/M/C	C	C			
	Nordeste Rio-grandense		PP/P	P	DV	F	FR	FR/M/C	C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense		PP/P	P	DV	F	FR	FR/M/C	C	C			
	Centro Oriental Rio-grandense		PP/P	P	DV	F	FR	FR/M/C	C	C			
	Sudoeste Rio-grandense		PP/P	P	DV	F	FR	FR/M/C	C	C			
	Sudeste Rio-grandense		PP/P	P	DV	F	FR	FR/M/C	C	C			

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 39 – Comparativo de área, produtividade e produção – Soja

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %		Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	1.576,3	1.659,7	1.741,9	5,3	10,5	2.423	3.016	24,5	3.818,9	5.004,7	5.254,7	31,1	37,6
RR	24,0	33,6	35,0	40,0	46,0	3.300	3.066	(7,1)	79,2	103,0	107,3	30,1	35,5
RO	252,6	257,7	265,2	2,0	5,0	3.028	3.219	6,3	765,0	829,5	853,7	8,4	11,6
PA	428,9	488,9	536,1	14,0	25,0	3.003	3.080	2,6	1.288,0	1.505,8	1.651,2	16,9	28,2
TO	870,8	879,5	905,6	1,0	4,0	1.937	2.918	50,6	1.686,7	2.566,4	2.642,5	52,2	56,7
NORDESTE	2.878,2	3.024,3	3.157,9	5,1	9,7	1.774	2.873	61,9	5.107,1	8.689,8	9.074,4	70,2	77,7
MA	786,3	794,2	817,8	1,0	4,0	1.590	2.782	75,0	1.250,2	2.209,5	2.275,1	76,7	82,0
PI	565,0	649,8	706,3	15,0	25,0	1.143	2.886	152,5	645,8	1.875,3	2.038,4	190,4	215,6
BA	1.526,9	1.580,3	1.633,8	3,5	7,0	2.103	2.914	38,6	3.211,1	4.605,0	4.760,9	43,4	48,3
CENTRO-OESTE	14.925,1	15.040,8	15.303,7	0,8	2,5	2.931	3.099	5,7	43.752,6	46.617,9	47.426,6	6,5	8,4
MT	9.140,0	9.231,4	9.322,8	1,0	2,0	2.848	3.131	9,9	26.030,7	28.903,5	29.189,7	11,0	12,1
MS	2.430,0	2.454,3	2.527,2	1,0	4,0	2.980	3.080	3,4	7.241,4	7.559,2	7.783,8	4,4	7,5
GO	3.285,1	3.285,1	3.383,7	-	3,0	3.120	3.022	(3,1)	10.249,5	9.927,6	10.225,5	(3,1)	(0,2)
DF	70,0	70,0	70,0	-	-	3.300	3.252	(1,5)	231,0	227,6	227,6	(1,5)	(1,5)
SUDESTE	2.326,9	2.294,4	2.377,1	(1,4)	2,2	3.255	3.044	(6,5)	7.574,9	6.984,9	7.236,3	(7,8)	(4,5)
MG	1.469,3	1.428,2	1.476,6	(2,8)	0,5	3.220	3.104	(3,6)	4.731,1	4.433,1	4.583,4	(6,3)	(3,1)
SP	857,6	866,2	900,5	1,0	5,0	3.316	2.946	(11,2)	2.843,8	2.551,8	2.652,9	(10,3)	(6,7)
SUL	11.545,4	11.423,6	11.572,7	(1,1)	0,2	3.047	3.026	(0,7)	35.181,1	34.565,3	35.030,9	(1,8)	(0,4)
PR	5.451,3	5.342,3	5.451,3	(2,0)	-	3.090	3.172	2,7	16.844,5	16.945,8	17.291,5	0,6	2,7
SC	639,1	626,3	639,1	(2,0)	-	3.341	3.292	(1,5)	2.135,2	2.061,8	2.103,9	(3,4)	(1,5)
RS	5.455,0	5.455,0	5.482,3	-	0,5	2.970	2.852	(4,0)	16.201,4	15.557,7	15.635,5	(4,0)	(3,5)
NORTE/NORDESTE	4.454,5	4.684,0	4.899,8	5,2	10,0	2.004	2.924	45,9	8.926,0	13.694,5	14.329,1	53,4	60,5
CENTRO-SUL	28.797,4	28.758,8	29.253,5	(0,1)	1,6	3.004	3.066	2,1	86.508,6	88.168,1	89.693,8	1,9	3,7
BRASIL	33.251,9	33.442,8	34.153,3	0,6	2,7	2.870	3.046	6,1	95.434,6	101.862,6	104.022,9	6,7	9,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2016.

11.1.8.5. OFERTA E DEMANDA

Mercado internacional

Segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda), na safra 2016/17, os três maiores produtores de soja mundial são: Estados Unidos, Brasil e

Argentina, que juntos, lideram com 83% da produção mundial.

Tabela 40 - Produção mundial de soja em milhões de toneladas

País/Safra	2015/2016 (a)	2016/2017 ago(b)	2016/2017 set(c)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
Estados Unidos	106,93	110,50	114,33	7,40	6,92	3,83	3,47
Brasil	96,50	103,00	101,00	4,50	4,66	-2,00	-1,94
Argentina	56,80	57,00	57,00	0,20	0,35	0,00	0,00
China	11,60	12,20	12,50	0,90	7,76	0,30	2,46
Outros	41,14	47,71	45,59	4,46	10,83	-2,12	-4,44
Total	312,97	330,41	330,43	17,45	5,58	0,01	0,00

Fonte: USDA, setembro/16



Ao contrário do que o mercado esperava no início do plantio norte-americano, aquela safra não teve nenhum problema de produtividade e fechou o biênio 2016/17 em 114,33 milhões de toneladas. Com isso, os estoques de passagem americano fechou em 9,95

milhões de toneladas, maior valor historicamente, que afetou diretamente os preços internacionais que fecharam setembro de 2016 em US\$ 9,54/bu, com média mensal de US\$ 9,69/bu, mas ainda, 10% maior que o valor médio do período do ano de 2015.

Tabela 41 – Preços médios internacionais da soja

Meses	2015	2016	%
JAN	1000,55	879,13	-12,14
FEV	993,38	871,24	-12,30
MAR	978,58	889,7	-9,08
ABR	972,01	962,79	-0,95
MAI	956,21	1146,34	19,88
JUN	965,78	1146,34	18,70
JUL	1014,67	1067,48	5,20
AGO	945,12	1013,34	7,22
SET	880,33	968,54	10,02
OUT	891		
NOV	868,65		
DEZ	879,63		

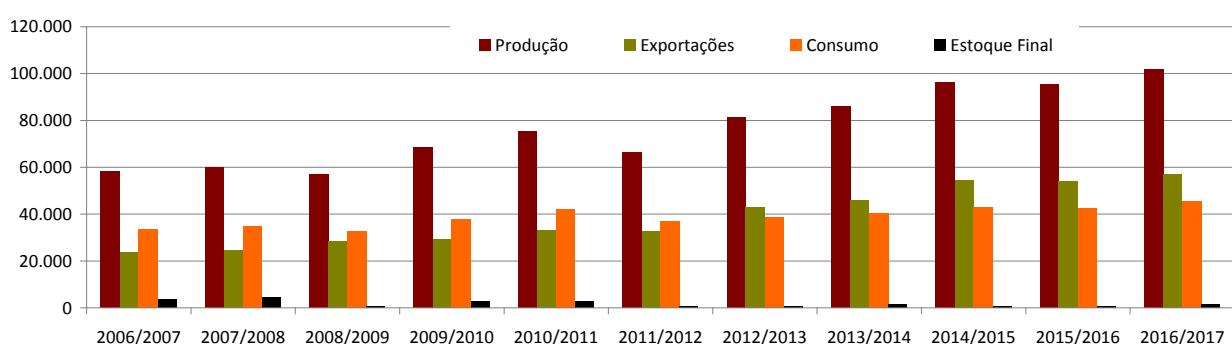
Fonte: CBOT

Mercado nacional

A safra brasileira de grãos foi estimada, em média, a 102,94 milhões de toneladas. O mercado estima que, para safra 2016/17, a China continuará aumentando as importações brasileiras de soja em grãos. Já as estimativas de exportações nacionais de grãos, para o mesmo período, ficarão em torno de 57 milhões de toneladas, com um consumo total estimado em 45,25

milhões de toneladas, ou seja, aumento de 6,5% em relação à safra anterior (2015/16), visto que, em razão do aumento da safra nacional, os esmagamentos deverão voltar à normalidade, já que na safra 2015/16 foram abaixo do esperado. Com estes valores, os estoques finais estão estimados em 1,45 milhão de toneladas.

Gráfico 114 - Comparativo de produção, exportação, consumo e estoque final de Soja no Brasil nas últimas 10 safras (mil t)



Fonte: Conab



11.1.9. SORGO

Figura 35 – Mapa da produção agrícola – Sorgo

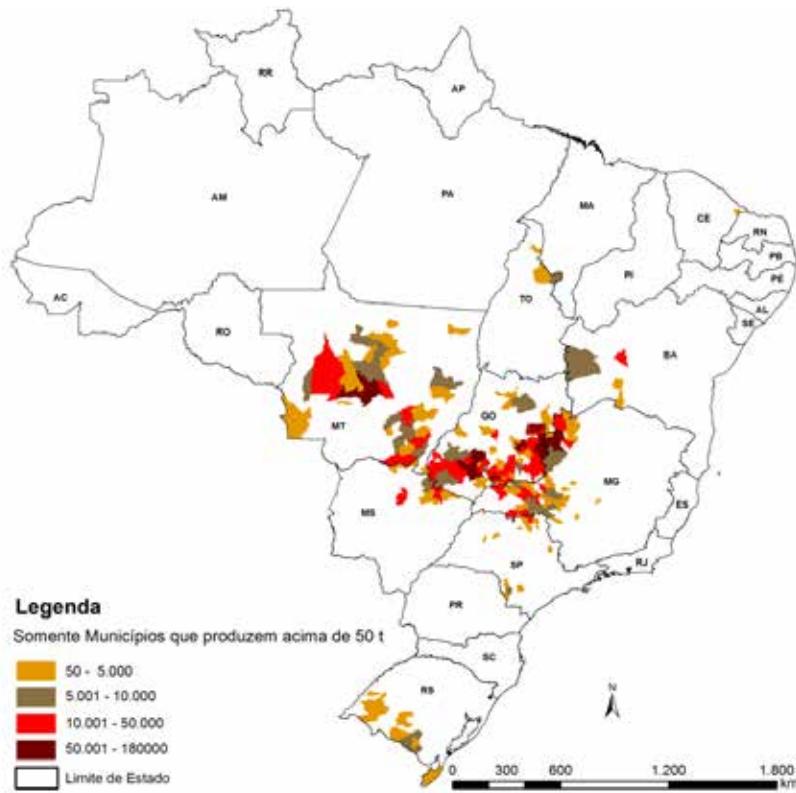


Tabela 42 – Comparativo de área, produtividade e produção – Sorgo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)				PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)					
	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17		VAR. %		
		(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)
NORTE	25,1	25,1	25,1	-	-	1.687	1.730	2,5	42,3	43,4	43,4	2,6	2,6
TO	25,1	25,1	25,1	-	-	1.687	1.730	2,5	42,3	43,4	43,4	2,6	2,6
NORDESTE	97,1	97,1	97,1	-	-	942	937	(0,6)	91,4	90,9	90,9	(0,5)	(0,5)
PI	2,8	2,8	2,8	-	-	45	775	1.622,2	0,1	2,2	2,2	2.100,0	2.100,0
CE	0,7	0,7	0,7	-	-	1.346	1.915	42,3	0,9	1,3	1,3	44,4	44,4
RN	0,4	0,4	0,4	-	-	1.224	1.383	13,0	0,5	0,6	0,6	20,0	20,0
PB	0,3	0,3	0,3	-	-	800	1.150	43,8	0,2	0,3	0,3	50,0	50,0
PE	4,5	4,5	4,5	-	-	167	276	65,3	0,8	1,2	1,2	50,0	50,0
BA	88,4	88,4	88,4	-	-	1.006	965	(4,1)	88,9	85,3	85,3	(4,0)	(4,0)
CENTRO-OESTE	262,8	262,8	262,8	-	-	1.836	3.095	68,5	482,6	813,3	813,3	68,5	68,5
MT	49,0	49,0	49,0	-	-	1.915	2.430	26,9	93,8	119,1	119,1	27,0	27,0
MS	9,5	9,5	9,5	-	-	3.390	3.226	(4,8)	32,2	30,6	30,6	(5,0)	(5,0)
GO	201,0	201,0	201,0	-	-	1.700	3.217	89,2	341,7	646,6	646,6	89,2	89,2
DF	3,3	3,3	3,3	-	-	4.500	5.149	14,4	14,9	17,0	17,0	14,1	14,1
SUDESTE	185,0	185,0	185,0	-	-	2.102	3.018	43,6	388,8	558,4	558,4	43,6	43,6
MG	172,6	172,6	172,6	-	-	2.018	3.000	48,7	348,3	517,8	517,8	48,7	48,7
SP	12,4	12,4	12,4	-	-	3.266	3.273	0,2	40,5	40,6	40,6	0,2	0,2
SUL	9,0	9,0	9,0	-	-	2.929	2.647	(9,6)	26,4	23,8	23,8	(9,8)	(9,8)
RS	9,0	9,0	9,0	-	-	2.929	2.647	(9,6)	26,4	23,8	23,8	(9,8)	(9,8)
NORTE/NORDESTE	122,2	122,2	122,2	-	-	1.095	1.100	0,4	133,7	134,3	134,3	0,4	0,4
CENTRO-SUL	456,8	456,8	456,8	-	-	1.965	3.055	55,4	897,8	1.395,5	1.395,5	55,4	55,4
BRASIL	579,0	579,0	579,0	-	-	1.782	2.642	48,3	1.031,5	1.529,8	1.529,8	48,3	48,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2016.



11.2 CULTURAS DE INVERNO

11.2.1. AVEIA

O cultivo da aveia vem expandindo ano após ano. Para o plantio de 2016 há uma expectativa de um incremento de 53,7% na área plantada, atingindo 291,3 mil hectares. A produção está estimada em 782,6 mil toneladas.

No Paraná a cultura está com bom desenvolvimento, não sendo afetada por geadas e estiagem. A área cultivada é de 58,0 mil hectares e as lavouras encontram-se com bom desenvolvimento vegetativo.

O Rio Grande do Sul, principal estado produtor, em função do clima favorável as lavouras apresentam ótimo stand, indicando a possibilidade de rendimentos satisfatórios aos produtores. Estima-se produtividade de 2.880 kg/ha e com boa qualidade, ao contrário da safra passada, quando muito pouco da aveia produzida pode ser aproveitada como grão, destinando-se boa parte das lavouras à silagem ou sendo dessecadas, para cobertura de solo. A cultura encontra-se em fase final de enchimento de grãos e maturação, estando previsto para breve o início da colheita.

Figura 36 – Mapa da produção agrícola – Aveia

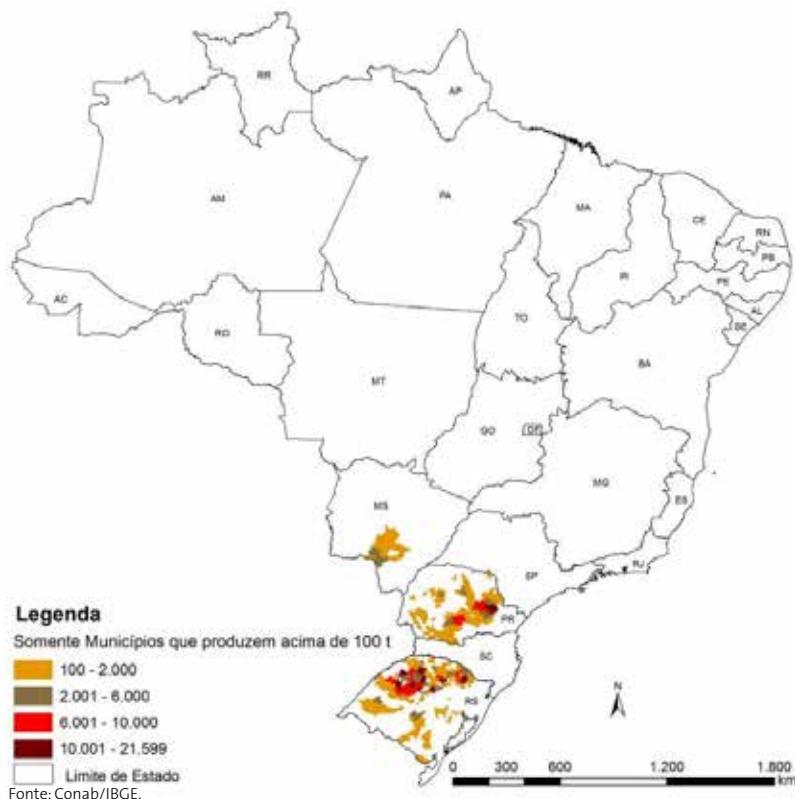


Tabela 46 – Comparativo de área, produtividade e produção – Aveia

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	13,0	15,0	15,4	1.500	1.500	-	19,5	22,5	15,4
MS	13,0	15,0	15,4	1.500	1.500	-	19,5	22,5	15,4
SUL	176,5	276,3	56,5	1.879	2.751	46,4	331,7	760,1	129,2
PR	58,1	58,0	(0,2)	1.959	2.265	15,6	113,8	131,4	15,5
RS	118,4	218,3	84,4	1.840	2.880	56,5	217,9	628,7	188,5
CENTRO-SUL	189,5	291,3	53,7	1.853	2.687	45,0	351,2	782,6	122,8
BRASIL	189,5	291,3	53,7	1.853	2.687	45,0	351,2	782,6	122,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2016.

11.2.2. CANOLA

Na atual safra deverá ser plantada 47,5 mil hectares, apresentando acréscimo de 7,0% em relação à safra passada. Espera-se, da mesma forma, incremento de 30,7% na produtividade média, impactando positivamente na produção total. O clima favorável permite apostar em boas produtividades. Estima-se que a produção atinja 76,7 mil toneladas, um incremento de 38,7% em relação ao exercício anterior.

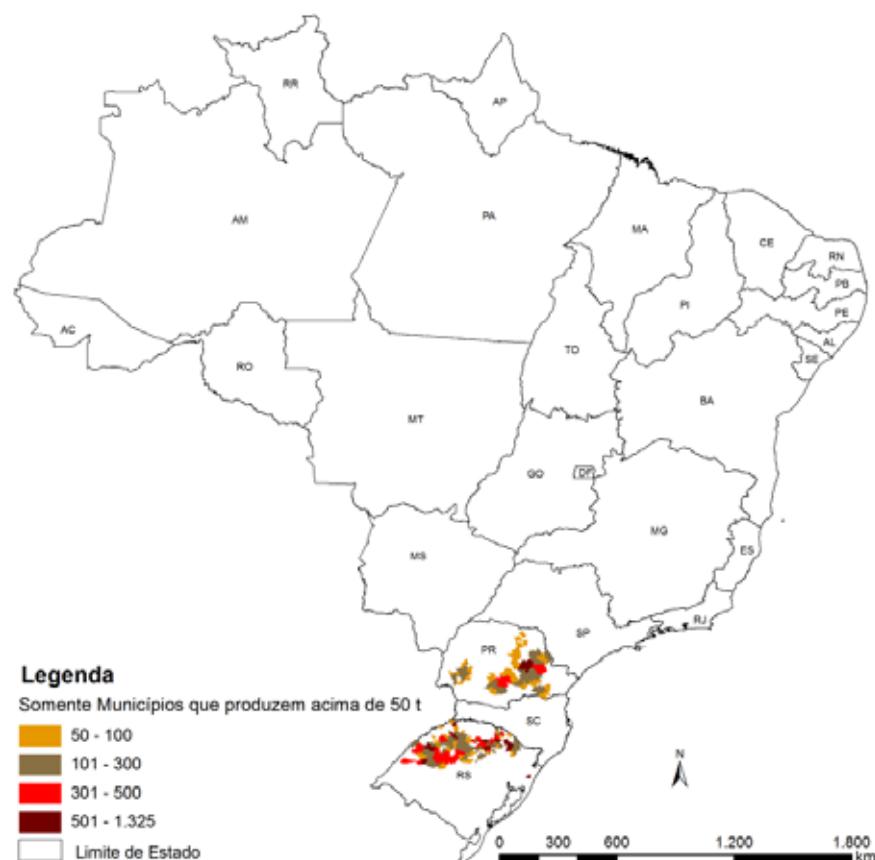
No Paraná houve alteração na área de canola no estado, que caiu 20,2% neste levantamento, somando 6,3 mil Hectares. A produtividade é estimada em 1.711 kg/há, 22% acima da safra anterior. As áreas semeadas no início do outono foram as mais afetadas por geadas, especialmente na região de Guarapuava e Ponta Grossa, onde praticamente em toda a área houve perda de uma florada. Com isso, a produtividade espera-

da está abaixo do normal, mas ainda está acima do colhido na safra anterior.

A área cultivada com canola no Rio Grande do Sul deverá aumentar 12,9% em relação à safra passada, atingindo 41,2 mil hectares, justificada pelos bons resultados econômicos obtidos na safra anterior, que apresentou preços remuneradores. As primeiras lavouras colhidas no Estado estão confirmando as expectativas dos produtores quanto ao rendimento e à boa qualidade dos grãos, com rendimentos médios ao redor de 1.600 kg/ha. Lavouras remanescentes em fase final de enchimento de grão e maturação. Os resultados desta safra devem estimular produtores a investir na cultura, tanto pelo resultado econômico quanto pela alternativa para rotação de cultivos.



Figura 37 – Mapa da produção agrícola – Canola



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 44 – Comparativo de área, produtividade e produção – Canola

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	44,4	47,5	7,0	1.236	1.615	30,7	54,9	76,7	39,7
PR	7,9	6,3	(20,2)	1.403	1.711	22,0	11,1	10,8	(2,7)
RS	36,5	41,2	12,9	1.200	1.600	33,3	43,8	65,9	50,5
CENTRO-SUL	44,4	47,5	7,0	1.236	1.615	30,7	54,9	76,7	39,7
BRASIL	44,4	47,5	7,0	1.236	1.615	30,7	54,9	76,7	39,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2016.

11.2.3. CENTEIO

No Paraná o centeio possui área de 1,0 mil hectares no estado, uma vez que o plantio foi concluído e as lavouras estão nas primeiras fases do desenvolvimento vegetativo. A grande maioria das áreas estão em boas condições.

No Brasil a produção total do centeio deverá ser de 6,5 mil toneladas, com produtividade média de 2.600kg/ha em uma área de 2,5 mil hectares, 47,1 % maior do que a safra anterior.



Figura 38 - Mapa da produção agrícola - Centeio

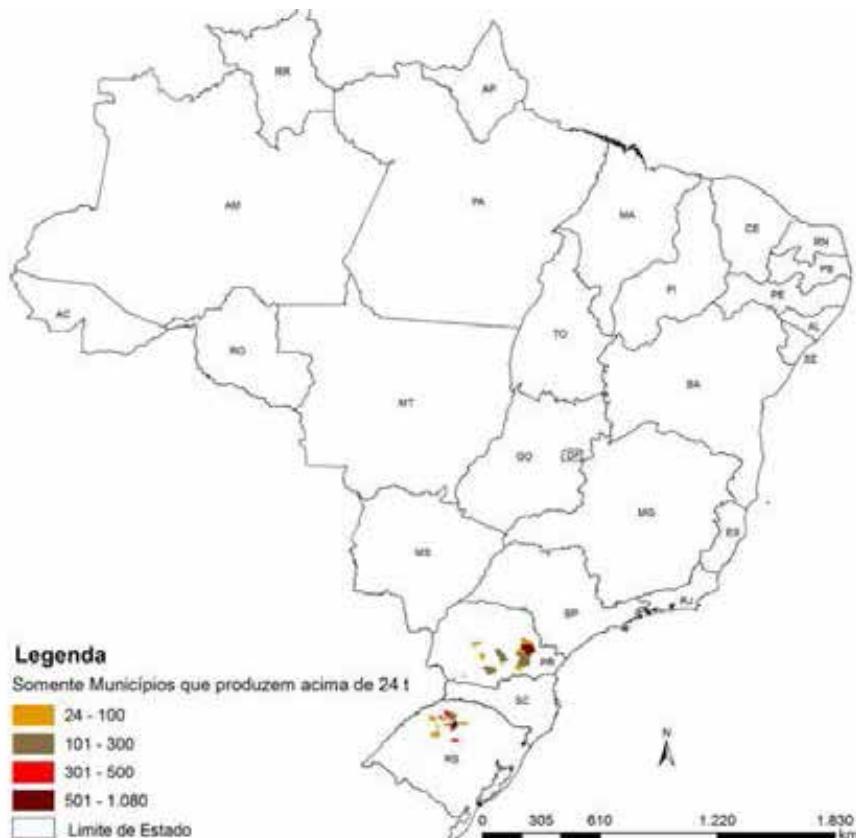


Tabela 49 – Comparativo de área, produtividade e produção – Centeio

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	1,7	2,5	47,1	1.706	2.600	52,4	2,9	6,5	124,1
PR	1,2	1,0	(21,0)	1.890	2.388	26,3	2,3	2,4	4,3
RS	0,5	1,5	200,0	1.200	2.700	125,0	0,6	4,1	583,3
CENTRO-SUL	1,7	2,5	47,1	1.706	2.600	52,4	2,9	6,5	124,1
BRASIL	1,7	2,5	47,1	1.706	2.600	52,4	2,9	6,5	124,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2016.

11.2.4. CEVADA

As lavouras de cevada apresentam boas condições de desenvolvimento, com excelente potencial produtivo. Em fase final de espigamento e floração, sugerem boa produtividade e muito boa qualidade para malteria. Focos localizados de doenças foram tempestivamente controlados, não afetando o produto final. São esperados rendimentos em torno de 3.465 kg/ha.

No Paraná a cultura da cevada se concentra nos núcleos de Guarapuava e Ponta Grossa, visto que houve um incremento na área neste levantamento, alcançando 42,5 hectares, mas isso ainda é 15,1% menor que a sa-

fra passada. Ressalta-se que mesmo assim, espera-se que a produtividade da safra atual seja maior, já que na safra passada houve problemas tanto no rendimento como na qualidade, enquanto nesta safra não há maiores problemas no momento. O plantio da cevada já foi finalizado e a cultura encontra-se 100% em desenvolvimento vegetativo.

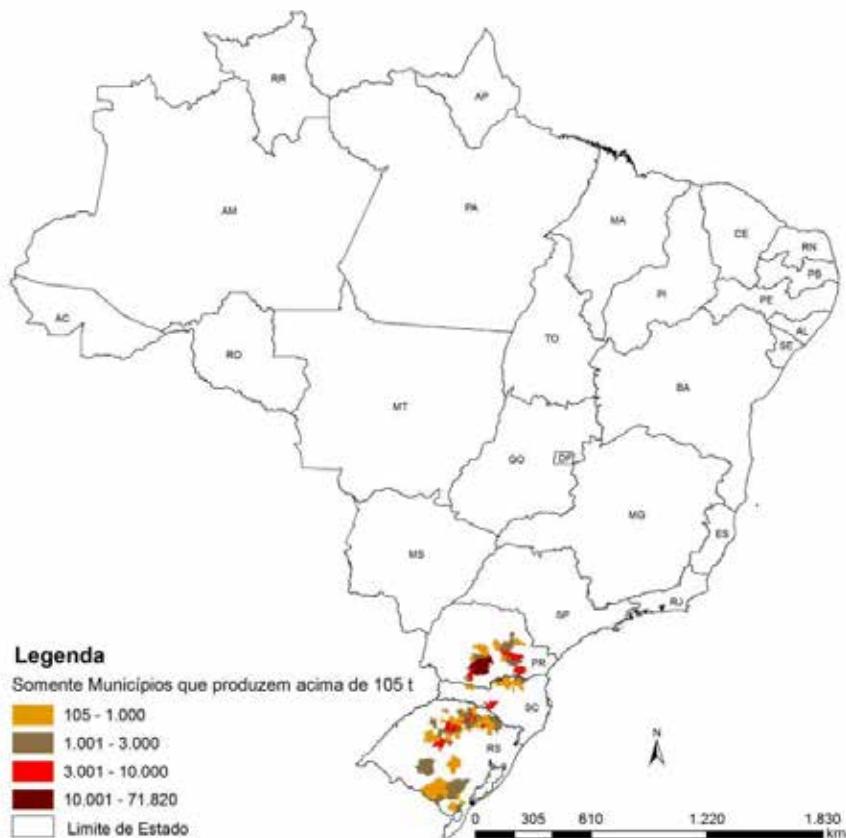
Em Santa Catarina, com a comercialização dirigida às indústrias cervejeiras, seu plantio foi condicionado à contratação prévia entre este segmento e os produtores, intermediado pelas cooperativas agrícolas. Nes-



ta safra o plantio concentrou-se em Campos Novos e Campo Belo Sul, onde havia a intenção de plantar 1.300 ha, mas semeou-se somente 1.264 ha. Por questões do clima desfavorável em junho, com frio intenso na primeira quinzena e excesso de chuvas no final do mesmo mês, o plantio atrasou em dez dias, concen-

trando a semeadura no início de julho. Contudo, esta alteração no calendário não influenciou a expectativa de produtividade, que se manteve em 4.000 kg/ha. As lavouras estão em boas condições e a maioria se encontra na fase de emborragamento com 60% e elongação com 40%.

Figura 39 - Mapa da produção agrícola - Cevada



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 46 – Comparativo de área, produtividade e produção – Cevada

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	102,4	95,7	(6,5)	2.568	3.465	34,9	263,0	331,6	26,1
PR	50,1	42,6	(14,9)	3.689	4.052	9,8	184,8	172,6	(6,6)
SC	2,8	1,3	(53,6)	1.380	4.000	189,9	3,9	5,2	33,3
RS	49,5	51,8	4,6	1.500	2.970	98,0	74,3	153,8	107,0
CENTRO-SUL	102,4	95,7	(6,5)	2.568	3.465	34,9	263,0	331,6	26,1
BRASIL	102,4	95,7	(6,5)	2.568	3.465	34,9	263,0	331,6	26,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2016.



11.2.5. TRIGO

A produção do trigo deverá apresentar acréscimo de 14,5% em relação à safra passada, atingindo 6,3 milhões de toneladas. O principal motivo é a recuperação da produtividade, que deve ser significativamente superior à safra anterior, passando de 2.260 kg/ha para 3.008 kg/ha.

No Paraná o plantio do trigo já foi finalizado, com uma área estimada em 1.081,8 mil hectares, o que representa uma queda de 19,3% em relação à safra passada, decorrente da migração para a cultura do milho segunda safra, que possui um preço muito mais atrativo. Isso fez com que houvesse sobra de insumos e créditos destinados ao trigo.

A escassez de chuva entre o final de junho e durante julho não comprometeu a cultura, favorecendo o controle fitossanitário. Ademais, esse clima é o oposto da safra passada, quando houve intensa disseminação de doenças foliares com o excesso de chuva. Quanto às geadas que atingiram parte da área cultivada, não devem haver perdas devido à cultura se encontrar, majoritariamente, em desenvolvimento vegetativo, estágio em que é menos suscetível. Houve casos de perdas, mas decorrentes de granizo; ademais, em relação às doenças, as mais relatadas foram mancha amarela, oídio e ferrugem. Quanto ao estágio da cultura, 1% se encontra em germinação, 63% em desenvolvimento vegetativo, 31% em floração e 6% em frutificação.

No Rio Grande do Sul a área efetivamente semeada ficou em 776,9 mil hectares, ou seja, 9,8% inferior à da safra passada, que foi de 861,3 mil hectares. A situação agronômica da lavoura no momento permite estimar produtividade de 2.880 kg/ha, 69,4% superior à da safra passada, contribuindo para um aumento de 52,8% na produção, estimada em 2.237,5 mil toneladas.

A cultura apresenta grande variação de estágios de desenvolvimento, conforme a região produtora. Enquanto na região nordeste a maioria das lavouras encontra-se nos estágios de alongamento e emborrachamento, no noroeste praticamente todas as lavouras estão em fase de enchimento de grãos e algumas em maturação. Independente da região todas apresentam bom desenvolvimento, indicando excelente potencial produtivo, tanto quantitativo como qualitativo. Permanecendo as condições climáticas favoráveis, estimam-se rendimentos próximos a 48 sacos, ou 2.880 kg por hectare. Entretanto, alguma apreensão existe em razão da falta de precipitações nos últimos dias e a possibilidade de que estas não ocorram proximamente, vindo a afetar as lavouras nos estágios de floração e enchimento de grãos. Em algumas regiões os produtores realizam ainda, tratos culturais visando

controle de doenças foliares. Com a possibilidade de safra cheia, não obstante a redução de área, preocupa desde já a comercialização do trigo produzido na safra 2016.

Em Santa Catarina a área a ser plantada na safra atual deve apresentar uma redução em torno de 10,6% em relação ao observado na safra anterior, passando de 65 mil hectares para 58,1 mil hectares. A perspectiva de melhores condições climáticas na safra atual, preços futuros e aumento do preço mínimo podem ter sido os principais fatores responsáveis pela variação positiva em relação ao observado no último levantamento, em junho.

Foi observado um pequeno atraso no plantio em algumas localidades, o que pode estender o calendário de colheita. Atualmente as lavouras estão em ótimas condições, o clima frio com chuvas regulares, mas sem excedentes, tem sido favorável para o desenvolvimento das plantas. As lavouras encontram-se nos seguintes estágios: 1,2% em desenvolvimento vegetativo, 5,5% em perfilhamento, 19,2% em elongação, 52,4% em emborrachamento, 15,7% em floração e 6% em granação. Até o momento as manchas foliares são as doenças mais presentes, porém controladas satisfatoriamente. As previsões de produtividade e qualidade do grão são bem superiores a safra passada, sendo a produtividade estimada em 3.250 kg/ha, que deve se confirmar caso não ocorram geadas tardias e o clima continue favorável.

No Mato Grosso do Sul a cultura de trigo, conforme as expectativas dos últimos levantamentos apresentou boas condições de desenvolvimento, e, portanto boa expectativa de produtividade em relação às safras anteriores. A colheita realizada até o momento apresenta em torno de 64% da área colhida, e uma produtividade média de 2.419 kg/ha, o que gerou um aumento de 21,0 % em relação à safra passada. Estima-se uma produção de 43,1 mil toneladas, um aumento de 43,7% em relação à safra passada.

Nesta safra houve um aumento de 18,7% de área na cultura em relação ao da safra passada, passando de 15 mil para 17,8 mil hectares, e uma produtividade de 2.000 kg/ha para 2.419 kg/ha, cerca de 21,0% de aumento. Desta forma, caso sejam adotadas corretas medidas fitossanitárias preventivas e a não ocorrência de fatores climáticos negativos como a geada, é possível que este quadro de boa safra se mantenha nos atuais patamares, permitindo a concretização de um bom resultado nesta safra.

Com relação às condições climáticas, as temperatu-



ras e índices pluviométricos ocorridos até o momento foram propícios para a cultura. Com relação aos aspectos fitossanitários, não foram relatados problemas significativos de doenças no trigo. Já quanto às pragas, apenas algumas lavouras apresentaram registro de ataques de pulgões que não chegam a causar prejuízos à produtividade. A comercialização ainda é lenta, pois depende dos poucos moinhos que atuam em Mato Grosso do Sul, ficando o produto estocado nos armazéns próximos às áreas de produção aguardando o melhor momento para sua venda.

Em Minas Gerais o plantio de trigo sofreu atraso este ano em razão da falta de chuvas e das altas temperaturas registradas em abril. As lavouras foram implantadas em sua maior parte a partir de maio e encontram-se em fase de colheita. Estima-se um aumento na área plantada na ordem de 1,6%, saindo dos 82,2 mil hectares alcançados na safra passada para 83,5 mil hectares na atual safra. Considerando os efeitos das condições climáticas desfavoráveis pela falta de chuvas, houve reavaliação da produtividade para 2.599 kg/ha, 12,8% inferior à safra passada. Desta forma a produção será em torno de 217,0 mil t, o que representa uma redução de 11,5% em comparação com o ano anterior.

Em São Paulo o plantio já está finalizado. O clima frio

e até mesmo a geada que caiu na primeira quinzena de junho não comprometeram as lavouras plantadas com este cereal de inverno, uma vez que já se encontrava em plena fase de desenvolvimento vegetativo, não afetando, desta forma, o desempenho das lavouras. Em termos de produtividade, estima-se que este chegue a 3.600 kg/ha.

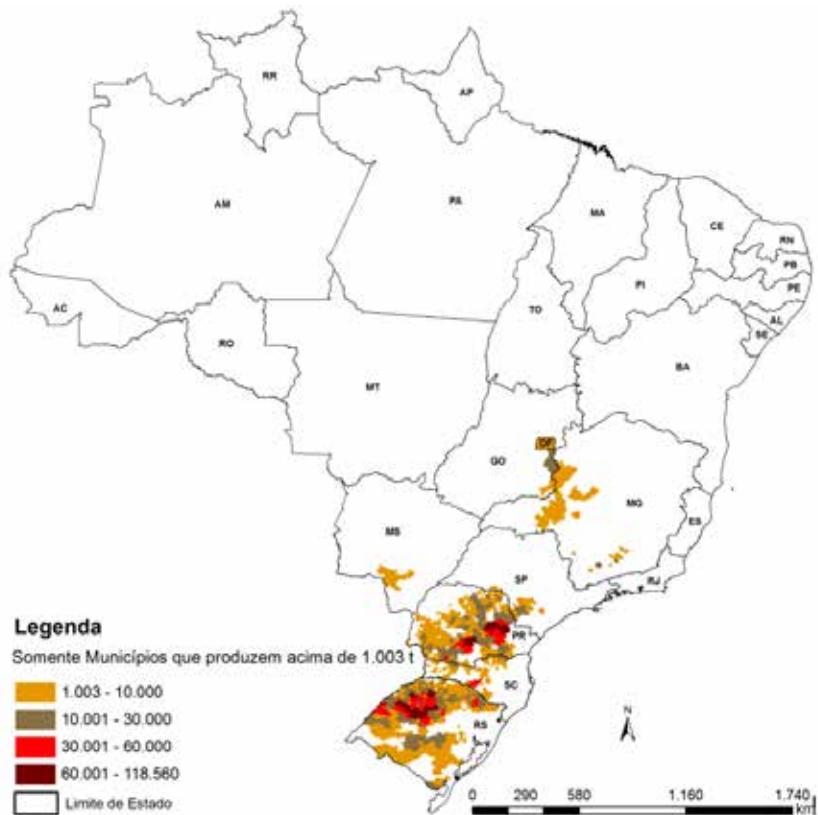
Na região de Itaberá divide-se da seguinte forma: 10% irrigado e 90% sequeiro. Ainda assim a qualidade do trigo que já começa a entrar é de boa qualidade. O segmento produtor está utilizando agricultura de precisão e monitoramento constante por parte da cooperativa. Segundo informações, até meados de outubro, a safra do trigo chega ao seu término.

Em Itapeva os produtores estão agilizando a colheita para aproveitar a estiagem, pois a chuva poderá comprometer a qualidade do cereal.

Em Paranapanema o trigo vem apresentando grau superior. Se o clima permanecer nestas condições, sem chuva, até a primeira quinzena de outubro a safra se encerra na região.

Com relação ao trigo plantado no município de Avaré, este não apresenta boa qualidade, só poderá ser utilizado para farelo, ração animal.

Figura 40 - Mapa da produção agrícola - Trigo



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 47 – Comparativo de área, produtividade e produção – Trigo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	26,2	33,2	26,7	3.363	3.729	10,9	88,1	123,8	40,5
MS	15,0	17,8	18,7	2.000	2.419	21,0	30,0	43,1	43,7
GO	9,6	14,3	49,0	5.054	5.182	2,5	48,5	74,1	52,8
DF	1,6	1,1	(31,3)	6.000	6.000	-	9,6	6,6	(31,3)
SUDESTE	156,4	157,9	1,0	3.247	3.070	(5,5)	507,8	484,8	(4,5)
MG	82,2	83,5	1,6	2.982	2.599	(12,8)	245,1	217,0	(11,5)
SP	74,2	74,4	0,3	3.541	3.600	1,7	262,7	267,8	1,9
SUL	2.266,2	1.916,8	(15,4)	2.179	2.990	37,2	4.939,0	5.731,2	16,0
PR	1.339,9	1.081,8	(19,3)	2.506	3.055	21,9	3.357,8	3.304,9	(1,6)
SC	65,0	58,1	(10,6)	1.800	3.250	80,6	117,0	188,8	61,4
RS	861,3	776,9	(9,8)	1.700	2.880	69,4	1.464,2	2.237,5	52,8
CENTRO-SUL	2.448,8	2.107,9	(13,9)	2.260	3.008	33,1	5.534,9	6.339,8	14,5
BRASIL	2.448,8	2.107,9	(13,9)	2.260	3.008	33,1	5.534,9	6.339,8	14,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2016.

11.2.5. OFERTA E DEMANDA

A estimativa de produção anunciada pela Conab, em outubro, é recorde nacional, com volume de 6,33 milhões de toneladas em 2016/17, ou seja, 14,5% acima de 2015/16, de 5,53 milhões de toneladas.

Os dados consolidados de importação e exportação em 2014/15 e 2015/16, permitiram uma avaliação mais detalhada dos estoques finais, assim como reavaliar a estimativa de moagem industrial em 2014/15 para 10,3 milhões de toneladas, menor em 6,7% à de 2013/14, devido aos problemas internos, que registraram significativa redução do consumo.

A sustentação dessa condição de restrição ao consumo foi agravada por menor produção de trigo, prejudicado por problemas de qualidade, dado ao clima desfavorável, principalmente no Rio Grande do Sul. Dessa forma, a moagem da indústria foi novamente afetada, recuando para 10 milhões de toneladas.

Em 2016/17, a produção de 6,33 milhões de toneladas é maior em 804,9 mil toneladas, frente à produção anterior, acenando com a possibilidade de ocorrer o início da recuperação da moagem industrial no Brasil para 10,4 milhões de toneladas, devido à maior disponibilidade da matéria-prima de boa qualidade.

A estimativa de superavit acima de 700 mil toneladas no Rio Grande do Sul, que dispõe de capacidade industrial de moagem de 1,45 milhão de toneladas, exigirá exportações.

Não sendo exportada essa produção excedente de-

verá ser comercializada com outras Unidades da Federação, principalmente com a Região Nordeste, via cabotagem, com elevado custo por tonelada. Outra alternativa será a aquisição pelo governo federal de parcela da produção excedente para recompor os estoques do governo, praticamente inexistentes na atualidade.

A safra 2016/17 poderá equivaler a 59,1% da demanda brasileira de trigo e a 60,9% do trigo em grão a ser beneficiado pela indústria nacional, e, espera-se, com matéria-prima de qualidade superior, isenta de micotoxinas, devido ao clima favorável, dessa vez, com a ocorrência do fenômeno La Niña, clima comprovadamente adequado à produção de trigo no Mercosul.

A oferta de trigo no Mercosul será ampla, estimando-se que a produção na Argentina evolua de 11,3 para 14,4 milhões de toneladas, surpreendendo o mercado com trigo de boa qualidade. Com isso, esse país será superavitário em 8 milhões de toneladas, exigindo, dessa maneira, a continuidade de seu bom desempenho exportador, como já se observa recentemente.

Maior oferta de trigo no Mercosul, podendo elevar-se a 22,6 milhões de toneladas, frente a um consumo de 17,8 milhões de toneladas, sinaliza a possibilidade de menores preços da matéria-prima, reduzindo os elevados custos da indústria de moagem e favorecendo o consumidor final.

Entre agosto de 2015 e julho de 2016, a importação



brasileira, de acordo com a Secex, foi de 5,51 milhões de toneladas ao custo total de US\$1.121,3 mil. O trigo de origem argentino, até julho, participou com 65,3% do total; o paraguaio, com 17,1%; o uruguai, com 8,9%; o estadunidense, com 7,9% e o canadense, com 0,5%.

Quanto às exportações, em 2015/16, foram negociadas com o exterior 1,05 milhão de toneladas. O Vietnã adquiriu 32% do total; Filipinas 28,3%; Colômbia 12,4%; Tailândia 10,5%; Equador 5,9%; e Indonésia e Israel 5,1%, por país. Essas operações foram favorecidas pelos baixos preços do petróleo que reduziu os valores dos fretes internacionais, bem como, pelos menores

preços do trigo de uma safra com menor qualidade.

Nessa conjuntura, a importação de trigo em grão em 2016/17, poderá declinar para 5,3 milhões de toneladas devido ao acréscimo de 14,5% na produção.

Desse modo, a demanda interna de trigo em grão no país deverá ser de 10,7 milhões de toneladas, incluindo trigo para sementes, e a moagem estimada em 10,4 milhões de toneladas, 4% maior que a do ano 2015/16.

Tabela 48 – Suprimento e uso de trigo em grão no Brasil

Safra	Estoque inicial (01 agosto)	Produção	Importação grãos	Suprimento	Exportação grãos	Consumo interno			Estoque final (31 julho)
						Moagem Industrial	Sementes (1)	Total	
2011/12	2.201,6	5.788,6	6.011,8	14.002,0	1.901,0	9.820,0	324,9	10.144,9	1.956,1
2012/13	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	1.683,9	9.850,0	284,3	10.134,3	1.527,6
2013/14	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	47,4	11.050,0	331,5	11.381,5	2.268,9
2014/15	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	1.680,5	10.300,0	413,7	10.713,7	1.174,6
2015/16 ⁽¹⁾	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	1.050,5	10.000,0	367,3	10.367,3	809,3
2016/17 ⁽²⁾	809,3	6.339,8	5.300,0	12.449,1	700,0	10.400,0	316,2	10.716,2	1.032,9

Fonte: Conab

Nota: (1) Estimativa

(2) Previsão

11.2.6. TRITICALE

Segundo o levantamento realizado, a área colhida será de 23,3 mil hectares, representando um aumento de 8,4%, impulsionada pelo aumento em São Paulo. No Paraná a cultura conta com apenas 10,0 mil hectares cultivados, com produtividade estimada em 2.945 kg/ha. A queda nas temperaturas e o clima mais seco beneficiaram as lavouras em desenvolvimento vegetati-

vo e início de floração. Mesmo as regiões com maior estiagem, o orvalho da noite ameniza a situação. No Rio Grande do Sul e Santa Catarina haverá manutenção de área em relação à safra passada. A produção total de triticale deverá ser de 64,9 mil toneladas, 14,1% superior à safra passada.



Figura 41 – Mapa da produção agrícola – Triticale

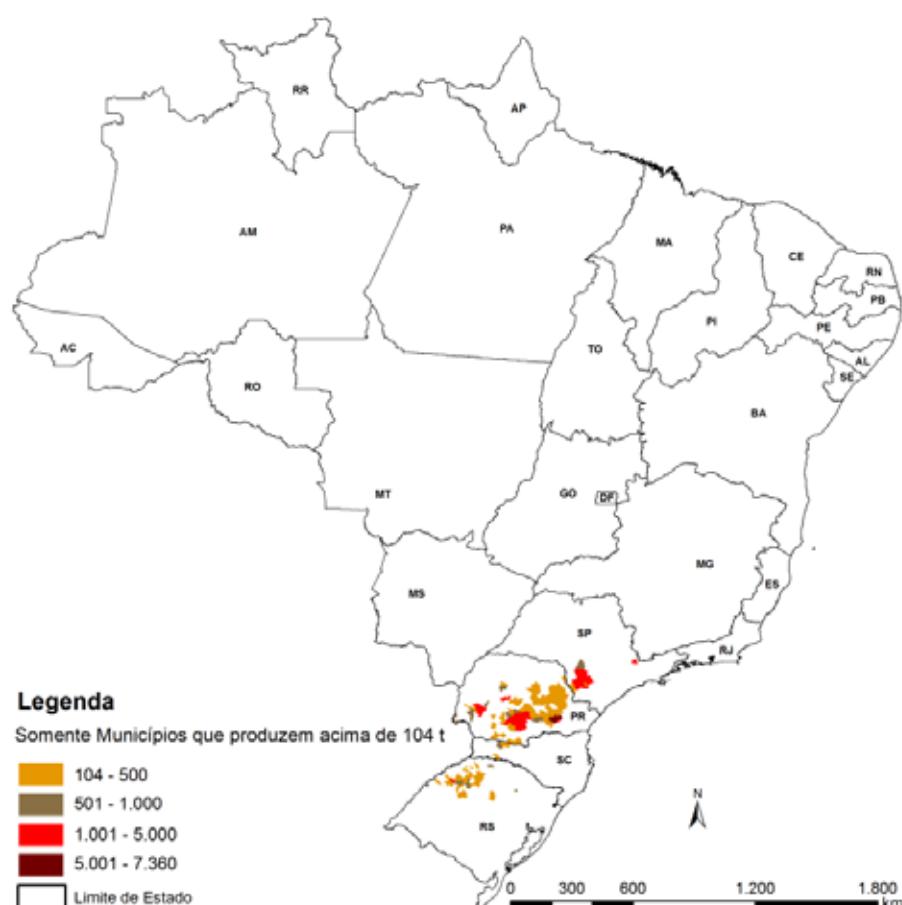


Tabela 49 – Comparativo de área, produtividade e produção – Triticale

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	4,3	7,0	62,8	3.140	2.671	(14,9)	13,5	18,7	38,5
SP	4,3	7,0	62,8	3.133	2.670	(14,8)	13,5	18,7	38,5
SUL	17,2	16,3	(5,2)	2.523	2.834	12,3	43,4	46,2	6,5
PR	10,9	10,0	(8,2)	2.829	2.945	4,1	30,8	29,5	(4,2)
SC	0,6	0,6	-	1.870	2.243	19,9	1,1	1,3	18,2
RS	5,7	5,7	-	2.015	2.700	34,0	11,5	15,4	33,9
CENTRO-SUL	21,5	23,3	8,4	2.647	2.785	5,2	56,9	64,9	14,1
BRASIL	21,5	23,3	8,4	2.647	2.785	5,2	56,9	64,9	14,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2016.





12. BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

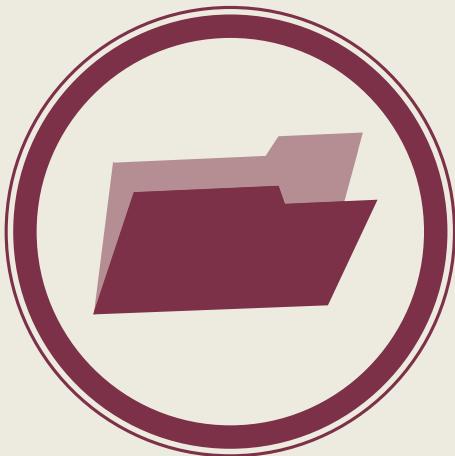
Tabela 50 - Balanço de oferta e demanda - Em mil toneladas

PRODUTO	SAFRA	"ESTOQUE INICIAL"	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	"ESTOQUE FINAL"
Algodão em pluma	2010/11	76,0	1.959,8	144,2	2.180,0	900,0	758,3	521,7
	2011/12	521,7	1.893,3	3,5	2.418,5	895,2	1.052,8	470,5
	2012/13	470,5	1.310,3	17,4	1.798,2	920,2	572,9	305,1
	2013/14	305,1	1.734,0	31,5	2.070,6	883,5	748,6	438,5
	2014/15	438,5	1.562,8	2,1	2.003,4	820,0	834,3	349,1
	2015/16	349,1	1.289,5	25,0	1.663,6	720,0	740,0	203,6
	2016/17	203,6	1.446,1	30,0	1.679,7	750,0	670,0	259,6
Arroz em casca	2010/11	2.457,3	13.613,1	825,4	16.895,8	12.236,7	2.089,6	2.569,5
	2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
	2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
	2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
	2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
	2015/16	962,9	10.602,9	1.300,0	12.865,8	11.450,0	1.100,0	315,8
	2016/17	315,8	11.798,3	1.100,0	13.214,1	11.500,0	1.100,0	614,1
Feijão	2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
	2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
	2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
	2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
	2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
	2015/16	198,1	2.515,8	200,0	2.913,9	2.800,0	65,0	48,9
	2016/17	48,9	3.017,0	150,0	3.215,9	3.000,0	65,0	150,9
Milho	2010/11	5.586,1	57.406,9	764,4	63.757,4	49.985,9	9.311,9	4.459,6
	2011/12	4.459,6	72.979,5	774,0	78.213,1	51.903,0	22.313,7	3.996,4
	2012/13	3.996,4	81.505,7	911,4	86.413,5	53.287,9	26.174,1	6.951,5
	2013/14	6.951,5	80.051,7	790,7	87.793,9	54.541,6	20.924,8	12.327,5
	2014/15	12.327,5	84.672,4	316,1	97.316,0	56.742,4	30.172,3	10.401,3
	2015/16	10.401,3	66.694,0	1.750,0	78.845,3	53.387,8	20.000,0	5.457,5
	2016/17	5.457,5	83.078,4	500,0	89.035,8	55.500,0	24.000,0	9.535,8
Soja em grãos	2010/11	2.607,2	75.324,3	41,0	77.972,5	41.970,0	32.986,0	3.016,5
	2011/12	3.016,5	66.383,0	266,5	69.666,0	36.754,0	32.468,0	444,0
	2012/13	444,0	81.499,4	282,8	82.226,2	38.694,3	42.791,9	740,0
	2013/14	740,0	86.120,8	578,7	87.439,6	40.200,0	45.692,0	1.547,6
	2014/15	1.547,6	96.228,0	324,1	98.099,7	42.850,0	54.324,0	925,7
	2015/16	925,7	95.434,6	700,0	97.060,3	42.500,0	54.100,0	460,3
	2016/17	460,3	102.942,8	300,0	103.703,0	45.250,0	57.000,0	1.453,0
Farelo de Soja	2010/11	1.967,9	29.298,5	24,8	31.291,2	13.758,4	14.355,0	3.177,8
	2011/12	3.177,8	26.026,0	5,0	29.208,8	14.051,1	14.289,0	868,7
	2012/13	868,7	27.258,0	3,9	28.130,6	14.350,0	13.333,5	447,1
	2013/14	447,1	28.336,0	1,0	28.784,1	14.799,3	13.716,0	268,8
	2014/15	268,8	30.492,2	1,0	30.762,0	15.100,0	14.826,7	835,3
	2015/16	835,3	30.415,0	1,0	31.251,3	15.500,0	15.200,0	551,3
	2016/17	551,3	32.340,0	1,0	32.892,3	16.000,0	15.900,0	992,3
Óleo de soja	2010/11	676,6	7.419,8	0,1	8.096,5	5.367,0	1.741,0	988,5
	2011/12	988,5	6.591,0	1,0	7.580,5	5.172,4	1.757,1	651,0
	2012/13	651,0	6.903,0	5,0	7.559,0	5.556,3	1.362,5	640,2
	2013/14	640,2	7.176,0	0,1	7.816,3	5.930,8	1.305,0	580,5
	2014/15	580,5	7.722,0	25,3	8.327,8	6.359,2	1.669,9	298,7
	2015/16	298,7	7.702,5	50,0	8.051,2	6.380,0	1.400,0	271,2
	2016/17	271,2	8.190	40,0	8.501,2	6.600,0	1.550,0	351,2
Trigo	2010	2.879,9	5.881,6	5.798,4	14.559,9	9.842,4	2.515,9	2.201,6
	2011	2.201,6	5.788,6	6.011,8	14.002,0	10.144,9	1.901,0	1.956,1
	2012	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	10.134,3	1.683,9	1.527,6
	2013	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	11.381,5	47,4	2.268,9
	2014	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	10.713,7	1.680,5	1.174,6
	2015	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	10.367,3	1.050,5	809,3
	2016	809,3	6.339,8	5.300,0	12.449,1	10.716,2	700,0	1.032,9

Notas: Estimativa em agosto de 2016 / Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho.

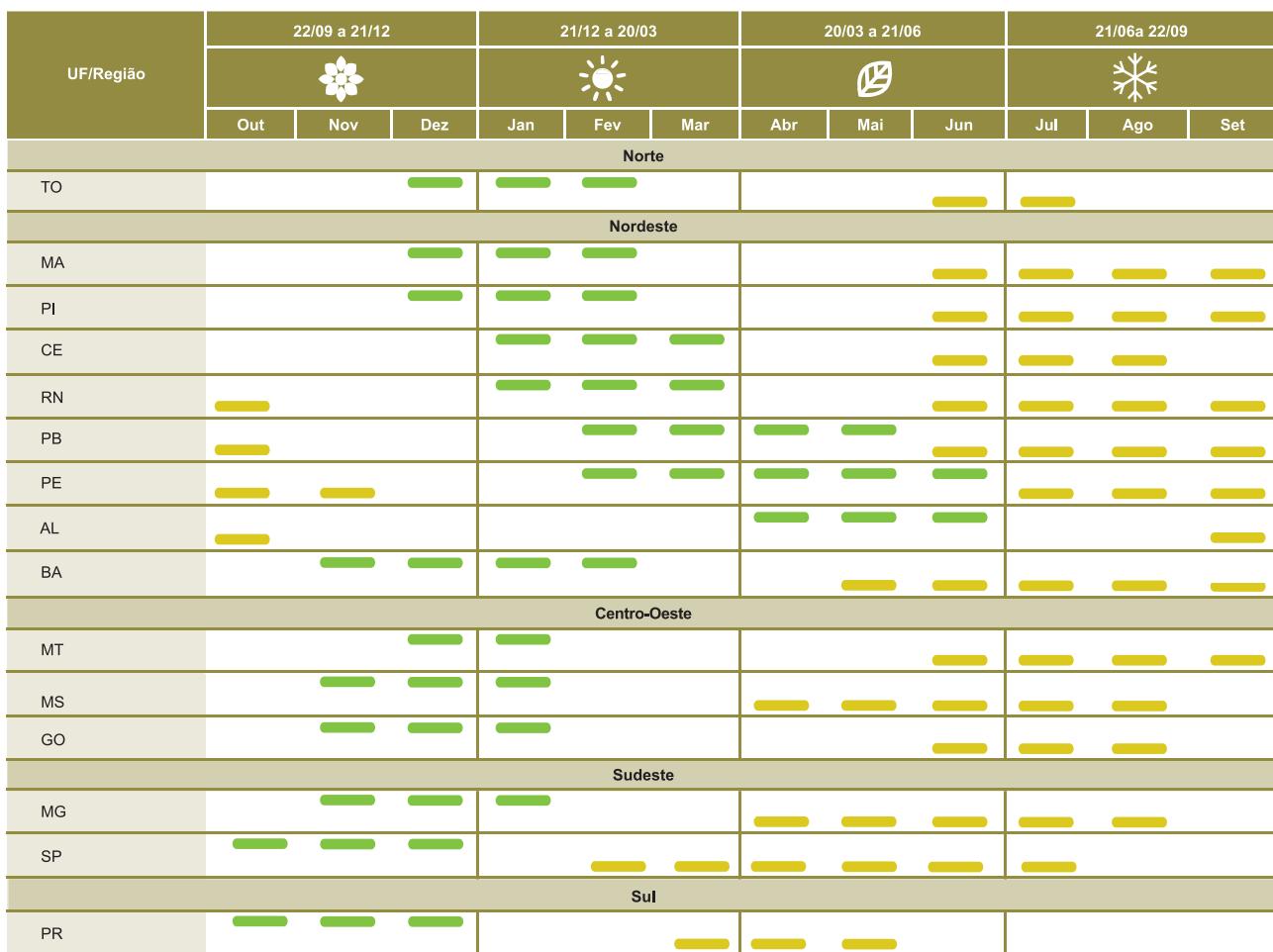
Fonte: Conab.





13. ANEXOS - CALENDÁRIOS DE PLANTIO E COLHEITA

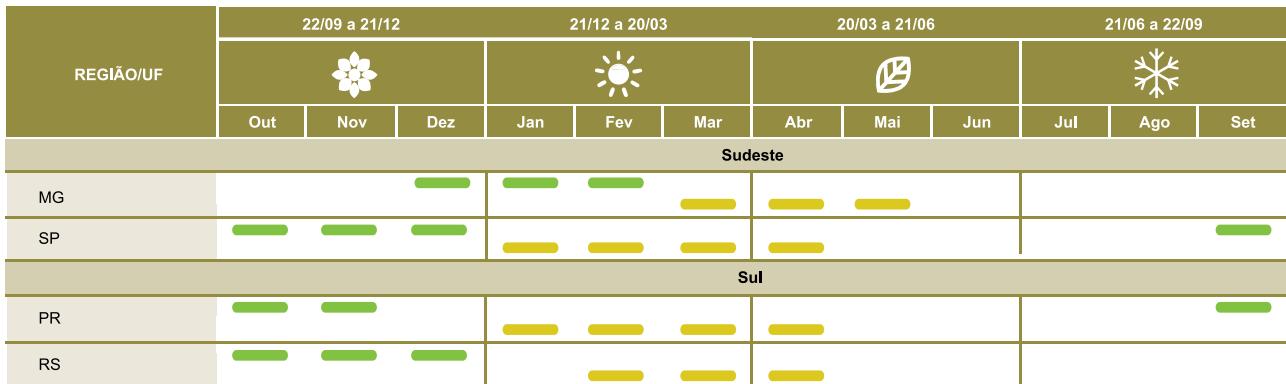
Quadro 9 - Calendário de plantio e colheita - Algodão



Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.

Quadro 10 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim primeira safra

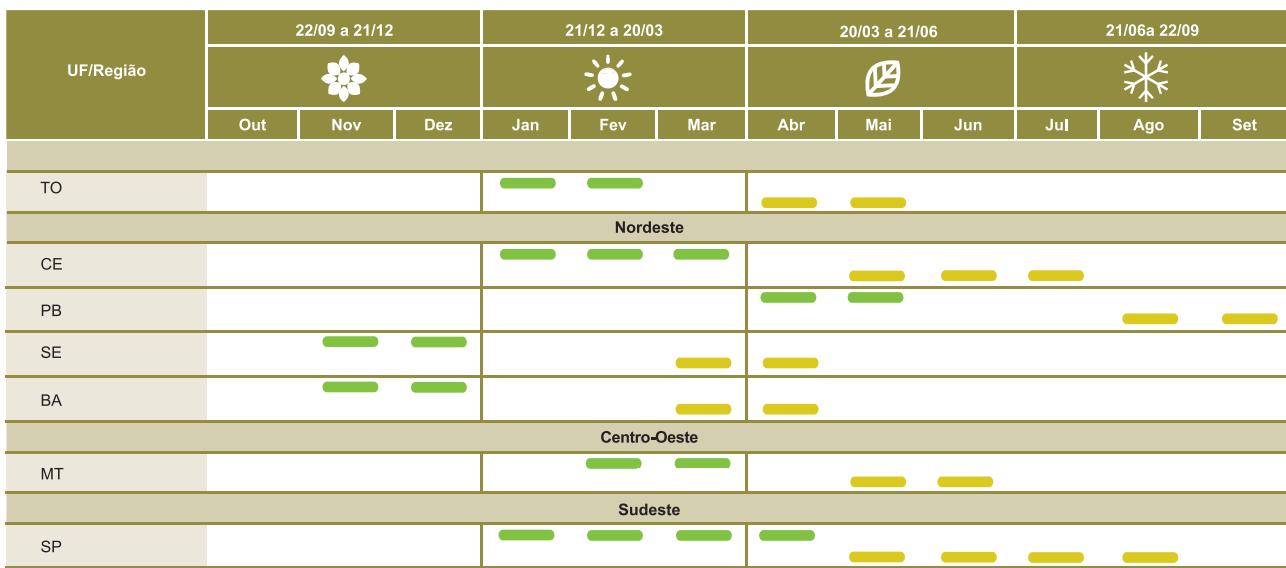


Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.



Quadro 11 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim segunda safra

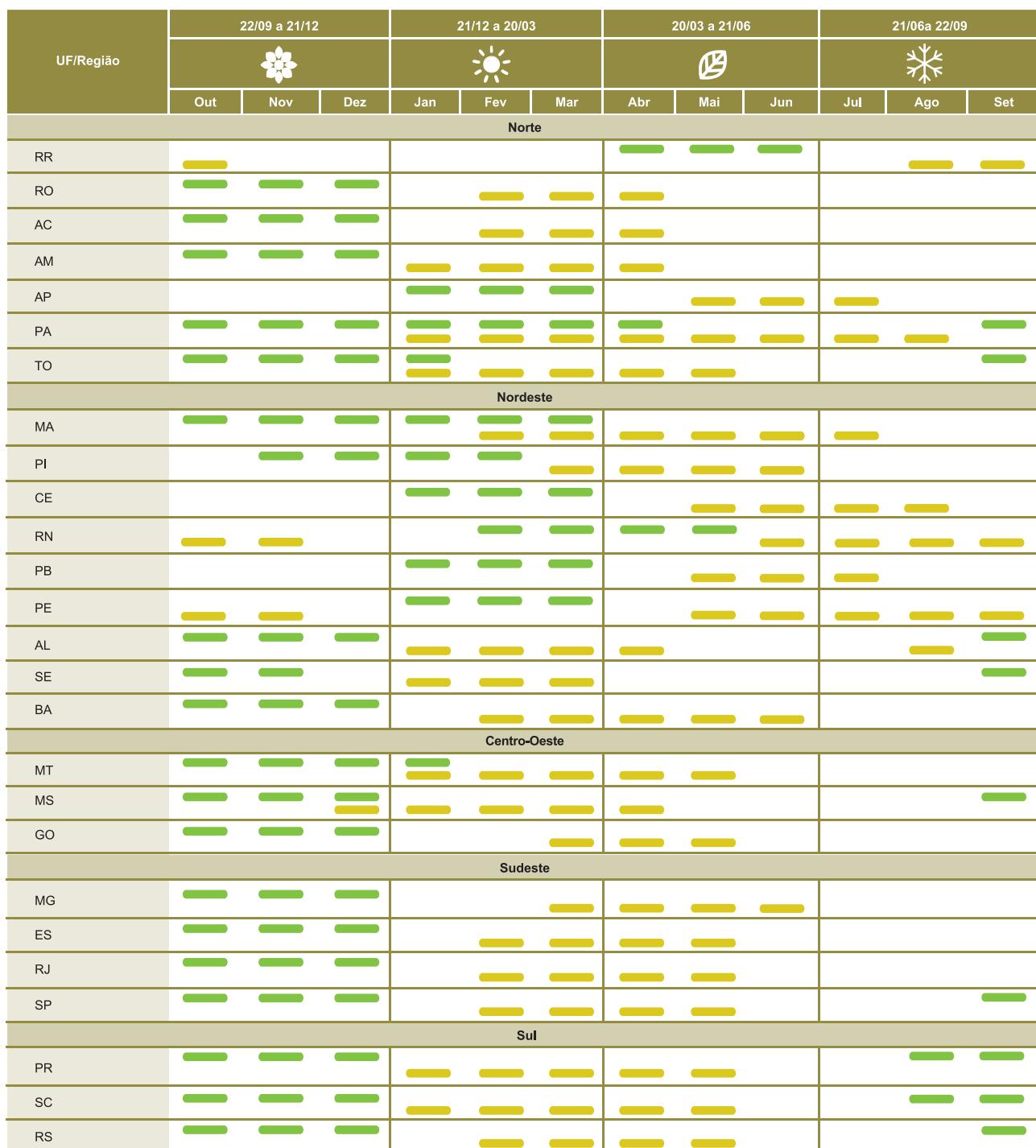


Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.



Quadro 12 – Calendário de plantio e colheita – Arroz



Legenda:  Plantio  Colheita

Fonte: Conab.



Quadro 13 – Calendário de plantio e colheita – Feijão primeira safra

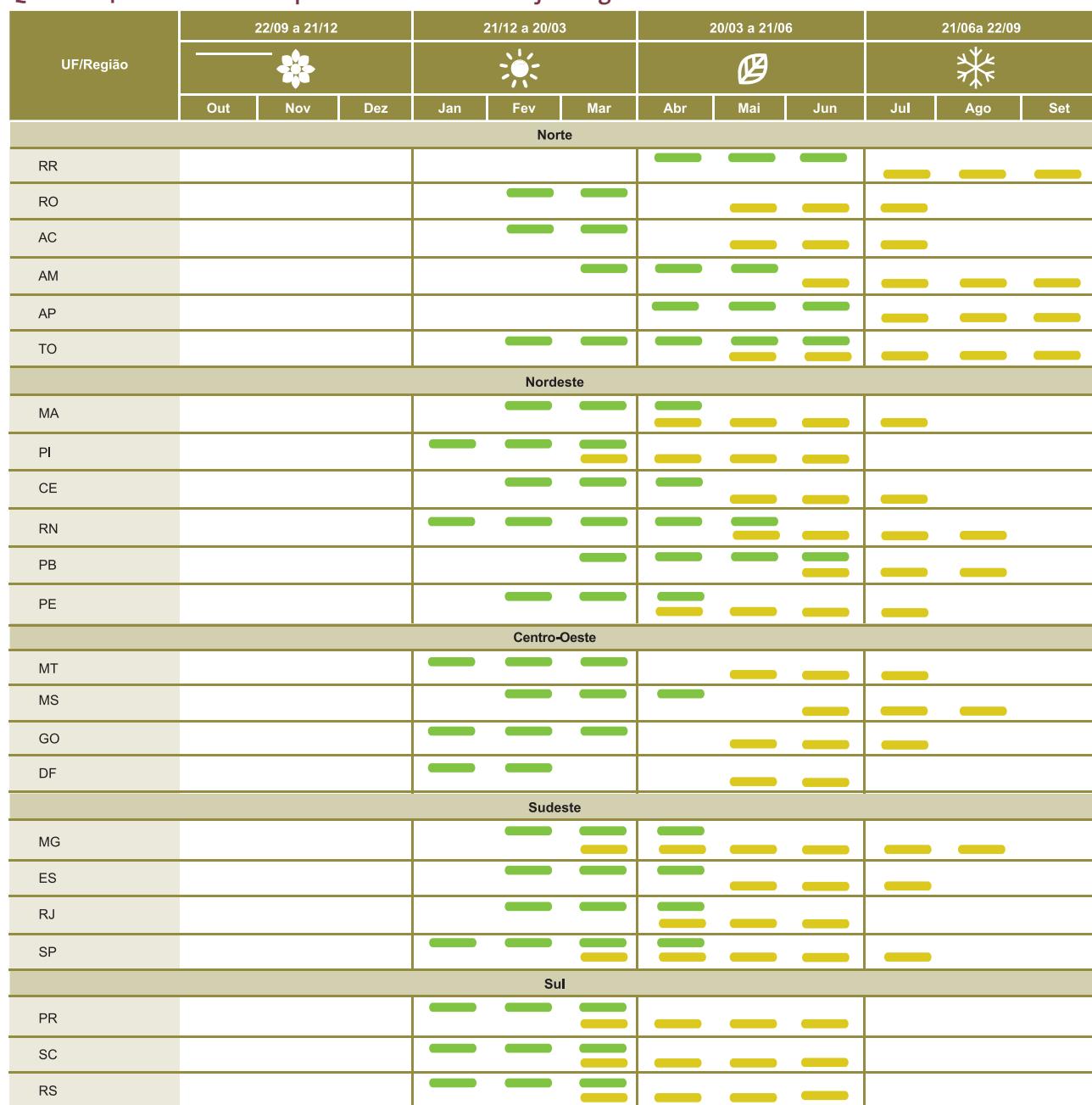


Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.



Quadro 14 – Calendário de plantio e colheita – Feijão segunda safra

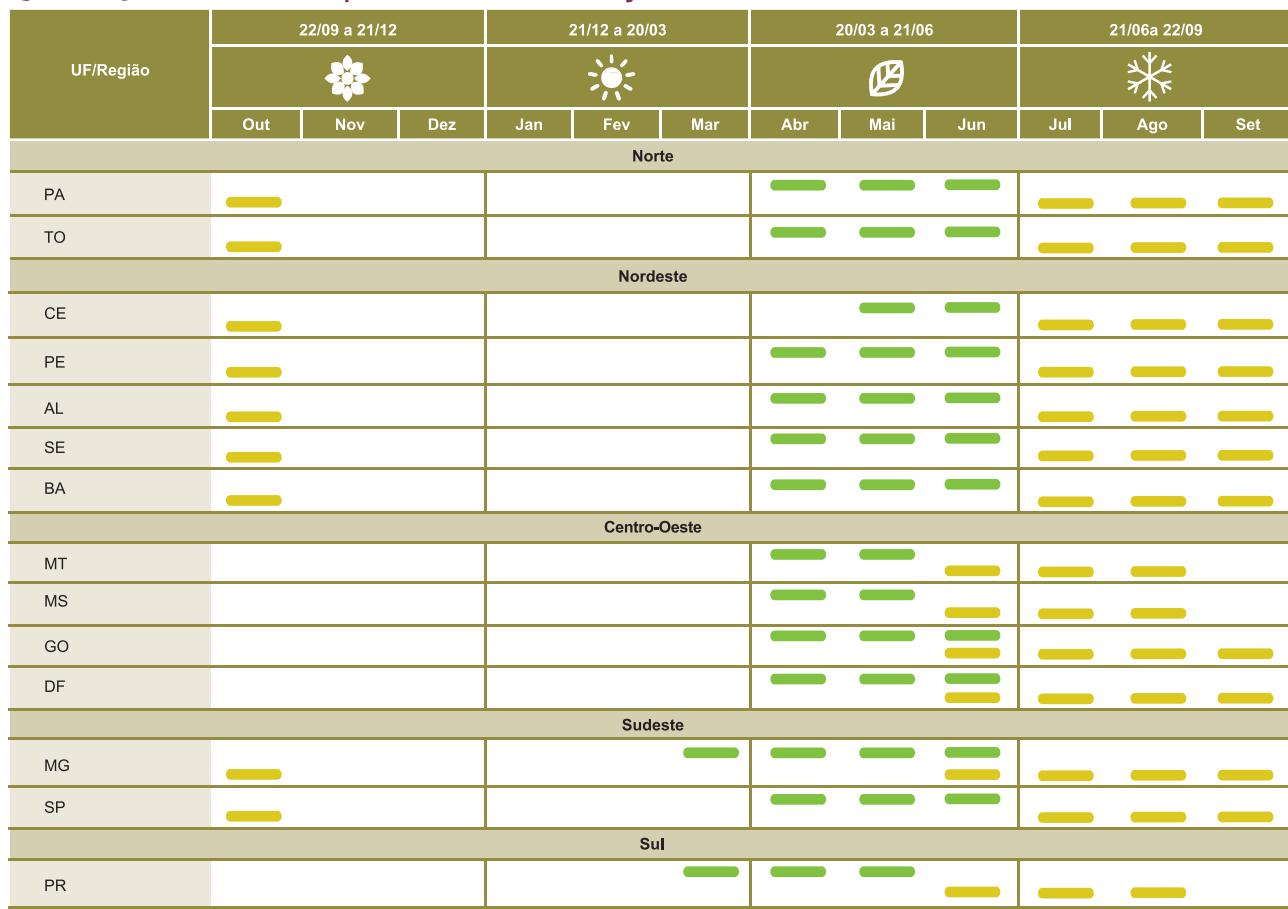


Legenda:  Plantio  Colheita

Fonte: Conab.



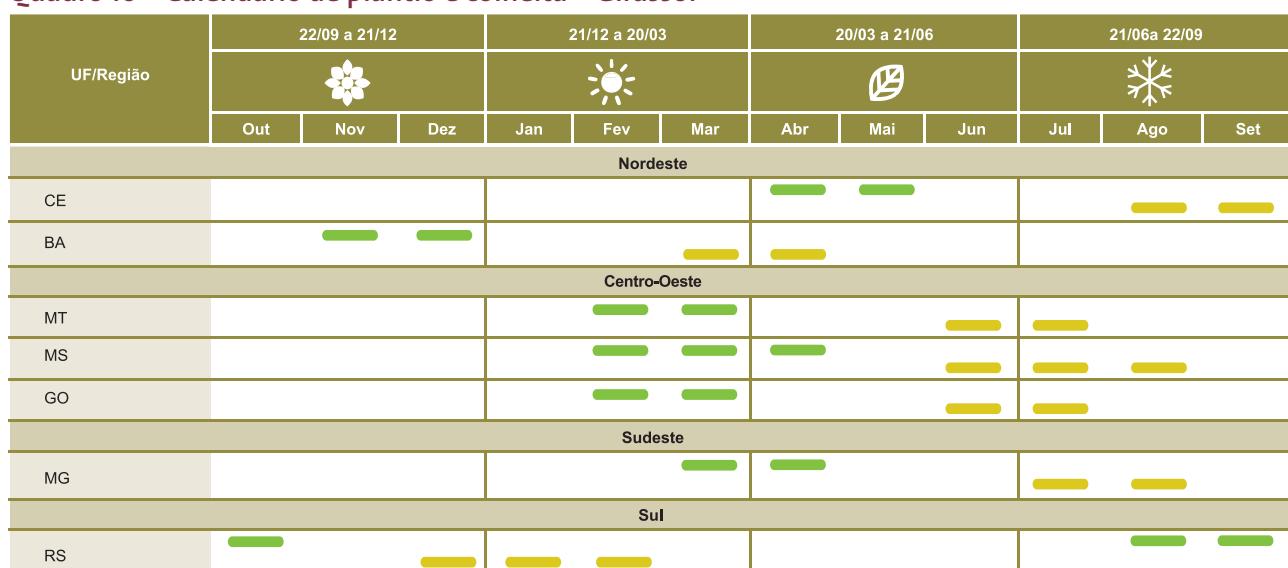
Quadro 15 – Calendário de plantio e colheita – Feijão terceira safra



Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.

Quadro 16 – Calendário de plantio e colheita – Girassol

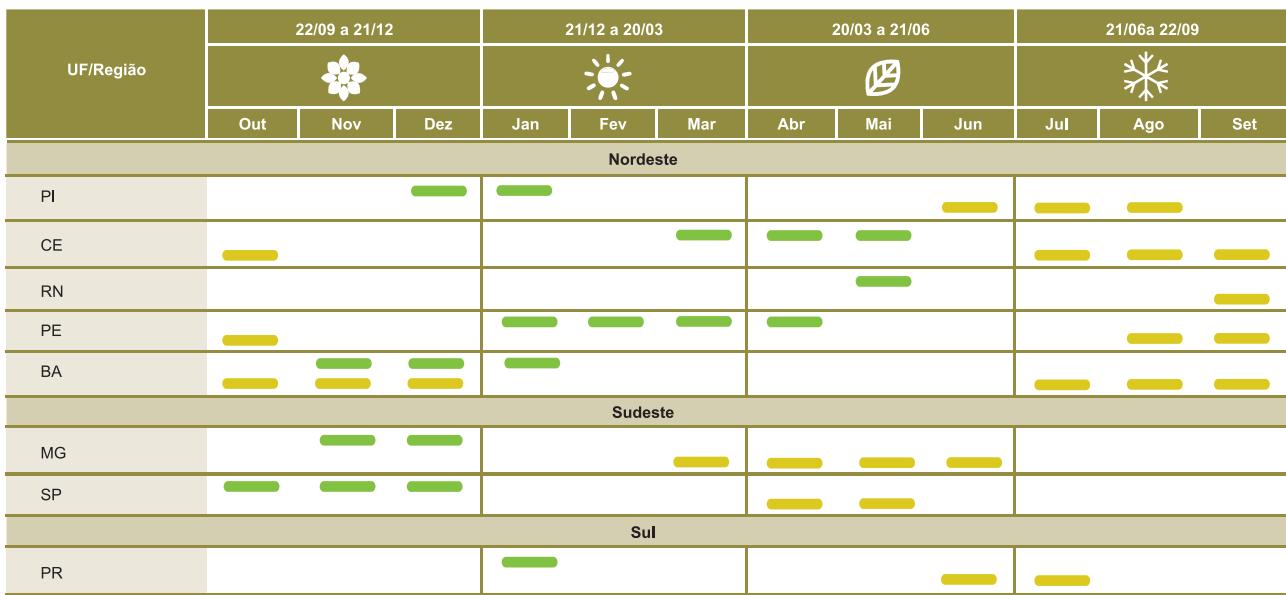


Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.



Quadro 17 – Calendário de plantio e colheita – Mamona



Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.



Quadro 18 – Calendário de plantio e colheita – Milho primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR												
RO												
AC												
AM												
AP												
PA												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
CE												
RN												
PB												
PE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
ES												
RJ												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.



Quadro 19 – Calendário de plantio e colheita – Milho segunda safra



Legenda:  Plantio  Colheita

Fonte: Conab.



Quadro 20 – Calendário de plantio e colheita – Soja

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR												
RO												
PA												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab



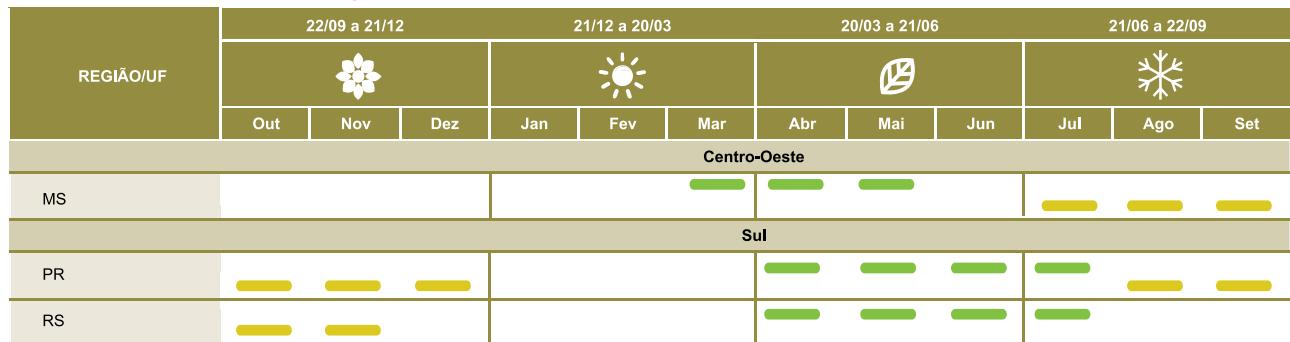
Quadro 21 – Calendário de plantio e colheita – Sorgo



Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.

Quadro 22 – Calendário de plantio e colheita – Aveia



Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.



Quadro 23 – Calendário de plantio e colheita – Canola

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR												
RS												

Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.

Quadro 24 – Calendário de plantio e colheita – Centeio

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR												
RS												

Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.

Quadro 25 – Calendário de plantio e colheita – Cevada

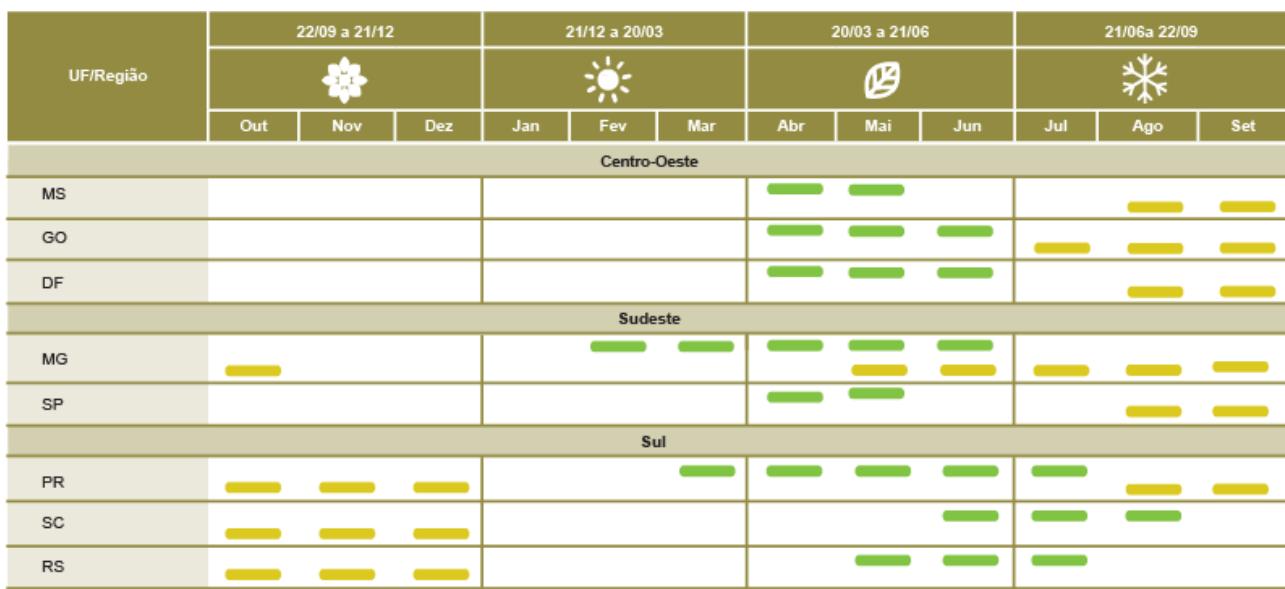
UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR												
RS												

Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.



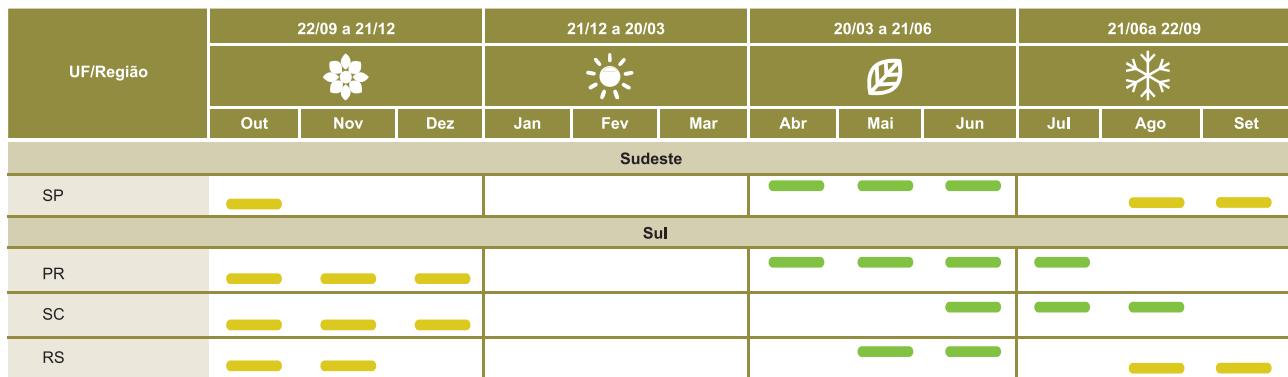
Quadro 26 – Calendário de plantio e colheita – Trigo



Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.

Quadro 27 - Calendário de plantio e colheita – Triticale



Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.







Distribuição:

Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF

(61) 3312-6277

<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO

